

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LAURIÊ FERREIRA MARTINS DALL'ORTO

**CONSTRUÇÕES AVALIATIVAS COM “SUPER”, “MEGA”, “HIPER” E
“ULTRA” NA LÍNGUA PORTUGUESA – UMA PROPOSTA DE REDE
CONSTRUCIONAL A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL
CENTRADA NO USO**

JUIZ DE FORA

2018

LAURIÊ FERREIRA MARTINS DALL'ORTO

**CONSTRUÇÕES AVALIATIVAS COM “SUPER”, “MEGA”, “HIPER” E
“ULTRA” NA LÍNGUA PORTUGUESA – UMA PROPOSTA DE REDE
CONSTRUCIONAL A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL
CENTRADA NO USO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2018

LAURIÊ FERREIRA MARTINS DALL'ORTO

**CONSTRUÇÕES AVALIATIVAS COM “SUPER”, “MEGA”, “HIPER” E “ULTRA”
NA LÍNGUA PORTUGUESA – UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL A
PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Submetida, em 26 de março de 2018, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo – Suplente externo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer – Suplente externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes – Suplente interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Eis que é chegada a hora de agradecer!

A Deus, pela bênção de poder realizar este trabalho tão sonhado e por me fortalecer e confortar, principalmente, nos momentos de angústia.

A minha orientadora Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa em 2012 com tanto carinho e profissionalismo e por ter compartilhado comigo suas experiências e seu conhecimento. Sua competência, seu comprometimento e sua paixão pela pesquisa são inspiradores! Agradeço, ainda, pela amizade, pela cumplicidade, pelo incentivo e pelo respeito ao longo dos últimos seis lindos anos de trabalho. Obrigada!

Aos membros titulares e suplentes da banca examinadora desta tese, pela disponibilidade para a leitura deste trabalho. Agradeço, em especial, à Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira, ao Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário, à Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida e à Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa pela gentileza de numerosas vezes, em diversos eventos acadêmicos, terem dedicado seu tempo a me ouvir falar sobre este trabalho e a tecer importantes contribuições a esta pesquisa. Agradeço, ainda, à Profa. Dra. Mariângela e à Profa. Dra. Sandra pelas produtivas discussões durante a banca de qualificação desta tese e por retornarem como membros titulares da banca de defesa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelos ensinamentos durante as disciplinas ministradas. À Profa. Dra. Luciana Teixeira, ao Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, à Profa. Dra. Ana Cláudia Peters Salgado – coordenadores do PPG-Linguística nos últimos seis anos – e às secretárias Rosângela, Izabel e Marion, pelo empenho e pela seriedade no que diz respeito às suas atribuições de natureza burocrática e pedagógica.

À UFJF e à CAPES, pela bolsa que me concederam para a realização da pesquisa.

Às amigas que a vida acadêmica me deu, Ana Paula Gonçalves Durço, Marcela Zambolim de Moura e Nathália Félix de Oliveira, pelo companheirismo e

pela amizade e pelas incontáveis discussões sobre objetos e teoria. Sorte a minha ter tido vocês ao meu lado nessa caminhada! Ninguém “faz ciência” sozinho!

Ainda, no âmbito acadêmico, à Profa. Dra. Márcia de Almeida, à Profa. Dra. Prisca Augustoni e à Profa. Ma. Silvana Francesca Di Filippo Montesano, por terem confiado em mim a importante tarefa de atuar, durante o período do curso de Doutorado, como bolsista de Iniciação à Docência e como professora substituta de Língua Italiana no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Foi uma experiência incrível! Obrigada!

Aos meus pais, Aracy Ferreira Martins e Maurício Martins (*in memoriam*), pela educação que me deram, pelo incentivo ao estudo sempre, pelo apoio desmedido e pelo amor incondicional.

Aos meus familiares e amigos, pelos momentos de descontração, pelas palavras de carinho e por estarem sempre ao meu lado.

Ao meu esposo Felipe, pela paciência, pela compreensão e pelo incentivo. Agradeço a você por acreditar sempre nos meus sonhos e por lutar ao meu lado para torná-los reais.

A todos vocês, SUPER obrigada!

RESUMO

Na presente tese, dedicamo-nos à compreensão de como construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se instanciam e se convencionalizam na língua portuguesa. Assumimos, dessa maneira, o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUOGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; BISPO & SILVA, 2016), partindo do pressuposto de que tais construções avaliativas teriam sido moldadas no e pelo contexto de uso, passando a integrar a gramática da língua. Logo, nossas hipóteses de investigação são as seguintes: (a) “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seus usos como prefixos; (b) os usos das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” constituem um pareamento forma-função, embora recente, na língua portuguesa. Diante das hipóteses apresentadas, nossos objetivos mais específicos são, nesse sentido, (i) descrever os padrões construcionais, ou pareamentos forma-função, das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, de maneira a identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e (ii) propor uma rede construcional que relacione as construções analisadas de maneira hierárquica em torno de um esquema abstrato comum. A fim de cumprirmos os objetivos propostos neste trabalho, constituímos um *corpus* para a análise dos dados, com a distribuição dos textos, retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet, em três níveis de formalidade – que se estabelecem em um *continuum* – e em três diferentes sincronias. Nossa análise se realiza a partir do equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso, uma vez que objetivamos identificar e descrever os pareamentos forma-função vinculados a cada nível de esquematicidade, os quais se convencionalizam na língua a partir do aumento da frequência de uso. Os resultados obtidos apontam que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, mediante um processo analógico com o esquema {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]} – que tem como principal representante o advérbio de intensidade canônico “muito” anteposto a adjetivo ou a advérbio – e a partir de suas acepções de origem e de seus usos como prefixos, instanciam na língua um esquema mais abstrato e mais geral para a indexação do *posicionamento avaliativo do locutor* no discurso por meio da intensificação e da focalização. Além disso, identificamos treze microconstruções que se distribuem, por similaridades e por especificidades no que tange às suas propriedades formais e funcionais, em três subesquemas que se diferenciam semanticamente em função do escopo da intensificação e da focalização e, conseqüentemente, do papel morfossintático exercido por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” nas construções. Nesse contexto, demonstramos como esquema, subesquemas e microconstruções são responsáveis pela emergência de novas construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua, bem como pelo estabelecimento de uma rede construcional disponível para o acesso do locutor para a produção de um discurso coerente.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Rede construcional. Construções avaliativas. “Super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

ABSTRACT

In this thesis, we dedicated ourselves to understanding how evaluative constructions with “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*” are instantiated and conventionalized in the Portuguese language. In this way, we take on the theoretical contribution of Usage-based Functional Linguistics (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; BISPO & SILVA, 2016), starting from the assumption that such evaluative constructions would have been shaped in and by the context of use, and so being integrated in the grammar structure of the language. Our research hypothesis are the following: (a) “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*” fulfill new communicative purposes constructions that differ from their uses as prefixes; (b) the uses of evaluative constructions with “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*” constitute a form-function pairing which is recent within the Portuguese language though. In view of such a hypothesis, our most specific aims, in this sense, are (i) to describe the constructional patterns, or form-function pairings, of evaluative constructions with “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*” to identify the three schematic levels proposed by Traugott and Trousdale (2013) – scheme, subscheme and microconstruction – and (ii) propose a constructional network that would be able to relate the analysed constructions in a hierarchical way around a common abstract scheme. In order to fulfill the objectives proposed in this paper, we have constituted a *corpus* for the analysis of data, with the distribution of texts, taken from blogs and magazines available on the Internet, in three levels of formality – established within a *continuum* – and in three different synchronies. Our analysis is based on the equation between the qualitative analysis and on the frequency calculation of use, since we aim at identifying and describing the form-function pairings linked to each level of schematicity, which are conventionalized in the language through the increasement of their frequency in the use of the language. The obtained results point out that “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*”, through an analogical process with the scheme {[adverb of intensity] + [adjective/adverb]} – which has as its main representative the adverb of canonical intensity “*muito*” before an adjective or an adverb – and from their original meanings and their uses as prefixes, they instantiate in the language a more abstract and more general scheme for the indexation of the *evaluative speaker’s positioning* within the discourse by means of intensification and focus. In addition, we identified thirteen microconstructions which are distributed, by similarities and specificities regarding their formal and functional properties, in three subschemes that differ semantically because of the scope intensification and the focusing and as a consequence the morphosyntactic role played by “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*” in the constructions they appear. In this context, we demonstrate how the scheme, subschemes and microconstructions are responsible for the emergence of new evaluative constructions with “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*” in the language as well as the establishment of a constructional network available to the speaker access in the production of a coherent discourse.

Key-words: Usage-based Functional Linguistics. Constructional network. Evaluative constructions. “*Super*”, “*mega*”, “*hiper*” and “*ultra*”.

RESUMEN

En la presente tesis, nos dedicamos a la comprensión de cómo construcciones evaluativas con “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*” se instancian y se convienen en la lengua portuguesa. Asumimos, de esa manera, el aporte teórico de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUOGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; BISPO & SILVA, 2016), partiendo del presupuesto de que esas construcciones evaluativas habrían sido conformadas en el y por el contexto de uso, pasando a integrar la gramática de la lengua. Así, nuestras hipótesis de investigación son las siguientes: (a) “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*” cumplen nuevos propósitos comunicativos en la lengua que difieren de sus usos como prefijos; (b) usos de las construcciones evaluativas con “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*” constituyen un emparejamiento forma-función, aunque reciente, en la lengua portuguesa. Delante de las hipótesis presentadas, nuestros objetivos más específicos son, en ese sentido: (i) describir los patrones construccionales o emparejamientos forma-función, de las construcciones evaluativas con “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*”, de modo a identificar los tres niveles de esquematicidad propuestos por Traugott y Trousdale (2013) – esquema, subesquema y microconstrucción – y (ii) proponer una red construccional que relacione las construcciones analizadas de modo jerárquico en torno a un esquema abstracto común. Con la finalidad de que cumplamos los objetivos propuestos en este trabajo, construimos un *corpus* para el análisis de los datos, con la distribución de los textos, retirados de *blogs* y de revistas disponibles en el internet, en tres niveles de formalidad – que se establecen en un *continuum* – y en tres diferentes sincronías. Nuestro análisis se realiza a partir de la asociación entre el análisis cualitativo y el cálculo de la frecuencia de uso, ya que objetivamos identificar y describir los emparejamientos forma-función vinculados a cada nivel de esquematicidad, los cuales se convienen en la lengua a partir del aumento de la frecuencia de uso. Los resultados obtenidos apuntan que “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*”, mediante un proceso analógico con el esquema {[adverbio de intensidad] + [adjetivo/adverbio]} – que tiene como principal representante el adverbio de intensidad canónico “ *muito*” antepuesto a adjetivo o a adverbio – y a partir de sus acepciones de origen y de sus usos como prefijos, instancian en la lengua un esquema más abstracto y más general para la indexación del *posicionamiento evaluativo del locutor* en el discurso por medio de la intensificación y de la focalización. Además, identificamos trece microconstrucciones que se distribuyen, por similitudes y por especificidades con respecto a sus propiedades formales y funcionales, en tres subesquemas que se diferencian semánticamente en función del alcance de la intensificación y de la focalización y, por consecuencia, del papel morfosintáctico ejercido por “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*” en las construcciones. En ese contexto, demostramos como esquema, subesquemas y microconstrucciones son responsables por la emergencia de nuevas construcciones evaluativas con “*super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*” en la lengua, así como por el establecimiento de una red construccional disponible para el acceso del locutor para la producción de un discurso coherente.

Palabras-clave: Lingüística Funcional Centrada en el Uso. Red construccional. Construcciones evaluativas. “*Super*”, “*mega*”, “*hiper*” y “*ultra*”.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo reproduzido de Croft (2001, p. 18) para a correlação forma-sentido da construção	30
Figura 2 – Representação da construção por Traugott e Trousdale (2013, p. 8)	31
Figura 3 – Trajetória morfossintática de “super” proposta por Silva (2001, p. 124; 2015, p. 81)	105
Figura 4 – <i>Continuum</i> proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o <i>corpus</i> sincrônico escrito (reproduzida de OLIVEIRA, 2012).....	114
Figura 5 – Motivações para instanciação do advérbio de intensidade “super”	130
Figura 6 – Organização da hierarquização das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”	137
Figura 7 – Proposta de <i>continuum</i> escalar	184
Figura 8 – Rede construcional das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa	209

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Funcionamentos encontrados para “super” (forma livre) (reproduzido de BERTAGNOLI, 2014, p. 155)	100
Quadro 2 – Total de número de palavras analisadas por <i>corpus</i> sincrônico escrito	117
Quadro 3 – Contextos de ocorrência das <i>expressões de julgamento de valor</i> com “muito” por Guimarães (2008, p. 2)	127
Quadro 4 – Pesquisa etimológica de “muito”, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” (CUNHA, 2010)	132
Quadro 5 – Configuração funcional e formal do esquema	166
Quadro 6 – Configuração funcional e formal dos subesquemas	168
Quadro 7 – Configuração funcional e formal dos subesquemas de segundo nível dentro do <i>subesquema 1</i>	176
Quadro 8 – Configuração funcional e formal das microconstruções do <i>subesquema 1.1</i>	178
Quadro 9 – Configuração funcional e formal das microconstruções do <i>subesquema 1.2</i>	188
Quadro 10 – Configuração funcional e formal das microconstruções do <i>subesquema 2</i>	194
Quadro 11 – Configuração funcional e formal das microconstruções do <i>subesquema 3</i>	202
Quadro 12 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “super”	206
Quadro 13 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “mega”	207
Quadro 14 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “hiper”	207
Quadro 15 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “ultra”	207
Quadro 16 – Proposta acerca do desenvolvimento dos subesquemas	208
Quadro 17 – Sistematização da construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ com base em Croft (2001) e em Traugott e Trousdale (2013)	211

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de ocorrências das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no <i>corpus</i> sincrônico.....	118
Tabela 2 – Frequência das diferentes funções de construções com “super”	126
Tabela 3 – Distribuição dos subesquemas por <i>corpus</i> sincrônico.....	173
Tabela 4 – Distribuição dos <i>subesquemas</i> 1.1 e 1.2 por <i>corpus</i> sincrônico.....	177
Tabela 5 – Distribuição das microconstruções do <i>subesquema</i> 1.1.....	179
Tabela 6 – Distribuição das microconstruções do <i>subesquema</i> 1.2.....	189
Tabela 7 – Distribuição das microconstruções do <i>subesquema</i> 2.....	195
Tabela 8 – Distribuição das microconstruções do <i>subesquema</i> 3.....	203

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: perspectivas e contribuições	22
1.1. Linguística Funcional Centrada no Uso	23
1.1.1. A hierarquia construcional	35
1.1.1.1. Mecanismos e motivações construcionais.....	37
1.1.1.2. Propriedades construcionais	41
1.2. O modelo de Traugott e Trousdale (2013): pressupostos e implicações	49
1.3. Conclusões	55
CAPÍTULO II – O GRAU SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS: uma revisão bibliográfica	57
2.1. Abordagem gramatical do grau: questões gerais.....	58
2.2. O grau a partir da abordagem da LFCU.....	70
2.3. Diferentes estudos acerca de construções com “super”, “mega”, “hiper”, “ultra”, entre outras.....	91
2.4. Conclusões	106
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	110
3.1. A constituição do <i>corpus</i> para a análise de dados	110
3.2. Método misto.....	119
3.3. Procedimentos de análise de dados	123
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS: uma proposta de rede construcional	125
4.1. O esquema	138
4.2. Os subsquemas e as microconstruções	166
4.2.1. <i>Subesquema 1</i>	174
4.2.1.1. Microconstruções do <i>subesquema 1.1</i>	177
4.2.1.2. Microconstruções do <i>subesquema 1.2</i>	188
4.2.2. <i>Subesquema 2</i>	192
4.2.2.1. Microconstruções do <i>subesquema 2</i>	194
4.2.3. <i>Subesquema 3</i>	199
4.2.3.1. Microconstruções do <i>subesquema 3</i>	201

4.3. Uma proposta de rede construcional	205
CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS	215

INTRODUÇÃO

Assumimos, nesta tese, uma concepção de língua como interação. Entendemos que é através da língua que os indivíduos atuam e se relacionam no mundo social e cultural. Dessa maneira, as formas linguísticas constituem materializações das funções discursivas pretendidas pelos usuários da língua nas interações comunicativas.

A língua se adapta, desse modo, às necessidades comunicativas dos falantes, que tendem a ser cada vez mais expressivos através dela. É nesse sentido que nos apropriamos, neste trabalho, do conceito de gramática emergente, que diz respeito à (re)formulação do sistema linguístico no e pelo contexto de uso.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo mais geral a compreensão de como construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se instanciam e se convencionalizam na língua portuguesa para cumprir propósitos comunicativos específicos. Entendemos por construções avaliativas aquelas que refletem o posicionamento do locutor, por meio da intensificação e da focalização, sobre algo, alguém, si mesmo ou uma proposição, conforme observamos nos exemplos seguintes:

- (1) A Ana Beatriz Barros ainda não terminou o olho, mas dá para ver bem a pele aqui. O Giovanni também contou que a cobertura é daquelas, beem pesada. Na vida real é tenso, mas pro desfile-show **super** rola. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹
- (2) A sensualidade acaba transparecendo muito mais nos detalhes do que nas obviedades. Por isso substituir decotes vertiginosos por transparências sutis já é uma boa. E trocar uma peça **hiper** justa por uma que acompanha a silhueta, deixando a figura feminina levemente revelada também. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)²
- (3) Para mim é uma **mega** inovação e vocês não poderiam ficar sem conhecer. Vejam o vídeo que mostrei como é rápido e prático na hora de limpar! (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)³

¹ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/12/01/make-das-angels/>>. Acesso em: 4 jun 2015.

² Disponível em: <<http://oficinadeestilo.com.br>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

³ Disponível em: <<http://andrezagoulart.com.br/blog/tag/lavar-pinceis/>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

- (4) A coisa se fixa nas sombras, num descuido da gente, acontece quando menos se espera e nada tem a ver com as inofensivas gordurinhas de outrora. Talvez fosse o caso de me mexer muitíssimo, com exercícios **ultrapesados** e por horas intermináveis... (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 2)⁴

No exemplo (1), na construção “**super** rola”, “super” atua como advérbio modalizador; em (2), em “**hiper** justa”, “hiper” desempenha a função de advérbio de intensidade; em (3), em “**mega** inovação”, “mega” atua como adjetivo qualificativo; e em (4), em “**ultrapesados**”, “ultra” também funciona como advérbio de intensidade. Tais construções, denominadas por nós avaliativas nesta tese, constituem uma codificação linguística do julgamento intersubjetivo do locutor, que expõe seus sentimentos, seus valores e suas crenças através da língua, além da sua preocupação com a imagem de seu interlocutor.

A escolha pelas construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” como objetos de pesquisa deve-se às seguintes razões: (i) são elementos altamente frequentes na língua portuguesa na atualidade; (ii) existem poucos trabalhos já realizados acerca, especificamente, de tais construções avaliativas; (iii) nenhum trabalho, até o momento, propôs uma rede que relacionasse as diferentes construções em níveis de hierarquia e esquematicidade.

Conforme demonstramos no Capítulo II desta tese, no âmbito de diferentes abordagens linguísticas, construções prefixais e construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” têm recebido mesmo tratamento, como sendo formadas por um processo de derivação ou de flexão – como observamos nos estudos, principalmente, de Cunha e Cintra (2007), Basílio (2007, 2013), Rodrigues (2015), Lopes (2000) e Cavalcanti (1980).

Especificamente, no que tange aos trabalhos de Basílio (2007, 2013), nestes a autora propõe a importante distinção entre o grau expressivo e o grau denotativo, contribuindo, embora sem pretensão, para a diferenciação que assumimos nesta tese entre usos prefixais e usos avaliativos de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, subsidiando a escolha e a definição de nossos objetos de pesquisa – construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, como demonstramos nos exemplos (1)-(4), e não construções prefixais.

⁴ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/afinal-o-que-queremos-e-que-as-mulheres>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

Já Bertagnoli (2014), Goulart (2011) e Silva (2001, 2015) reconhecem que determinadas construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” apresentam comportamento diferente das construções prefixais. Os autores entendem tais construções como sendo “formas livres”.

No que diz respeito aos trabalhos de Silva (2000, 2006, 2008a 2008b, 2014), embora estes sejam os mais próximos do que entendemos ser uma análise da dimensão formal – considerando propriedades fonéticas, morfológicas e sintáticas – e da dimensão funcional – colocando em relevo propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas – das construções, o autor não realiza um estudo sistematizado das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa, nem propõe uma rede que relacione as diferentes construções em níveis de esquematicidade.

É, portanto, a partir dos estudos referenciados no Capítulo II desta tese, os quais compõem a literatura sobre o fenômeno, que demonstramos em que medida nossa análise avança em relação às demais.

Nossas hipóteses de investigação nesta tese são as seguintes: (a) “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seus usos como prefixos⁵; (b) os usos das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” constituem um pareamento forma-função na língua portuguesa.

Para a investigação de tal fenômeno linguístico, optamos por uma abordagem que tem como pressupostos a investigação da língua sob o ponto de vista da gramática e do discurso, a renovação da gramática pelo uso e a correlação entre estruturas linguísticas e suas funções discursivas: a Linguística Funcional Centrada no Uso.

A Linguística Funcional Centrada no Uso, apoiando-se em alguns conhecimentos desenvolvidos no âmbito da Gramática de Construções, tem concebido que aspectos linguísticos, em associação a processos cognitivos e a fatores sociais e culturais, constituem a verdadeira motivação para a (re)formulação

⁵ Entendemos como usos prefixais aqueles em que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” formam uma palavra nova, como em “supermercado”, “megalomaníaca”, “hipertensão” e “ultrapassar”. A respeito da distinção entre construções prefixais e construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, tecemos uma discussão mais detalhada no Capítulo II desta tese.

da gramática da língua. Em outras palavras, entende-se que são as experiências no mundo físico e social que motivam a atividade linguística.

É no contexto do aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, portanto, que tomamos os conceitos de construção como unidade básica da língua, que se estabelece pela convencionalização do pareamento entre propriedades da forma e propriedades da função, e de rede como um inventário de construções, que se relacionam de maneira hierárquica em termos de esquematicidade. Nessa perspectiva, a língua é entendida como uma rede construcional que reúne padrões mais específicos e padrões mais esquemáticos que são armazenados na mente do usuário da língua.

À luz da perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, postulamos que o modelo teórico proposto por Traugott e Trousdale (2013), embora tenha sido desenvolvido para o estudo da mudança linguística diacrônica, nos fornece bases para pensar na extensibilidade de padrões construcionais – mediante o mecanismo da analogização – bem como na maneira como mudanças específicas em microconstruções individuais articulam esquemas gerais, ao mesmo tempo que são por eles afetadas.

Sendo assim, ainda que sob a nomenclatura “instanciação” – já que o termo “mudança” tem sido atribuído a processos diacrônicos –, demonstramos, neste trabalho, de que maneira construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se enquadram no escopo do processo de construcionalização gramatical proposto por Traugott e Trousdale (2013) – ou “construcionalidade gramatical”, expressão por nós escolhida para designar a instanciação e a convencionalização de um novo *type* ou pareamento de natureza mais procedural na rede, que articula aumento em esquematicidade e em produtividade e descréscimo em composicionalidade, em uma perspectiva sincrônica.

Isso posto, nossos objetivos mais específicos, neste trabalho, são (i) descrever os pareamentos forma-função das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, de modo a identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –; e (ii) propor uma rede construcional que relacione os diferentes padrões construcionais identificados a um esquema abstrato comum.

A observação dos níveis de generalidade e de especificidade das construções auxilia na compreensão da rede esquemática, bem como da instanciação e da convencionalização das construções na língua.

Para tanto, adotamos como metodologia de pesquisa o método misto, que diz respeito ao equacionamento entre as análises qualitativa e quantitativa dos dados, uma vez que temos como objetivos identificar e descrever pareamentos forma-função que se convencionalizam na língua a partir do aumento de sua frequência de uso. Os *tokens*, ou ocorrências das construções avaliativas analisadas, foram coletados em um *corpus* sincrônico escrito, composto por textos retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet, os quais foram distribuídos em três níveis de formalidade e em três diferentes sincronias. Entendemos que o estudo sincrônico seja capaz de refletir a dinamicidade da língua, uma vez que as diferentes construções se relacionam às noções diacrônicas em alguma medida e que a expansão das construções não implica um total desbotamento semântico. Ainda, a perspectiva sincrônica é coerente com o fato de não estarmos investigando a trajetória individual de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, mas o ponto em se interceptam em usos mais recentes – na expressão do *posicionamento avaliativo do locutor* com atitudes intensiva e focalizadora.

Os resultados de nosso estudo apontam que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” instanciam na língua um esquema mais abstrato e mais geral para a indexação do *posicionamento avaliativo do locutor* no discurso por meio da intensificação e da focalização – representado pelo esquema formal simbólico $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$. Tal instanciação se realiza mediante um processo analógico com o esquema $\{[advérbio\ de\ intensidade] + [adjetivo/advérbio]\}$, que tem como principal representante o advérbio de intensidade canônico “muito” anteposto a adjetivo ou a advérbio.

A renovação do sistema linguístico não se dá de maneira arbitrária na língua. É através do mecanismo da analogização que ocorre o alinhamento ou a correspondência simbólica de um novo pareamento a um esquema mais abstrato já fixado na língua.

No que tange à construção mais esquemática, $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, esta é composta por dois *slots* – representados por X e Y –, isto é, por duas possibilidades de preenchimento por estruturas simbólicas. A primeira contraparte do *slot* é preenchida pelos intensificadores e focalizadores “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” –

denominada operador (op) –; já a segunda contraparte é preenchida pelos elementos intensificados e focalizados, que podem ser adjetivo, advérbio, substantivo ou verbo – denominada variável (var). Desse modo, tais estruturas são recrutadas pelo locutor para preencher o *slot* da intensificação e da focalização (int/foc) para fins de posicionamento avaliativo.

Nesse contexto, identificamos treze microconstruções gramaticalmente identificáveis, que se distribuem, por similaridades e por especificidades no que se refere às suas propriedades formais e funcionais, em três subesquemas que se diferenciam semanticamente em função do escopo da intensificação e da focalização e, conseqüentemente, do papel morfosintático exercido por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” nas construções – se advérbio de intensidade, se adjetivo qualificativo, se advérbio modalizador.

Assumimos, a partir da análise qualitativa dos dados e do cálculo da frequência de uso, que o *subesquema 1*, representado pela formalização simbólica $\{[X_{op}] + [adj/adv_{var}]\}^{int/foc}$, encontra-se mais próximo do centro prototípico, ou esquema já fixado $\{[advérbio\ de\ intensidade] + [adjetivo/advérbio]\}$. No *subesquema 1*, “X”, que pode ser “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra”, atua como advérbio de intensidade, modificando adjetivo ou advérbio.

Já nos *subesquemas 2 e 3*, representados simbolicamente por $\{[X_{op}] + [subs_{var}]\}^{int/foc}$ e $\{[X_{op}] + [verb_{var}]\}^{int/foc}$ respectivamente, “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” ganham sentido co(n)textual, desempenhando as funções de adjetivo qualificativo diante de substantivo e de advérbio modalizador diante de verbo.

As microconstruções, caracterizadas por suas especificidades, portanto, preenchem o *slot* dos subesquemas, diferenciando “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em uma escala de expressividade.

Assim como o *subesquema 1*, as construções com “super” são as mais frequentes e as mais produtivas no *corpus* de análise, o que nos leva a considerá-las exemplares para a instanciação das demais construções na língua.

Nesse contexto, demonstramos como esquema, subesquemas e microconstruções são responsáveis pela emergência de novas construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua, bem como pelo estabelecimento de uma rede construcional disponível para o acesso do locutor para a produção de um discurso coerente.

A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho organiza-se da seguinte maneira: no Capítulo I, discutimos a abordagem teórica que fundamenta a análise empreendida; no Capítulo II, realizamos uma revisão de estudos sobre o grau de modo geral e sobre construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”; no Capítulo III, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa; e, no Capítulo IV, descrevemos, pontualmente, os padrões forma-função que compõem o esquema, os subesquemas e as microconstruções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, bem como apresentamos nossa proposta de rede construcional.

CAPÍTULO I

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: perspectivas e contribuições

Este capítulo tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica em que está pautada a pesquisa por nós empreendida acerca da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa – a abordagem intitulada Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUOGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; BISPO & SILVA, 2016).

Nesse contexto, apresentamos as concepções de língua e de gramática adotadas nesta tese, tratamos dos conceitos de construção e de rede construcional, abordamos as motivações, os mecanismos e as propriedades construcionais que explicam a organização das construções em níveis de hierarquia, bem como discutimos o lugar ocupado pelo modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013) no âmbito dos fenômenos sincrônicos da língua.

Partindo da proposta da Linguística Funcional Centrada no Uso de que a gramática de uma língua bem como a constante renovação do sistema linguístico surgem das necessidades comunicativas dos falantes no momento da interação, tecemos, na seção 1.1, discussões acerca (i) da relevância do uso linguístico para a ocorrência dos fatos da língua, (ii) da correlação entre as estruturas linguísticas e as suas funções no discurso, (iii) da noção de rede taxonômica e (vi) da proposta do *continuum léxico* → *gramática*.

Posteriormente, na subseção 1.1.1, versamos, especificamente, sobre a hierarquia construcional, partindo do princípio de que a língua seria estruturada em forma de um inventário de construções mais abstratas e de construções mais

básicas, as quais estariam disponíveis para a elaboração de um discurso coerente pelo falante.

Nesse sentido, (i) na subseção 1.1.1.1, tratamos dos processos cognitivos do pensamento analógico, do *parsing*, da metaforização, da metonimização, da inferência sugerida, da necessidade comunicativa e da (inter)subjetivização e dos mecanismos de mudança da analogização e da neoanálise, os quais estão diretamente relacionados à instanciação de novas construções na rede hierárquica; e, (ii) na subseção 1.1.1.2, abordamos o papel das propriedades da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade na organização da rede construcional.

Na subseção, 1.1.2, discutimos algumas particularidades do modelo sistematizado por Traugott e Trousdale (2013) em sua obra intitulada *Constructionalization and Constructional Changes*.

E, por fim, na seção 1.2, apresentamos nossas considerações, ratificando nosso posicionamento teórico frente à análise empreendida.

1.1. Linguística Funcional Centrada no Uso

Partindo do princípio de que atividade linguística é, ao mesmo tempo, atividade social, defende-se, nesta tese, que é através da língua que relatamos acontecimentos, que expressamos vontades e medos, que tentamos solucionar problemas, que avaliamos situações, que influenciemos nossos interlocutores, que planejamos ações, dentre outras funções (SALOMÃO, 1999)⁶.

A esse respeito, Dik (1989 [1978], p. 5 *apud* CASTILHO, 2012, p. 19) afirma o seguinte:

⁶ Cf.: “Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações.” (SALOMÃO, 1999, p. 65).

A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. (DIK, 1989 [1978] p. 5 *apud* CASTILHO, 2012, p. 19)

Se a língua constitui um reflexo das experiências sociais dos indivíduos no mundo, entende-se, a partir do excerto de Dik (1989 [1978]), que as funções discursivas pretendidas pelos locutores nas interações comunicativas são materializadas em formas linguísticas (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016; MOURA, 2017).

É nesse sentido que Neves (1997, 2011 [2006]) destaca que estruturas linguísticas concretizam-se, de fato, em função de contextos linguísticos e das diversas situações comunicativas. A funcionalidade do sistema linguístico é compreendida, desse modo, em termos de motivações internas e externas, isto é, em relação à estrutura interna da língua e às funções que a língua desempenha no discurso⁷.

A fim de serem cada vez mais expressivos, os participantes de uma interação comunicativa promovem a renovação constante do sistema linguístico, com a instanciação de novas formas e de novas funções (GONÇALVES *et al.*, 2007). Tais inovações, anteriormente não disponíveis no repertório dos usuários da língua, passam a revelar e a materializar suas escolhas através da linguagem (BYBEE, 2010; MOURA, 2017). É nesse sentido que Rosário (2015, p. 36) observa que “construções gramaticais emergem para suprir nossas necessidades discursivas e passam a suprir lacunas nos paradigmas gramaticais e no universo dos conceitos mais abstratos”.

Wilson e Martelotta (2013 [2008], p. 77) acrescentam que, além de estruturas utilizadas com bastante frequência na língua perderem seu *status* de novidade com o passar do tempo, o homem, ainda, “muda e, com ele, muda também o ambiente social que o cerca”. Na medida em que a língua é usada, ela é, dessa maneira, (re)formulada, interferindo nesse cenário os participantes da interação, os atos de fala, o contexto discursivo e, também, os processos cognitivos que possibilitam que

⁷ Furtado da Cunha *et al.* (2013) definem o discurso como sendo qualquer instância de produção e de interpretação de enunciados em contexto de interação comunicativa.

os indivíduos (re)elaborarem os usos linguísticos e mantenham as inovações (MOURA, 2017).

Uma vez que a língua constitui um instrumento de comunicação que se constrói na interação entre locutores e interlocutores, ela consiste em um objeto dinâmico, em um sistema adaptativo complexo, composto por padrões mais ou menos rígidos e por outros que estão em constante renovação, tanto do ponto de vista do cotexto (ou contexto linguístico em que se dá a interação entre os elementos linguísticos) quanto do ponto de vista do contexto situacional (ou situação extralinguística que é condição para a interpretação de um enunciado) (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Em outras palavras, embora o sistema linguístico seja dinâmico, tal dinamismo não se estabelece de maneira fortuita ou arbitrária na língua, sendo, por outro lado, pelo menos, parcialmente motivado e regulado por mecanismos básicos (WILSON & MARTELOTTA, 2013 [2008]). No que diz respeito ao fato de a língua ser, simultaneamente, estruturada e variável, Bybbee (2010, p. 1, tradução nossa) afirma que ela é “um fenômeno que exhibe, ao mesmo tempo, estrutura aparente e regularidade de padrões, apresentando uma variação considerável em todos os níveis”⁸.

Nesse contexto, a gramática da língua é entendida como um conjunto de regularidades, ou de esquemas simbólicos, que são mobilizados no momento da elaboração e da organização do discurso (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Furtado da Cunha (2008, p. 173) observa que, “ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exhibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas”.

A concepção de língua adotada, neste trabalho, dessa maneira, está diretamente relacionada à noção de gramática emergente, que diz respeito à necessidade de rearranjo/reelaboração que toda gramática tem (FURTADO DA CUNHA, 2008). A noção de gramática emergente está associada ao fato de que toda gramática de língua natural constitui um sistema dinâmico, instável, aberto, inacabado, adaptativo e renovável – que exhibe estruturas linguísticas em variação e

⁸ Cf.: “[L]anguage is ‘a phenomenon that exhibits apparent structure and regularity of patterning while at the same time showing considerable variation at all levels.’”

em mudança –, o qual está submetido a pressões estruturais e comunicativas (MARTELOTTA *et al.*, 1996; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

Na presente tese, portanto, a partir das concepções de língua como atividade social e de gramática emergente abordadas nesta seção, nos dedicamos à investigação da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa – fenômeno ainda recente –, as quais revelam o posicionamento do locutor sobre algo ou alguém, sobre si mesmo ou sobre a proposição, por meio de intensificação e de focalização. A partir da análise de ocorrências coletadas em contextos reais de produção, demonstramos de que maneira tais construções, que surgem e se mantêm na língua, compõem padrões construcionais que relacionam estruturas linguísticas a seu funcionamento no contexto discursivo. Desse modo, com este trabalho, objetivamos compreender – ainda que com objetos e objetivos específicos – um pouco da dinamicidade da língua portuguesa, que é, ao mesmo tempo, regular e instável, bem como a maneira como essa dinamicidade é organizada na língua, a partir da materialização e da fixação de padrões construcionais.

Para tanto, optamos por uma abordagem que dê a devida atenção ao uso linguístico, visando à investigação da língua tanto sob o ponto de vista da gramática quanto sob o ponto de vista do discurso – o modelo de abordagem denominado Linguística Funcional Centrada no Uso por Martelotta (2011), Furtado da Cunha *et al.* (2013), Rosário e Oliveira (2016), Bispo e Silva (2016), dentre outros, no âmbito dos estudos do grupo Discurso & Gramática, ou *Usage-based Theory/Approach*, nos termos de Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013)⁹.

Os três princípios básicos da abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU) são: (i) a (re)modelagem da gramática da língua pelo uso, (ii) a investigação da língua sob o ponto de vista da gramática e do discurso

⁹ Segundo Martelotta (2011), a denominação *usage-based model* foi utilizada, pela primeira vez, por Langacker (1987), para se referir a modelos teóricos que tem como foco de análise o uso linguístico. Todavia, conforme destaca Bybee (2013), as origens desse modelo remontam à década de 1960, com a abordagem tipológica funcional da linguagem proposta por Joseph Greenberg e outros, e, posteriormente, às décadas de 1970 e 1980, com Givón (1979), Li (1976) e Hopper e Thompson (1980, 1984). No âmbito dos estudos do grupo Discurso & Gramática, o termo Linguística Funcional Centrada no Uso foi cunhado para designar um modelo teórico-metodológico que agrega, além de pressupostos já previstos pela Linguística Funcional – abordagem também denominada versão clássica do funcionalismo ou vertente norte-americana do funcionalismo –, importantes contribuições da Gramática de Construções Cognitiva (ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

simultaneamente e (iii) a relação estreita entre estruturas linguísticas e suas funções no contexto comunicativo. Tais princípios, em diálogo com determinados conceitos da Gramática de Construções¹⁰ – que tem como alguns de seus representantes Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Croft e Cruse (2004) –, configuram, portanto, os pressupostos teóricos que fundamentam este estudo das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa, as quais teriam sido moldadas no e pelo contexto de uso.

A Gramática de Construções constitui um modelo formulado no âmbito da perspectiva da Linguística Cognitiva. Na Linguística Cognitiva, o sistema linguístico é concebido como o reflexo de capacidades cognitivas do falante, tais como a categorização, o processamento linguístico, a compreensão dos dados e seu armazenamento na memória, o acesso, a utilização e a transmissão adequadas de dados, dentre outros. Entretanto, tais capacidades de ordem cognitiva só se materializam no ambiente discursivo e interacional (MARTELOTTA, 2011; CEZÁRIO & FURTADO DA CUNHA, 2013).

Bybee (2010) considera a categorização como sendo a capacidade cognitiva mais básica do ser humano. Seria por meio desse processo cognitivo que unidades linguísticas, com forma e função, surgiriam na língua. A categorização, desse modo, está relacionada às representações, ou esquemas simbólicos, existentes na língua – os usuários da língua categorizam novos dados com base em representações exemplares já existentes. Furtado da Cunha *et al.* (2003) entendem a categorização conceptual e a categorização linguística como sendo capacidades cognitivas que seguem os mesmos padrões.

Portanto, em Linguística Cognitiva, as construções linguísticas são concebidas como esquemas cognitivos, bem como outras habilidades, os quais são instanciados e moldados a partir de sua relação com princípios sociocomunicativos e interacionais. A gramática da língua constitui, assim, a própria organização cognitiva da experiência do indivíduo com a linguagem. Dessa maneira, as pesquisas realizadas a partir dessa perspectiva teórica também investigam os usos efetivos da língua em contextos reais de produção (CEZÁRIO & FURTADO DA CUNHA, 2013).

¹⁰ Nesta tese, não temos como objetivo adotar a fundamentação teórica da Gramática de Construções. Utilizamos, aqui, apenas algumas de suas fundamentais contribuições à LFCU.

A LFCU, nesse sentido, assume uma postura cognitivo-funcional quando propõe a interface gramática e discurso, considerando que ambos coatuam, sendo um (re)modelado pelo outro, e quando concebe que a atividade linguística consiste em um processo conceptual de categorização linguística, que se realiza com base na representação cognitiva da experiência do indivíduo no mundo físico e sociocultural (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; SAMBRANA, 2017). A gramática, desse modo, é um sistema de estruturação conceptual que compreende fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso (CROFT, 2001; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), além de capacidades cognitivas gerais. Já o discurso diz respeito ao uso concreto da língua em situações reais de interação comunicativa. Na LFCU, assim, fatores cognitivos, sociocomunicativos e linguísticos motivam as formas linguísticas.

Uma vez que à LFCU, ou também denominada funcionalismo contemporâneo, interessam os estudos em Linguística Cognitiva que se destinam à análise e à descrição de uma construção, apresentamos, a seguir, as contribuições de cunho cognitivista à LFCU, a partir da concepção construcional desenvolvida no âmbito da abordagem da Gramática de Construções.

O modelo da Gramática de Construções, além de postular a relação estreita entre estrutura e função linguísticas, propõe, em uma perspectiva sincrônica, que a língua é formada por um inventário de correlações forma-função (BYBEE, 2010), isto é, por um conjunto de construções que se organizam hierarquicamente em torno de uma rede taxonômica comum. A língua é entendida, por este modelo, como uma rede de nós interligados por elos que se estabelecem de maneira hierárquica (LANGACKER, 1987). De acordo com Croft (2001, p. 25, tradução nossa), “cada construção constitui um nó na rede taxonômica de construções”¹¹. Tal rede taxonômica é formada por padrões mais específicos e por padrões mais esquemáticos. E a gramática, dessa maneira, consiste na organização da convivência de todos esses padrões.

O conceito de construção – entendida como a unidade básica da língua que engloba forma e função –, desenvolvido no âmbito da Gramática de Construções, constitui uma contribuição muito cara aos estudos em LFCU. Goldberg (1995, 2006)

¹¹ Cf.: “Each constructions constitutes a NODE in the taxonomic network of constructions.”

define a construção como um pareamento de forma e função convencionalizado na língua, cujos traços comuns foram captados a partir de diferentes instanciações individuais.

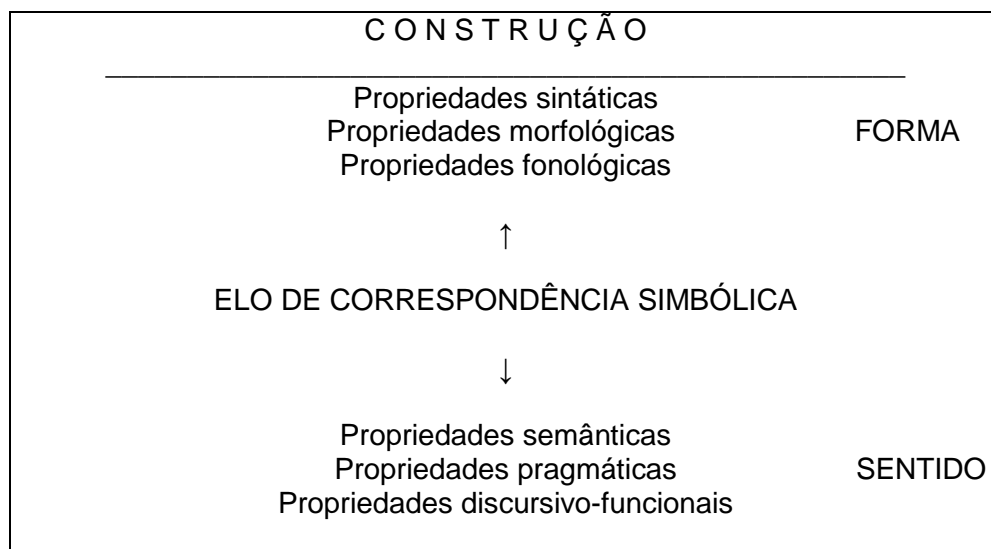
Langacker (1987), Croft (2005) e Traugott e Trousdale (2013) acrescentam, ainda, que construções são unidades simbólicas e convencionais: (a) unidades, porque algum aspecto específico do signo se torna tão frequente que é estabelecido como um só pareamento forma-função na mente do falante; (b) simbólicas, porque são associações de forma e função ao menos parcialmente motivadas; e (c) convencionais, porque são compartilhadas por um grupo de falantes (FURTADO DA CUNHA & CUNHA LACERDA, 2017).

Para Croft (2001), a noção de construção se aplica a qualquer estrutura gramatical. Em outras palavras, todos os níveis de análise gramatical – morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões parcialmente ou completamente esquemáticos – constituem construções ou pareamentos de forma-função construídos com base no *input* (FURTADO DA CUNHA & CUNHA LACERDA, 2017). Nesse contexto, construções mais específicas podem ser representadas por generalizações, isto é, construções mais gerais, como a analisada neste estudo, $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, compreendem em sua esquematização um conjunto de outras construções mais específicas tanto do ponto de vista da forma quanto do ponto de vista da função, conforme descrevemos no Capítulo IV desta tese. Os usuários da língua, a partir de necessidades semânticas, pragmáticas e discursivas, selecionam, desse modo, em seu repertório, construções armazenadas em forma de esquema simbólico e em forma de expressões particulares para a instanciação de outros constituintes da gramática.

Croft (2001), em sua obra intitulada “Gramática de Construções Radical” (*Radical Construction Grammar*) – que propõe a categorização das estruturas gramaticais representadas na mente do falante a partir de generalizações – nos apresenta um modelo de estrutura da construção em que defende que construções são específicas à língua e que categorias são definidas especificamente em termos das construções em que ocorrem. O modelo do autor ressalta a natureza

taxonômica das construções, bem como a relação de herança¹² entre construções mais abstratas e construções individuais. Croft (2001, p. 18) propõe a seguinte representação simbólica de uma construção, em termos de correspondência entre forma e sentido:

Figura 1 – Modelo reproduzido de Croft (2001, p. 18) para a correlação forma-sentido da construção



O modelo de Croft (2001), tal como representado na Figura 1, propõe que a construção constitui uma associação simbólica, de propriedades relacionadas ao polo da forma e ao polo do sentido, que garante a interpretação da construção como parte-todo. Dito de outra maneira, para o autor, uma construção constitui um todo de forma e sentido convencionalizado e ligado por correspondência simbólica. É nesse sentido que, para Croft (2001), as construções, cuja semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática, são tomadas como unidades básicas da língua com forma e função¹³ não previstas apenas por constituintes individuais presentes em sua composição. Considera-se, portanto, que o sistema linguístico constitui uma

¹² Croft (2001), no âmbito da abordagem da Gramática de Construções, propõe a noção de ligações por herança para explicar como cada construção herda propriedades formais e funcionais de suas construções mais gerais, demonstrando, desse modo, que as construções se influenciam mutuamente. Tal relação pressupõe que uma construção A motiva uma construção B se B for herança de A. Na subseção 1.1.1.2 deste capítulo, tratamos dos *links* de heranças propostos por Goldberg (1995).

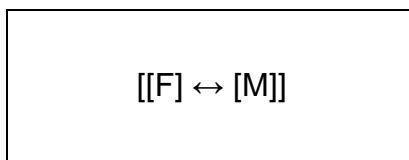
¹³ Além do aspecto semântico, no polo da função de uma construção, estão também a pragmática e o discurso.

rede de construções, cujos significados não são acessíveis apenas pela soma dos significados dos constituintes dos pareamentos forma-função.

Para (Croft, 2001), as propriedades associadas à forma – sintáticas, morfológicas e fonológicas – e aquelas associadas ao sentido – semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais¹⁴ – se integram em rede de unidades convencionalizadas, interconectadas e hierarquizadas. Croft e Cruse (2004) acrescentam, assim, que, embora sejam independentes, as construções se relacionam em termos de esquematicidade. É nesse contexto que Cunha Lacerda e Oliveira (2015), pautadas em Croft (2001), destacam que as construções possuem propriedades específicas e esquemáticas, de modo que o sistema linguístico é entendido como uma rede de relações entre tais construções. Tal inventário, simbólico e complexo, seria, assim, representado por uma rede taxonômica de construções, em que pareamentos forma-função mais básicos herdariam características de pareamentos forma-função mais gerais.

Traugott e Trousdale (2013) reformulam o modelo de Croft (2001) e representam a construção da seguinte forma:

Figura 2 – Representação da construção por Traugott e Trousdale (2013, p. 8)



Na representação da construção proposta por Traugott e Trousdale (2013), conforme verificamos na Figura 2, “F” indica a forma [*form*] da construção, que se estabelece mediante propriedades da sintaxe, da morfologia e da fonologia, “M” indica o sentido [*meaning*] da construção, que se estabelece mediante propriedades da semântica, da pragmática e do discurso, os colchetes externos indicam que o pareamento é uma unidade convencionalizada na língua e a seta dupla indica a correspondência entre forma e sentido.

¹⁴ Nesse caso, o termo “discursivo” não se refere ao contexto discursivo, mas à função que uma construção pode expressar no discurso (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA, 2016).

Embora tanto Croft (2001) quanto Traugott e Trousdale (2013) adotem o termo “sentido” para designar o eixo das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas, nesta tese, assumimos o termo “função” para nos referirmos à contraparte funcional da construção, de acordo com Goldberg (2016)¹⁵, devido ao fato de este ser mais abrangente – por isso, pareamento forma-função.

Para Traugott e Trousdale (2013), as construções podem, ainda, ser caracterizadas a partir de três dimensões: (i) a do tamanho, (ii) a do grau de especificidade fonológica e (iii) a do tipo de conceito. Quanto ao tamanho, as construções podem ser atômicas, intermediárias ou complexas. As construções atômicas são aquelas em que as unidades são monomorfêmicas; as construções intermediárias são aquelas em que as unidades são parcialmente analisáveis; já as construções complexas são aquelas em que as unidades são constituídas de partes (associações construcionais ou *chunks*) analisáveis. No que diz respeito ao grau de especificidade fonológica, as construções podem ser substantivas, intermediárias ou esquemáticas. As construções substantivas são completamente especificadas fonologicamente; as construções intermediárias são parcialmente especificadas fonologicamente e parcialmente abstratas; e as construções esquemáticas não são especificadas fonologicamente. Por fim, no que tange ao tipo de conceito, as construções podem ser de conteúdo, quando são lexicais e atuam como referentes, e podem ser procedurais, quando possuem significações abstratas nas relações entre os signos linguísticos.

Por fim, outra importante contribuição da Gramática de Construções à LFCU é a não distinção rígida entre construções lexicais e construções gramaticais, como se costuma defender no âmbito dos estudos em gramaticalização tradicional¹⁶.

O escopo de análise da gramaticalização tradicional é a mudança linguística categorial, segundo a qual itens isolados passam, ao longo do tempo, de seu *status*

¹⁵ Goldberg (2016), em sua apresentação no *workshop “A constructionist approach to language”*, no XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, que ocorreu de 4 a 7 de julho de 2016, na UFRJ, no Rio de Janeiro, propôs o termo “função” para designar a contraparte semântica, pragmática e discursiva da construção.

¹⁶ No âmbito da abordagem tradicional da gramaticalização, estabelece-se uma distinção rígida entre categorias lexicais – nomes, verbos, adjetivos, advérbios e preposições – e categorias gramaticais (ou funcionais, nos termos de Radford (1997, p. 38) – flexões, auxiliares, determinantes, negação e complementizadores.

lexical a seu *status* gramatical (MEILLET, 1948 [1912])¹⁷ ou, ainda, itens menos gramaticais passam a itens mais gramaticais (LEHMAN, 1995 [1982]; HEINE *et al.*, 1991; HOPPER, 1991; HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993])¹⁸. Nesse contexto, defende-se a unidirecionalidade da mudança, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica – *[lexical] > [- gramatical] > [+ gramatical]* – não pode ser revertida.

Na abordagem da LFCU, assume-se a direcionalidade da instanciação de novos pareamentos, de modo que a diferença entre a construção lexical e a construção gramatical reside em seu grau de complexidade ou de especificação interna, isto é, na função que desempenham e no tipo de entidade linguística que representam (GOLDBERG, 1995). Sendo assim, quanto mais complexa é uma determinada combinação, maior é a sua tendência ao polo da gramática. Logo, léxico e gramática não constituem módulos separados, mas, sim, são entendidos como partes de um *continuum*, devido ao fato de a fronteira entre eles não ser sempre precisa. Nesse sentido, o olhar do analista em LFCU está voltado para a relação entre as partes de uma construção, para o grau de integração entre tais partes, para a relação entre as construções e para a instanciação de construções a partir de esquemas (CEZÁRIO & FURTADO DA CUNHA, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016), e não para o *cline* ou trajetória *[lexical] > [- gramatical] > [+ gramatical]*. A não distinção rígida entre léxico e gramática se apoia, portanto, na noção de pareamento forma-função e de rede.

Em síntese, as principais contribuições da Gramática de Construções à LFCU são relativas (a) ao estatuto da construção, (b) à noção de rede taxonômica e de relação de herança entre construções e (c) à proposta do *continuum léxico → gramática*. Portanto, para a LFCU, a construção é a unidade básica da gramática, e a estrutura semântica é projetada na estrutura sintática – de maneira que se rejeita a autonomia da sintaxe, incorporando-se à análise linguística a semântica, a

¹⁷ Meillet (1948 [1912]) usou o termo “gramaticalização” pela primeira vez para se referir ao processo de mudança linguística através do qual uma palavra plena, ou lexical, passaria à função de elemento gramatical (GONÇALVES *et al.*, 2007).

¹⁸ Lehmann (1995 [1982]), Heine *et al.* (1991), Hopper (1991) e Hopper e Traugott (2003 [1993]) compartilham a ideia de que não é necessária a existência de um item lexical para que ocorra a mudança linguística. Para os autores, a gramaticalização é entendida como um processo de mudança através do qual um item lexical se tornaria um item gramatical, e, também, um item gramatical se tornaria um item ainda mais gramatical.

pragmática e o discurso. Ainda, a língua é concebida como uma rede de nós e de elos entre nós, de modo que as correspondências entre os nós são representadas na forma de hierarquia de herança. Também, não se estabelece, na LFCU, uma distinção rígida entre léxico e gramática, considerando-os em um *continuum*.

É importante ressaltar que, além de a LFCU se apropriar dos fundamentos abordados anteriormente, essa versão contemporânea do funcionalismo considera, de maneira mais radical, a correlação entre aspectos formais e funcionais de uma construção, atribuindo ao componente estrutural a mesma dimensão conferida ao componente funcional¹⁹. Logo, a LFCU, conferindo mesma importância aos dois componentes da construção, assume a bidirecionalidade *função < > forma*, sugerindo que forma e função são interdependentes e se relacionam mutuamente (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; OLIVEIRA & ARENA, 2016).

No presente estudo, nos dedicamos à identificação e à descrição da correlação forma-função das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, extraídas do *corpus* investigado, sem privilegiar um ou outro nível. Assim, demonstramos que os padrões encontrados podem ser pensados em níveis de organização por similaridades e por especificidades e que, conforme postula a abordagem da LFCU, discurso, pragmática e semântica moldam e são moldados pela sintaxe, morfologia e fonologia para a instanciação de um novo pareamento forma-função. Nesse contexto, consideramos que itens isolados não produzem sentidos, fazendo-se necessário, para a identificação de padrões construcionais que compreendem o pareamento forma-função, considerar relações cotextuais, que são construídas no ambiente linguístico, e relações contextuais, que compreendem o contexto extralinguístico e as modalidades oral e escrita da língua (FURTADO DA CUNHA & CUNHA LACERDA, 2017).

Na LFCU, assume-se, portanto, que o sistema linguístico está fundamentado em processos não somente estruturais e comunicativos, mas, também, cognitivos e socioculturais, os quais motivam frequentemente sua constante reelaboração. Sendo assim, a gramática holística da língua – que compreende um conjunto de esquemas simbólicos que se configuram por meio da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da

¹⁹ No funcionalismo de vertente norte-americana, ou funcionalismo clássico, a função se sobrepõe à forma, resultando na correspondência *função > forma*.

semântica, da pragmática e do discurso – consiste no conhecimento que o usuário tem de um determinado sistema linguístico e da organização cognitiva desse sistema a partir da experiência dos indivíduos no mundo (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2013). Dessa maneira, a gramática deve ser examinada no uso, considerando aspectos motivadores de conceptualização, categorização, analogia, inferência pragmática, interação, experiências individuais e socioculturais e frequência de uso no surgimento de novas construções na língua. Nesse cenário, ganha relevo uma análise mais minuciosa de aspectos cognitivos, sociocomunicativos e linguísticos – como iconicidade, categorização, perspectivização, saliência discursiva, prototipicidade, informatividade, ordenação, padrão discursivo, dentre outros (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016). Sendo assim, os objetos de estudo da LFCU são temas relacionados à emergência, à convencionalização e à esquematização de padrões construcionais a partir de motivações semânticas, pragmáticas, cognitivas e, até mesmo, discursivas (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013).

Neste trabalho, que tem como objetivo mais geral a investigação da instanciação e da convencionalização da construção mais abstrata $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ no âmbito do funcionalismo contemporâneo, tratamos da esquematização de construções avaliativas com “super”, “mega,” “hiper” e “ultra” na língua portuguesa, a partir da noção de rede hierárquica construcional, conforme apresentamos a seguir.

1.1.1. A hierarquia construcional

No âmbito da LFCU, conforme discutimos na seção 1.1 deste capítulo, tem-se assumido que o sistema linguístico é constituído por pareamentos de forma e função, ou seja, por construções, que são organizadas em uma rede hierárquica, com diferentes níveis de abstratização. Em outras palavras, defende-se que qualquer língua natural seria estruturada a partir de um inventário de construções mais gerais e de construções mais básicas. Por se organizarem em rede, as construções seriam pensadas cada vez mais esquematicamente pelos usuários da língua e novas construções emergiriam a partir do uso frequente de determinado

esquema construcional existente (CROFT & CRUSE, 2004). Segundo Martelotta e Alonso (2012, p. 103), a rede construcional constitui uma “arquitetura gramatical disponível para o falante construir seu discurso”.

No que diz respeito aos esquemas construcionais ou esquemas linguísticos, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) afirmam o seguinte:

[...] são abstratos, são construções semanticamente gerais, tanto procedurais quanto de conteúdo [...]. Eles são abstrações, por meio de conjuntos de construções que são (inconscientemente) perceptíveis por usuários da língua, sendo intimamente relacionados entre si em uma rede construcional. (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa)²⁰

De acordo com os autores, os usuários da língua, no curso da interação comunicativa, acessam informações armazenadas na memória e criam *links* entre construções mais específicas e um padrão construcional mais abstrato pré-existente (GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). De acordo com Bybee (2013), o armazenamento de experiência linguística na memória inclui informações detalhadas sobre novas construções processadas, tais como informações relativas à sua forma, à sua função e ao contexto comunicativo em que ocorrem.

As inovações, desse modo, são instanciações que surgem das generalizações realizadas pelos locutores. De acordo com Croft (2001), quando o pareamento forma-função, que é tomado como um tipo (*type*) individual de um padrão construcional, se torna frequente e é convencionalizado na língua, ele ganha *status* de microconstrução, criando um novo nível de abstratização formal e funcional. Com o passar do tempo, essas novas microconstruções podem também se tornar mais abstratas e seguir uma direção própria. É nesse sentido que microconstruções individuais, que se desenvolvem a partir de esquemas genéricos e abstratos pré-existentes, também possibilitam a instituição de extensas redes

²⁰ Cf.: “In our view linguistics schema are abstract, semantically general of constructions, whether procedural or contentful [...]. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely to each other in the construcional network.”

construcionais²¹ na língua, isto é, afetariam e seriam afetadas por esquemas gerais (TRAUGOTT, 2011c; MARTINS, 2013).

Portanto, haveria na língua construções mais específicas que herdariam características de construções mais gerais, podendo ultrapassá-las e permitindo o surgimento de níveis cada vez mais abstratos e esquemáticos (MARTINS, 2013). É nesse sentido que julgamos que o estabelecimento dos níveis de esquematicidade que envolvem as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” pode auxiliar na compreensão da instanciação e da convencionalização do padrão construcional mais geral $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ na língua, conforme discutimos na subseção 1.1.1.2 deste capítulo e descrevemos no Capítulo IV desta tese.

Tendo em vista que os padrões linguísticos não se instituem de maneira arbitrária na língua, na subseção seguinte, tratamos das motivações e dos mecanismos que promovem o estabelecimento de uma rede construcional à medida que a língua é usada.

1.1.1.1. Mecanismos e motivações construcionais

Diretamente relacionada à noção de rede, de abstratização e de esquema está a noção de analogia. A analogia, segundo Fischer (2011), constitui um processo cognitivo presente em toda a evolução humana, o qual é baseado em um padrão de reconhecimento que permite a categorização a partir das experiências linguística e situacional dos indivíduos no mundo. Já para Bybee (2011), a analogia consiste em um mecanismo de mudança linguística que promove a atração a partir de formas e funções já padronizadas na língua.

É nesse contexto de diferentes definições de analogia – como processo cognitivo (FISCHER, 2011) e como mecanismo de mudança linguística (BYBEE, 2011) – que Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013) sugerem a distinção entre “pensamento analógico” e “analogização”. Para os autores, o pensamento analógico é a motivação para a instanciação de novas construções na língua,

²¹ As redes construcionais seriam arquiteturas gramaticais disponíveis para o falante construir seu discurso, as quais estariam na base do surgimento de novos padrões construcionais. (MARTELOTTA & ALONSO, 2012).

enquanto a analogização consiste no próprio mecanismo de mudança linguística que promove o alinhamento de uma nova construção, a partir de representações exemplares, a um esquema mais abstrato.

Para Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013), nem tudo aquilo que é processado via analogia, ou via pensamento analógico, resultaria no surgimento de uma nova construção na comunidade linguística. Em vez disso, o pensamento analógico, ou motivação que antecede à mudança, consiste em uma habilidade de interpretação do novo pareamento forma-função por meio de sua associação com características formais e funcionais já existentes na rede construcional.

Já a terminologia “analogização” refere-se ao mecanismo que leva à combinação entre aspectos da forma e da função de uma construção-alvo e aspectos da forma e da função de uma construção-fonte. O mecanismo da analogização envolve, portanto, a reconfiguração das dimensões internas da construção, tendo como base uma construção já existente, com a qual seja possível fazer a correspondência (TRAUGOTT, 2011c; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Traugott e Trousdale (2013) defendem que toda analogização é uma neoanálise²². A neoanálise é o mecanismo de mudança cujo foco está na alteração dos aspectos formais e funcionais da construção-fonte, isto é, em mudanças nas diferentes propriedades da construção – fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e/ou discursiva. Sendo assim, para os autores, toda analogização envolveria uma reconfiguração na forma e na função de uma construção, resultando em um novo pareamento na língua.

Traugott e Trousdale (2013), assim como diferenciam “analogização” de “pensamento analógico”, propõem a distinção entre “neoanálise” e “*parsing*”. Enquanto a neoanálise constitui, como a analogização, um mecanismo de mudança, o *parsing* é um processo que pode motivar análises diferentes daquelas anteriormente veiculadas.

A neoanálise é, segundo Traugott (2008a, 2011c) e Traugott e Trousdale (2013), um mecanismo de mudança linguística que tem por propriedade a criação de

²² Adotamos, neste trabalho, assim como Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013), o termo “neoanálise”, em lugar de “reanálise” (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]; TRAUGOTT, 2008a, 2009). Segundo os autores, o termo reanálise não é o mais adequado, uma vez que não ocorre, necessariamente, uma reinterpretação a partir de um sentido pré-estabelecido, mas, sim, uma interpretação distinta ou nova.

uma nova representação na mente do usuário da língua e, por isso, é entendido como uma manifestação da capacidade humana de criar símbolos para uso imediato. Tal mecanismo, que consiste em uma nova interpretação de um padrão construcional já existente com uma nova forma e uma nova função, seria responsável pelo alinhamento entre padrões gramaticais e padrões de uso, a partir da negociação de sentido entre os participantes no momento da interação.

Já o *parsing* consiste em um processo cognitivo que está no eixo da motivação e que não tem por finalidade a criação de novas construções, mas, sim, a análise decomposta de determinada inovação ou construto em que se deu o *mismatch* ou a incompatibilidade de forma e função, de maneira que se busque o reconhecimento de alguma construção-fonte que pré-ative a construção-alvo (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; TEIXEIRA, 2015). A hipótese de Traugott e Trousdale (2013) é a de que os usuários da língua coletam, cognitivamente, informações em uma espécie de rede neural, analisam tais informações e aprovam ou não a correspondência do construto com uma microconstrução ou um esquema já fixado (TEIXEIRA, 2015).

No eixo paradigmático, a motivação para a instanciação de uma nova construção pode se estabelecer por meio, além do processo cognitivo do pensamento analógico, de um processo metafórico. A metaforização consiste em um princípio analógico que envolve a inter-relação entre domínios conceptuais distintos: um domínio conceptual mais abstrato é projetado em termos de um domínio conceptual mais concreto. É, nesse sentido que, através da metaforização, as experiências mais concretas dos seres humanos são neoanalisadas como experiências mais abstratas. De acordo com Gonçalves *et al.* (2007, p. 43), o processo metafórico está relacionado ao modo “como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca”. Traugott (2011b) entende que as metáforas podem servir como uma motivação, ou até mesmo como uma representação exemplar, para a instanciação de novos padrões construcionais.

Já a metonimização atua no eixo sintagmático, assim como o *parsing*, e consiste no processo através do qual inferências sugeridas são semanticizadas, mediante um processo de associação e contiguidade. Em outras palavras, a metonimização diz respeito à expansão de significado de uma construção, que

passa a designar entidade contígua em outro contexto de uso (TRAUGOTT & DASHER, 2005).

A inferência sugerida é um tipo de ativação espalhada, ou processo cognitivo, que permite a ativação simultânea de nós estreitamente relacionados. Segundo Traugott e Dasher (2005), a inferência sugerida se dá no momento em que o falante aciona implicaturas conversacionais para a instanciação de um novo pareamento forma-função e convida o ouvinte a interpretar e a neoanalisar tal inovação ou construto de maneira particular. A inferência sugerida, desse modo, que diz respeito ao sentido depreendido de uma construção a partir de um contexto pragmático-discursivo específico, é motivada pela necessidade e pela intenção comunicativa do falante.

Ainda, segundo Traugott (1995a), por meio do processo de metonimização, ocorreria um fortalecimento pragmático, que consiste em aumento de informatividade, uma vez que o falante, a fim de ser cada vez mais expressivo, imprimiria suas crenças, seus valores e suas atitudes no conteúdo proposicional. Goldberg (1995) denomina *Princípio da Força Expressiva Maximizada* a propriedade de maximização do inventário de construções, o qual se reinventa para atender a propósitos comunicativos diversos.

O grau de expressividade do locutor e de interação entre locutor e interlocutor é marcado, no âmbito da LFCU, pelas estratégias de subjetivização e de intersubjetivização, que se realizam por meio de inferências sugeridas (TRAUGOTT & DASHER, 2005). A subjetivização, de acordo com Traugott (1995a), consiste em um processo de expansão semântico-pragmática, com base na crença e na atitude do falante. Em outras palavras, a subjetivização diz respeito à codificação do ponto de vista do falante na proposição, que pode ou não resultar na convencionalização de um novo pareamento forma-função. Por sua vez, a intersubjetivização, segundo Cuyckens *et al.* (2010), diz respeito às marcas linguísticas que codificam a atenção do falante em relação à imagem ou *self*²³ de seu interlocutor.

Pensar na instanciação de novos padrões construcionais como (inter)subjetivização é pensá-la como um processo de expansão semântico-pragmática, via mecanismo da neoanálise, através do qual novos significados

²³ De acordo com Goffman (1967), o *self* constitui a identidade do participante da interação comunicativa ou seu *status* social.

passam, a partir da repetição de seu padrão de uso pelos falantes, a indicar funções mais abstratas, pragmáticas e interpessoais (TRAUGOTT, 1995a, 2010b; TRAUGOTT & DASHER, 2005; MARTINS, 2013). Nesse sentido, os pareamentos forma-função desenvolvem, com o passar do tempo, sentidos [+ subjetivos], que passam a identificar crenças e atitudes do falante acerca do que diz, podendo chegar a sentidos [+ intersubjetivos], que identificam a preocupação do falante com a imagem do interlocutor. É nesse contexto que Traugott (2010b) propõe que o surgimento de novas construções se estabeleceria mediante um *continuum* crescente de (inter)subjetivização.

Além das motivações – pensamento analógico, *parsing*, metaforização, metonimização, inferência sugerida, necessidade comunicativa e (inter)subjetivização – e dos mecanismos – analogização e neoanálise²⁴ – tratados nesta subseção, três propriedades construcionais são postuladas por Traugott e Trousdale (2013) para dar conta da noção de rede construcional. A exposição de cada propriedade compõe a próxima subseção deste capítulo.

1.1.1.2. Propriedades construcionais

Traugott e Trousdale (2013) propõem três propriedades fundamentais para o entendimento da representação da rede construcional, bem como da instanciação e da convencionalização de novas construções na língua, a saber, a propriedade da esquematicidade, a propriedade da produtividade e a propriedade da composicionalidade.

A propriedade da esquematicidade diz respeito (i) à abstratização de propriedades formais e funcionais de uma construção, (ii) envolvendo a criação de *slots* – espaços dentro do esquema, de modo que as dimensões representativas da construção são preenchidas em termos de espaço – e (iii) a associação de estruturas simbólicas em paradigmas (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Sobre a noção de *slot*, Bybee (2013, p. 6/14) considera o seguinte:

²⁴ Tratamos do mecanismo da frequência na subseção 1.1.1.2 desta tese, uma vez que, para que ocorra, de fato, a convencionalização de uma inovação, o construto deve ser replicado pela comunidade linguística (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Um *slot* esquemático em uma construção pode consistir em uma lista de todos os itens que ocorreram naquele *slot* (como previsto por um modelo exemplar) ou pode ser considerado um conjunto de características semânticas abstratas que restringem o *slot*, como normalmente proposto (BYBEE, 2013, p. 6/14, tradução nossa, destaque nosso)²⁵.

Construções podem ser, dessa maneira, completamente constituídas de *slots* esquemáticos, podem ser parcialmente esquemáticas ou, ainda, podem ser bastante específicas. A propriedade da esquematicidade deve ser pensada, assim, em termos de um *continuum* de construções altamente abstratas a construções menos abstratas (ou mais específicas) (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

A gradiência da esquematicidade está diretamente relacionada aos níveis de generalidade e de especificidade dos pareamentos forma-função. Sendo assim, uma construção que é mais esquemática é, também, mais convencionalizada na língua, bem como apresenta mais *slots* em sua constituição – que significa mais possibilidades de preenchimento. Dessa maneira, quanto mais microconstruções são atestadas em uma rede, mais genérico e abstrato é o seu esquema, sendo possível estabelecer estruturas simbólicas que preencham seus espaços (*slots*). Por outro lado, uma microconstrução é mais idiossincrática, apresentando mais restrições de preenchimento (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

É nesse contexto que Traugott e Trousdale (2013) defendem que, com o passar do tempo, microconstruções podem tornar-se esquemáticas e abstratas na língua, na medida em que adquirem características mais prototípicas²⁶, ou traços mais recorrentes, dos esquemas dos quais fazem parte. Da mesma maneira, quando uma construção se distancia do centro prototípico, tal movimento promove o surgimento de novos pareamentos que fazem com que os esquemas sejam expandidos para abarcar outros tipos de construções (*types*). Nesse sentido, a esquematicidade de uma construção está sujeita a alteração.

Na hierarquia construcional, portanto, ocorre uma retroalimentação do sistema linguístico, isto é, o surgimento de novos pareamentos na língua se dá em

²⁵ Cf.: “A schematic slot in a construction might consist of a list of all the items that have occurred in that slot (as predicted by an exemplar model), or it might be considered a set of abstract semantic features that constrains the slot, as usually proposed.”

²⁶ A prototipicidade é pensada, nesse sentido, em termos de características próprias de determinada categoria.

“via de mão dupla”: tanto esquemas mais abstratos instanciam novas construções quanto novas construções reorganizam esquemas. A esses movimentos da rede construcional Traugott e Trousdale (2013) denominam sentido *top down* ↓ e sentido *bottom up* ↑. O movimento descendente – *top down* ↓ – ocorre quando a analogização promove o surgimento de pareamentos dentro da rede. O movimento ascendente – *bottom up* ↑ – ocorre quando a convencionalização de padrões construcionais individuais afeta toda a rede.

A propriedade da esquematicidade está diretamente relacionada à noção de rede. Entende-se que construções estariam associadas em redes taxonômicas e que novas instanciações ocorreriam de maneira interligada. Traugott e Trousdale (2013) consideram, assim, que a rede construcional é composta por um conjunto de nós e de elos entre os nós que se estabelecem de maneira hierárquica e contínua na língua. Goldberg (1995) identifica quatro tipos de elos, ou *links* por herança, na rede construcional, os quais são denominados *link* por polissemia, *link* por expansão metafórica, *link* por subparte e *link* por instanciação:

Links por polissemia: “capturam a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão desse sentido” (GOLDBERG, 1995, p. 75, tradução nossa)²⁷

Links por extensão metafórica: “quando duas construções se relacionam por um mapeamento metafórico, *um link de extensão metafórica* ocorre entre elas. (GOLDBERG, 1995, p. 81, tradução nossa)²⁸

Links por subparte: “ocorrem quando uma construção é *uma subparte própria* de outra construção que existe independentemente”. (GOLDBERG, 1995, p. 78, tradução nossa)²⁹

Links por instanciação: “ocorrem quando uma determinada construção é um *caso especial* de outra construção; isto é, um *link* por instanciação existe entre construções se uma construção é uma versão mais especificamente completa da outra”. (GOLDBERG, 1995, p. 79, tradução nossa)³⁰

²⁷ Cf.: “*Polysemy links* capture the nature of the semantic relations between a particular sense of a construction and any extensions form this sense.”.

²⁸ Cf.: “*Metaphorical extension links*”. “When two constructions are found to be related by a metaphorical mapping, a *metaphorical extension link* is posited between them.”.

²⁹ Cf.: “A *subpart link* is posited when one construction is a *proper subpart* of another construction and exists independently.”.

³⁰ Cf.: “*Instance links* are posited when a particular construction is a *special case* of another construction; that is, an instance link exists between constructions if one construction is a more fully specified version of the other.”.

Sobre os *links* por herança propostos por Goldberg (1995), Sambrana (2017, p. 51) considera que sua captação auxilia “no entendimento da composição de formas e da extensibilidade do padrão construcional, bem como na compreensão das formas mais centrais na rede e da irradiação das características prototípicas de seus membros mais afastados”.

Traugott e Trousdale (2013) sistematizam a propriedade da esquematicidade em três níveis hierárquicos³¹, a saber, esquema, subesquema e microconstrução, que são níveis virtuais que demonstram os graus de generalidade e de especificidade das construções em uma rede construcional. A análise de cada um dos níveis, desse modo, nos leva à compreensão das similaridades e das diferenças entre microconstruções individuais e, até mesmo, da constituição da rede.

A respeito dos três níveis de esquematicidade, Traugott e Trousdale (2013, p. 51) afirmam o seguinte

Alguns nós na rede representam esquemas, outros, subesquemas, e outros, microconstruções. Portanto, um nó tem conteúdo de forma e sentido [...] e *links* possíveis em múltiplas direções diferentes, entre semântica, pragmática, função discursiva, sintaxe, morfologia e fonologia de qualquer nó. Cada nó é ligado de várias maneiras para outros nós em uma rede. (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 51, tradução nossa, destaque nosso)³²

De acordo com os autores, o esquema linguístico consiste na representação virtual mais alta da rede construcional e abarca grupos de construções formal e funcionalmente mais gerais e altamente abstratas, apresentando diversas possibilidades de preenchimento (*slots*). Os subesquemas são níveis intermediários – qualquer nível entre outros níveis – que agrupam conjuntos de construções

³¹ Diferentemente de Traugott (2008a, 2008b, 2011c) – que propôs quatro níveis hierárquicos, a saber, macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto, para a aferição da esquematicidade da rede construcional –, Traugott e Trousdale (2013) não consideram os construtos como sendo um nível esquemático ou virtual, haja vista que são ocorrências empiricamente atestadas no uso concreto da língua. Ainda, uma vez que nem sempre é possível realizar uma representação formal de um fenômeno linguístico, como é o caso dos quantificadores do inglês, Traugott e Trousdale (2013) optam pela denominação “esquema” e “subesquema” – em vez de “macroconstrução” e “mesoconstrução” – por entenderem que o esquema seria mais abstrato do que a macroconstrução, bem como o subesquema seria mais abstrato do que a mesoconstrução.

³² Cf.: “Some nodes in the network represent schemas, others subschemas, and others micro-construcional types. Therefore a node has form and meaning content (albeit of varying degrees of complexity and specificity – some may be under specified) and links are possible in multiple diferente directions between the semantics, pragmatics, discourse function, syntax, morphology, and phonology of any node. Each node is linked in various ways to other nodes in the network.”

individuais que possuem similaridades entre si. Já as microconstruções são construções individuais propriamente ditas, menos abstratas, que mantêm suas particularidades em relação ao pareamento forma-função, que se convencionalizam na língua nos níveis mais baixos da rede e que preenchem os *slots* dentro dos subesquemas (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Desse modo, a instanciação de novas construções tem início na necessidade de maior expressividade do falante no curso da interação comunicativa. Nesse contexto, os interlocutores negociam sentido, cabendo ao falante neoanalisar o novo pareamento forma-função, a partir de inferências sugeridas, e ao ouvinte interpretar a inovação, associando construto e rede construcional disponível. Uma vez que o novo uso se torna frequente entre os membros de uma comunidade linguística, um novo nó (ou *type*) é convencionalizado em uma microconstrução e adicionado à rede (MARTINS, 2013).

Logo, são o esquema, os subesquemas e as microconstruções os responsáveis, através do mecanismo da analogização, pela atração sintático-semântica, pela generalização, pelo novo alinhamento e pela negociação de sentido que promovem a instanciação de novas construções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

No que diz respeito à propriedade da produtividade, esta se refere ao grau de expansão ou de restrição de padrões construcionais já existentes para novas construções, isto é, à capacidade de uma rede abarcar novas construções, enquanto *types* já existentes se mantêm no esquema construcional – nesse sentido, a expansão inevitavelmente resulta em competição entre as construções em determinado contexto. A produtividade, desse modo, está relacionada à frequência *token* e à frequência *type* de determinada construção (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Bybee (2003, p. 604; 2007, p. 338, tradução nossa, destaque nosso) define a frequência *token* e a frequência *type* da seguinte maneira:

a) “frequência *token* é a frequência de ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, em um *corpus* de análise”,³³

³³ Cf.: “Token or text frequency is the frequency of occurrence of a unit, usually a word or morpheme, in running text [...]”.

b) “frequência *type* se refere à frequência, no dicionário, de um padrão particular”.³⁴

Traugott e Trousdale (2013) entendem, a partir de Bybee (2003, 2007), que a frequência *token* corresponde à extensibilidade de uso de determinado construto, isto é, ao número de vezes que um mesmo padrão construcional aparece no texto. No que tange à frequência *type*, esta, segundo os autores, diz respeito à extensibilidade de uso de construções de natureza relacional e esquemática, isto é, ao número de diferentes padrões construcionais que determinada construção mais esquemática apresenta.

Sendo assim, a aferição da frequência *token* e da frequência *type*, além de refletir a expansão ou a restrição de um determinado padrão, contribui para a identificação dos níveis esquemáticos. É nesse contexto que Traugott e Trousdale (2013) consideram que a produtividade está relacionada à instanciação e à convencionalização de novas construções na língua, bem como à extensão de padrões já existentes, a partir da frequência de uso ao longo do tempo, para novos *types*, que são incorporados à rede construcional. Himmelmann (2004) denomina *host-class expansion* a esse tipo de expansão.

Bybee (2003, 2010, 2011) ressalta que a repetição de pareamentos forma-função pela comunidade linguística afetaria as dimensões fonética, semântica e sintática de uma construção. Nesse sentido, construções frequentemente produzidas podem sofrer redução e fusão fonológicas, bem como podem ser interpretadas como uma só unidade construcional, ou *chunk*, tornando-se autônomas em relação a seus constituintes. Ainda, o aumento da frequência de uso fortalece as relações sequenciais dentro de um *chunk*, conduzindo ao *bleaching* semântico³⁵ do significado original e, ao mesmo tempo, a novas associações pragmáticas. Por fim, o uso de construções como uma unidade construcional pode levar à redução de sua estrutura interna.

³⁴ Cf.: “Type frequency refers to the dictionary frequency of a particular pattern [...]”.

³⁵ O *bleaching* semântico, que diz respeito à perda ou ao enfraquecimento da força semântica dos itens pela repetição (BYBEE, 2003; TRAUGOTT, 2008a, 2008b, 2010a), é acompanhado do fortalecimento pragmático-discursivo, haja vista que ocorre a expansão funcional de um novo uso para novos contextos, a partir de novas associações pragmáticas.

Outra característica da propriedade da produtividade é demonstrar quais construções na rede são mais ou menos prototípicas. Segundo Neves (2011 [2006], p. 22), uma construção prototípica é aquela que “ostenta o maior número de propriedades que bem caracterizam uma categoria”.

É nesse contexto que Bybee (2013) propõe que categorias exemplares, que são estruturadas a partir de diferentes critérios – fonéticos, semânticos, pragmáticos ou contextuais –, exibem efeitos de protótipo. De acordo com a autora, tais exemplares podem variar de força, dependendo do número de *tokens* que os compõem. Em outras palavras, as construções exemplares construídas a partir de um grande número de *tokens* serão representadas como sendo mais fortes do que aquelas que são construídas a partir de um número menor de *tokens*. A construção exemplar mais forte muitas vezes forma o centro de uma determinada categoria, de modo que outras construções podem ser mais ou menos parecidas com o exemplar (BYBEE, 2013).

Logo, a produtividade de uma construção está baseada nesses membros exemplares e prototípicos e está diretamente relacionada à propriedade da esquematicidade, visto que o aumento, ou não, da frequência de uso de determinado padrão construcional estaria relacionado ao grau de extensibilidade do esquema e dos subesquemas envolvidos no processo. Dito de outro modo, esquema e subesquema são considerados altamente produtivos quando expandem sua forma e sua função e sancionam um maior número de microconstruções gramaticalmente identificáveis (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Assim sendo, a frequência de uso, ou repetição, de construções na interação comunicativa constitui um mecanismo de mudança, assim como a neoanálise e a analogização, fundamental à incorporação de novas construções à gramática da língua. Destacamos, contudo, que, enquanto a neoanálise e a analogização pressupõem a interpretação do ouvinte, a repetição está relacionada à produção do falante (TRAUGOTT, 2011a, 2011c).

Por fim, quanto à propriedade da composicionalidade, esta diz respeito ao grau de transparência entre forma e função de uma construção, isto é, ao nível de (in)compatibilidade entre forma e função da construção-fonte e forma e função da construção-alvo. A composicionalidade é, nesse sentido, pensada em termos semânticos – que se referem à soma do significado das partes – e em termos

sintáticos – que se referem à integridade morfossintática das partes (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Segundo Traugott e Trousdale (2013), quando uma nova construção é [+composicional], no momento em que o falante produz uma sequência convencional do ponto de vista sintático, o ouvinte depreende o sentido de cada constituinte que forma o pareamento como um todo – configurando o processo denominado *match* ou correspondência. Por outro lado, quando uma nova construção é [-composicional], o falante produz uma sequência não convencional do ponto de vista da forma, resultando no não alinhamento entre as expectativas do locutor e do interlocutor no momento da interação comunicativa, de modo que o significado de cada constituinte da construção não corresponde ao sentido do todo – configurando o processo denominado *mismatch* ou divergência (TRAUGOTT, 2011c; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

É nesse contexto que os autores salientam que, para a criação de um novo nó na rede, o *mismatch* deve ser resolvido na interação, a partir da criação de um *link*, também pelo ouvinte, entre a inovação e um esquema pré-fixado. Em outras palavras, o ouvinte associa a inferência sugerida de um construto com a forma e a função de uma construção já existente na rede. À medida que esse ouvinte assume o papel de autor – ou falante – e reutiliza esse mesmo construto – que possui forma e função novas – e tal construção nova passa a ser replicada pela comunidade linguística, ocorre a convencionalização de um novo *type* na língua (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Embora o modelo teórico proposto por Traugott e Trousdale (2013), em sua obra *Constructionalization and Constructional Changes*, trate dos conceitos de construção, de rede, de motivações, de mecanismos e de propriedades construcionais adotados nesta tese, determinados pressupostos, conforme observamos na seção 1.1.2, trazem implicações significativas à análise por nós empreendida no Capítulo IV, fazendo-se necessários o refinamento de algumas definições de natureza teórica e a sua adequação ao estudo das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa.

1.2. O modelo de Traugott e Trousdale (2013): pressupostos e implicações

O modelo de Traugott & Trousdale (2013), (i) além de tratar da mudança linguística (ii) a partir da noção de rede taxonômica composta por níveis hierárquicos, (iii) compreende a mudança a partir das dimensões da construcionalização e da mudança construcional (iv) que ocorrem tanto na gramática quanto no léxico. A esse respeito, os autores consideram que

A contribuição central de uma perspectiva construcional, para se repensar o que já trabalhou previamente a respeito da mudança, consiste em um encorajamento teórico que nos faz tratar a mudança tanto na forma como no significado igualmente, assim como nos leva a considerar a instanciação [de redes construcionais] e as mudanças nas relações entre construções em uma rede. É por essa razão que nós advogamos a favor da noção de rede ao longo do livro (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 231, tradução nossa)³⁶.

Traugott e Trousdale (2013) denominam construcionalização o processo de mudança linguística que opera tanto no nível da gramática quanto no nível do léxico e que resulta na criação de um novo *type* e na adição desse novo nó à rede construcional da língua. A construcionalização envolve, desse modo, sucessões de neanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas, podendo ocorrer, também, mudanças fonológicas e discursivas, e o compartilhamento de tais neanálises pelos usuários da língua. Os autores assumem, ainda, que o fenômeno da construcionalização envolve mudanças nos graus de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, de modo que a compreensão de tais propriedades dá conta da noção de rede construcional (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Para Traugott e Trousdale (2013), as microconstruções criadas de maneira gradual na língua tendem a ser procedurais, enquanto as microconstruções criadas de maneira instantânea tendem a ser de conteúdo. É nesse âmbito que os autores diferenciam construcionalização gramatical e construcionalização lexical.

³⁶ Cf.: “The key contribution of a constructional perspective to rethinking earlier work on change is that the theoretical architecture encourages us to think about change in form and meaning equally, as well as the creation of and changes to links between constructions in a network. It is for this reason that we have invoked the notion of a language network throughout the book”.

A construcionalização gramatical, que requer mudanças construcionais prévias, ou seja, sequências de pequenos passos (*small-steps*) na forma e na função, tem como pressuposto o desenvolvimento gradual e discreto de uma construção de caráter mais procedural, envolvendo aumento em esquematicidade e em produtividade e decréscimo em composicionalidade (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

Já a construcionalização lexical refere-se ao desenvolvimento, geralmente, instantâneo de uma construção de caráter mais referencial, envolvendo decréscimo em composicionalidade e decréscimo ou aumento em esquematicidade e em produtividade (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

No que se refere às mudanças construcionais, estas são transformações que afetam subcomponentes de construções já existentes, não envolvendo a criação de um novo nó, ou novo pareamento forma-função, na rede. Tais mudanças, que também são graduais na língua e consistem em uma sucessão de neoanálises em pequenos passos, podem ocorrer na forma – fonética, morfologia ou sintaxe – ou na função – semântica, pragmática ou discurso –, isto é, em apenas uma contraparte da construção (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

As mudanças construcionais podem preceder ou suceder o processo de construcionalização. O processo em que mudanças construcionais ocorrem antes da construcionalização é denominado “pré-construcionalização” – o qual envolve, normalmente, expansão pragmática, semanticização, *mismatch* entre forma e função e algumas pequenas mudanças distribucionais. Já o processo em que mudanças construcionais seguem a construcionalização é denominado “pós-construcionalização”. A pós-construcionalização decorre de mudanças adicionais, tais como expansão colocacional (*host-class*) e mudança de categoria (HIMMELMANN, 2004), redução morfológica e fonológica devido à rotinização e à frequência *token* (BYBEE, 2010) e perda e obsolescência (TRAUGOTT, 2011c; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Embora o modelo de Traugott e Trousdale (2013) veicule pressupostos caros ao estudo empreendido nesta tese, uma limitação à análise das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa diz respeito ao conceito de construcionalização gramatical. Tal como concebida pelos autores, como uma mudança linguística processada em micropassos, a partir de uma

sucessão de neoanálises graduais e discretas, a construcionalização gramatical diz respeito à mudança linguística que ocorre através do tempo. Sendo assim, entende-se que a abordagem foi pensada para o estudo de fenômenos diacrônicos da língua, conforme também acreditam Rosário e Lopes (2017).

Nesta tese, todavia, defendemos (i) que a instanciação e a convencionalização da construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ na língua – de natureza procedural, uma vez que indexa o *posicionamento avaliativo do locutor* a partir da intensificação e da focalização – ocorreram mediante, principalmente, o mecanismo da analogização e (ii) que, mesmo configurando um fenômeno recente na língua – conforme demonstramos nos Capítulos III e IV –, trata-se da criação de um novo nó na rede construcional, ou seja, um novo pareamento forma-função que que pressupõe o mecanismo da neoanálise, embora não em pequenos passos.

Assim como assumimos neste trabalho, Rosário e Lopes (2017) também acreditam que o modelo teórico de Traugott e Trousdale (2013), embora tenha sido desenvolvido para o estudo da mudança linguística diacrônica que compreende dados da língua inglesa, seja capaz de dar conta das instancicações que estão ocorrendo na língua em tempo presente. Nesse sentido, Rosário e Lopes (2017) apontam algumas justificativas em defesa da construcionalização gramatical sincrônica.

A primeira justificativa dos autores é a de que a mudança linguística não consiste em um fenômeno exclusivamente diacrônico. Rosário e Lopes (2017) recorrem a Labov (2008) para verificar se o conceito de mudança no âmbito dos estudos sociolinguísticos admitiria o trabalho com a sincronia.

A respeito da mudança linguística, Labov (2008, p. 20-21 *apud* ROSÁRIO & LOPES, 2017, p. 2) afirma o seguinte:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 20-21 *apud* ROSÁRIO & LOPES, 2017, p. 2)

A partir desse excerto, os autores entendem que, quando Labov (2008) afirma que as pressões do contexto social operam continuamente sobre a língua, ele evidencia que a mudança linguística não diz respeito apenas a estudos diacrônicos (ROSÁRIO & LOPES, 2017). Logo, Rosário e Lopes (2017) concluem que a construcionalização também pode ser pensada em relação a fenômenos linguísticos sincrônicos.

Rosário e Lopes (2017) recorrem, também, ao estudo mais recente de Mendes (2017), em que o autor propõe que se desenvolvam instrumentos capazes de analisar mudanças que estão ocorrendo em tempo presente. A respeito das mudanças que estão em curso na língua, Mendes (2017, p. 106-107 *apud* ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2017, p. 3) considera o seguinte:

[...] mudanças devem estar ocorrendo ‘agora mesmo’, neste momento; podem não ser mudanças como aquelas que ocorreram séculos atrás (pois estamos em outro momento e lugar), mas, certamente, alguma mudança linguística deve estar em curso, já que a variação é fato inerente às línguas e não excepcional (MENDES, 2017, p. 106-107 *apud* ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2017, p. 3)

De acordo com Rosário e Lopes (2017), no excerto acima, o autor esclarece que as mudanças se processam continuamente e que seus reflexos são percebidos no estado atual da língua, assegurando, desse modo, o estatuto sincrônico da mudança (ROSÁRIO & LOPES, 2017).

A segunda justificativa de Rosário e Lopes (2017), para o fato de a perspectiva sincrônica ser coerente com os estudos sobre variação e, também, com os estudos sobre mudança, é a de que, na própria definição de língua de Traugott e Trousdale (2013, p. 44, tradução nossa), a partir de Bybee (2010, p. 1), há a afirmação de que a língua consiste em um “fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de modelos ao mesmo tempo em que há variação considerável em vários níveis”³⁷.

Rosário e Lopes (2017) consideram que a variação sincrônica de uma construção pode ser assegurada pelo *princípio da estratificação* de Hopper (1991), segundo o qual novas camadas estão sempre emergindo e coexistindo com outras

³⁷ Cf.: “As Bybee (2010: 1) says, language is ‘a phenomenon that exhibits apparent structure and regularity of patterning while at the same time showing considerable variation at all levels’”.

já estabelecidas na língua. A esse respeito, o autor afirma que “dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Enquanto isso acontece, camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer passando a coexistir e a interagir com as camadas mais novas” (HOPPER, 1991, p. 22, tradução nossa)³⁸.

A terceira justificativa de Rosário e Lopes (2017) é a de que Traugott e Trousdale (2013, p. 75)³⁹ consideram a correlação gradualidade e gradiência quando compreendem que as mudanças linguísticas “são manifestadas sincronicamente em uma pequena escala de variação e ‘gradiência’”. A gradualidade, por envolver uma sucessão de neoanálises em micropassos, constitui um conceito diacrônico; já a gradiência se manifesta na variação, consistindo em um conceito sincrônico. Sendo assim, Rosário e Lopes (2017) entendem que um modelo teórico desenvolvido para estudos diacrônicos poderia, sim, ser atrelado a pesquisas de fenômenos sincrônicos.

A quarta justificativa dos autores é a de que haveria uma correspondência entre construcionalização diacrônica e construcionalização sincrônica, assim como há um correlato entre gramaticalização e gramaticalidade. Rosário e Lopes (2017) se apoiam nos pressupostos de Hopper e Traugott (1997), para quem o percurso diacrônico da gramaticalização poderia ser concebido em termos de um *continuum* de gramaticalidade, e de Lehmann (1995 [1982]), que propõe seis critérios para a aferição do grau de gramaticalidade de um item, no âmbito dos estudos sincrônicos (escopo, conexidade, variabilidade sintagmática, integridade, paradigmaticidade e variabilidade paradigmática)⁴⁰.

É nesse contexto que Rosário e Lopes (2017) defendem que o modelo de Traugott e Trousdale (2013), que trata da construcionalização e das mudanças

³⁸ Cf.: “Layering: within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and Interact with the newer layers.”. [Tradução nossa].

³⁹ Cf.: “Synchronically it is manifest in small-scale variation and ‘gradience’.”. [Tradução nossa].

⁴⁰ Os seis parâmetros formais propostos por Lehmann (1995 [1982]) para a aferição de grau de gramaticalidade de um item, pensados no âmbito da abordagem da gramaticalização tradicional, se dividem nos eixos paradigmático e sintagmático. Para o eixo sintagmático, o autor propõe os parâmetros do *escopo*, da *conexidade* e da *variabilidade sintagmática*. Para o eixo paradigmático, os parâmetros propostos são o da *integridade*, o da *paradigmaticidade* e o da *variabilidade paradigmática*. Em virtude de o presente trabalho não se vincular à abordagem tradicional da gramaticalização, optamos por não nos aprofundarmos na descrição de tais parâmetros. No Capítulo II desta tese, discutimos os parâmetros do *escopo* e da *variabilidade sintagmática*. Para maiores detalhes, ver Lehmann (1995 [1982]).

construcionais, é capaz de abarcar diferentes tipos de mudança, podendo ser aplicado, dessa maneira, a trabalhos sincrônicos, associando, assim, a mudança linguística a uma perspectiva gradiente da gramática.

A quinta justificativa dos autores é a de que os próprios modelos de gramática de construções, que vêm sendo adotados no âmbito dos estudos em LFCU, foram pensados originalmente não “para o estudo da mudança linguística, mas, sim, para a representação do conhecimento linguístico na mente dos falantes” (ROSÁRIO & LOPES, 2017, p. 5), como é o caso da Gramática de Construções Radical de Croft (2001). Sendo assim, os autores entendem que os estudos em construcionalização podem voltar sua atenção para a primeira preocupação das gramáticas de construções – os dados sincrônicos.

É nesse contexto que entendemos e assumimos, nesta tese, que o modelo teórico proposto por Traugott e Trousdale (2013) nos fornece ferramentas para pensarmos não somente em micromudanças discretas e graduais, que ocorrem ao longo do tempo na língua, mas, também, na extensibilidade de padrões a partir de exemplos – mediante o mecanismo da analogização – e na maneira como mudanças específicas em microconstruções individuais articulam esquemas gerais, ao mesmo tempo em que são por eles afetadas.

No presente trabalho, portanto, demonstramos que as construções avaliativas analisadas, que têm sentido mais procedural do que referencial, se enquadram, sim, no escopo da mudança no nível da gramática, uma vez que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” tiveram seus usos expandidos, em diferentes contextos, para cumprirem propósitos comunicativos específicos. Todavia, uma vez que o termo “construcionalização” diz respeito a micromudanças graduais e discretas na forma e na função de uma construção no modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), optamos, nesta tese, pelo uso do termo “construcionalidade”, devido ao fato de estarmos lidando com uma mudança que está em curso na gramática sincrônica da língua.

O ajuste do conceito, nesta tese, deve-se à escolha do nosso objeto de investigação. Essa é uma consequência de estarmos lidando com dados reais de uso da língua portuguesa e de estarmos colocando a teoria em prática, isto é, partindo dos dados. Em outras palavras, acreditamos ser possível atestar a dinamicidade da língua mesmo na sincronia, uma vez que os padrões construcionais

sincrônicos refletem, além da trajetória semântico-sintática da construção ao longo do tempo, o mecanismo da analogização.

Ainda, embora a neoanálise seja descrita por Traugott & Trousdale (2013) como um mecanismo de mudança gradual, discreto e em micropassos, os próprios autores consideram que toda analogização é uma neoanálise, já que há a reconfiguração na forma e na função de uma construção. Sendo assim, uma mudança linguística, via mecanismo da analogização, também consiste em uma análise nova quando um novo nó, isto é, uma nova construção é adicionada à rede, mesmo que de maneira mais instantânea, conforme demonstramos ocorrer com as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no Capítulo IV.

1.3. Conclusões

Neste capítulo, apresentamos, de modo breve e pontual, alguns dos principais pressupostos da LFCU, abordagem em que se fundamenta a análise empreendida no Capítulo IV desta tese.

Partindo da premissa de que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” desenvolveram, ao longo do tempo, sentidos avaliativos, de maneira a indexar o posicionamento do locutor por meio da intensificação e da focalização, nosso objetivo mais específico nesta tese é descrever os pareamentos forma-função que associam tais construções avaliativas por suas similaridades, assim como as individualizam por suas particularidades. Nesse sentido, a principal contribuição da abordagem da LFCU à nossa pesquisa é a possibilidade de pensarmos a instanciação e a convencionalização de padrões gramaticalmente identificáveis a partir do estabelecimento de uma rede construcional.

A abordagem da LFCU nos permite, ainda, compreender as três propriedades fundamentais e basilares à organização das construções em uma rede taxonômica, quais sejam as propriedades da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade.

A propriedade da esquematicidade nos auxilia na sistematização das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” a partir dos três níveis

esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução. Consequentemente, a descrição de cada nível nos conduzirá à proposição de uma rede construcional.

Já a propriedade da produtividade nos permite atestar que o aumento da frequência de uso dos construtos (*tokens*) e dos tipos de construções (*types*) leva à verificação do quão produtivos são, além da construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, determinados subesquemas e microconstruções, que servem como exemplares para a instanciação de novos pareamentos.

Por fim, o decréscimo do grau de transparência entre forma e função das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” é demonstrado neste trabalho com base na propriedade da composicionalidade, proposta por Traugott e Trousdale (2013). Dessa maneira, nossos dados ratificam a concepção dos autores de que o processo de construcionalização pressupõe a resolução do *mismatch* no curso da interação comunicativa, quando, mesmo diante de um construto cujos significados das partes não correspondem ao significado do todo, há o alinhamento entre as expectativas do locutor e do interlocutor.

É nesse contexto que assumimos a perspectiva da construcionalização gramatical proposta por Traugott e Trousdale (2013), embora sob a nomenclatura “construcionalidade”, uma vez que estamos lidando com um fenômeno sincrônico em curso na língua. Defendemos, neste estudo, que o modelo elaborado pelos autores é capaz de dar conta da investigação das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, as quais surgem na língua via analogização e cujos padrões construcionais refletem a dinamicidade da língua.

É, portanto, com base na fundamentação teórica apresentada neste capítulo que demonstramos, no Capítulo IV desta tese, que a instanciação e a convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa conjectura aumento em esquematicidade e em produtividade e decréscimo em composicionalidade.

CAPÍTULO II

O GRAU SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS: uma revisão bibliográfica

Este capítulo tem por objetivo referenciar os principais trabalhos que tratam do grau, de um modo geral, e de construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” – tanto em seu *status* prefixal quanto em seu uso, por nós denominado nesta tese, avaliativo.

Dessa maneira, iniciamos nossa revisão bibliográfica, na seção 2.1, a partir de estudos realizados no âmbito da tradição gramatical (CUNHA & CINTRA, 2007; BECHARA, 2009) e de outras abordagens linguísticas (BASÍLIO, 2007, 2013; BASÍLIO & BEZERRA, 2014; SOUSA, 2008) que investigam o grau de maneira ampla. Nesse contexto, apresentamos as descrições do grau realizadas pelos autores, normalmente aliadas à prescrição normativa para a codificação dos padrões cultos da língua, discutimos a ausência de consenso entre os estudiosos no que tange ao processo que envolveria a formação do grau – se flexão, se derivação, se processo sintático – e tratamos da distinção entre as funções expressiva e denotativa do grau.

Na seção 2.2, realizamos uma revisão do trabalho de Silva (2014) acerca do grau sob a perspectiva da LFCU, considerando, ainda, importantes apontamentos do autor em trabalhos que tratam, especificamente, da análise da intensificação (SILVA, 2000, 2006, 2008a, 2008b). Nesse sentido, enfatizamos suas valiosas contribuições no que se refere à análise do grau a partir de uma abordagem holística do fenômeno.

Por fim, na seção 2.3, tratamos de estudos específicos das construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, dentre outras, tanto em seu estatuto prefixal quanto em seu estatuto avaliativo. Nesse contexto, revisitamos trabalhos que investigam tais objetos sob abordagens teóricas diversas, tais como o de Rodrigues (2015) – a

partir da abordagem da Gramática de Construções Cognitiva, em diálogo com a Semântica de *Frames* –, o de Lopes (2000) – mediante a abordagem da Análise do Discurso –, o de Cavalcanti (1980) – a partir da abordagem gerativista –, os de Silva (2001, 2015) – sob a ótica funcionalista e a partir da abordagem da degramaticalização, respectivamente –, o de Ribeiro (2006) – a partir da Teoria Lexical –, o de Goulart (2011) – sob o ponto de vista da gramaticalização – e o de Bertagnoli (2014) – sob a ótica da lexicologia.

Nesse sentido, pontuamos contribuições e limitações dos estudos já realizados no que se refere à análise empreendida nesta tese acerca da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa, bem como demonstramos em que aspectos nosso trabalho avança em relação aos demais.

Por fim, na seção final deste capítulo (2.4), apresentamos nossas considerações acerca da revisão bibliográfica realizada.

2.1. Abordagem gramatical do grau: questões gerais

No âmbito dos estudos linguísticos, pode-se verificar que são poucos os trabalhos que se dedicam, ou já se dedicaram, especialmente, à investigação de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa. Os poucos estudos já realizados se justificam devido à crescente frequência e produtividade de tais construções somente na atualidade. Por isso, tomamos como referências, nesta seção, trabalhos que tratam do estudo do grau de uma maneira mais ampla – os quais foram selecionados devido às suas contribuições relativas à presente tese, bem como às suas eventuais limitações relativas à análise por nós empreendida. Recorreremos, desse modo, (a) na tradição gramatical, aos autores Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009) e, (b) em abordagens linguísticas distintas, aos autores Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014) e Sousa (2008).

No âmbito da tradição gramatical, Cunha e Cintra (2007) – em *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* – tratam de construções de grau em subseções destinadas ao estudo da flexão dos substantivos e dos adjetivos. No que

diz respeito ao grau do advérbio, este tem recebido um tratamento diferente dos demais, uma vez que o advérbio, por ser entendido como uma classe cujas palavras são invariáveis, não pode ser considerado um caso de flexão⁴¹.

Nesse contexto, Cunha e Cintra (2007) destacam que o grau dos adjetivos pode ser expresso através de processos morfológicos e sintáticos e ponderam que, para que haja comparativo e superlativo, é indispensável que o sentido do adjetivo admita variação.

Conforme explicam os autores, o grau comparativo pode indicar, por meio de um processo sintático, que determinado ser possui uma qualidade em grau superior (“Pedro é **mais estudioso do que** Paulo”), em grau igual (“Álvaro é **tão estudioso como [ou quanto]** Pedro”) ou em grau inferior (“Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro”) em relação a outro ser (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 254).

O comparativo pode indicar, ainda, que, em um mesmo ser, determinada qualidade é superior (“Paulo é **mais inteligente que** estudioso”), igual (“Pedro é **tão inteligente quanto** estudioso”) ou inferior (“Álvaro é **menos inteligente do que** estudioso”) a outra qualidade que este ser também possui (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 254).

Quanto ao grau superlativo, este pode exprimir, também por meio de uma estrutura sintática, que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em maior (“Carlos é **o** aluno **mais estudioso** do colégio”) ou menor (“João é **o** aluno **menos estudioso do** colégio”) grau em relação aos demais – o denominado superlativo relativo (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 255).

Além de exprimir superioridade e inferioridade, de acordo com Cunha e Cintra (2007), o superlativo relativo pode também indexar os limites da possibilidade, a partir da posposição da palavra “possível” ou de uma expressão ou oração de sentido equivalente, como ocorre em “O arraial era **o mais monótono possível**” (Guimarães Rosa, S, 264 *apud* CUNHA & CINTRA, 2007, p. 259).

No que diz respeito ao grau superlativo, este pode, ainda, indicar que um ser apresenta, em grau elevado, determinada qualidade – o denominado superlativo absoluto (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 255), conforme observamos em:

⁴¹ O grau do advérbio, desse modo, é tratado, por Cunha e Cintra (2007), em uma seção denominada *Gradação dos advérbios*.

- (5) a. Pedro é **inteligentíssimo**.
b. Pedro é **muito inteligente**.

O grau superlativo absoluto dos adjetivos pode, dessa maneira, ser subdividido em duas categorias formais: (a) a sintética, quando o grau é expresso por uma só palavra – por exemplo, na formação adjetivo mais sufixo, como ocorre em “inteligentíssimo”, “amicíssimo”, “estudiosíssimo” e “tristíssimo”; e (b) a analítica, quando o grau é formado, por exemplo, por um adjetivo e, geralmente, por um advérbio que indica intensidade, como em “muito inteligente”, “muito estudioso”, “imensamente triste” e “grandemente prejudicial” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 255-256).

Quanto ao superlativo absoluto sintético, este pode ser formado pelo acréscimo, ao adjetivo, dos sufixos “-íssimo” (como em “belíssimo” e “originalíssimo”), “-imo” (como em “humílimo”) ou “-rimo” (como em “paupérrimo”) ou, ainda, pelo acréscimo de um “prefixo”⁴² como “hiper-”, “super-” e “ultra-”, conforme observa-se em “hipersensível”, “superexaltado” e “ultrarrápido” (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 256-258). Bechara (2009) nos chama a atenção para o fato de a forma sintética do superlativo absoluto ser mais enfática ou dizer mais, semanticamente, do que a forma analítica do superlativo absoluto.

No que tange ao grau superlativo absoluto, segundo Basílio (2013, p. 73), este indexa o grau elevado de uma qualidade considerada, culturalmente, como sendo a padrão, conforme demonstrado nos exemplos seguintes:

- (6) a. João é inteligente.
b. João é **muito inteligente**.
c. João é **inteligentíssimo**.
- (7) a. Maria é pobre.
b. Maria é **muito pobre**.
c. Maria é **paupérrima**.

⁴² Utilizamos, aqui, a palavra “prefixo” entre aspas porque entendemos que, embora esta seja a denominação utilizada pelos autores, tais construções com “hiper”, “super” e “ultra” (“hipersensível”, “superexaltado” e “ultrarrápido”), a depender do contexto de uso, podem configurar o que denominamos nesta tese construções avaliativas.

De acordo com a autora, nos exemplos (6c) e (7c), os adjetivos no grau superlativo “inteligentíssimo” e “paupérrima”, respectivamente, teriam por função exprimir uma inteligência e uma pobreza em um nível acima do que, culturalmente, seria considerado o padrão normal. Desse modo, dizer que “João é **inteligentíssimo**” e que “Maria é **paupérrima**” é mais enfático ou expressivo do que dizer somente que “João é **muito inteligente**”, como em (6b), e que “Maria é **muito pobre**”, como em (7b).

Assim como acreditam Cunha e Cintra (2007), para Basílio (2013, p. 73), o grau elevado da qualidade expressa pelo adjetivo também pode ser veiculado por “prefixos”⁴³ como “super-”, “hiper-” e “ultra-”:

(8) João é **ultrainteligente** e **hiperestudioso**.

(9) Maria é **supercompetente** e **hiperesforçada**.

Acerca do grau superlativo formado com “super”, de acordo com Basílio (2007), este passa da acepção de grande intensidade à noção de intensificação positiva. É nesse contexto que a autora defende que o grau superlativo formado com “super”, via de regra, não funciona com bases de valor negativo, como podemos observar em “superriqueza/*superpobreza”; “superinteligente/*superburro”; “supereficiente/*superdeficiente” (BASÍLIO, 2007, p. 93).

Cunha e Cintra (2007, p. 258-259) apresentam, ainda, outras possibilidades de formação do superlativo do adjetivo em sua gramática, tais como a repetição do próprio adjetivo, a comparação breve, as expressões fixas, como “podre de rico” e “de mão cheia”, e o artigo definido marcado por uma tonicidade e uma duração particular⁴⁴.

Bechara (2009) encontra-se em consonância com Cunha e Cintra (2007) quando afirma que o grau do adjetivo pode ser comparativo ou superlativo. O autor acrescenta, ainda, entre estes, o grau por ele denominado positivo, que não seria, a

⁴³ A palavra “prefixo” também foi utilizada aqui entre aspas porque, diferentemente de Basílio (2013), entendemos tais construções com “super”, “hiper” e “ultra” (“supercompetente”, “hiperesforçada”, “hiperestudioso” e “ultrainteligente”) como sendo avaliativas, e não prefixais.

⁴⁴ Para maiores esclarecimentos a respeito de outras diferentes possibilidades de formação do superlativo do adjetivo, ver Cunha e Cintra (2007, p.258-259).

rigor, uma gradação, mas somente a atribuição de uma qualidade, como observamos em “O rapaz é **cuidadoso**” (BECHARA, 2009, p. 148).

Cunha e Cintra (2007) tratam, na sequência, do grau dos advérbios, que, assim como os adjetivos, são suscetíveis aos graus comparativo e superlativo.

O grau comparativo do advérbio pode exprimir superioridade (“O filho andava **mais depressa que** [ou **do que**] o pai”), igualdade (“O filho andava **tão depressa como** [ou **quanto**] o pai”) e inferioridade (“O pai andava **menos depressa do que** [ou **que**] o filho”) (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 548).

No que se refere ao superlativo relativo, que denota os limites da possibilidade, segundo Cunha e Cintra (2007), este é formado a partir da anteposição de “o mais” ou “o menos” ao advérbio e da posposição da palavra “possível”, ou de uma expressão ou oração de sentido equivalente a esse mesmo advérbio, conforme observamos em “O administrador ia **o mais depressa possível**” (Castro Soromenho, *TM*, 181 *apud* CUNHA & CINTRA, 2007, p. 550).

E, assim como ocorre com o adjetivo, o superlativo absoluto do advérbio pode ser (a) sintético, cuja formação se dá pelo acréscimo de um sufixo – como em “muitíssimo” e “pouquíssimo” –, ou (b) analítico, cuja formação se dá com a presença de outro advérbio que indica intensidade, como em: “– Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo – repreendeu Elmira.” (T. Martins, *VVT*, 78 *apud* CUNHA & CINTRA, 2007, p. 549)

Outras possibilidades apresentadas pelos autores para a formação do superlativo do advérbio são o uso da repetição e, na linguagem coloquial, o uso do advérbio em sua forma diminutiva (CUNHA & CINTRA, 2007)⁴⁵.

Bechara (2009, p. 295) acrescenta, ainda, que o valor superlativo do advérbio pode ser expresso pela forma diminutiva, como acontece em “Andar **devagarinho**”. O autor também pondera que o diminutivo nas estruturas de recomendação não indica mais lentidão ou mais ligeireza da realização da ação, mas, sim, serve para expressar ou ressaltar uma recomendação, como ocorre em “Vá **depressinha** apanhar o meu chapéu.” (BECHARA, 2009, p. 296).

⁴⁵ Para maiores esclarecimentos a respeito de outras diferentes possibilidades de formação do superlativo do advérbio, ver Cunha e Cintra (2007, p.551).

De acordo com Cunha e Cintra (2007), embora, via de regra, a flexão de grau seja pertinente aos adjetivos, em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante, também, NGB) e com a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, admite-se a existência da flexão de três graus, também, para o substantivo: normal (“chapéu” e “boca”), aumentativo (“chapelão” e “bocarra”) e diminutivo (“chapeuzinho” e “boquinha”).

O grau aumentativo do substantivo, segundo os autores, expressaria um significado exagerado ou intensificado, como ocorre em “chapelão” e “bocarra” e em “chapéu grande” e “boca grande”. Já o grau diminutivo apresentaria um significado atenuado ou valorizado afetivamente, como verificamos em “chapeuzinho” e “boquinha” e em “chapéu pequeno” e “boca minúscula”. (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 198)

No que concerne ao diminutivo e ao aumentativo, que indicam uma dimensão menor ou maior em relação àquilo que é considerado, implicitamente, como sendo um padrão normal, de acordo com Basílio (2007), estes também expressam uma emoção do falante em relação ao tamanho do objeto por eles dimensionados. Para a autora, o tamanho pode expresso “de um modo mais subjetivo por meio do diminutivo e do aumentativo” (BASÍLIO, 2007, p. 89), como observamos em:

- (10) a. João comprou um **apartamento grande**.
b. João comprou um **apartamentão**.
- (11) a. Consegui comprar vinte **bonecas pequenas**.
b. Consegui comprar vinte **bonequinhas**.

De acordo com Basílio (2007), há uma expressão mais subjetiva do falante em relação aos tamanhos do “apartamento” e das “bonecas” nos exemplos (10b) e (11b), a qual é alcançada, respectivamente, através do uso do aumentativo e do diminutivo “apartamentão” e “bonequinhas”, do que em (10a) e em (11a), mediante o uso dos adjetivos “grande” e “pequenas”.

Conforme mencionado por Cunha e Cintra (2007), o grau dos substantivos também pode ser realizado por meio de dois processos distintos: (a) sintético, por acréscimo de um sufixo a um substantivo, como em “chape-l-ão” e “boc-arra” e em “chapéu-zinho” e “boqu-inha”, ou (b) analítico, como em “chapéu grande” e “boca

grande” e em “chapéu pequeno” e “boca minúscula”. (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 198)

Cunha e Cintra (2007, p. 198) ponderam que o que denominamos aumentativo e diminutivo nem sempre indica aumento e diminuição de tamanho. Por exemplo, os sufixos aumentativos podem exprimir noções pejorativas de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível, como são os casos de “narigão”, “beijorra”, “pratalhaz” ou “pratarraz”, “atrevidaço”, “porcalhão”, entre outros. Por outro lado, os diminutivos exprimem o que se sente, ou seja, o que comove ou impressiona, como carinho, saudade, desejo, prazer, troça, desprezo ou ofensa.

Basílio (2013, p. 68), com outras palavras, considera que o grau aumentativo pode apresentar uma noção mais abrangente, “estendendo-se também a outras dimensões, como a excelência e a intensidade”. Observemos os exemplos a seguir:

- (12) a. João comprou um **apartamentão**.
- b. João comprou um **apartamento grande**.
- c. João comprou um **apartamento muito bom**.

Basílio (2013, p. 68) destaca que, em (12a), a palavra “apartamentão” exprime uma impressão subjetiva do falante, que pode ser interpretada em termos de dimensão e excelência – dizer que “João comprou um apartamentão” pode significar que “João comprou um apartamento grande”, em (12b), e que “João comprou um apartamento muito bom”, em (12c).

As marcas de dimensão – e de excelência e intensidade – com formação morfológica, segundo a autora, também derivam da expressão positiva da atitude subjetiva do falante. O aumentativo, por exemplo, seria utilizado para indicar uma qualidade especialmente positiva, como são os casos de “apartamentão/apartamentoço” e “carrão/carraço” (BASÍLIO, 2007, p. 93). Para Basílio (2007, p. 93), a qualidade positiva do substantivo pode ser expressa, ainda, pela formação do grau através do “prefixo” “super-”: “superescola”, “superluxo” e “supertroça”.

Sobre a semântica dos substantivos aumentativos e dos substantivos diminutivos, Bechara (2009) reforça que estes podem exprimir, também, desprezo, crítica e pouco caso. Tal fato ocorreria em função de sua significação lexical de

base, adicionada a uma entonação especial de crítica, de euforia, de admiração, de lamentação ou outra, e do contexto enunciativo que envolve locutor e interlocutor. Assim, surgiriam, portanto, construções como “poetastro”, “livreco”, “padreco”, “coisinha” e “issozinho”. De acordo com o autor, a noção de pequenez se associaria facilmente, ainda, à ideia de carinho que transparece nas formas diminutivas das bases lexicais: “paizinho”, “mãezinha” e “queridinha” (BECHARA, 2009, p. 141).

Embora Bechara (2009) concorde com Cunha e Cintra (2007) quanto à existência do grau do adjetivo – por meio da comparação e da superlativização – e do grau do substantivo – que pode apresentar significação aumentada ou diminuída a partir do acréscimo de um sufixo –, o autor não trata o grau como sendo um caso de flexão.

De acordo com Bechara (2009), o fato de a gradação do substantivo, por exemplo, poder se realizar mediante processos distintos – sintético (“homenzarrão” e “homenzinho”) e analítico (“homem grande”, “homem enorme” e “homem pequeno”) – constitui uma forte evidência de que os substantivos aumentativos e diminutivos são formados a partir de um processo de derivação (BECHARA, 2009, p. 140).

Segundo Sousa (2008), as concepções gramaticais acerca do processo de formação de grau – como as que observamos em Cunha e Cintra (2007) –, são influenciadas, muito provavelmente, pelo modo de ver greco-latino (ou das gramáticas clássicas), em que o grau constituiria um paradigma suficientemente sólido para constituir flexão. Entretanto, em língua portuguesa, isso não ocorre. Para Sousa (2008), apoiando-se nas propostas, principalmente, de Câmara Jr. (1976, 1987), denominar “flexão de grau” a formação de novos vocábulos – como substantivos e adjetivos –, a partir do acréscimo de sufixo, por exemplo, é uma definição equivocada fornecida pela Gramática Tradicional.

Também Basílio (2013) e Basílio e Bezerra (2014) esclarecem que, por influência da gramática clássica – segundo a qual o grau seria uma categoria gramatical que expressaria um sentido acidental –, o grau morfológico é considerado um caso de flexão pela NGB. Para as abordagens tradicionais, em outras palavras, expressar dimensão ou intensidade significa avaliar implícita ou explicitamente o significado de um substantivo e de um adjetivo. Tal avaliação é entendida como sendo uma atribuição acidental à substância do termo modificado.

De acordo com Sousa (2008) e Câmara Jr. (1987), a principal diferença entre derivação e flexão reside no fato de que a derivação não constitui um processo obrigatório e sistemático para o léxico da língua. A flexão, por outro lado, é obrigatória e sistemática, sendo imposta pela própria natureza da sentença.

Por exemplo, de acordo com Sousa (2008), o falante não escolhe se o substantivo deve estar no singular ou no plural ou se o verbo deve estar no futuro do presente ou em outro tempo verbal⁴⁶. É a natureza da oração que determina tal uso. Por outro lado, o autor acrescenta que, assim como não há aumentativos e diminutivos para todos os substantivos, alguns substantivos possuem mais de uma forma para aumentativos e diminutivos, de modo que é o falante quem escolhe qual forma utilizar em determinado contexto – manifestando uma escolha. Esse seria, nesse sentido, um argumento do autor contra a possibilidade de ser chamada de flexão a formação do grau por prefixos e sufixos.

Ainda, segundo Sousa (2008), outro problema que se coloca quando se postula o grau como um caso de flexão é o seguinte: como se pode falar em flexão dos advérbios, haja vista que esses elementos são entendidos como sendo palavras invariáveis? Entretanto, os advérbios indexam grau comparativo e superlativo.

Portanto, para Sousa (2008, p. 156), a partir de Câmara Jr. (1876, 1987), o grau não constitui um processo flexional porque não é parte obrigatória da estrutura gramatical da língua, em uma relação sintática com os outros constituintes da sentença, e porque pode ser ou não utilizado pelo falante, constituindo um recurso da língua.

É nesse contexto que Bechara (2009) afirma que o grau

[...] não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem as gramáticas de outras línguas românicas. [...] A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como era em latim, e por sufixos derivacionais. (BECHARA, 2009, p. 145)

Se, de acordo com o excerto de Bechara (2009, p. 145), o grau do substantivo e do adjetivo se manifestaria por, além de derivação sufixal, procedimentos sintáticos (e não morfológicos), o que dizer (i) das palavras “hipersensível”,

⁴⁶ O autor não trata, nesse momento, das questões relativas à variação linguística.

“superexaltado” e “ultrarrápido”, consideradas por Cunha e Cintra (2007, p. 258) como sendo adjetivos de grau superlativo absoluto formados por prefixo, (ii) das palavras “supercompetente”, “hiperesforçada”, “hiperestudioso” e “ultrainteligente”, também consideradas adjetivos de grau superlativo absoluto formados por prefixo por Basílio (2013, p. 73), e (iii) das palavras “superescola”, “superluxo” e “supertroca”, consideradas substantivos formados por prefixos que denotam excelência por Basílio (2007, p. 93)?

Na presente tese, assumimos que tais construções, por nós denominadas construções avaliativas, teriam surgido na língua, principalmente, a partir do mecanismo da analogização com o esquema construcional já fixado {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]} – que tem como principal representante o advérbio de intensidade canônico “muito” anteposto a adjetivo ou a advérbio –, conforme demonstramos no Capítulo IV. Desse modo, discordamos de Cunha e Cintra (2007) e de Basílio (2007, 2013) no que tange à formação do grau de adjetivos e de substantivos por meio de derivação prefixal com “hiper-”, “super-” e “ultra-”. Por outro lado, defendemos, a partir do postulado de Bechara (2009), um processo sintático para a atribuição de grau em construções como as supracitadas.

No âmbito da Teoria Lexical, Basílio (2007, 2013), mesmo defendendo um processo de derivação prefixal para construções de grau com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, traz importante contribuição ao tratamento que damos a nossos objetos de investigação na presente tese. Quando a autora postula que palavras como “supercompetente”, “hiperesforçada”, “hiperestudioso”, “ultrainteligente” (BASÍLIO, 2013, p. 73), “superescola”, “superluxo”, “supertroca” e “superinteligente” (BASÍLIO, 2007, p. 93) seriam exemplos de uma indexação de grau expressivo, enquanto palavras como “macroestrutura”, “macroeconomia”, “macrotexto” (BASÍLIO, 2013, p. 69), “hipercorreção” e “hipermercado” (BASÍLIO, 2013, p. 73) seriam exemplos da função denotativa do grau⁴⁷, ela – em certa medida – contribui para a distinção entre construções prefixais e construções por nós denominadas avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

⁴⁷ Embora reconheçamos a grande contribuição de Basílio (2013) como sendo a distinção entre função expressiva e função denotativa do grau, nem sempre concordamos com as categorizações por ela realizadas. Por exemplo, não concordamos quando Basílio (2013, p. 69) propõe que as palavras “megainvestidor”, “megaespeculador” e “megacorrupção” seriam exemplos de linguagem expressiva, uma vez que, a depender do contexto, poderíamos estar diante de um caso de função denotativa da linguagem.

Enquanto a função expressiva é de caráter subjetivo, isto é, diz respeito à expressão linguística do mundo interior do locutor, do seu estado de consciência e do seu juízo de valor, a função denotativa refere-se à expressão linguística da realidade, dos dados concretos, dos fatos e das circunstâncias (BASÍLIO, 2007, 2013).

É nesse contexto que, embora Basílio (2007, 2013) utilize como exemplos, em muitos momentos, palavras descontextualizadas, dificultando sua interpretação como um uso expressivo ou denotativo de linguagem, pode-se dizer que a autora – de certa forma e sem pretensão – contribui para o entendimento das construções prefixais com “super-”, “mega-”, “hiper-” e “ultra-” como sendo de sentido denotativo e das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” como sendo de sentido expressivo e formadas mediante um processo sintático.

É com base nos pressupostos, principalmente, de Bechara (2009) e de Basílio (2007, 2013), portanto, que definimos, compreendemos e recortamos nossos objetos de investigação nesta tese. A análise empreendida neste trabalho tem como escopo as construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” que, além de indexarem um grau expressivo, veiculam intensidade e focalização, via, sobretudo, mecanismo da analogização – conforme demonstramos no Capítulo IV.

Do ponto de vista formal, contribuições também podem ser pontuadas da revisão dos trabalhos de Cunha e Cintra (2007) e de Bechara (2009). Os estudos dos autores nos fornecem pistas acerca da caracterização das estruturas morfológica e sintática que formam o grau de substantivos, de adjetivos e de advérbios. Todavia, ambos os trabalhos apresentam limitações no que tange ao tratamento do grau, as quais se justificam devido à natureza de seus estudos – trata-se de gramáticas normativas do português contemporâneo, que têm por objetivo prescrever uma regra gramatical, determinando o que deve ser usado na língua e como deve ser usado, não considerando, de fato, a língua em uso.

Sendo assim, as limitações que apontamos aqui são as seguintes: (a) Cunha e Cintra (2007) consideram que o grau morfológico seria um caso de flexão dos adjetivos e dos substantivos, o que resulta em um tratamento diferente para os advérbios; (b) Bechara (2009) assume que o grau dos adjetivos e dos substantivos é formado por derivação sufixal ou por processo sintático, mas não fornece explicação para construções subjetivas de grau compostas por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”;

(c) Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009), embora mencionem que o grau possa ser realizado através de processos sintáticos, além da apresentação de poucos exemplos, não nos oferecem nenhuma discussão mais detalhada a esse respeito; (d) Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009), embora tenham considerações relacionadas à semântica de determinadas formações de grau, ainda adotam um viés muito mais formalista – semântica, pragmática e discurso não são abordados em seus estudos de modo efetivo⁴⁸.

Dos estudos de Basílio (2007, 2013), entendemos que a principal contribuição à presente tese diz respeito à distinção entre as funções expressiva e denotativa do grau. Bem como já apontado anteriormente, a partir da diferenciação que fazem entre usos denotativos e usos expressivos do grau, os estudos da autora contribuem para a diferenciação entre construções prefixais e construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa.

No entanto, os estudos de Basílio (2007, 2013) também apresentam limitações à análise empreendida nesta tese: (a) a autora defende que a expressão do grau constitui um caso de derivação; desse modo, ela analisa tal fenômeno linguístico sobretudo no nível morfológico; (b) embora a autora avance em considerações que dizem respeito à função do grau, seus estudos são, ainda, descontextualizados, não tratando, de fato, de questões semânticas, pragmáticas e textuais, o que, diversas vezes, dificulta a interpretação de exemplos ditos expressivos e/ou denotativos.

Sendo assim, como visto nos estudos até aqui referenciados – Cunha e Cintra (2007), Sousa (2008), Bechara (2009), Basílio (2007, 2013) e Basílio e Bezerra (2014) –, realizados mediante diferentes perspectivas linguísticas, não há um consenso, nem mesmo entre os próprios autores, acerca do processo que envolveria a formação do grau: se flexão, se derivação, se processo sintático. O grau é tratado por Cunha e Cintra (2007) como sendo um caso de flexão dos substantivos e dos adjetivos – assim como o gênero e o número –, mas como sendo, também, um processo sintático. Por outro lado, Sousa (2008), Basílio (2007,

⁴⁸ Visando a uma análise mais descritiva da expressão do grau, com exemplos reais de uso da língua, recorremos aos trabalhos de Neves (2000) e de Castilho (2010) – que são gramáticas descritivas do português brasileiro. No entanto, não obtivemos sucesso em nossa consulta. Nada foi encontrado no que diz respeito ao tratamento específico das construções de grau.

2013) e Basílio e Bezerra (2014) defendem o processo de derivação para a formação do grau, fato que se justifica devido ao tratamento dado a tal fenômeno linguístico, em seus estudos, a partir de uma perspectiva morfológica. Já Bechara (2009) assume que o grau se manifestaria na língua mediante a derivação sufixal e processos sintáticos. Ainda, o que pudemos observar foi que a maioria dos trabalhos pesquisados limita-se à descrição semântico-estrutural do grau desvinculada de seu uso efetivo na interação comunicativa. E tal descrição apresenta-se aliada à prescrição normativa para a codificação do grau nos padrões cultos da língua. Desse modo, o efetivo estudo do grau tem sido relegado a um segundo plano, como parte do estudo de aspectos, sobretudo, estruturais de substantivos, de adjetivos e, às vezes, de advérbios, de modo bastante idealizado.

Portanto, são, entre outros fatores, as contribuições e as limitações verificadas nos trabalhos referenciados que nos motivam a querer, ainda mais, nos debruçar no estudo de parte dos objetos linguísticos aqui descritos – construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa.

É nesse contexto que passamos, na seção seguinte, aos estudos de Silva (2000, 2006, 2008a 2008b, 2014), nos quais o diferencial e o indispensável é a ênfase na natureza semântica, expressiva e funcional do grau, e não em sua dimensão mais restritamente gramatical. Isto é, o autor propõe uma análise do grau que represente uma valiosa contribuição para a construção do sentido a partir de uma abordagem mais holística desse fenômeno.

2.2. O grau a partir da abordagem da LFCU

A proposta de Silva (2014)⁴⁹, em sua obra *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*, diferentemente dos estudos até aqui referenciados, é examinar o grau – conceito mais genérico que, segundo o autor, compreende escalaridade e comparação semânticas, bem como a relação com categorias tais como dimensão, intensificação, quantidade, hierarquia, avaliação e afetividade –, de

⁴⁹ Embora estejamos referenciando os estudos de Silva a partir de sua obra de 2014 – que trata de diferentes tipos de grau –, abordamos, ainda, nesta seção, as contribuições do autor relativas aos trabalhos de 2000, 2006, 2008a e 2008b – que tratam especificamente da análise da intensificação.

maneira mais holística⁵⁰, considerando, assim, (a) o polo da função, colocando em relevo fatores semânticos, cognitivos, discursivos e sociopragmáticos implicados em seus diferentes usos, e (b) o polo da forma, chamando-nos a atenção para aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e textuais.

É nesse sentido que Silva (2014), com base nos pressupostos da LFCU, propõe como estudo, além da definição de grau já apresentada anteriormente, (i) as características do grau no plano do conteúdo – fatores nocionais, aspecto, escopo e tipologia – e no plano da expressão – fonética, morfologia, léxico, sintaxe e texto –; (ii) os aspectos cognitivos na atribuição do grau – relação icônica forma-função –; (iii) as projeções metafóricas e/ou metonímicas na conceituação do grau; (iv) os fatores discursivo-interacionais que envolvem o grau; e (v) a relação entre grau e objetividade/(inter)subjetividade.

Como vimos no Capítulo I desta tese, a LFCU tem como pressuposto basilar a ideia de que a gramática da língua é motivada por fatores linguísticos, cognitivos e sociocomunicativos, os quais são capazes de explicar aspectos externos e internos ao sistema. É nesse contexto teórico, portanto, que Silva (2014) desprivilegia o grau considerado como categoria gramatical, alargando seu escopo (BASÍLIO & BEZERRA, 2014), e ressalta a abrangência dessa categoria não apenas do ponto de vista semântico, mas, também, como

[...] uma das estratégias discursivas mais utilizadas nos processos intercomunicativos – dos mais simples e descontraídos, como é o caso de uma conversa íntima entre familiares ou entre amigos em uma rede social, àqueles mais formais e ritualizados, como em uma defesa de mestrado ou uma resenha científica, por exemplo. (SILVA, 2014, p. 17).

Não obstante Silva (2014) tenha como proposta o não privilégio do grau como categoria gramatical, em relação à discussão acerca de se o grau seria uma questão de flexão ou de derivação, o próprio autor se limita a dizer – em comunhão com o que defendem Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014), Sousa (2008) e Bechara (2009) – que, do ponto de vista da morfologia, o grau é um caso de derivação, haja vista este

⁵⁰ Embora Silva (2014) proponha uma abordagem mais integrada, o próprio autor justifica o tratamento do grau, em seu trabalho, de maneira segmentada como sendo um procedimento metodológico, a fim de sistematizar mais claramente sua análise.

[...] não ser obrigatório; não ser paradigmático, isto é, não segue um padrão previsível; não ter relevância sintática, ou seja, não influencia a concordância; ser formal e funcionalmente multifacetado, o que significa que pode ser expresso por recursos linguísticos diversos e exibe um variado leque de propriedades semântico-discursivas. (SILVA, 2014, p. 31)

Desse modo, em seu trabalho, Silva (2014) objetiva o estudo do grau em uma articulação entre língua, discurso, cognição e interação, analisando os diferentes níveis linguísticos que envolvem tal fenômeno, que não só a morfologia.

Em relação à funcionalidade do grau, o autor, a partir dos pressupostos da LFCU, destaca aspectos referentes à sua natureza semântico-cognitiva, como (a) tipologia, (b) escalaridade, (c) base comparativa e (d) projeções metafóricas/metonímicas, e à sua natureza discursivo-pragmática, como (e) informatividade, (f) perspectivização e (g) progressão discursiva⁵¹ (SILVA, 2014).

Quanto à tipologia semântica, o autor divide o grau em seis macrocategorias, que são por ele denominadas: dimensiva, quantitativa, intensiva, hierárquica, avaliativa e afetiva. Contudo, Silva (2014) pondera que, em determinados contextos, tais macrocategorias aparecem superpostas ou, até mesmo, com diferenciação pouco definida.

A primeira macroestrutura apresentada pelo autor é a do grau dimensivo, definido como sendo o

[...] escalonamento em nível aumentado ou diminuído do tamanho/extensão físico(a), estatura, proporção ou volume de uma dada entidade (ser ou coisa). Esse tipo de grau está intimamente vinculado a conteúdos que descrevem o mundo físico que pode ser objetivamente mensurado (SILVA, 2014, p. 40).

A segunda macrocategoria apresentada pelo autor é a do grau intensivo, também denominado intensificação. De acordo com Silva (2014, p. 41), a intensificação

⁵¹ Silva (2014) pondera que entende todos esses domínios como sendo entrelaçados e interdependentes, sendo, portanto, impossível traçar limites claros entre um e outro no que diz respeito ao uso do grau.

[...] tem a ver com o incremento semântico aplicado a um determinado conteúdo para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação de intensidade, caracterizada pelo reforço escalar de direção para mais ou para menos, atribuída a uma dada noção, em geral, de natureza mais abstrata (SILVA, 2014, p. 41).

Silva (2008b), em seu trabalho mais específico sobre a intensificação, intitulado *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*, propõe que se faça uma diferenciação entre os conceitos de grau e de intensificação. O autor esclarece que, embora diversos estudos tratem, muitas vezes, tais conceitos como sendo sinônimos, eles possuem, sim, conceptualizações distintas. Enquanto o grau possui uma conceptualização mais genérica, compreendendo toda noção que possa ser escalonada em variados níveis de gradiência semântica – dimensão, intensificação, quantidade, hierarquia, avaliação e afetividade, como também foi destacado por Silva (2014) –, a intensificação possui uma conceptualização mais específica, isto é, trata-se de um processo semântico-discursivo através do qual se atribui intensidade, em porções graduais, a uma determinada noção conceptual de acepção mais abstrata. A intensificação, desse modo, seria uma das categorias do grau.

A terceira macrocategoria é a do grau quantitativo, que se vincula “especificamente à quantificação indefinida de referentes contáveis/mensuráveis para mais ou para menos” (SILVA, 2014, p. 41). A quarta macrocategoria discorre acerca do grau hierárquico ou posicional, que é definido por Silva (2014, p. 42) como sendo “denotado através da referência à posição de uma dada entidade ou de um estado de coisas considerado(a) como possuidor(a) de *status*/condição superior ou inferior em uma escala de valores”. A penúltima e quinta macrocategoria apresentada pelo autor é a do grau avaliativo, em que “o locutor exprime algum julgamento positivo (para mais) ou negativo (para menos) em relação a alguém/algo, revelando nisso considerável valorização ou depreciação” (SILVA, 2014, p. 42-43). Por último, o autor trata da sexta macrocategoria, a do grau afetivo. Segundo ele, “esse tipo de grau é, na verdade, um pseudograu, uma vez que nenhum conteúdo é de fato graduado. Trata-se antes de uma forma de o locutor demonstrar atitude gentil/carinhosa em relação a quem se dirige ou ao que se refere” (SILVA, 2014, p. 43).

No que se refere à escalaridade, de acordo com Silva (2014), esta está diretamente relacionada à concepção de grau. Em outras palavras, o grau diz respeito a tudo o que pode ser escalonado em diferentes níveis – como já mencionado anteriormente, a dimensão, a intensificação, a quantificação, a hierarquia, a avaliação e a afetividade são categorias que podem ser graduadas ou escalonadas. É nesse contexto, portanto, que o autor destaca que formas tratadas pela tradição como sendo similares se diferenciam no contexto de uso, como é o caso de “super-” e “hiper-”. De acordo com o autor, embora ambos revelem elevação intensiva, “hiper-” é conceptualizado como sendo mais intenso do que “super”, como observamos em “**Superocupada, mas hiperconectada com os filhos**” (ZAIDAN, P. Cláudia, jun. 2004, p. 82 *apud* SILVA, 2014, p. 48).

Outro ponto discutido por Silva (2008b, 2014) é a base comparativa do grau. O autor demonstra que a base comparativa é fundamental para a construção do conceito de gradação. De acordo com o autor, toda atribuição de grau parte de um ponto de referência, que pode ser uma noção neutra, normal ou já graduada, uma vez que há comparação em todos os graus⁵². Segundo Silva (2014, p. 52),

[...] para que algo seja conceptualizado, por exemplo, como *casarão, bastante salgado, mais feio, quantia mínima, superlotado, baixo padrão, bem cedinho, beber demasiadamente*, etc., é necessário que haja outro elemento ou situação que lhe sirva de parâmetro, ao/à qual se assemelha ou de que se distingue quanto a alguma convenção sociocultural. (SILVA, 2014, p. 52)

Nesse sentido, em outras palavras, Silva (2008b, 2014) defende que o grau é estabelecido a partir da comparação explícita ou implícita de noções entendidas como sendo semelhantes ou distintas. É nesse contexto que o autor sugere que se abandone a distinção clássica entre comparativo e superlativo e que se adotem os conceitos de comparação explícita – quando o comparante é expresso linguisticamente (“[...] cada máscara era **mais horrível do que a outra...**”)⁵³ (SILVA, 2014, p. 53) – e comparação implícita – quando o comparante é inferido mediante o

⁵² Conforme observamos na seção 2.1 deste capítulo, assim como Silva (2008b, 2014), Basílio (2013) também aponta que o grau morfológico é implícito, ou seja, de acordo com a autora, a gradação é expressa a partir de uma medida considerada, culturalmente, como sendo a padrão.

⁵³ Ocorrência disponível no *Corpus D&G/Natal*, na página 43 (SILVA, 2014, p. 53).

contexto (“[...] a sala é **o maior e o mais ventilado** cômodo da casa...”) ⁵⁴ (SILVA, 2014, p. 53).

Silva (2006⁵⁵, 2008b, 2014), em sequência, trata das projeções metafóricas e/ou metonímicas em noções graduais. Segundo o autor, os usos do grau seriam uma atividade semântico-cognitiva – e também discursivo-pragmática, como apontamos mais adiante – e estariam relacionados a transferências de sentido entre domínios conceituais distintos, ou seja, a experiência concreta do falante com os ambientes físico, afetivo e sociocultural seria conceptualizada de forma mais abstrata e subjetiva no uso da língua. A esse respeito, Silva (2014, p. 56) considera o seguinte:

[...] muitos conceitos graduais têm sua origem na percepção sensório-motora resultante de nossas experiências com o mundo físico e sociocultural [...]. Explicando: os recursos lexicais e tantas outras estratégias morfológicas e/ou sintáticas de acréscimo estrutural, o alongamento silábico, a ênfase sonora e demais manifestações acústicas representam, na verdade, uma tentativa de reflexo simbólico dos conceitos básicos de *quantidade*, *tamanho/dimensão*, *peso/força*, *localização* e *estados/sensações biofísicos(as)* ou *psicoafetivos(as)* e também daqueles derivados de algo reputado como possuidor de um certo grau de *valor/desvalor*, oriundos da relação corporal do indivíduo com o espaço, seres, objetos, eventos e/ou situações com que está/esteve em contato. (SILVA, 2014, p. 56)

Assim sendo, Silva (2006, 2008b, 2014) explica como determinadas formas graduadoras surgem diretamente dos processos de conceptualização básica, como a metáfora e a metonímia.

A primeira projeção apresentada pelo autor é a metáfora da quantidade. O esquema cognitivo desse conceito pode ser expresso através da expressão *intensidade é quantidade*, em que o domínio mais concreto, da quantidade, é mapeado no domínio mais abstrato, da intensidade (SILVA, 2006, 2008b, 2014). Vejamos o exemplo a seguir:

⁵⁴ Ocorrência disponível no *Corpus D&G/Natal*, página 385 (SILVA, 2014, p. 53).

⁵⁵ Como já destacamos anteriormente, assim como o trabalho de Silva (2008b), seu artigo de 2006 trata especificamente da análise da intensificação, e não do grau de um modo geral.

- (13) [...] e entra **muita** gente também... e numa dessa... numa dessas cevas de entra e sai... entrou uma garota **muito** bonita... (Corpus D&G/Natal, p. 105 *apud* SILVA, 2014, p. 57)

No exemplo (13), de acordo com Silva (2014), o pronome indefinido adjetivo “muita” indexa a quantidade de “gente”; por outro lado, o advérbio “muito” indexa a noção de intensificação do adjetivo “bonita”. Para o autor, tal exemplo nos permite constatar o mapeamento metafórico da quantidade numérica – domínio mais concreto – no domínio da intensificação – domínio mais abstrato. E esse mapeamento metafórico parece ser a projeção primária no que tange à atribuição de grau, bem como a mais frequente (SILVA, 2014).

Outra projeção metafórica relacionada à noção de grau é a do tamanho/da dimensão. No que diz respeito ao mapeamento metafórico entre tamanho/dimensão e intensidade, Silva (2006, 2008b, 2014) levanta a hipótese de que, a princípio, possivelmente, exista uma operação metonímica entre quantidade e tamanho. Conforme observa o autor, o tamanho de uma determinada entidade depende da sua quantidade de massa material. Assim sendo, a dimensão física resulta da nossa percepção de acréscimo ou redução na quantidade de massa material. Nesse sentido, Silva (2014) destaca que são muitas as ocorrências em que a noção quantitativa é designada por meio de expressões de tamanho/dimensão, como verificamos no seguinte exemplo:

- (14) Gastar um **dinheirão** com telefonia local só tem graça quando não pe na sua empresa. Lig Local da Intelig Telecom... (Veja, 18 maio 2005, p. 95 *apud* SILVA, 2014, p. 60)

Em (14), o sufixo “-ão” na palavra “dinheirão” indica uma quantidade elevada de dinheiro, que é conceptualizada em termos de tamanho aumentativo (SILVA, 2014).

Segundo Silva (2008b, 2014), pode-se entender que *mais é maior e menos é menor*; o que, conseqüentemente, faz surgir a metonímia *quantidade é tamanho/dimensão*. Assim, para o autor, quando se afirma que determinada entidade é grande ou pequena, larga ou estreita, alta ou baixa, espessa ou fina, pressupõe-se aí a noção quantitativa, configurando, portanto, uma projeção metonímica. Desse modo, chega-se ao esquema conceptual metafórico *intensidade*

é *tamanho/dimensão*, o qual tem origem na relação metonímica entre quantidade e tamanho/dimensão; mantendo-se, implicitamente, o vínculo entre quantidade e intensidade. O conceito de tamanho/dimensão pode ser transposto para o domínio da intensificação por meio do uso de afixos (SILVA, 2008b, 2014). Vejamos o exemplo seguinte:

- (15) [...] ela [a cidade de Espírito Santo/RN] se localiza próximo a Goianinha... nessa região Oeste... é uma **cidadezinha pequenininha**... poucos habitantes... (*Corpus D&G/Natal*, p. 80 *apud* SILVA, 2014, p. 61)

No exemplo (15), o sufixo “-inha”, no substantivo “cidadezinha”, designa o tamanho pequeno da cidade, sendo, portanto, uma noção mais concreta. No entanto, o mesmo sufixo “-inha”, no adjetivo “pequeninha”, funciona como elemento intensivo, uma vez que o termo “cidade” já se encontra graduado para menos (SILVA, 2014).

Silva (2014) nos chama a atenção, ainda, para casos em que a expressão graduadora exprime, ao mesmo tempo, tamanho e avaliação, como é o caso do exemplo a seguir:

- (16) “Só nesta **republiqueta** [Brasil] um ministro se presta a participar de reuniões na calada da noite e continua no cargo” (SILVA, Jr., P. C. da. *Veja*, 7 jun. 2006, p. 38 *apud* SILVA, 2014, p. 63)

Em (16), a expressão “republiqueta” indexa tamanho pequeno e intensidade desqualificadora. Assim, o que Silva (2014) verifica é que os conteúdos transitam entre uma acepção dimensiva mais concreta com valor dimensivo e uma projeção mais abstrata com valor intensivo.

A terceira projeção abordada por Silva (2006, 2008b, 2014), em seus trabalhos, é a noção de peso/força. Conforme destaca o autor, da mesma maneira que associamos a quantidade de massa material de uma entidade ao seu tamanho, também estabelecemos uma relação de contiguidade entre a dimensão física de determinada entidade e o seu peso ou a sua força (menos ou mais pesada ou menor ou maior força). Tal relação, de acordo com Silva (2008b, 2014), resulta no esquema cognitivo *intensidade é peso/força*.

Conforme ressalta Silva (2006, 2008b, 2014), muitas noções intensivas são expressas por palavras como “pesado”, “forte”, “reforçado”, “poderoso”, “potente”, “imponente”, “vigoroso”, “rigoroso”, “intenso”, entre outras. Além disso, a intensidade pode ser expressa através da atribuição de maior “peso” sonoro à noção que se deseja intensificar. Vejamos o exemplo a seguir:

(17) [...] era uma... uma... **uma forte tempestade... uma chuva forte...** e eu tava do lado da janela da asa do avião... e... e pra mim era **uma coisa muito forte** porque meu pai tinha **muito medo** de avião... e... um pouco desse medo transferiu-se pra mim... (Corpus D&G/Natal, p. 95 *apud* SILVA, 2014, p. 65)

Em (17), a ideia de força associada à tempestade/chuva está diretamente relacionada à sua intensidade. De acordo com Silva (2014), devido ao grande volume de água que cai em uma tempestade, geralmente acompanhada de ventos e trovoadas, consideramos que tal volume possui força, podendo, inclusive, causar danos físicos e materiais. Assim, a partir da analogia que se faz entre uma entidade que é volumosa e forte, é possível pensar em “uma forte tempestade” e em “uma chuva forte”. Já no trecho “uma coisa forte”, o adjetivo “forte” está associado a um estado psicológico – que é corroborado pelo trecho “muito medo”, que equivale a uma sensação de medo intenso. Observamos aqui, conforme nos aponta Silva (2014), uma associação entre tamanho/dimensão e peso/força e a transposição metafórica desses conceitos para o domínio mais abstrato da intensificação.

A respeito da relação entre peso/força, intensidade e tonicidade silábica, Silva (2006, 2008b, 2014) salienta que se pode dizer que os falantes imprimem peso/força sonoro(a) ao elemento linguístico que desejam intensificar. Observemos:

(18) Adoro ele [Tiago Lacerda], que ele é lindo demais, que **GA-TÉ-SI-MO!** (SILVA, 2014, p. 67)

Em (18), há a combinação de mais de uma forma para a expressão da intensificação, a saber: (i) silabação e ênfase fônica e (ii) sufixo intensificador “-ésimo”, em uma espécie de reforço intensivo (SILVA, 2014).

Quanto à associação metonímico-metafórica entre quantidade e intensidade, em termos de peso/força, é demonstrada por Silva (2014), de maneira mais clara, no seguinte exemplo:

(19) [...] a top gaúcha [Ana Hickmann] tira proveito do auge e investe **pesado** para transformar seu nome numa grife de luxo. (ANGELI, A. *Cláudia*, jun. 2004, p. 144 *apud* SILVA, 2014, p. 68)

No exemplo (19), a expressão “investir pesado” pode ser interpretada como “fazer um investimento”, no que se refere a valores financeiros, em uma quantidade considerável. Sendo assim, a associação entre quantidade e peso permite a projeção metafórica que designa intensidade (SILVA, 2014). Em outras palavras, se quantidade relaciona-se, metonimicamente, a peso e, metaforicamente, à intensidade, segundo Silva (2014), isso nos permite deduzir que esta última também pode ser associada à ideia de peso.

De acordo com Silva (2014), observamos aqui, mais uma vez, a interseção entre domínios semânticos distintos; isto é, da fusão entre quantidade, tamanho e peso/força deriva a tentativa de estabelecer uma combinação entre tais conceitos e a intensificação. Assim, o autor chega à conclusão de que a cadeia associativa de natureza metonímica, que poderia ser esquematizada como *quantidade – tamanho – peso*, licencia, em uma extensão metafórica, a formulação do conceito de intensidade.

A quarta projeção, segundo Silva (2006, 2008b, 2014), está relacionada ao conceito de localização (vertical ou horizontal), que não se refere somente à posição superior/inferior ou além/aquém de determinada entidade, mas, também, à sua disposição em relação a um ponto considerado máximo ou além de um limite admitido como sendo “normal”. É nesse contexto que Silva (2014) defende que o esquema conceptual *intensidade é localização* está associado aos esquemas cognitivo-perceptuais mais básicos do recipiente (metáfora do container nos termos de Lakoff e Johnson (1999)) e da quantidade mensurável. Assim, como destaca o autor, a intensificação, em diversos contextos, pode ser expressa por palavras ou expressões como “alto”, “elevado”, “profundo” – verticalmente –, “avançado”, “extremo”, “pra lá de” – horizontalmente etc. Observemos o exemplo a seguir:

(20) Apesar do eleitorado feminino ser **infinitamente** maior, nenhuma mulher assumirá no próximo ano uma cadeira na Câmara. O que é **profundamente** lamentável. (SABOYA, C. de. *Diário de Natal*, 9 out. 2004, p. 3 *apud* SILVA, 2014, p. 69)

Em (20), temos a noção intensiva sendo indexada pelos termos “infinitamente”, atribuído ao adjetivo dimensional “maior”, e “profundamente”, atribuído ao adjetivo “lamentável”. O advérbio “infinitamente” sugere que algo se estende, horizontalmente, a um ponto cuja distância não pode ser mensurada. Já o advérbio “profundamente” indexa uma noção de posição vertical em um ponto extremamente baixo/fundo e distante da superfície (SILVA, 2014).

Nesse contexto, Silva (2008b, 2014) retoma o seguinte esquema proposto por Lakoff e Johnson (1999): *mais é para cima ou para baixo*, a depender da perspectiva adotada. Tal esquema explica, por exemplo, por que, em (16), o advérbio “profundamente” é utilizado para expressar intensidade. Em outras palavras, “profundamente” atua como intensificador do adjetivo “lamentável”, exprimindo uma avaliação bastante negativa em relação ao fato de nenhuma mulher ocupar a cadeira da Câmara no próximo ano (SILVA, 2014).

Segundo o autor, o grau, conceptualizado metaforicamente como localização, pode ser expresso linguisticamente através de determinados “prefixos”⁵⁶, a saber: (i) na posição vertical, os prefixos “sobre-”, “super-” e “hiper-”, designativos de uma noção abstrata de superioridade, e os prefixos “sub-” e “infra-”, de conteúdo intensivo de inferioridade; (ii) na posição horizontal, os prefixos “extra-”, “ultra-” e similares (SILVA, 2014, p. 71). Vejamos os exemplos:

(21) [...] as meninas, de top, shortinho e silhueta **hiper**curvilínea, saracoteavam na areia de Copacabana sob gritos delirantes... (Coluna social Gente. *Veja*, 18 maio 2005, p. 72 *apud* SILVA, 2014, p. 71)

(22) Sua [lentes Cizal] camada de zircone torna as lentes **ultra**-resistentes a arranhões [...] (*Cláudia*, jun. 2004, p. 79 *apud* SILVA, 2014, p. 71)

A partir dos exemplos explicitados acima, Silva (2014) verifica que a intensificação tem a ver com o fato de algo posicionar-se metaforicamente além de um determinado limite. Desse modo, “hiper-” e “ultra-”, em (21) e em (22), atribuídos

⁵⁶ Para Silva (2008b, 2014), do ponto de vista morfológico, “super-”, “hiper-”, “ultra-” e outros são considerados prefixos. Todavia, Silva (2008b) destaca que “super”, por exemplo, pode ser tomado com advérbio, mais ou menos equivalente a “muito”, “bastante” (como são os casos de “super bem”, “super à vontade”, “super na moda” e “super mal-equipada”). O autor, nesse sentido, não esclarece, em seus trabalhos, qual é a sua posição em relação a tais classificações. Nesta tese, contudo, assumimos que construções como as que ocorrem nos exemplos (21) e (22) são formadas por processo sintático, constituindo o que denominamos construções avaliativas.

aos adjetivos “curvilínea” e “resistentes”, respectivamente, sugerem, segundo o autor, uma relação entre o domínio mais concreto da localização – já que alguma coisa excede/ultrapassa outra em uma dada propriedade – e o domínio mais abstrato da intensificação.

A última projeção é decorrente de experiências biofísicas e psicoafetivas. De acordo com Silva (2008b, 2014), experiências biofísicas são experiências biológico-corporais, tais como calor, surdez, arrepio, vertigem, tontura, dor, cansaço, doença, morte etc. Já as experiências psicoafetivas são de caráter emocional, como medo, temor, paixão e outros. Em vista disso, é comum encontrarmos a noção de intensidade sendo expressa por palavras como “extenuante”, “sufocante”, “ensurdecedor”, “ofuscante”, “doentio”, “estonteante”, “acalorado”, “ardente”, “vertiginoso” e outras (SILVA, 2014. p. 73). Observemos o exemplo seguinte:

(23) [...] tá certo que... só um pouquinho de ciúme... vai... não aquele ciúme **doentio**...
(*Corpus D&G/Natal*, p. 353 *apud* SILVA, 2014, p. 73)

Em (23), o adjetivo “doentio” exprime, metaforicamente, a ideia de intensidade atribuída a ciúme. De acordo com o autor, a palavra “doentio” apresenta-se, aqui, como o resultado decorrente da extrema intensidade do ciúme. De outra maneira, é possível inferir que o ciúme é tão intenso que se torna doentio para quem o experiência (SILVA, 2014). Novamente, segundo Silva (2014), para a instanciação do esquema conceptual metafórico *intensidade é experiência biofísica e psicoafetiva*, parece ocorrer primeiramente, também, um processamento metonímico, devido à relação de contiguidade entre algo considerado prejudicial e a consequente reação de pavor que é capaz de causar. Isso posto, o resultado de tal metonímia gera a função metafórica intensiva. A esse respeito, Silva (2014, p. 75) conclui que

[...] o mapeamento metafórico em termos dessas experiências biofísicas, refletido na expressão intensificadora, provavelmente deriva da associação metonímica mais básica entre a conceitualização intensiva do evento/da situação referido(a), atuante como causativo de forte impacto, e seu resultado de proporções altamente sensíveis. Este, num processo de reinterpretação e de reorganização semântico-sintática, acaba por assimilar o valor intensivo, descartando o(s) marcador(es) característico(s) dessa

função, o que culmina num desses tipos de construção conceitual de intensidade. (SILVA, 2014, p. 75)

Portanto, acerca da proposta de Silva (2006, 2008b, 2014) no que tange às projeções metafóricas e metonímicas envolvendo a intensificação, consideramos que esta seja uma grande contribuição de seus estudos a esta tese. O autor consegue demonstrar, através de seus trabalhos, que a intensificação é conceptualizada pelos falantes via um processo metafórico, pautado nas experiências sensório-motoras e culturais dos seres humanos. De mais a mais, como ficou demonstrado por Silva (2006, 2008b, 2014), na formulação da metáfora intensiva, a partir de um domínio mais concreto, está subjacente um processamento cognitivo metonímico, ou seja, uma relação de causa-efeito ou de contiguidade entre a noção de intensidade e os esquemas cognitivos mais básicos. Sobre tal mapeamento, Silva (2014, p. 78-79) afirma o seguinte:

Ao fazer uso dessas inter-relações, o locutor parte do pressuposto de que seu público-alvo compartilha as mesmas experiências e, assim, possui repertório informativo suficiente para, mediante operações inferenciais favorecidas pelo contexto discursivo-pragmático, processar cognitivamente as associações metafóricas implicadas, reconhecer os nexos semânticos entre um conceito e outro e chegar ao sentido negociado. (SILVA, 2014, p. 78-79)

No que tange à perspectivização, segundo Silva (2008b, 2014), esta se refere ao modo como o grau é conceptualizado pelo falante, isto é, diz respeito ao ponto de vista do locutor sobre os fatos e à maneira como ele pretende apresentá-lo a seu interlocutor. Tal constatação aponta, em vista disso, para a não correspondência direta entre a atribuição de grau e a realidade. Dessa maneira, um dado conceito concebido aparentemente como não sendo passível de gradação pode encontrar-se graduado a depender de seu contexto de uso (SILVA, 2008b, 2014).

O autor propõe uma caracterização mais refinada no que diz respeito à perspectivização envolvendo a noção de grau. Silva (2008b, 2014) sugere que se analisem, para tanto, o aspecto, a escalaridade, o escopo/a incidência, a explicitude/a estratégia de significação e a ancoragem⁵⁷.

⁵⁷ Somente a ancoragem é uma inovação específica do trabalho de Silva (2014).

Quanto ao aspecto, de acordo com Silva (2008b, 2014), este pode ser pontual ou processual. Quando o aspecto é pontual, o conteúdo graduado é dado e definido. Já no que tange ao aspecto processual, de acordo com o autor, neste, o grau é apresentado como se ainda se encontrasse em andamento ou com uma certa duração no tempo.

No que toca à escalaridade, Silva (2008b, 2014) destaca que o grau pode ser polarizado ou escalonado. Quando a escalaridade é polarizada, o grau é conceptualizado como estando em nível máximo ou mínimo da escala. Por outro lado, na gradação escalonada, segundo o autor, o conceito graduado encontra-se em um ponto indefinido da escala, de maneira que só é possível determinar a direção do escalonamento para mais ou para menos (SILVA, 2008b, 2014).

No que se refere à explicitude ou à estratégia de significação, segundo Silva (2008b, 2014), o grau pode ser perspectivizado de maneira direta ou indireta. A explicitude é direta quando o conteúdo graduado está diretamente exposto na superfície do texto, codificado através de elementos verbais. Em contrapartida, a explicitude é indireta quando o conteúdo graduado não se encontra codificado através de elementos verbais na superfície do texto. Nesse caso, tal conteúdo é percebido nas entrelinhas, de modo indireto, via inferência.

No tocante ao escopo ou à incidência do grau, Silva (2008b, 2014) aponta que este pode ser localizado ou sequencial. O escopo é localizado quando o referente a que o conteúdo graduado incide é mais específico e restritamente perspectivizado. Ainda, o escopo é sequencial, de acordo com o autor, quando a atribuição de grau não incide sobre um referente determinado por um item lexical ou por uma expressão na superfície textual. Nessa situação, ocorre o que Silva (2008b, 2014) denomina gradação discursiva, isto é, uma determinada ideia vai sendo gradativamente intensificada no decorrer do texto.

No que diz respeito à ancoragem, de acordo com Silva (2014), esta se refere à atribuição do grau pelo locutor com base em sua experiência objetiva, subjetiva ou intersubjetiva no mundo.

A ancoragem é objetiva⁵⁸, segundo o autor, quando a perspectivização do grau está pautada na experiência do locutor com o mundo físico e material, ou seja, quando o conceito graduado exprime noções mais concretas e objetivas, como às relativas a tamanho, à dimensão, a volume, à proporção, à quantidade e a outras. Nesse caso, o locutor imprime mais objetividade informacional, conferindo maior credibilidade a seu discurso. Já a ancoragem subjetiva vincula-se a conteúdos que imprimem um ponto de vista particular dos falantes acerca de um estado de coisas. Por fim, a ancoragem pode ser intersubjetiva, conforme apresenta Silva (2014), quando a atribuição de grau está associada à esfera interacional, isto é, exprime uma relação social.

Segundo o autor, é possível estabelecer, aqui, uma correlação entre dois *continuum*: [+ concreto] > [+ abstrato] e [objetividade] > [(inter)subjetividade]. Dito de outro modo, conceitos [+ concretos] são perspectivizados pelo locutor de maneira [+ objetiva]; em contrapartida, conceitos [+ abstratos] são perspectivizados pelo locutor como sendo [+ (inter)subjetivos]. A esse respeito, Silva (2014, p. 96) ressalta que

[...] as expressões de grau podem ser *descritivas*, de teor mais objetivo, desempenhando função referencial/informativa, ou *avaliativas*, de natureza mais subjetiva, cuja função é valorativa e retórico-argumentativa. [...] Queremos dizer com isso que, nos gêneros mais direcionados à informatividade referencial – portanto, de viés mais objetivo –, é provável que haja maior recorrência a elementos graduadores de caráter dimensivo, quantitativo e/ou hierárquico; por outro lado, nos discursos mais orientados para a conceitualização de intensidade ou de excessivo (des)valor, isto é, de natureza emotiva/subjetiva, é válido supor que haja maior tendência ao uso de recursos graduadores dos tipos intensivo, avaliativo e/ou afetivo. (SILVA, 2014, p. 96)

Sobre a informatividade e a progressão discursiva, Silva (2014) destaca que o grau contribui para o estabelecimento da cadeia informativa do texto, bem como auxilia na coesão e na coerência temática.

Nesse contexto, Silva (2000, 2006) – em trabalhos específicos sobre o grau intensivo – ressalta que a intensificação conjuga as três funções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Conforme nos aponta o autor, atribuir intensidade

⁵⁸ Conforme apontamos no Capítulo I desta tese, não acreditamos que qualquer produção linguística, que passa pelo crivo do locutor, possa ser considerada, de fato, objetiva. Desse modo, retomamos esta discussão em nosso capítulo de análise dos dados.

a um dado conteúdo envolve, inicialmente, a necessidade e o desejo do locutor de exprimir um conceito de maneira elevada. Tal necessidade advém da experiência do locutor com o mundo físico e sociocultural em que está inserido. Logo, o processo de intensificação está vinculado, *a priori*, à manifestação do conteúdo cognitivo – função ideacional. Por outro lado, de acordo com Silva (2000, 2006), conferir intensidade a um conteúdo revela, também, a atitude subjetiva do locutor, que expõe um julgamento avaliativo por meio da linguagem. Nesse sentido, a atitude expressiva, de caráter subjetivo, de intensificar algo revela a intenção do locutor em persuadir seu interlocutor, bem como em suscitar nele uma reação de parceria – função interpessoal. Por fim, segundo o autor, a atribuição de grau intensivo pode ser entendida, também, como um mecanismo coesivo. Em outras palavras, uma vez que a construção graduadora e o conteúdo graduado mantêm relações com os demais elementos do co-texto, o grau funciona como instrumento de caráter anafórico e/ou catafórico, auxiliando o interlocutor nas relações de sentido no texto – função textual (SILVA, 2000, 2006).

Finalmente, Silva (2008a, 2008b, 2014) atenta aos aspectos formais do grau: nos planos fonético, morfológico, lexical, sintático e textual.

No plano fonético, segundo o autor, o grau se constitui pela utilização de recursos sonoros (SILVA, 2008a, 2008b, 2014). Dentre eles estão o alongamento da sílaba, através da repetição de um fonema, e a fala silabada, que também confere maior tonicidade/reforço a uma dada construção linguística:

(24) Rafael Alencar, o astro brasileiro do cine erótico internacional, mostra o seu **enooooorme** “talento”. (Manchete de capa. *G-Magazine*, set. 2003 *apud* SILVA, 2014, p. 102)

No exemplo (24), no adjetivo “enooooorme”, para se referir ao “talento” de Rafael Alencar, verifica-se o uso do alongamento silábico (SILVA, 2014).

No plano morfológico, de acordo com Silva (2008a, 2008b, 2014), o grau é codificado por “prefixos”⁵⁹ e/ou por sufixos. O autor lista os seguintes prefixos e

⁵⁹ De acordo com Silva (2014, p. 102), “em muitos casos, *super* não é tomado como prefixo, mas como um advérbio, mais ou menos equivalente a *muito*, *bastante*, *demasiadamente* ou similares, como se pode ver em expressões do tipo ***super bem***, ***super à vontade***”. Conforme, demonstramos no Capítulo IV desta tese, também “mega”, “hiper” e “ultra” podem exercer outras funções gramaticais que não a prefixal.

sufixos usados na língua portuguesa: “super-”, “hiper-”, “mega-”, “ultra-”, “-íssimo”, “-ílimo”, “-érrimo”, “-ésimo”, “-ão”, “-inho”, “-ria”, “-eiro”, “-eira”, “-dor”, entre outros:

- (25) A grande dama da noite foi Meimê dos Brilhos, que segurou o público, sempre talentos**ésima** [...] Belí**ssima**, Dos Brilhos levantou a galera carent**érrima** de um show à altura. (GONÇALVES, 2003, p. 56 *apud* SILVA, 2014, p. 103)

No exemplo (25), o falante recorreu aos sufixos “-ésima”, “-íssima” e “-érrima” para indexar o grau intensivo dos adjetivos “talentosa”, “bela” e “carente” respectivamente (SILVA, 2014).

No plano lexical, o grau se estabelece por meio de um lexema, isto é, de palavras que, *per se*, demonstram uma noção graduadora, como se pode verificar no exemplo seguinte de Silva (2014, p. 104):

- (26) [...] só para esse tipo de crime **hediondo**... essas coisa **bárbara**... **bárbara** mesmo... que deveria ser adotada a pena de morte... (*Corpus D&G/Natal*, p. 383 *apud* SILVA, 2014, p. 104)

Nesse exemplo (26), nos adjetivos “hediondo” e “bárbara”, já está intrínseca a significação de que o “crime” foi extremamente violento e cruel (SILVA, 2014).

No plano sintático, de acordo com Silva (2008a, 2008b, 2014), o grau é codificado linguisticamente por arranjos sintagmáticos ou construções oracionais. Em vista disso, são comuns junções entre uma expressão graduadora mais substantivo/adjetivo/verbo/advérbio ou uma dessas classes lexicais acompanhada de/inserida em uma oração ou período de caráter gradual:

- (27) [...] mas ele... minha filha... ganha **super** mal... (*Corpus D&G/Natal*, p. 264 *apud* SILVA, 2014, p. 105)

Em (27), pode-se constatar que o grau intensivo é constituído, sintaticamente, através da combinação do elemento graduador “super” mais o advérbio graduado “mal” (SILVA, 2014).

Além da combinação sintagmática já referida, existem, também, outras formações sintáticas que possibilitam a manifestação do grau. Entre elas, Silva (2014) aponta a repetição de termos e/ou expressões em uma espécie de reforço. Observemos o exemplo seguinte:

(28) [...] é um lugar **super restrito... super reservado... bem meu mesmo...** (*Corpus D&G/RJ*, p. 57 *apud* SILVA, 2014, p. 106)

No exemplo (28), a expressão “super restrito” para se referir a determinado “lugar” é reforçada através do recurso da repetição parafrástica: “super reservado” e “bem meu mesmo” (SILVA, 2014).

No plano textual, segundo Silva (2008a, 2008b, 2014), a expressão do grau se encontra distribuída em um determinado segmento do texto, sendo, portanto, indireta e implicitamente sinalizada. O grau, desse modo, pode se manifestar, linguisticamente, através da reiteração e da gradação discursiva.

Na reiteração, a noção gradual é codificada mediante a repetição enfática de uma mesma ideia ao longo de uma sequência textual:

(29) [...] a atriz Juliana Paes **fumou**, torceu, **fumou**, gritou, **fumou** e até chorou na partida entre Brasil e Japão em Dortmund, na Alemanha [...] (*Veja*, 28 jun. 2006, p. 79 *apud* SILVA, 2014, p. 107)

No exemplo (29), o recurso da repetição do verbo “fumou”, utilizado pelo locutor, demonstra a alternância dessa ação com outras – “torceu”, “gritou” e “chorou” –, além de denotar a intensidade de sua ocorrência (SILVA, 2014).

Quanto à gradação discursiva, nesta, segundo Silva (2008a 2008b, 2014), o grau se estabelece no fluxo textual, em tom crescente ou decrescente:

(30) Bandas de Rock que não se toleram
Eu te **odeio** – Eagles. Principais brigas: nos tribunais.
Te **odeio muito** – Black Sabbath. Principais brigas: no estúdio [...] o grupo se enfrenta a tapas.
Te **odeio demasiadamente** – The Who. Principais brigas: [...] o péssimo costume de se atracar no palco.
Te **odeio até morrer** – Ramones. Principais brigas: no palco, no estúdio, no banheiro [...] morreram sem voltar a se falar.
(MARTINS, S. Tropa de elite. *Veja*, 5 dez. 2007, p. 228-229 *apud* SILVA, 2014, p. 108)

No exemplo (30), percebe-se a gradação discursiva em direção crescente à intensidade do “ódio” no que diz respeito às bandas de rock – que parte do “odeio”, passando-se ao “odeio muito”, depois ao “odeio demasiadamente”, até chegar ao ponto máximo da escala com “odeio até morrer”. A escalaridade intensiva pode ser

observada, também, nos tipos de “brigas” geradas pelo “ódio”: partindo das brigas mais civilizadas, “nos tribunais”, às brigas mais violentas, que ocorrem em qualquer lugar, como “no estúdio”, “no palco” e “no banheiro” (SILVA, 2014).

Silva (2014) chama a atenção para as zonas difusas na atribuição de grau, isto é, para as zonas de superposição entre os diferentes domínios já apresentados até aqui, em uma espécie de “redundância intensificadora”. Vejamos um exemplo:

(31) Diz Mariah [Carey]: “Inventei uma cantora chamada Mimi Stonegroove. A carreira dela vai **muuuuito** bem”. (MARTINS, S. *Veja*, 1º jul. 2005, p. 122 *apud* SILVA, 2014, p. 111)

No exemplo (31), na expressão “muuuuito bem”, a gradação é codificada através (i) da combinação sintática entre o advérbio de intensidade “muito” e o advérbio de modo “bem” (“muito bem”) e, ainda, (ii) do alongamento silábico. Assim, neste exemplo, conjugam-se o recurso fonético e a construção sintática para a indexação do grau intensivo, de modo a imprimir maior saliência ao conteúdo informado. Nesse contexto, faz-se presente o princípio da iconicidade, que diz respeito à aproximação entre a forma linguística e o seu valor comunicativo (SILVA, 2014).

A respeito da iconicidade na expressão do grau, Silva (2000, 2008b, 2014) explica que, nos processos de gradação, o locutor tenta reproduzir a ideia de grau por meio da forma linguística. O autor reflete, desse modo, sobre a atuação do subprincípio da quantidade na atribuição de grau.

Silva (2000, p. 21) afirma que a quantidade de material linguístico conjectura “o volume referencial e/ou grau de complexidade semântica do conteúdo, o nível (im)previsibilidade informacional e/ou sua relevância discursiva”.

Silva (2008b, 2014) também aborda, em seus estudos, os conteúdos ou as classes lexicais que são associadas à noção gradual, tais como substantivos adjetivos, verbos, advérbios, pronomes e locuções nominais. Embora o autor ratifique que o que é graduado é um conceito, e não um item lexical em si – isto é, como já mencionado, não é uma regra que um dado conceito gradual esteja associado a uma determinada categoria lexical específica –, ele admite haver uma certa tendência ou restrição no que se refere ao uso de formas graduadoras vinculadas a determinadas categorias lexicais.

Quanto ao nível de integração de afixos graduadores, Silva (2014) sugere a existência de um *continuum* no nível de integração do afixo à base lexical a que se associa. Nesse sentido, parece haver afixos com maior ou menor conectividade com o radical a que está vinculado, a ponto de ambos serem entendidos, ou não, como um todo inseparável. Vejamos os exemplos (28) e (29) a seguir:

(32) A **hipertensão** arterial, mas popularmente chamada de “pressão alta”, está relacionada com a força que o coração tem que fazer para impulsionar o sangue para o corpo todo. No entanto, para ser considerado **hipertenso**, é preciso que a pressão arterial, além de mais alta que o normal, permaneça elevada. (Disponível em: <<http://www.saudevidaonline.com.br/hipert.htm>>. Acesso em: 9 out. 2011 *apud* SILVA, 2014, p. 118)

(33) Voltei na segunda de manhã às 6:00hs e cheguei às 13:00hs em Joinville **hipercansado**. (Disponível em: <<http://www.cpdee.ufmg.br/~celso/fotografias/CxdoSul2005.htm>>. Acesso em: 9 out. 2011 *apud* SILVA, 2014, p. 119)

Em (32), o prefixo “hiper-” forma com o substantivo “tensão” e com o adjetivo “tenso” um todo conceitual indissociável, com alto grau de integração entre afixo e radical. Entretanto, o mesmo não ocorre com o “prefixo” “hiper-”, em (33), cuja formação com o adjetivo “cansado” é entendida pelo autor como sendo “acidental”, logo, em um nível de integração mais atenuado (SILVA, 2014).

Para finalizar, a respeito das especificidades de formas graduadoras, segundo Silva (2008b, 2014), conceitos são (re)elaborados na interação, em um ambiente sociocultural. Assim sendo, características particulares de um grupo social e de uma situação comunicativa, por exemplo, atuam na seleção de um conceito, bem como na sua formação linguística. Observemos o exemplo seguinte:

(34) [...] sou da antiga, prefiro estudar. Quando não dá pela noite eu me levanto **tricedo** e me arrango com café. (*Corpus D&G/RG*, 1996, p. 29 *apud* SILVA, 2014, p. 119)

Nesse exemplo (34), o uso do prefixo “tri-” parece ser característico da fala gaúcha. Desse modo, conforme constata o autor, elementos graduadores também revelam diferenças de região, de gênero, de faixa etária, entre outras (SILVA, 2014).

Os trabalhos de Silva (2000, 2006, 2008a, 2008b, 2014), assim como os de todos os autores referenciados até aqui, nos fornecem valiosas contribuições no que diz respeito ao estudo do grau. Todavia, este autor, pautado nos pressupostos da

LFCU, nos propõe um olhar mais amplo e mais holístico sobre o grau – diferentemente do que sugerem, como vimos na seção anterior, Cunha e Cintra (2007), Bechara (2009), Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014) e Sousa (2008) –, de maneira a contemplar não somente seus aspectos formais, mas, também, suas particularidades funcionais. Em vista disso, a atribuição de grau é entendida por Silva (2000, 2006, 2008a, 2008b, 2014) como sendo mais do que uma forma linguística e uma atividade semântica; é, também, um fenômeno cognitivo e discursivo-pragmático pautado nas experiências humanas no mundo físico e sociocultural.

No que tange a algumas contribuições mais específicas dos estudos do autor, as quais são caras a esta tese, citamos as seguintes: (i) proposta de uma tipologia mais extensa para o grau – a qual compreende os graus quantitativo, dimensivo, intensivo, hierárquico, avaliativo e afetivo –, além da diferenciação entre grau e intensificação; (ii) exposição de um mapeamento metafórico e metonímico para o surgimento de determinadas construções graduadoras; (iii) considerações acerca da atribuição de grau a conteúdos, *a priori*, não passíveis de escalaridade, enfatizando, assim, que o objeto da gradação não é uma determinada categoria lexical, mas, sim, um conceito que subjaz à expressão linguística; (iv) proposta da atuação do princípio da iconicidade para a expressão do grau, segundo o qual “mais forma” pressupõe “mais conteúdo”; (v) reconhecimento da relação entre a indexação do grau e as três funções da linguagem – ideacional, interpessoal e textual; (vi) associação entre a gradação e as experiências (inter)subjetivas do locutor com o mundo, com a situação comunicativa e com o interlocutor.

Contudo, os trabalhos de Silva (2000, 2006, 2008a, 2008b, 2014) também apresentam limitações à análise empreendida nesta tese, as quais listamos a seguir: (i) o autor defende a gradação através de “super”, do ponto de vista morfológico, como sendo um caso de derivação e, ainda, inclui um exemplo com tal elemento graduador – “ganha super mal” – para explicar a ocorrência do grau intensivo no plano sintático; (ii) a não definição realizada pelo autor se “hiper”, assim como “super”, é ou não prefixo se estende à discussão sobre a integração de afixos graduadores, quando, sem maiores esclarecimentos, o autor afirma que o afixo “hiper-” é indissociável dos radicais “tensão”, em “hipertensão”, e “tenso”, em “hipertenso”, mas é dissociável do radical “cansado”, em “hipercansado”.

Pode-se dizer que as lacunas por nós apontadas nos trabalhos de Silva (2000, 2006, 2008a, 2008b, 2014) se devem, em parte, à escolha do objeto pelo autor. Digamos que Silva (2000, 2006, 2008a, 2008b, 2014) deixa escapar determinadas particularidades justamente por tratar ora da intensificação ora do grau de maneira mais genérica. É nesse sentido que, na seção seguinte, tratamos de estudos específicos sobre construções com “super”, “mega”, “hiper”, “ultra”, entre outras, mediante diferentes abordagens linguísticas.

2.3. Diferentes estudos acerca de construções com “super”, “mega”, “hiper”, “ultra”, entre outras

Na presente seção, visando ao alcance de determinadas idiossincrasias caras ao presente estudo sobre a instanciação e a convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa, tratamos das contribuições dos trabalhos de Rodrigues (2015), Lopes (2000), Cavalcanti (1980), Silva (2001, 2015), Ribeiro (2006), Goulart (2011) e Bertagnoli (2014).

Iniciamos nossa revisão bibliográfica a partir do estudo de Rodrigues (2015), que tem como objeto de análise a Construção Prefixal de Modificação de Grau (doravante, CPMG). De acordo com a autora, a CPMG constituiria um dos nós de uma rede mais ampla de construções superlativas mórficas, denominada Construção Mórfica de Modificação de Grau (CMMG). Sendo assim, o trabalho de Rodrigues (2015) sobre a CPMG – o qual tem como referência teórica os pressupostos da Gramática de Construções Cognitiva⁶⁰ como um Modelo Baseado no Uso⁶¹, em diálogo com a Semântica de *Frames*⁶², com os modelos de formalização do *Constructicon*⁶³ e com a Morfologia Derivacional⁶⁴ – é dedicado a

⁶⁰ Rodrigues (2015) tem como referência da Gramática de Construções Cognitiva os seguintes autores: Goldberg (1995, 2006) e Boas (2013).

⁶¹ Rodrigues (2015) tem como referência do Modelo Baseado no Uso os seguintes autores: Goldberg (2006), Bybee (1985, 2006, 2008, 2010), Langacker (1987) e Croft e Cruse (2004).

⁶² Rodrigues (2015) tem como referência da Semântica de *Frames* os trabalhos de Fillmore (1977, 1982).

⁶³ Rodrigues (2015) tem como referência do *Constructicon* o trabalho de Fillmore *et al.* (2012).

⁶⁴ Rodrigues (2015) tem como referência da interface Gramática de Construções e Morfologia Derivacional os seguintes autores: Rhodes (1992) e Booij (2010).

um nó específico de uma rede maior, ou seja, aos “prefixos”⁶⁵ “super-”, “ultra-”, “hiper-”, “mega-”, “arqui-”, “maxi-”, “macro-”, “mini-” e “micro-” que se combinam com substantivos, adjetivos, advérbios e verbos para a expressão do grau.

A partir do estudo de um universo de 1821 ocorrências reunidas em um *corpus* específico, Rodrigues (2015) identifica dois subpadrões da CPMG – (a) a CPMG Substantiva e (b) a CPMG Predicadora. A CPMG Substantiva, entendida pela autora como sendo a mais produtiva e a mais convencionalizada, se subdivide, ainda, em (a.1) CPMG Substantiva de Tamanho, que evoca o *frame* “Posição em escala superlativa de tamanho”, e em (a.2) CPMG Substantiva Polissêmica, que evoca o *frame* “Posição entidade em uma escala superlativa”. Já a CPMG Predicadora evoca o *frame* “Intensificação”.

Quanto à CPMG Substantiva de Tamanho, Rodrigues (2015) nos esclarece que esta é formada por um modificador de grau – que só pode ser “maxi-”, “macro-”, “mini-” ou “micro-” – mais um escopo específico – um substantivo. O *frame* da CPMG Substantiva de Tamanho é o da “Posição entidade em uma escala de tamanho”. Vejamos alguns exemplos:

(35) Aparecendo cada vez maiores, os **{[maxi^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [acessórios^{Escopo/substantivo}]_{F2}}**CPMG SubstantivaTamanho estão com tudo! Não só dão um up em qualquer look mais basiquinho... (WCB) <<http://amomuito.com/blog/2011/08/17/maxi-acessorios/>> (RODRIGUES, 2015, p. 139)

(36) Para consultar o seu histórico de Carteira na **{[macro^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [região^{Escopo/substantivo}]_{F2}}**CPMGSubstantivaTamanho, por favor informe a Data de Nascimento e RG do aluno ou responsável. (WCB) <<portal.detran.ce.gov.br/index.php/carteira-macro-regioes>> (RODRIGUES, 2015, p. 139)

Conforme sugere a autora a partir dos exemplos (35) e (36), os modificadores de grau “maxi-” e “macro-” apresentam uma restrição de valência em relação a seu escopo, que só pode ser substantivo. Desse modo, os prefixos utilizados nestes

⁶⁵ Embora a autora considere seus objetos de estudo sob a nomenclatura “prefixos”, em muitas ocorrências, nos deparamos com construções avaliativas – como também evidenciamos nos trabalhos de outros autores já referenciados até aqui. Sendo assim, utilizamos, aqui, a palavra “prefixo” entre aspas porque entendemos que, embora esta seja a denominação utilizada pela maioria dos autores para designar construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra, dentre outras, nem sempre tais construções devem ser consideradas, de fato, prefixos, conforme demonstramos ao longo deste trabalho.

exemplos, “maxi-” e “macro-”, indexam o tamanho dos “acessórios” e da “região” respectivamente (RODRIGUES, 2015).

Já a CPMG Substantiva Polissêmica, de acordo com Rodrigues (2015), é formada por um modificador de grau – que só pode ser “super-”, “ultra-”, “hiper-”, “mega-” ou “arqui-” – mais um escopo específico – um substantivo. Nesse caso, além de tamanho e dimensão, a CPMG Substantiva Polissêmica evoca *frames* de força, qualidade, potência, dificuldade, excelência, agitação, destruição, superioridade, entre outros. Seu *frame* representativo é “Posição entidade em uma escala superlativa”. Vejamos os exemplos seguintes:

(37) Isso é um **{[ultra^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [desafio^{EF}Entidade/Escopo]_{F2}}**CPMGSubstantivaPolissêmica?. Aí as 56 vagas serão modestas para a quantidade de corredores fortes que querem participar de um SP? Rio em equipes de oito. (WCB) <http://runnersworld.abril.com.br/blogs/correria/vai-quebrar-300664_p.shtml> (RODRIGUES, 2015, p. 158)

(38) Valorize seus traços, corrija imperfeições, ilumine-se com uma **{[super^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [maquiagem^{EF}Entidade/Escopo]_{F2}}**CPMGSubstantivaPolissêmica. Fique por dentro de todas as tendências sobre maquiagem, beleza e estilo pessoal... (WCB) <http://www.chatadegalocha.com/2011/08/vestida-para-festejar/> (RODRIGUES, 2015, p. 157)

Conforme destaca a autora, nos exemplos (37) e (38), há a evocação de um *frame* particular. No exemplo (37) “ultra desafio” expressa a noção de dificuldade, de desafio extremamente difícil. Em (38), “super maquiagem” indexa a noção de maquiagem perfeita, de qualidade (RODRIGUES, 2015).

Tal evocação de um *frame* particular é observada não somente em relação a “prefixos” diferentes, mas também a “prefixos” iguais (RODRIGUES, 2015). Vejamos os exemplos a seguir:

(39) Amigos **{[ultra^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [atletas^{EF}Entidade/Escopo]_{F2}}**CPMGSubstantivaPolissêmica, Temos que nos unir e fazer acontecer o nosso clube de ultradistância, para que possamos ser mais respeitados e valorizados na busca de nossos ... (WCB) <<http://ultramaronistacd.wordpress.com/>> (RODRIGUES, 2015, p. 157)

(40) Aonde vai esta relação? Porque é tão importante casar e ter filhos? Há um problema de **{[super^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [população^{EF}Entidade/Escopo]_{F2}}**CPMGSubstantivaPolissêmica. Quem sabe donde saiu isso? (WCB)

<<http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/13995-o-mito-da-superpopulacao.html>> (RODRIGUES, 2015, p. 156)

Rodrigues (2015) demonstra, com os exemplos (39) e (40) – em contraste com os exemplos em (37) e (38) –, que um mesmo “prefixo” pode evocar noções semânticas diferentes a depender do contexto discursivo. Por exemplo, enquanto em (38) “super maquiagem” indexa qualidade, em (40) “super população” indexa a noção de dimensão, significando população muito numerosa; enquanto em (37) “ultra desafio” indexa a ideia de dificuldade, em (39) “ultra atletas” exprime a noção de condicionamento, de atletas muito condicionados (RODRIGUES, 2015).

Nesse sentido, segundo a autora, no que concerne à CPMG Substantiva Polissêmica, o sentido da construção é apreendido a partir de uma leitura semântica e da mobilização de um processamento metonímico. Tal processamento metonímico dá origem à polissemia desse subpadrão, uma vez que sua instanciação tem, além do valor escalar superlativo, um sentido específico que advém do contexto discursivo (RODRIGUES, 2015).

Além da CPMG Substantiva – de Tamanho e Polissêmica –, Rodrigues (2015) identifica, ainda, a CPMG Predicadora, que cumpre função intensificadora. Os “prefixos” que ocorrem nesta CPMG são os seguintes: “super-”, “ultra-”, “hiper-”, “mega-” e “arqui-”. Já o escopo da intensificação pode ser um adjetivo, um advérbio ou um verbo. Observemos os exemplos a seguir:

(41) Além do corriqueiro francês e os usos da sociedade, os aspirantes a diplomatas começam nos passeios e reuniões da capital da República a ensaiar o uso de roupas, mais ou menos à última moda. Não esquecem nem o modo chic de atar os cordões dos sapatos, nem o **jeito**^{EF Item} **{[ultra**^{EFValor/Modificador de Grau}**]**_{F1}**[fashion**^{EF Variável/Escopo}**]**_{F2}**}**CPMGPredicadora de agarrar a bengala; estudam os modos apurados de cumprimentar, de sorrir; *19:Fic:Br:Barreto:Bruz* (CP) (RODRIGUES, 2015, p. 164)

(42) Oooi meninas! O esmalte de hoje é uma **combinação**^{EF Item} que eu **{[super**^{EF Valor/Modificador de Grau}**]**_{F1}**[amei**^{EF Variável/Escopo}**]**_{F2}**}**CPMGPredicadora! Primeiro eu usei o 205 da Hits, se não me engano passei 2 camadinhas e não usei extra brilho... (WCB)<<http://dicaseciadecosmeticos.blogspot.com/>> (RODRIGUES, 2015, p. 169)

Nos exemplos (41) e (42), os “prefixos” “ultra-” e “super-” têm como escopo, respectivamente, o adjetivo “fashion” e o verbo “amei”. Nessas ocorrências, para

Rodrigues (2015), as construções compostas pelo modificador de grau mais seu escopo evocam o *frame* “Intensificação”.

O trabalho de Rodrigues (2015) traz importantes contribuições para a presente tese, bem como uma limitação. Uma contribuição que apontamos no estudo da autora é a proposta de sistematização específica de “super-”, “ultra-”, “hiper-”, “mega-”, “arqui-”, “maxi-”, “macro-”, “mini-” e “micro-”, que são tratados separadamente de outras construções de grau – diferentemente do que fizeram os autores referenciados nas seções 2.1 e 2.2. Contudo, a principal contribuição do trabalho da autora reside no fato de ela já apontar a indexação de qualificação e de intensificação em construções com “super-”, “ultra-”, “hiper-” e “mega-”, as quais ocorrem com escopo substantivo, adjetivo, adverbial ou verbal. Desse modo, a proposta de Rodrigues (2015) contribui, diretamente, para a escolha dos nossos objetos de investigação nesta tese – nos levando a excluir, portanto, de nossa análise, construções com “maxi-”, “macro-”, “mini-” e “micro-”.

A lacuna observada na pesquisa da autora está no fato de ela defender – assim como Bechara (2009), Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014) e Sousa (2008) – que a maioria das ocorrências com “super-”, “ultra-”, “hiper-”, “mega-”, “arqui-”, “maxi-”, “macro-”, “mini-” e “micro-” constituem prefixos na língua portuguesa. No entanto, percebemos, na análise da autora, que, muitas vezes, o que ela denomina construção prefixal consiste, de fato, em uma construção avaliativa formada por um processo sintático, conforme observamos nos exemplos (37), (38), (39), (41) e (42) – respectivamente, “ultra desafio”, “super maquiagem”, “ultra atletas”, “ultra fashion” e “super amei”.

Além de Rodrigues (2015), Lopes (2000) também se dedicou ao estudo de construções de grau mais específicas. O autor, no âmbito da abordagem da Análise do Discurso – mais especificamente dos estudos da enunciação e da argumentação –, descreve processos de intensificação prefixal encontrados na língua falada de informantes da cidade de Salvador. Nesse contexto, destacamos duas diferenciações realizadas por Lopes (2000): (i) entre prefixos amplificadores por natureza e prefixos amplificadores por transferência de sentido e (ii) entre intensificadores integrados e intensificadores não integrados.

Por amplificadores por natureza Lopes (2000, p. 1) entende os “prefixos”⁶⁶ que sempre indexaram uma noção de grau, como é o caso de “micro-”, que em “microfilme” significa filme pequeno – além de “maxi-”, “macro-”, “mega-” e “mini-”. Já os “prefixos” amplificadores por transferência de sentido seriam aqueles que, originalmente, exprimiriam localização e que, posteriormente, passariam a indexar intensidade. Como exemplo, teríamos “hiper-”, que, no grego, portava o sentido de “posição superior” e que, por transferência semântica, passou a indicar tamanho em “hipermercado” – além de “arqui-”, “extra-”, “sobre-”, “supra-”, “super-” e “ultra-”⁶⁷.

Já nesse primeiro momento, percebemos um equívoco nas palavras do próprio autor ao tratar conceitos, como vimos, tão distintos, como se significassem a mesma coisa: ele toma a palavra “grau” (referindo-se a “microfilme”) e a palavra “intensidade” (referindo-se a “hipermercado”) para falar de tamanho, misturando os conceitos de dois diferentes tipos de grau e deixando de apresentar exemplos em que “hiper”, de fato, imprima intensidade. Ainda, não concordamos com o autor quando ele sugere que os “prefixos” amplificadores por natureza não sofrem transferência de sentido, já que “micro”, “maxi”, “macro”, “mega” e “mini”, a depender do contexto de uso, podem, sim, indexar uma noção diferente de tamanho. Todavia, Lopes (2000) muito contribui para a nossa pesquisa quando nos chama a atenção para o fato de os “prefixos” “maxi-”, “macro-”, “mega-”, “micro-” e “mini-” indexarem dimensão e de os “prefixos” “arqui-”, “extra-”, “sobre-”, “supra-”, “super-”, “hiper-” e “ultra-” terem exprimido noção de posição antes da noção de intensidade.

Outra distinção proposta por Lopes (2000) é entre intensificadores integrados e intensificadores não integrados. Para exemplificar tal diferenciação, o autor nos apresenta os seguintes exemplos (LOPES, 2000, p. 1):

(43) Este trem é **ultra**-rápido (= *extremamente* rápido).

(44) Esta é uma **super**-secretária (= *demasiadamente* boa secretária).

⁶⁶ Assim como os demais autores referenciados até aqui, Lopes (2000) não diferencia prefixos de construções avaliativas.

⁶⁷ Segundo Lopes (2000, p. 2), “arqui-”, “extra-”, “sobre-”, “supra-”, “super-” e “ultra-” portavam, originalmente, a noção de localização. “Arqui-” significava “superior hierárquico”; “extra-” significava “fora de”; “sobre-” significava “em cima de”; “supra-” significava “acima de”; “super-” significava “por cima de”; e “ultra-” significava “para além de”.

De acordo com Lopes (2000), em (43), “ultra-” seria um exemplo de intensificador não integrado, uma vez que o próprio “prefixo”, cujo sentido original era o de “ultrapassagem”, passa a expressar intensidade elevada junto à base “rápido”. Por outro lado, em (44), “super-” seria um “prefixo” intensificador integrado, visto que este, cujo sentido original era o de “posição superior”, passa a exprimir intensidade e qualidade (secretária demasiadamente boa). O que o autor faz, aqui, é uma distinção entre construção com escopo adjetivo e construção com escopo substantivo. É uma importante contribuição do autor que apontamos, desse modo, diz respeito à sua percepção de que, quando o escopo é um substantivo, a intensificação se faz implicitamente – ou, nas palavras do autor, de maneira integrada.

Especialmente sobre as construções com “super”, as mais frequentes em nossos dados, referenciamos, a seguir, trabalhos de diferentes autores, os quais contribuem, cada um à sua maneira, para esta tese, a saber: Cavalcanti (1980), Silva (2001, 2015), Ribeiro (2006), Goulart (2011) e Bertagnoli (2014).

Ribeiro (2006) estuda os usos de “super” com base verbal. O interesse do autor são, em especial, os verbos que tradicionalmente não admitiriam intensificação. Desse modo, a partir de exemplos reais retirados da internet, Ribeiro (2006, p. 142-143) identifica construções como “super olhando”, “super namorando”, “super achando”, “super cantando”, “super falando”, “super malhando”, “super chegando”, “super fazendo pose”, “super odiavam”, “super prefiro”, “super curtindo”, “super indo”, “super mexendo” e “super voando”.

A grande contribuição do autor diz respeito à identificação (a) de construções já intensas e que são, hoje em dia, ainda mais intensificadas, como “super odiavam”, “super prefiro” e “super curtindo”, e (b) de construções em que os verbos não admitiriam intensificação, mas, ainda, sim, são intensificadas, como “super olhando”, “super namorando”, “super achando” e “super cantando” (RIBEIRO, 2006).

Os resultados de Ribeiro (2006) atualizam alguns dos julgamentos de aceitabilidade de Cavalcanti (1980) – com quem compara seus resultados. Por exemplo, para Cavalcanti (1980 *apud* RIBEIRO, 2006), as construções “super indo”, “super chegando”, “super malhando”, “super mexendo” e “super fazendo pose” não seriam aceitas pelos falantes.

Cavalcanti (1980 *apud* RIBEIRO, 2006), mediante uma abordagem gerativista, descreve as condições que possibilitam os falantes analisar, relacionar e criar formas derivadas com diversos “prefixos”, entre os quais tratamos, aqui, do “super-”. E a importante contribuição do autor acerca do uso de “super-” está relacionada à combinação entre o “prefixo” e uma base verbal – construção, diversas vezes, negligenciada por estudiosos.

A partir de testes linguísticos, Cavalcanti (1980 *apud* RIBEIRO, 2006) detecta que a construção “super-” ocorre (i) com verbos que expressam sentimentos ou processos mentais em geral, como “superabundar”, “superestimar”, “superexaltar”, “superexcitar”, “superativar”, “supersaturar”, “superagitar”, “superproteger”, “supersensibilizar” e “superintender”; e (ii) com verbos de ação que admitem que o processo por ele expresso possa ser ele mesmo intensificado, como “supertrabalhar”, “superlimpar”, “superorganizar”, “superocultar”, “superprocurar”, “superfalar”, “superbater” e “superavisar”.

Por outro lado, o autor verifica que determinados verbos não são passíveis de intensificação com o “prefixo” “super-”, como são os casos dos verbos de movimento que implicam deslocamento de um ponto A a um ponto B e os verbos cuja ação se desenvolve num espaço determinado (“superandar”, “superpassar”, “supercaminhar” e “supernavegar”). Conforme esclarece Cavalcanti (1980 *apud* RIBEIRO, 2006), tais verbos não podem ser intensificados devido ao fato de somente o resultado da ação admitir intensificação, isto é, o espaço que se andou, que se passou, que se caminhou, que se navegou.

O autor ainda constata outros verbos que também não são passíveis de intensificação com o prefixo “super-”, como os verbos de ação cuja tentativa de intensificação resulta em formas denominadas por ele “sem sentido” (“superbeber”, “supercomer”, “supercantar”, “supercomprar”, “supervender”, “superganhar”, “superfazer”). Igualmente ao que ocorre com os verbos de deslocamento, nestes casos, o que é passível de intensificação é o resultado do processo verbal, ou seja, a quantidade ou a qualidade do que se bebeu, do que se comeu, do que se comprou (CAVALCANTI, 1980 *apud* RIBEIRO, 2006).

Todavia, retornando a Ribeiro (2006), seus resultados estão em conformidade com o postulado de Silva (2008b, 2014), no que tange à perspectivização, que aponta para a não correspondência direta entre a atribuição de grau e a realidade.

Em outras palavras, para Silva (2008b, 2014), é possível que um dado conceito, aparentemente concebido como não sendo passível de gradação, se encontre graduado a depender de seu contexto de uso.

Portanto, embora o estudo de Ribeiro (2006) não apresente um rigor teórico, metodológico e analítico – e, ainda, o autor não proponha uma distinção entre construção prefixal com “super-” e construção avaliativa com “super”, nem sugira outras funções para “super” que não seja a intensificação –, ele evidencia a expansão de uso de “prefixos” para marcar a intensidade na língua, bem como traz para o âmbito dos estudos linguísticos uma estrutura muitas vezes não investigada – “super” mais verbo.

Com uma nova perspectiva, Bertagnoli (2014) realiza um estudo descritivo e analítico sobre o funcionamento da construção “super” mais verbo como forma livre (“super quero”, “super recomendo”, “super vou comprar”) – isto é, dissociada da base verbal, cujo funcionamento difere do “super-” prefixo (“superproteger”, “superestimar”, “supervalorizar”).

Desse modo, a partir da abordagem da Lexicologia, a autora diferencia prefixo de forma livre, pautada na dependência da base, na posição e na função. Bertagnoli (2014) verifica, então, que a forma livre não ocorre presa à base, não obedece necessariamente à posição de anterioridade (como “super me candidato” e “super vou comprar”) e não tem como função formar uma nova palavra. Todavia, segundo a autora, a principal diferença entre o prefixo e forma livre “super” seria o sentido. Enquanto “super-” prefixo tem sentido de excesso ou abundância, “super” forma livre porta sentidos diferentes (sendo equivalente a “muito”, “sempre”, “mesmo”, “com certeza”, “sem dúvida”). Seria, portanto, tal polissemia de “super” a responsável por sua mobilidade sintática e por sua pluralidade de funções (BERTAGNOLI, 2014).

A hipótese da autora é a de que a noção semântica determinada pelo contexto de uso pode influenciar não só a frequência da articulação de “super” a certos predicados, como também a sua função no discurso. Para tanto, partindo de ideia de que “super” seria um modificador intensificador do verbo, Bertagnoli (2014) se apropria do conceito de acionalidade de Ilari e Basso (2008) e realiza testes para verificar as propriedades semânticas dos predicados verbais. Nesse contexto, a autora propõe a distinção entre predicados durativos e não durativos. Os predicados durativos permitiriam uma leitura mais intensificadora de “super”, que funcionaria

como modificador intensificador. Já os predicados não durativos permitiriam uma leitura mais quantificadora de “super”, que funcionaria como elemento modalizador (BERTAGNOLI, 2014).

No entanto, a autora nos apresenta algumas exceções: (i) os verbos não durativos “recomendar” e “indicar” seriam verbos performativos, e, desse modo, “super” funcionaria como intensificador da força ilocucionária; (ii) com verbos durativos no tempo presente, “super” funcionaria como intensificador da repetição da ação (iteratividade) (BERTAGNOLI, 2014).

Dessa maneira, para Bertagnoli (2014), “super” atuaria como (i) intensificador (do predicado verbal, da iteratividade e da força ilocucionária); (ii) modalizador (do enunciado e da enunciação); (iii) modificador da modalização. Observemos a proposta da autora a partir do quadro a seguir:

Quadro 1 – Funcionamentos encontrados para “super” (forma livre) (reproduzido de BERTAGNOLI, 2014, p. 155)

INTENSIFICADORES	Intensificador do predicado	Predicados durativos	Eu super gosto dos produtos da marca. (<i>Eu gosto intensamente</i>)
	Intensificador da iteratividade	Predicados não-durativos	Eu super faço esses enxertos na minha unha. (<i>Eu sempre faço esses enxertos</i>)
		Verbos performativos (não-durativos)	Eu super recomendo um corretivo mais pro laranja, tipo um tom pêssego ou salmão. (<i>Eu recomendo sempre esse corretivo</i>)
	Intensificador da força ilocucionária	Verbos performativos e perífrases de futuro (predicados durativos e não-durativos)	Nossa eu super vou fazer essa receita. (<i>Com certeza/Prometo que eu vou fazer essa receita</i>)
MODALIZADORES	Modalizador do enunciado	Predicados não-durativos	Essa menina super nasceu pra câmera. (<i>Ela com certeza nasceu pra câmera</i>)
	Modalizador da enunciação	Verbos performativos (não-durativos)	Hoje eu trago pra você algumas lojas virtuais que super indico para comprar maquiagem. (<i>Eu indico fortemente essas lojas</i>)
	Modalizador da modalização	Verbos modalizadores (durativos)	Eu super acho que foi um esbarrão do destino. (<i>Eu não só acho, como eu tenho certeza de que foi um esbarrão do destino</i>)

Embora não concordemos com a classificação proposta pela autora para “super” no Quadro 1 – não acreditamos que as diferentes funções de “super” mais verbo sejam determinadas pela duratividade das ações –, consideramos que seu estudo traz importantes contribuições no que se refere, especialmente, à propriedade modalizadora da construção. Acreditamos, assim como Bertagnoli (2014), que terminadas construções com “super” teriam, sim, como função a modalização do discurso pelo locutor⁶⁸. Ainda, a autora muito contribui para os estudos das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, bem como para a sua diferenciação de construções prefixais.

Goulart (2011), assim como Bertagnoli (2014), também propõe uma discussão mais detalhada acerca do uso de construções com “super”. A partir dos pressupostos da gramaticalização, o autor trata da mudança linguística de “super” na língua portuguesa de prefixo ao que ele denomina forma livre. Conforme aponta o autor, o prefixo latino “super” participa de processos de derivação lexical – exprimindo superioridade, excesso, abundância, elevação e excepcionalidade –, como observamos em “superar”, “super-homem”, “supervalorizado” e “superfaturando”, quando o prefixo não pode ser substituído por “muito”. Todavia, segundo o autor, recentemente, teriam ocorrido dois movimentos com “super”: (i) a perda de valor lexical nas acepções de superioridade, excesso e abundância; e (ii) o deslocamento da palavra que modificaria, deixando de ser prefixo. Vejamos os exemplos seguintes (GOULART, 2011):

(45) **super de bem com a vida.** (GOULART, 2011, p. 2510)

(46) **superfeliz.** (GOULART, 2011, p. 2510)

(47) dá um **super efeito 3D.** (GOULART, 2011, p. 2512)

(48) o casal está **super se curtindo.** (GOULART, 2011, p. 2512)

(49) **rola super**, né? (GOULART, 2011, p. 2513)

(50) se ele está solteiro? **Super!** (GOULART, 2011, p. 2513)

⁶⁸ Discutimos, no Capítulo IV, como construções com “super”, e outras, são instanciadas para a indexação da modalização discursiva.

Em (45), Goulart (2011) demonstra que, na construção “super de bem com a vida”, “super” não pode ser considerado prefixo, pois ocupa uma posição menos rígida na oração, modificando toda a locução adjetiva e sendo equivalente a “muito”. Em (46), em “superfeliz”, “super” não se refere mais à superioridade *per se*. De acordo com o autor, alguém que é “superfeliz” goza de um nível de felicidade superior ao de outra pessoa que é somente “feliz”. Em (47), em “dá um super efeito 3D”, “super” ganha mais liberdade estrutural, indexando sentido que não equivale a “muito” e demonstrando sua deslexicalização. Em (48), a construção “super se curtindo” não poderia ser substituída por “se supercurtindo”, demonstrando que “super” está dissociado do verbo por um clítico. Em (49) e em (50), “super” nem sequer precede o que modifica – “rola super, né?” e “se ele está solteiro? Super!”. Para o autor, o que ocorre com “super” é a perda de sentido. Goulart (2011) acredita que, embora haja forte influência pragmática nas construções com “super” forma livre, sua carga semântica é quase nula – motivo pelo qual o autor denomina “super” de expletivo atributivo.

Discordamos de Goulart (2011), quando ele defende que a carga semântica de “super” é quase nula. Demonstramos em nossa análise que tanto “super” quanto “mega”, “hiper” e “ultra” indexam além de intensificação e focalização, qualificação e modalização a depender de seu contexto de uso. Conforme demonstramos no Capítulo IV desta tese, “super” é recrutado para preencher o *slot* da avaliação do locutor por meio da intensificação e da focalização, ou seja, ocorre o recrutamento de uma estrutura que funcionava como prefixo para o preenchimento do *slot* da avaliação por intensificação e focalização, instanciando um novo esquema na língua.

Todavia, o estudo de Goulart (2011) contribui para esta tese no que diz respeito à compreensão de que estruturas que atuavam como prefixos na língua perderam seu valor semântico de superioridade, excesso e abundância, ganhando maior liberdade sintática no co-texto linguístico.

De acordo com Silva (2001, p. 111), “super”, que teria derivado do grego “*huper*”, era utilizado no latim tanto como forma dependente (em função adverbial, prepositiva ou conjuntiva) quanto como morfema preso (prefixo). Em língua portuguesa, “super” teria sido introduzido, inicialmente, como prefixo, nas formas “sobre-” e “sober-” – como verificamos em “sobressair” e “soberba” –, e, posteriormente, teria passado a morfema preso – como observamos em “superar”,

“superávit” e “súpero” (como radical) e em “super-homem”, “superlotar”, “supercílio”, “superpor” e “superintendente” (como prefixo latino). No entanto, o autor observa que, na linguagem cotidiana, principalmente na modalidade oral, “super” vem desempenhando diferentes funções morfossintáticas. Observemos os exemplos seguintes (SILVA, 2001, p. 111):

(51) Os primeiros bimestres foi **super bem**...

(52) ... deixava todo mundo **super à vontade**.

(53) ... porque ela tinha me falado uns assaltos assim **super barra pesada da vida dela**...

(54) ... daí a polícia é **super mal equipada**...

(55) ... diacronia tá **super na moda**.

Com os exemplos acima, Silva (2001) destaca que nem sempre é possível classificar “super” como prefixo. Para o autor, nos exemplos (51)-(55), “super” constitui um advérbio de intensidade com sentido equivalente a “bastante”. Em (51), “super” é um advérbio de intensidade que modifica o advérbio “bem”; em (52), “super” é um advérbio que modifica a locução adverbial “à vontade”; em (53), o advérbio “super” modifica a expressão adjetiva “barra pesada”; em (54), o advérbio “super” modifica a expressão adjetiva “mal equiparada”; e em (55), o advérbio “super” modifica a locução “na moda”.

Silva (2015) admite que “super” teve seu *status* modificado, de forma presa para forma dependente, quando passou de prefixo a advérbio. Conforme ressalta o autor, “esses usos de ‘super’ podem ser equiparados ao que Norde (2011) classifica como *debonding*⁶⁹, uma vez que, em tais construções, esse elemento não pode ser analisado como forma presa prefixal, mas como uma palavra funcional dependente” (SILVA, 2015, p. 80).

Silva (2001, p. 112) defende, ainda, que, mais recentemente, “super” adquiriu *status* de adjetivo, atuando como adjunto adnominal e como predicativo, conforme observamos nos exemplos seguintes:

⁶⁹ *Debonding* refere-se à passagem de um morfema preso a uma palavra gramatical (dependente) (NORDE, 2011).

(56) Seja **super**: assine Superinteressante.

(57) Top dance é **super**... é mix.

(58) Sexta **Super**.

(59) ... ela acha esse professor **super**.

De acordo com o autor, nos exemplos (56) e (57), em “Seja super” e “Top dance é super”, “super” atua como adjetivo qualificativo. Já em (58) e (59), em “Sexta super” e “professor super”, “super” atua como adjetivo híbrido, uma vez que, ao mesmo tempo em que intensifica, qualifica (SILVA, 2001).

Nas construções em que “super” é utilizado como adjetivo adjunto posposto ao nome que modifica – como em “Sexta super” e em “professor super” – ou como adjetivo predicativo – como em “Seja super” e em “Top dance é super” –, Silva (2015) acredita ocorrer o que Norde (2011) denomina *degrammation*⁷⁰, ou seja, passagem de uma palavra gramatical a um item lexical.

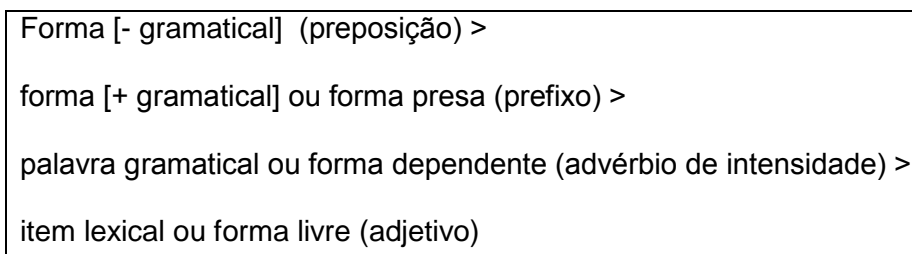
Nesse contexto, Silva (2001) chega à conclusão de que, na língua portuguesa, “super” pode atuar como forma gramatical, como advérbio de intensidade e como adjetivo. Sendo assim, a hipótese de Silva (2001, p. 119) é a de que “super”, provavelmente, tenha indexado, inicialmente, localização superior (“sobre”, “em cima de”, “acima de”) e tenha estendido seu sentido para usos mais abstratos de superioridade, excessividade, posterioridade temporal e acréscimo argumentativo.

O autor esclarece que o uso de “super” como advérbio de intensidade se justifica pelo fato de ele já ser utilizado com o sentido de excesso em seu uso como prefixo. Já o uso de “super” como adjetivo se justifica pelo fato de que, a partir de seu sentido abstratizado na noção de superioridade junto a substantivos, desenvolveu-se um sentido novo para designar algo que é muito bom ou superior. Finalmente, Silva (2001, p. 126) explica que, uma vez que adjetivo pode funcionar como adjunto adnominal e como predicativo, “super” adquire liberdade sintática para vir até mesmo posposto, como em “... ela acha esse professor super.” / “Top dance é super.”).

⁷⁰ A *degrammation* é definida como um dos casos de lexicalização, ou seja, diz respeito à transformação de uma palavra funcional (ou morfema dependente) em item lexical (NORDE, 2011).

Em vista disso, Silva (2001, p. 124; 2015, p. 81) postula a seguinte trajetória morfossintática para “super”:

Figura 3 – Trajetória morfossintática de “super” proposta por Silva (2001, p. 124; 2015, p. 81)



A partir da trajetória explicitada na Figura 3, Silva (2015) sugere que, na mudança linguística de “super”, pode-se atestar o fenômeno da degramaticalização, uma vez que

[...] ganhou mais liberdade sintática, passando de morfema preso a forma lexical livre; migrou de uma classe fechada para uma classe aberta, recategorizando-se; adquiriu maior carga semântica e maior saliência fonética; ampliou seu escopo relacional/distribucional, podendo atuar como adjunto ou como predicativo; passou a figurar como núcleo sintagmático, e não como elemento secundário/periférico, principalmente na função predicativa; tornou-se menos paradigmático, com perda de obrigatoriedade. (SILVA, 2015, p. 81)

A perspectiva da degramaticalização, frequentemente discutida no âmbito dos estudos funcionalistas, refere-se ao processo de mudança linguística de um elemento que, em um contexto específico de uso, aumenta seu escopo de atuação em mais de um nível linguístico (semântica, morfologia, sintaxe, fonologia), acarretando perda de dependência e acréscimo de liberdade sintática (NORDE, 2011).

A compreensão de Silva (2015) de que “super” estaria passando por um processo de degramaticalização se apoia no fato de as novas construções violarem os parâmetros formais do *escopo* e da *variabilidade sintagmática* propostos por Lehmann (1995 [1982]) para a aferição do grau de autonomia de um item. O parâmetro da *variabilidade sintagmática* refere-se ao grau de flexibilidade de um item dentro de uma construção; já o parâmetro do *escopo* diz respeito à extensão da

construção que um item ajuda a formar. Nesse sentido, as novas construções com “super”, articulando aumento de escopo estrutural e de liberdade sintática, se tornariam mais autônomas, conseqüentemente, menos gramaticais. Desse modo, entendemos que o conceito de degramaticalização tem bases na abordagem tradicional da gramaticalização. Tal fenômeno proposto por Norde (2011) diz respeito à mudança linguística que se realiza em uma direção contrária à direção postulada pela abordagem da gramaticalização tradicional – refere-se, portanto, à transformação de um item mais gramatical em um item menos gramatical ou de um item gramatical em um item lexical.

Todavia, no âmbito da LFCU, conforme vimos no Capítulo I desta tese, assume-se a direcionalidade da instanciação de novos pareamentos na língua, de maneira que léxico e gramática não constituem módulos separados, mas, sim, são entendidos como partes de um *continuum*. Nesse contexto, o olhar do analista está voltado para a relação entre as partes de uma construção, para o grau de integração entre tais partes, para a relação entre as construções e para a instanciação de construções a partir de esquemas, e não para o *cline* *[lexical] > [- gramatical] > [+ gramatical]* ou sua trajetória inversa *[+ gramatical] > [- gramatical] > [lexical]*.

É nesse contexto que defendemos que a abordagem da LFCU possibilita uma investigação da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa para além de parâmetros formais, atribuindo ao componente estrutural a mesma dimensão conferida ao componente funcional.

2.4. Conclusões

Os trabalhos referenciados neste capítulo fornecem contribuições significativas ao estudo por nós empreendido nesta tese, bem como apresentam limitações quando se pretende realizar uma análise dos dados sob a ótica da LFCU. São tais contribuições e lacunas, desse modo, que impulsionam, ainda mais, nosso desejo de investigação da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa.

Dos trabalhos de Cunha e Cintra (2007), de Bechara (2009) e de Sousa (2008) – os quais se dedicam à descrição do grau do ponto de vista, principalmente, morfológico –, destacamos suas contribuições para a caracterização formal do grau de substantivos, adjetivos e advérbios, uma vez que nos fornecem pistas para a descrição da porção estrutural do padrão construcional das ocorrências com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” empiricamente atestadas no *corpus* de análise.

No que tange aos estudos de Basílio (2007, 2013), sua principal contribuição diz respeito à distinção entre o grau expressivo e o grau denotativo, subsidiando o tratamento que damos a nossos objetos de investigação na presente tese. Em outras palavras, a autora, em certa medida, contribui para a distinção entre construções prefixais e construções por nós denominadas avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”. Ainda que sob o ponto de vista morfológico, a autora assume que determinadas construções de grau são essencialmente subjetivas e avaliativas, isto é, exprimem algum julgamento do locutor. Conforme verificamos no Capítulo IV desta tese, a avaliação codificada pelo grau, ou *posicionamento avaliativo do locutor* a partir da intensificação e da focalização, configura o traço funcional definidor do esquema mais genérico que envolve a instanciação e a convencionalização das construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” investigadas. É nesse contexto, portanto, que o estudo da autora contribui substancialmente para a escolha e a definição de nossos objetos de pesquisa – construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, e não construções prefixais.

Com relação à principal limitação dos estudos de Cunha e Cintra (2007), de Sousa (2008), de Bechara (2009), de Basílio (2007, 2013) e de Basílio e Bezerra (2014), apontamos, além da falta de consenso entre os autores acerca do processo que envolveria a formação do grau – se flexão, se derivação, se processo sintático –, a descrição do grau sob um viés essencialmente formalista. Mesmo os trabalhos de Basílio (2007, 2013) e de Basílio e Bezerra (2014), que avançam em relação aos demais no que se refere ao estudo da função na atribuição de grau, não abordam semântica, pragmática e discurso de modo efetivo, desvinculando o uso da língua de contextos reais de produção.

Nos estudos de Silva (2000, 2006, 2008a 2008b, 2014), o diferencial está no entendimento do grau tanto em sua dimensão formal – considerando aspectos

fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e textuais – quanto em sua dimensão funcional – colocando em relevo fatores semânticos, cognitivos, discursivos e sociopragmáticos – a partir de uma abordagem mais holística desse fenômeno.

Nesse sentido, em nossa investigação de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa, nos apropriamos de conceitos desenvolvidos pelo autor, tais como aqueles que se referem ao escopo, à escalaridade, à tipologia e à informatividade do grau, à relação icônica entre forma e função, à relação entre grau e (inter)subjetividade, às projeções metafóricas e metonímicas na conceituação do grau, entre outros. Todos estes conceitos, por nós reformulados e adequados à nossa pesquisa, auxiliam na descrição dos padrões construcionais que compõem a rede taxonômica das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

Já Rodrigues (2015) e Lopes (2000) fornecem contribuições relevantes acerca da sistematização específica de construções com “super”, “ultra”, “hiper”, “mega”, “arqui”, “maxi”, “macro”, “mini”, “micro”, entre outras, as quais são tratadas separadamente de outras construções de grau.

Do trabalho de Rodrigues (2015), pontuamos sua contribuição para a escolha dos nossos objetos de investigação nesta tese quando ela aponta a indexação de atribuição de qualidade e de intensificação em construções com “super-”, “ultra-”, “hiper-” e “mega-”, as quais podem ocorrer com escopo substantivo, adjetivo, adverbial ou verbal.

Do estudo de Lopes (2000), uma importante contribuição a ser considerada diz respeito à percepção de que, quando o escopo é um substantivo, a intensificação é alcançada implicitamente – ou, nas palavras do autor, de maneira integrada.

Acerca dos estudos de Cavalcanti (1980), de Ribeiro (2006) e Bertagnoli (2014), destacamos o tratamento específico da combinação “super” e uma base verbal, estrutura muitas vezes não investigada pelos estudiosos.

Do estudo de Ribeiro (2006), destacamos, ainda, a constatação da expansão de uso de “super” para marcar a intensidade na língua; do trabalho de Bertagnoli (2014), consideramos sua importante contribuição no que se refere, especialmente, à propriedade modalizadora da construção. Assumimos, nesta tese, assim como Bertagnoli (2014), que terminadas construções com “super” teriam, sim, como função a modalização do discurso pelo locutor.

Por fim, do trabalho de Goulart (2011), pontuamos sua contribuição no que diz respeito à compreensão de que estruturas que atuavam como prefixos na língua perderam seu valor semântico de superioridade, excesso e abundância, ganhando maior liberdade sintática no co-texto linguístico; e, do trabalho de Silva (2001, 2015), consideramos a importante observação do autor de que, na linguagem cotidiana, principalmente na modalidade oral, “super” vem desempenhando diferentes funções morfossintáticas – radical, prefixo, advérbio de intensidade e adjetivo.

Portanto, entendemos que a presente tese avança em relação aos trabalhos referenciados neste capítulo nos seguintes aspectos: (i) o recorte dos objetos de investigação – construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” que atuam na expressão do *posicionamento avaliativo do locutor* por meio da intensificação e da focalização; (ii) a descrição de padrões construcionais e a identificação dos níveis de esquematicidade das construções analisadas – esquema, subesquemas e microconstruções –; e (iii) a proposta de uma rede construcional que relacione os diferentes pareamentos forma-função identificados em torno de um esquema abstrato comum.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos por nós adotados para a pesquisa realizada. Dessa maneira, na seção 3.1, tratamos da descrição do *corpus* sincrônico escrito, constituído para a análise das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa. Em seguida, na seção 3.2, abordamos o método de pesquisa utilizado, o qual equaciona a análise qualitativa das ocorrências e o cálculo da frequência de uso. Por fim, na seção 3.3, listamos os procedimentos de análise de dados que orientam a leitura do Capítulo IV desta tese.

3.1. A constituição do corpus para a análise de dados

Embora a perspectiva diacrônica, ou também denominada linguística histórica, tenha ocupado lugar de destaque nas pesquisas em mudança linguística até o ano de 1970, estudos posteriores também passaram a conceber as inovações linguísticas a partir de uma perspectiva sincrônica de análise (GONÇALVES *et al.*, 2007).

A pesquisa diacrônica, no âmbito dos estudos da LFCU, tem como princípio compreender como construções emergem e se desenvolvem na língua ao longo do tempo e de maneira gradual. Já o estudo sincrônico, de acordo com Neves (1997), enfoca a descrição dos padrões de usos para o entendimento do sistema linguístico, bem como possibilita uma relação entre inovações e padrões construcionais já existentes.

Furtado da Cunha *et al.* (1999), Heine *et al.* (1991), Neves (1997) e Martelotta e Alonso (2012) defendem que se alinhem as perspectivas diacrônica e sincrônica – sob a nomenclatura “pancronia” –, nos estudos funcionalistas, de maneira a observar os diferentes estágios linguísticos, além da origem e da trajetória das construções. Para os autores, diacronia e sincronia devem ser entendidas como interdependentes, haja vista que uma construção mais complexa formal e cognitivamente, formada ao longo do tempo, mantém vestígios de sua acepção original.

Não obstante concordemos que a pancronia constitui a perspectiva ideal de investigação – a qual parte do estudo histórico do sistema linguístico para a compreensão da gramática sincrônica da língua –, nesta tese, utilizamos como amostra para a análise de dados um *corpus* somente sincrônico. Uma vez que estamos falando em perspectivas metodológicas para a análise dos dados, acreditamos que, embora diacronia e sincronia sejam conceitos entendidos de maneira complementar, a escolha por uma, por outra ou pela junção das duas perspectivas reflete o olhar do pesquisador, que deve adequar o método a seus objetos e objetivos de trabalho.

Haja vista que o presente trabalho tem como objetivos mais específicos a identificação e a descrição de diferentes padrões construcionais vinculados aos três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –, os quais envolvem a instanciação e a convencionalização da construção avaliativa mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ na língua portuguesa, não nos ocupamos, aqui, da trajetória individual de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, mas, sim, do ponto em que se interceptam na sincronia atual – na expressão do *posicionamento avaliativo do locutor* com atitudes intensiva e focalizadora.

Embora não tenhamos realizado uma análise diacrônica dos dados, no que se refere à expansão de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” através do tempo, partimos de discussões instituídas por trabalhos anteriores – referenciados no Capítulo II desta tese –, assim como da busca pelas acepções de origem de cada estrutura em dicionário etimológico – conforme vemos no Capítulo IV. Logo, estudos já realizados nos ajudam a esclarecer que a forma e a função da construção investigada, em seus diferentes níveis esquemáticos, refletem motivações de natureza cognitiva e de

natureza comunicativa em sua relação (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016).

Ademais, defendemos, nesta tese, que a construção mais esquemática {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc} foi instanciada recentemente na língua via mecanismo da analogização. Tal pressuposto, desse modo, é ratificado pelo fato de, nos *corpora* históricos disponíveis⁷¹, não termos encontrado representatividade de nossos objetos de estudo – construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”. Nesse contexto, assumimos que a perspectiva sincrônica reflete, sim, a dinamicidade da língua, que está em constante processo de variação e mudança e de instanciação de novos padrões construcionais, uma vez que formas e funções velhas e novas podem coexistir, em determinado momento, tanto em seu estatuto original quanto em seu estatuto construcionalizado.

É nesse sentido que, nesta tese, atribuímos a devida importância à perspectiva sincrônica na análise de dados no âmbito da abordagem da LFCU. Além de atestar pareamentos forma-função resultantes de expansões semântico-pragmáticas e discursivas sofridas no curso da interação comunicativa, um estudo sincrônico possibilita, ainda, a identificação de motivações, mecanismos e propriedades construcionais que organizam as construções em uma rede construcional.

Em suma, a fim de cumprirmos os objetivos de identificar e de descrever os diferentes padrões vinculados ao esquema, aos subesquemas e às microconstruções envolvendo construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, bem como propor uma rede construcional que relacione tais construções em torno de um esquema abstrato comum, compusemos uma amostra sincrônica para a análise das ocorrências. Tal amostra sincrônica é composta por textos que recobrem a modalidade escrita da língua, os quais foram retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet.

Buscando uma maior representatividade da língua, de maneira a não comprometer os resultados alcançados, para composição da amostra de análise, tomamos como base três diretrizes propostas por Vitral (2006, p. 151-152), tais como

⁷¹ CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval (Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: 11 mai. 2015) e *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>>. Acesso em: 25 mai. 2015).

(i) diversidade de gêneros textuais, (ii) distanciamento entre os textos o máximo possível no tempo e (iii) mesmo recorte de número de palavras (ou número aproximado).

No que tange à seleção dos gêneros textuais⁷², Vitral (2006, p. 151) ressalta que sua diversidade favorece o “surgimento de ambientes semânticos diferentes que propiciam a ampliação dos usos dos itens, com significados diferentes”. Assim sendo, nossa amostra é composta por entrevistas, reportagens, notícias, postagens, receitas, tutoriais, guias de viagem etc. Todavia, mesmo buscando uma maior representatividade linguística, temos ciência de que os textos selecionados constituem apenas um recorte parcial da língua, e não a língua em sua totalidade. Cabe ressaltar, ainda, que, embora saibamos que certos aspectos linguísticos estão relacionados ao gênero textual ou à sequência tipológica – que atua como um esquema estrutural dentro do gênero –, não realizamos, nesta tese, uma análise das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em função dos diferentes gêneros e tipos textuais.

Quanto ao critério de distanciamento dos textos no tempo, Vitral (2006) considera que mudanças linguísticas se efetivam em grandes intervalos de tempo. Devido ao fato de não termos encontrado representatividade das construções investigadas em *corpora* diacrônicos e de estarmos pesquisando construções muito recentes na língua, iniciamos nossa constituição da amostra com a coleta de textos que datam do ano de 2011 – os quais já haviam sido selecionados por Oliveira (2012) –, avançando no tempo até o ano de 2014 (ano em que tratamos da metodologia desta pesquisa) e recuando no tempo até o ano de 2008 (último ano em que conseguimos o mesmo recorte de palavras para textos retirados de *blogs*)⁷³.

Por fim, no que diz respeito ao critério de mesmo recorte de número de palavras (ou número aproximado) em cada banco de dados selecionado, Vitral (2006) destaca que este evita assimetrias no levantamento da frequência de uso.

⁷² Gêneros textuais, de acordo com Marcuschi (2009 [2008], p. 155), são textos materializados que apresentam “padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

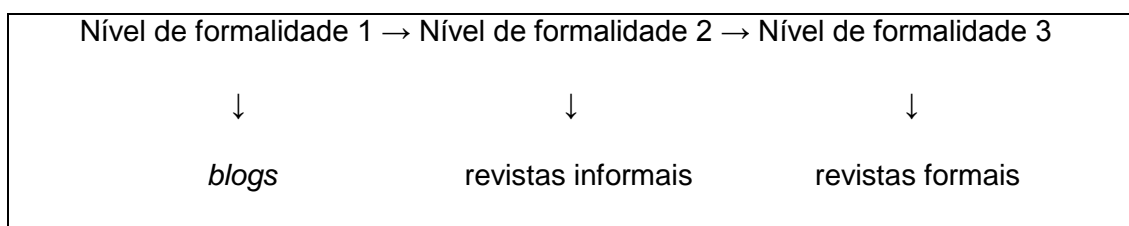
⁷³ Créditos para a seleção dos textos datados dos anos de 2008 e de 2014, também, à doutoranda Ana Paula Durço Gonçalves, com quem dividi essa tarefa.

Desse modo, para a constituição da amostra, compusemos nove *corpora* constituídos por 300 mil palavras cada um⁷⁴.

Uma vez que estamos trabalhando com um *corpus* escrito de análise, além das diretrizes estabelecidas por Vitral (2006), para a constituição da amostra, nos orientamos, também, pela proposta de elaboração de um *continuum* de formalidade de Oliveira (2012). A autora, durante sua pesquisa acerca da gramaticalização do verbo “esperar”, compôs um *corpus* sincrônico escrito, cujos textos datam do ano de 2011. Oliveira (2012) esclarece que a proposta de distribuição dos textos em níveis de formalidade advém da perspectiva da variação diafásica, que diz respeito à variação da língua por um mesmo indivíduo a depender da situação comunicativa em que está envolvido. Freitas (2012) aponta que o locutor pode adaptar seu comportamento linguístico em função da influência do ambiente, do tema, do estado emocional e do grau de intimidade entre os interlocutores. Nesse sentido, transitar entre os registros formal e informal da língua constitui uma das habilidades linguísticas do locutor.

Na figura a seguir, reproduzimos o *continuum* de formalidade proposto por Oliveira (2012):

Figura 4 – *Continuum* proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o *corpus* sincrônico escrito (reproduzida de OLIVEIRA, 2012)



Conforme observamos na Figura 4, Oliveira (2012) distribui os níveis de formalidade em função dos suportes⁷⁵ em que veiculam os textos. Nos *blogs* – nível de formalidade 1 –, de acordo com a autora, a maioria dos textos, à exceção daqueles destinados a colunistas, são mais flexíveis em sua abordagem,

⁷⁴ Apresentamos, mais adiante, um quadro para melhor visualização do número de palavras por banco de dados selecionado em uma perspectiva sincrônica.

⁷⁵ De acordo com Marcuschi (2009 [2008], p. 174), o suporte de um gênero textual diz respeito ao “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

apresentando uma linguagem menos monitorada e menos padronizada no que se refere às regras gramaticais. Sendo assim, em *blogs*, apesar de circular uma diversidade de gêneros textuais, a escrita dos textos caracteriza-se, no geral, por um grau de maior informalidade. Oliveira (2012) destaca, ainda, que, embora colunistas de renome utilizem tal suporte para tornar públicos artigos, notícias, reportagens etc., o *corpus* deve ser constituído, preferencialmente, por *blogs* em que veiculam os gêneros textuais como diário pessoal, tutorial e resenha de produto. Foi com base nesses parâmetros que, assim como a autora, selecionamos textos que narram as experiências do dia a dia do locutor, como viagens e passeios, que descrevem lugares e produtos, que ensinam procedimentos e que expõem o posicionamento do locutor.

Por outro lado, em revistas, conforme salienta Oliveira (2012), há uma maior preocupação formal com a língua, por parte do locutor, em função de seu comprometimento com a credibilidade do suporte. A diferença entre os níveis de formalidade 2 e 3, contudo, deve-se aos temas abordados. No que se refere ao nível de formalidade 2, assim como a autora, selecionamos textos de revistas que tratam de assuntos do cotidiano e de temas do universo feminino. As revistas selecionadas foram: “Ana Maria”⁷⁶, “Donna”⁷⁷, “Caras”⁷⁸, “Criativa”⁷⁹, “Cláudia”⁸⁰, “Marie Claire”⁸¹, “Quem”⁸² e “TPM”⁸³, das quais retiramos notícias, reportagens, entrevistas a respeito de moda, decoração, culinária, relação entre pais e filhos, fofoca etc.

Já o nível de formalidade 3 é composto por textos retirados das revistas “Veja”⁸⁴, “Isto é”⁸⁵, “Época”⁸⁶ e “Exame”⁸⁷, mais formais do que as primeiras, uma vez que tratam de temas de interesse nacional e internacional. Destas, retiramos notícias, reportagens, entrevistas e artigos de opinião sobre política, economia, educação, saúde, cultura, tecnologia e lazer. Tais revistas que compõem o nível de

⁷⁶ Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/anamaria/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

⁷⁷ Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

⁷⁸ Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

⁷⁹ Disponível em: <<http://revistacriativa.globo.com>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

⁸⁰ Disponível em: <<http://claudia.abril.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

⁸¹ Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

⁸² Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

⁸³ Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

⁸⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.istoe.com.br/>>. Acesso em: 8 out. 2015.

⁸⁶ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/>>. Acesso em: 5 out. 2015.

⁸⁷ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/>>. Acesso em: 2 out. 2015.

formalidade 3, por contarem, na maioria das vezes, com textos de especialistas, refletem um maior comprometimento com o registro mais formal da língua (OLIVEIRA, 2012).

Entendemos, portanto, que a distribuição dos textos por níveis de formalidade proposta por Oliveira (2012), além de constituir uma tentativa de alcançar a representatividade da língua, consiste em mais um controle do analista para se evitar que os resultados sejam enviesados, bem como nos fornece respostas acerca dos contextos propícios para a instanciação e a convencionalização das construções avaliativas investigadas. Todavia, tal critério metodológico não nos serve, nesta tese, para a comparação entre tipos ou gêneros textuais.

No que concerne à constituição de uma amostra apenas escrita, ressaltamos que esta foi a modalidade em que encontramos representatividade de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”⁸⁸. A esse respeito, Schneider (2004) pondera que a modalidade escrita de uma língua não está dissociada de sua evolução linguística. Dessa maneira, para que se identifiquem marcas da oralidade em textos escritos, o autor propõe que o *corpus* (a) se aproxime o máximo possível da modalidade oral da língua, (b) seja bastante abrangente para que se possa efetuar o cálculo da frequência de uso e (c) seja representativo da comunidade linguística em geral, de maneira que se tenha acesso aos mais variados discursos.

Portanto, com base nos critérios metodológicos explicitados nesta seção, constituímos uma amostra de análise, cujos textos foram distribuídos em três níveis de formalidade, baseados nos suportes em que veiculam os textos – *blogs* e revistas disponíveis na internet –, e em três diferentes sincronias – os anos de 2008, 2011 e 2014. Observemos o quadro a seguir para o recorte de mesmo número de palavras para cada *corpus*:

⁸⁸ Nos *corpora* sincrônicos orais a que temos acesso (como o “O Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”), não encontramos representatividade de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

Quadro 2 – Total de número de palavras analisadas por *corpus* sincrônico escrito

Corpus			
Nível de formalidade	Descrição do nível de formalidade	Sincronia	Total de número de palavras analisadas
Nível de formalidade 1	Textos publicados em <i>blogs</i> pessoais que tratam de assuntos variados do cotidiano.	2008	300.000
		2011	300.000
		2014	300.000
Nível de formalidade 2	Textos publicados em revistas que tratam de questões cotidianas.	2008	300.000
		2011	300.000
		2014	300.000
Nível de formalidade 3	Textos publicados em revistas que tratam de assuntos com maior impacto em termos nacional e internacional.	2008	300.000
		2011	300.000
		2014	300.000
Total			2.700.000

Conforme observamos no Quadro 2, cada nível de formalidade é composto por três diferentes sincronias de 300 mil palavras cada uma. Este número foi estabelecido com base na amostra constituída por Oliveira (2012). A autora compôs um *corpus* distribuído em três níveis de formalidade datado do ano de 2011. Nós, então, ampliamos a amostra de Oliveira (2012), mantendo os parâmetros por ela já estabelecidos. Assim, atingimos um total de 2 milhões e 700 mil palavras. Com esse universo de palavras, acreditamos ter obtido um *corpus* sincrônico bastante representativo, embora tenhamos a consciência de que a amostra oferece um recorte parcial da língua.

A seguir, apresentamos uma tabela com o número total de ocorrências em todo o *corpus* sincrônico:

Tabela 1 – Total de ocorrências das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no *corpus* sincrônico

<i>Corpora</i>		Super		Mega		Hiper		Ultra		Total
		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Nível de formalidade 1	2008	574	82	90	12,9	23	3,3	13	1,8	700
	2011	715	86,3	83	10	11	1,3	20	2,4	829
	2014	634	90,7	59	8,4	-	-	6	0,9	699
Nível de formalidade 2	2008	74	82,2	12	13,3	-	-	4	4,5	90
	2011	61	83,6	7	9,5	1	1,4	4	5,5	73
	2014	81	81,8	5	5,1	5	5,1	8	8	99
Nível de formalidade 3	2008	7	50	7	50	-	-	-	0	14
	2011	11	57,9	8	42,1	-	-	-	0	19
	2014	9	60	5	33,3	-	-	1	6,7	15
Total		2166	85,3	276	10,9	40	1,6	56	2,2	2538

Na Tabela 1, verificamos que construções avaliativas com “super” são as mais frequentes no *corpus* investigado, compreendendo 85,3% das ocorrências (2.166 dados). Já as construções com “mega” compreendem 10,9% das ocorrências (276 dados), com “hiper”, 1,6% (40 dados), e com “ultra”, 2,2% (56 dados). Nesse sentido, entendemos que as construções avaliativas com “super” constituem exemplares na língua para a instanciação das construções menos frequentes com “mega”, “hiper” e “ultra”, as quais surgem em competição, revelando variação em seus usos atuais – conforme discutimos do Capítulo IV desta tese.

No que diz respeito aos níveis de formalidade, a Tabela 1 demonstra que as construções avaliativas ocorrem com maior frequência em *blogs*, onde são mais utilizadas as estratégias comunicativas características da modalidade oral da língua. Em revistas informais, tais construções ocorrem com menor frequência e, em revistas formais, com menor frequência ainda. Enquanto a distribuição por níveis de formalidade nos traz a informação de que construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” ocorrem mais frequentemente em contextos menos monitorados pelo locutor, a distribuição das ocorrências por ano (2008, 2011 e 2014) não revelou nenhuma discrepância significativa. Tal fato se justifica por estarmos lidando com um intervalo curto de tempo e com construções de instanciação recente na língua.

Passemos, na sequência, à discussão acerca dos métodos de análise adotados nesta pesquisa – qualitativo e quantitativo.

3.2. Método misto

Uma vez que os objetivos desta tese são descrever os diferentes pareamentos forma-função das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” e, também, demonstrar de que maneira tais padrões construcionais podem ser associados em uma rede construcional, aliamos a análise qualitativa dos dados ao levantamento da frequência de uso. Dado que o método misto pode apontar importantes evidências empíricas no que se refere aos níveis esquemáticos da rede, entendemos que tal metodologia de pesquisa está em conformidade com as proposições teóricas adotadas nesta tese (CUNHA LACERDA, 2016).

De maneira mais geral, o método qualitativo para a análise dos dados é entendido por Bryman (1998) como sendo representativo da perspectiva do pesquisador sobre determinado objeto. O analista busca, assim, oferecer uma descrição detalhada do objeto de pesquisa, compreender o contexto em que o objeto analisado é instanciado e considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não o contrário. Em contrapartida, o método quantitativo caracteriza-se pelo uso de técnicas estatísticas, simples e complexas, que salvagam os resultados de possíveis distorções de interpretação (RICHARDSON, 1989; DIEHL, 2004; CUNHA LACERDA, 2016).

O método misto, conseqüentemente, constitui uma associação entre os métodos qualitativo e quantitativo que visa à ampliação do conhecimento do pesquisador sobre o objeto investigado (JOHNSON *et al.*, 2007). Creswell (2007) nos chama a atenção para o fato de que, desde a virada do século XX para o século XXI, a tendência é a união das duas perspectivas metodológicas.

No âmbito dos estudos linguísticos, Schiffrin (1987) defende o equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa, mesmo que de maneira assimétrica. O argumento utilizado pela autora é o de que o equacionamento entre os dois métodos possibilita ao analista realizar uma descrição prévia das categorias em que os dados se inserem, elaborar generalizações analíticas a partir da quantificação de um número elevado de dados e interpretar estruturas de determinados padrões. Em suma, para Schiffrin (1987), o método

misto propicia uma análise mais minuciosa do objeto e de seu contexto de ocorrência (CUNHA LACERDA, 2016).

No que se refere, mais especificamente, ao papel da frequência de uso, Bybee (2003, 2007) destaca que o aumento da frequência de uma nova construção pode indicar sua regularização na língua. Em outros termos, para a autora, a reiteração de determinadas sequências de unidades e de palavras na comunidade linguística, que pode levar à formação de uma unidade construcional – ou *chunking* –, promove o desenvolvimento da gramática da língua. Nesse sentido, a alta frequência de uso das construções seria um traço definidor da convencionalização de novos pareamentos forma-função na língua.

Martelotta (2009), no âmbito dos estudos funcionalistas, acentua o importante papel da frequência de uso no que diz respeito à descrição de elementos linguísticos que se relacionam em diferentes contextos e de seus movimentos em direção à mudança linguística. Para o autor, uma construção que emerge na interação discursiva entra para a gramática da língua quando (e se) apresenta aumento de sua frequência de uso. É nesse contexto que Martelotta (2009, p. 3) afirma que a língua constitui “um sistema complexo no qual fenômenos ocorridos no uso real com altos graus de repetição dão base para o desenvolvimento de uma gramática”.

Traugott (2011a) é mais categórica em seu posicionamento acerca do papel da frequência de uso. Para a autora, a frequência, mais do que um recurso metodológico, consiste em um dos mecanismos de mudança linguística – além da neoanálise e da analogização –, isto é, atua como um fator propulsor para a padronização e a convencionalização de novas construções.

Traugott e Trousdale (2013) também apontam, ainda que de maneira breve, a importância da utilização do método misto, ou seja, do equacionamento entre as análises qualitativa e quantitativa, tanto para o trabalho em linguística histórica quanto para os estudos que tratam de mudança linguística em curso. Os autores afirmam o seguinte:

Nós consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como sendo complementares para o trabalho na linguística histórica e prevemos a possibilidade de unir as duas abordagens em estudos de mudança linguística em curso, em que a análise da microvariação no nível individual dos falantes poderia ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do grupo social. Tais estudos quantitativos permitem, em uma abordagem mais refinada, estabelecer a relação entre frequência e entrenchment e o grau de abstração a partir do qual os grupos de falantes parecem organizar aspectos de seu conhecimento linguístico (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa)⁸⁹.

No que tange, especialmente, à análise quantitativa dos dados, Traugott e Trousdale (2013) acrescentam que esta pode contribuir para a confirmação empírica da relação existente entre o acréscimo em esquematicidade e o acréscimo em produtividade para a ocorrência da construcionalização. A esse respeito, os autores fazem a seguinte consideração:

Neste livro, discutimos alguns dos caminhos a partir dos quais a esquematização parece se correlacionar ao aumento em produtividade, e em generalidade semântica, sem fornecer medidas concretas de tais mudanças. A abordagem quantitativa pode ser capaz de fornecer algumas pistas sobre a natureza do entrenchment dos esquemas e sobre a formação prototípica no nível da microconstrução. [...] Uma vez que o *chunking* parece ser um importante fator no desenvolvimento de uma microconstrução, uma abordagem quantitativa baseada em *corpus* pode demonstrar como, ao longo do tempo, um *chunk* se torna entrenchment como uma microconstrução (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa)⁹⁰.

⁸⁹ Cf.: “We consider the qualitative and quantitative approaches to be complementary for work in historical linguistics and envisage the possibility of bringing the two approaches together in studies of ongoing language change, where analysis of micro-variation at the level of individual speakers could be combined with quantitative analysis of macro-variation at the level of the social group. Such quantitative studies allow for a more fine-grained approach to the relationship between frequency and entrenchment, and the degree of abstraction at which groups of speakers appear to organize aspects of their linguistic knowledge”.

⁹⁰ Cf.: “In this book, we have discussed some of the ways in which schematization appears to correlate with increases in productivity, and semantic generality, without providing concrete measures of such changes. A quantitative approach may be able to provide some insights into the nature of entrenchment of schemas, and prototype formation at the level of the micro-construction. [...] since chunking appears to be an important factor in the development of a micro-construction, a quantitative corpus-based approach can demonstrate how, over time, a ‘chunk’ comes to be entrenched as a micro-construction [...]”.

É nesse contexto que entendemos, assim como Cunha Lacerda (2016), que o cálculo da frequência de uso das construções contribui para a compreensão dos três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013), a saber, esquema, subesquemas e microconstruções.

Segundo Cunha Lacerda (2016), em uma abordagem construcional da mudança, o uso do método qualitativo permite ao pesquisador (i) identificar e descrever os pares forma-função vinculados a cada nível de esquematicidade, os quais surgem e se convencionalizam em contextos específicos. Por outro lado, o uso do método quantitativo permite ao analista (ii) reconhecer os padrões construcionais individuais que se convencionalizam na língua a partir do aumento da frequência de uso, (iii) comprovar que, quanto mais esquemático é um esquema ou um subesquema, maior será o número de padrões microconstrucionais instanciados e (iv) evidenciar que, quanto mais produtivo é determinado padrão construcional individual, maior é a probabilidade de ele atuar como exemplar, a partir do mecanismo da analogização, para a emergência de novas construções na língua.

Cunha Lacerda (2016) destaca, também, o papel da frequência de uso para atestar a propriedade da composicionalidade. Segundo a autora, o levantamento da frequência, em pelo menos duas sincronias, pode permitir a observação, por exemplo, da emergência de um *chunking* – unidade de processamento resultante da redução da composicionalidade – na(s) sincronia(s) atual(is). E, por fim, Cunha Lacerda (2016) entende que o cálculo da frequência de uso em diferentes sincronias pode permitir que mudanças construcionais sejam atestadas. Por exemplo, no caso da pós-construcionalização, a frequência pode revelar que estamos diante de uma expansão de colocações e/ou de processos de redução morfológica e/ou fonológica.

Portanto, é com base nas considerações realizadas nesta seção, que demonstramos, no Capítulo IV, que o levantamento da frequência de uso das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” nos fornece evidências empíricas acerca de pareamentos forma-função que emergem na interação comunicativa. Desse modo, assumimos, nesta tese, que a frequência de uso constitui um importante mecanismo de mudança linguística, uma vez que seu acréscimo demonstra que inovações se estabelecem como microconstruções gramaticalmente identificáveis na língua, as quais estão pautadas em esquemas abstratos de natureza cognitiva.

3.3. Procedimentos de análise de dados

Conforme mencionamos ao longo deste trabalho, a presente pesquisa tem como objetivo mais geral investigar a instanciação e a convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, a partir da abordagem da LFCU. Nesse sentido, pretendemos identificar e descrever os diferentes padrões individuais para construções investigadas, bem como demonstrar as relações entre tais padrões em uma rede.

Visando ao cumprimento dos objetivos expostos, a construção da nossa análise partiu do levantamento dos *tokens* ou ocorrências das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no *corpus* de investigação.

O levantamento dos dados foi baseado na função que as formas desempenham no contexto de uso, isto é, na observação das construções que revelam o posicionamento avaliativo do locutor, por meio da intensificação e da focalização, sobre algo, alguém, si mesmo ou uma proposição. Desse modo, foram coletadas construções escritas de duas formas, como os exemplos seguintes: “super feliz” e “superfeliz”. Embora não tenhamos nos dedicado nesta tese a uma análise da ortografia das construções, entendemos que a escrita conjugada reflete o entendimento de tais construções, ainda, como construções prefixais, enquanto a escrita separada, mais frequente em contextos mais informais, reflete a real representação das construções da mente do locutor.

Foi, assim, a partir da descrição detalhada de cada ocorrência que chegamos aos *types* ou padrões construcionais das microconstruções, dos subesquemas e do esquema identificados e propostos nesta tese. Embora tenha sido este o nosso percurso de construção da análise, para fins de apresentação, o Capítulo IV se organiza de maneira inversa, na seguinte ordem:

- a. identificação e descrição do pareamento forma-função que configura o esquema que envolveria a instanciação e a convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no *corpus* sincrônico de análise (seção 4.1);

- b. identificação e descrição dos padrões construcionais que compõem os subesquemas e as microconstruções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” (seção 4.2);
- c. proposta de rede construcional para as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa (4.3).

Cabe ressaltar, aqui, que a análise empreendida no Capítulo IV, embora esteja pautada nos postulados da abordagem da LFCU, conta, ainda, com contribuições de diferentes vertentes teóricas para a descrição dos pareamentos forma-função do esquema, dos subesquemas e das microconstruções identificadas, refletindo uma proposta de interpretação mais ampla dos dados.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS: uma proposta de rede construcional

No presente capítulo, dedicamo-nos à compreensão de como construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se instanciam e se convencionalizam na língua portuguesa. Para tanto, adotamos como referencial teórico os postulados da LFCU, conforme apresentamos no Capítulo I.

A partir dessa abordagem teórica, nossos objetivos específicos neste capítulo são:

- (i) a descrição dos pareamentos forma-função que configuram o esquema, os subesquemas e as microconstruções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” que indexam intensidade e focalização;
- (ii) a proposta de uma rede construcional que relacione os diferentes padrões construcionais que compõem as construções avaliativas analisadas nesta tese.

Antes de tratarmos da descrição dos padrões construcionais de cada nível de esquematicidade da rede de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, tecemos considerações a respeito dos passos que nos conduziram até a proposta de hierarquia apresentada neste capítulo.

A partir do levantamento da frequência *token* de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no *corpus* de investigação, verificamos que as construções com “super” são as mais frequentes – conforme observamos no Capítulo III deste trabalho. Em um universo de 2.538 ocorrências, 2.166 (85,3%) são

de construções intensivas/focalizadoras com “super”, e 1.763 (69,5%) são de “super” desempenhando a função de advérbio de intensidade, como podemos verificar na tabela a seguir:

Tabela 2 – Frequência das diferentes funções de construções com “super”

Funções desempenhadas por construções com “super”	Frequência	
	nº	%
“super” com função de advérbio de intensidade	1763	81,4
“super” com função de adjetivo qualificativo	244	11,3
“super” com função de modalizador epistêmico	159	7,3
Total	2166	

Conforme observamos na Tabela 2, em um total de 2.166 ocorrências de construções avaliativas com “super” levantadas no *corpus* de análise, “super” desempenha três diferentes funções sintáticas: (i) a de advérbio de intensidade em 1.763 ocorrências; (ii) a de adjetivo qualificativo em 244 ocorrências; (iii) a de advérbio modalizador epistêmico em 159 ocorrências. A função sintática de advérbio de intensidade é a mais frequente na amostra, corroborando a nossa hipótese de que a instanciação da construção $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ na língua portuguesa tem como modelo ou exemplar um esquema construcional já existente e já fixado na língua: [advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio], cujo principal representante é o advérbio de intensidade canônico “muito”, anteposto a adjetivo ou a advérbio.

Guimarães (2008) salienta que “muito” pode ocorrer em diferentes contextos sintáticos. A esse conjunto de construções com “muito” Guimarães (2008) denomina *expressões de julgamento de valor*. Para o autor, em qualquer contexto, “muito” carrega uma comparação intrínseca com um valor definido contextualmente, ou seja, refere-se a um julgamento de valor, mais do que simplesmente a uma intensidade ou a uma quantidade. A ideia aqui defendida por Guimarães (2008) está em conformidade com o que postulam Basílio (2007, 2013) e Silva (2014), para quem a comparação é base fundamental para a instanciação do grau.

É nesse sentido que Guimarães (2008, p. 2) propõe, como observamos no quadro a seguir, os seguintes contextos sintáticos de ocorrência das *expressões de julgamento de valor* com “muito”:

Quadro 3 – Contextos de ocorrência das *expressões de julgamento de valor* com “muito” por Guimarães (2008, p. 2)

CONTEXTOS	EXEMPLOS
(a) Determinante em SN contável	Eu conheço muitos estudantes de Santa Catarina.
(b) Determinante em SN de massa	A gente bebe muito vinho na casa do Paulo.
(c) Modificador de adjetivo	Ele está muito triste com os resultados.
(d) Modificador de verbo	Ele trabalhou muito .
(e) Modificador de advérbio	Ele se sentou muito tranquilamente.
(f) Elemento argumental (não modificador) / complemento de verbo transitivo (objeto direto)	Ele falou muito sobre esse assunto.
(g) Elemento argumental (não modificador) / complemento de predicado	Isso é muito para mim.

Em nossos dados, “super” com função de advérbio de intensidade tem o mesmo comportamento sintático que os exemplos (c) e (d) apresentados por Guimarães (2008, p. 2): em (c), “muito” atua como modificador de adjetivo (“Ele está **muito** triste com os resultados.”) e, em (d), “muito” atua como modificador de “advérbio” (“Ele se sentou **muito** tranquilamente.”). Observemos as ocorrências seguintes com construções em que “super” também configura uma *expressão de julgamento de valor* – ou uma construção avaliativa, conforme denominamos nesta tese:

(60) Hoje estou **super** feliz de anunciar mais uma parceira aqui do site, a personal trainer Andrea Golin! (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)⁹¹

(61) Os pincéis se secam **super** rápido e logo já podem ser reutilizado, menos de 10 minutos. (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)⁹²

Nas ocorrências (60) e (61), “super” exerce a função de modificador de adjetivo – “**super** feliz” – e de modificador de advérbio – “**super** rápido” – respectivamente, assim como o advérbio de intensidade “muito” exemplificado por Guimarães (2008, p. 2).

⁹¹ Disponível em: <<https://www.robortacarlucci.com.br/nova-parceira-do-site-personal-trainer-andrea-golin/>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

⁹² Disponível em: <<http://andrezagoulart.com.br/blog/2014/08/27/como-limpar-seus-pinceis-higienizador-sempre-viva/>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

Enquanto Guimarães (2008) explicita contextos sintáticos para a realização de “muito”, Castilho (2010) propõe a existência de três categorias linguísticas baseadas na semântica das construções. A primeira categoria é a do quantificador indefinido – ou pronome indefinido nos termos de Neves (2000), Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009). De acordo com Castilho (2010), o quantificador indefinido acrescenta ao seu referente uma informação sobre a quantidade de determinada entidade, de modo que tal quantidade é chamada de indefinida quando designa um número indeterminado de elementos. Nesse caso, o substantivo é o núcleo do sintagma nominal, enquanto o quantificador é um especificador, que ocorre, mais frequentemente, à esquerda do substantivo ao qual se vincula, como verificamos em “**muitos** dias” (CASTILHO, 2010 p. 505).

A segunda categoria apresentada por Castilho (2010), para a ocorrência de “muito”, é a dos qualificadores graduadores intensificadores – ou advérbios de intensidade, nos termos de Neves (2000), Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2009). Os elementos dessa categoria afetariam propriedades intensionais das classes a que se aplicam, acrescentando-lhes uma noção graduadora. Os qualificadores graduadores intensificadores têm como escopo adjetivos, advérbios ou verbos, como observamos em “**muito** lindo”, “saiu **muito** cedo” e “falou **muito**” – ocorrendo antes de adjetivos e de advérbios e depois de verbos (CASTILHO, 2010, p. 560-561).

Por fim, o autor nos apresenta “muito” como sendo um advérbio quantificador aspectualizador iterativo, constituído pela palavra “vezes”, explícita ou implícita no texto – ou também denominado sintagma adverbial de frequência por Neves (2000). De acordo com Castilho (2010), o advérbio quantificador aspectualizador iterativo é aquele que pluraliza a ocorrência de um estado de coisas, bem como remete à duração, como observamos em “Se usa **muito** o termo extrapolação / Se usa **muitas vezes** o termo extrapolação” (CASTILHO, 2010, p. 569).

A partir dos contextos semânticos propostos por Castilho (2010), “super” com função de advérbio de intensidade poderia ser categorizado como qualificador graduador intensificador, exercendo comportamento semântico semelhante a “muito”, em “**muito** lindo” e em “saiu **muito** cedo”. Vejamos os exemplos seguintes:

(62) No espaço montado pela loja, as meninas eram clicadas e depois podiam pegar a foto de lembrança em um mural **super** lindo. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)⁹³

(63) Bom, como tudo na vida tem uma preliminar, acabei indo dormir **suuuuper** tarde. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)⁹⁴

Em (62) e (63), “super” exerce a função de advérbio de intensidade, modificando adjetivo – “**super** lindo” – e advérbio – “**suuuuper** tarde” – respectivamente.

Martelotta (2012) nos chama a atenção para uma ocorrência de “muito” diante de substantivo, como no exemplo “Pedro é **muito** homem” (MARTELOTTA, 2012, p. 35). Nesse caso, para o autor, “homem” apresentaria função predicativa, justificando a análise de “muito” como sendo um advérbio de intensidade. No entanto, Martelotta (2012) verifica que há autores que entendem esse uso de “muito” como sendo focalizador. Nesse caso, ele não modificaria nenhum elemento da oração, mas implicaria uma intenção do falante de identificar o sujeito com uma noção básica e prototípica do que seja um “homem”.

Sobre a possibilidade de focalização através do advérbio intensificador “muito”, Travaglia (2006, p. 62) também aponta que, em exemplos como “... eu comi ali foi um coelho, uma ocasião, **mu:::ito** bem feito, **mu:ito** bem feito...”, o advérbio “muito”, além de intensificar, enfatiza a qualidade da comida, que estava “bem feita”. Segundo o autor, o relevo incide sobre a maneira como o locutor do texto quer que seu interlocutor considere os conceitos e os modelos cognitivos ativados no texto. Tal maneira normalmente é dada por quantificadores, intensificadores e advérbios de natureza aproximada.

É nesse contexto que, nesta tese, defendemos que as construções avaliativas com “super” em função de advérbio de intensidade têm como grande representante ou exemplar o advérbio canônico “muito” – anteposto a adjetivo ou a advérbio. Nesse sentido, “super”, por compartilhar características formais e funcionais com “muito”, pode ser considerado como pertencente a mesma categoria. Diz-se, desse modo, que “super” é recrutado para preencher o *slot* da intensificação e da focalização em muitos contextos em que “muito” poderia ser utilizado, mas que,

⁹³ Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/concurso-dsh-ge/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

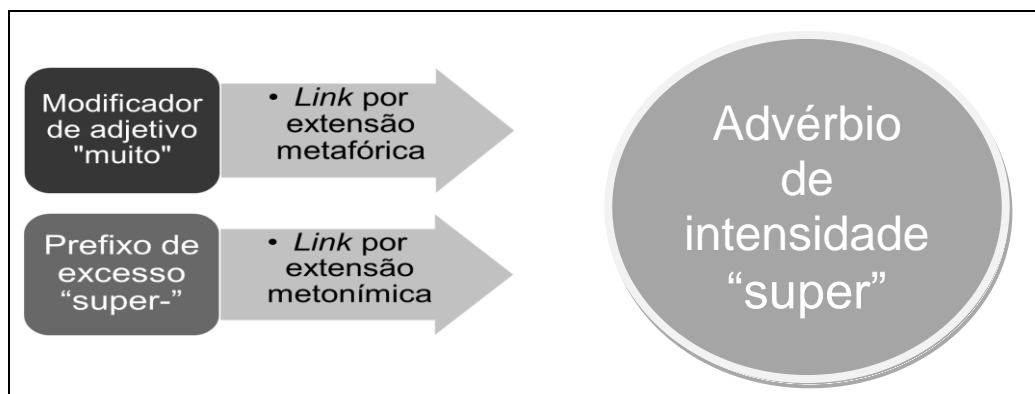
semanticamente, não é suficiente para exprimir o que se deseja. Assumimos nesta tese, portanto, que “super”, embora atue como advérbio de intensidade bem como “muito”, assume valor semântico-discursivo mais expressivo, além de ocorrer, preferencialmente, em contextos mais informais de uso da língua.

Mas por que “super” passa a preencher o *slot* de uma construção avaliativa intensivo-focalizadora? Qual seria a motivação?

Diante da necessidade de ser cada vez mais expressivo, o usuário da língua, mediante o mecanismo da analogização, cria um *link* de associação metafórica entre “super”, prefixo latino que indica posição vertical superior (como em “superpor”) – conforme já observado por Silva (2001, p. 119) –, e “muito”, advérbio de intensidade. Silva (2014) denomina tal projeção metafórica de *Intensidade é localização*. O autor retoma o esquema proposto por Lakoff e Johnson (1999) que diz que *mais é para cima ou para baixo*, dependendo da perspectiva adotada. É nesse sentido que “super” é escolhido para compor o esquema da construção avaliativa intensivo-focalizadora.

Além de sofrer extensão metafórica no eixo paradigmático, via mecanismo da analogização, “super”, com função de advérbio de intensidade, se estabelece, ainda, no eixo sintagmático, via mecanismo da neoanálise, por meio de um *link* de associação metonímica⁹⁵ com seu uso como prefixo que indica excesso (como em “supervalorizar”), conforme observamos na figura a seguir:

Figura 5 – Motivações para instanciação do advérbio de intensidade “super”



⁹⁵ Propomos, nesta tese, a denominação *link* por extensão metonímica, em vez de *link* por polissemia, haja vista que a polissemia pressupõe mesma estrutura sintática, mas semântica diferente. No caso de “super” prefixo e “super” advérbio de intensidade, observamos uma projeção por contiguidade, mas não a mesma estrutura sintática.

Consideramos, desse modo, que os *links* de herança “extensão metafórica” e “extensão metonímica” estão na base dos mecanismos da analogização e da neanálise. Tais *links* para a instanciação de “super” com a função de advérbio de intensidade se justificam pelo princípio da iconicidade, que diz respeito à correlação natural entre forma e função linguísticas. Tal correlação, conforme acreditam os linguistas funcionais, estaria baseada na experiência humana, de maneira que estrutura linguística reflete uma conceptualização que o falante faz do mundo.

De acordo com Givón (1984), o princípio da iconicidade pode ser subdividido em três subprincípios, o da quantidade, o da integração e o da ordenação linear. No que diz respeito aos processos de metaforização e de metonimização referidos anteriormente, evidencia-se o subprincípio da quantidade⁹⁶. Para o autor, quanto maior ou quanto mais complexa é a forma linguística, mais informativa ela é, ou seja, a complexidade do pensamento está diretamente relacionada à complexidade da estrutura de uma construção.

Uma vez que o falante tende a ser cada vez mais expressivo, outras formas passam a preencher, assim como “super”, o *slot* da intensificação/focalização, tais como “mega”, “hiper” e “ultra”. A partir do mecanismo da analogização, “mega”, “hiper” e “ultra” também são metaforizados, no eixo paradigmático, como advérbios de intensidade. Embora sejam aparentemente intercambiáveis, são mais expressivas, semanticamente, do que “super”, coexistindo, assim, a partir do Princípio da Força Expressiva Maximizada, que diz respeito à criação de novas construções para cumprirem objetivos cada vez mais especializados semanticamente.

A fim de observarmos essa diferença de expressividade entre as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” e o advérbio de intensidade canônico “muito”, realizamos uma pesquisa etimológica, visando a identificar os deslizamentos funcionais sofridos por esses elementos. Observemos o quadro a seguir:

⁹⁶ Tratamos dos subprincípios da integração e da ordenação linear nas próximas seções deste capítulo.

Quadro 4 – Pesquisa etimológica de “muito”, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” (CUNHA, 2010)

Elementos	Etimologia
muito	<i>pron. adv.</i> ‘que é em grande número ou em abundância ou em grande quantidade’ ‘com excesso, abundantemente / XIII, <i>muyto</i> XIII / Do lat. <i>multus-a-um</i> // mui <i>adv.</i> / XIII, <i>muy</i> XIII / Forma apocopada de <i>muito</i> . (CUNHA, 2010, p. 440)
super-	<i>pref.</i> , do lat. <i>super-</i> , de <i>sūper</i> ‘por cima de, em cima de, sobre, a mais, além de’, que se documenta em numerosos compostos portugueses de cunho erudito. Corresponde-lhe o pref. <i>sobr(e)-</i> , formador de vocs. de cunho popular ou semierudito. Registram-se em verbetes independentes, por ordem alfabética, os principais compostos que já se documentam no próprio latim; os compostos formados nas línguas modernas vão consignados nos verbetes primitivos: <i>superabundância</i> → ABUNDÂNCIA, <i>superalimentação</i> → ALIMENTO, <i>supercílio</i> → CÍLIO etc. (CUNHA, 2010, p. 613)
mega-, megal-	<i>elem. comp.</i> , do gr. <i>mégas</i> , <i>megálē</i> , <i>mēga</i> ‘grande’, ‘grandemente, muito’, que se documenta em vocábulos eruditos, alguns formados no próprio grego, como <i>megalografia</i> , e muitos outros introduzidos, a partir do séc. XIX, a linguagem científica internacional → mega FONE XX. Do ing. <i>megaphone</i> // megal ANTO / - <i>antho</i> 1899 // mega ALEGORIA 1873. Do gr. <i>megalēgoría</i> ‘linguagem pomposa, jactância’ // megálio 1899. Do gr. <i>megalion</i> (<i>mýron</i>) ‘perfume magnífico’ // megalÍT-ICO / - <i>lithico</i> 1881 // megalO-BLASTO XX // megalO-CÉFALO / - <i>cephalo</i> 1899 // megalO-CITO XX// megalÓ-GONO / - <i>gónio</i> 1873 // megalO-GRAFIA / - <i>grafia</i> 1858 / Do lat. <i>megalographia</i> , deriv. do gr. <i>megalographía</i> // megalO-MANIA 1899. Do fr. <i>megalomanie</i> // megalO-MAN-ÍACO XX // megalOPIA 1899 // megalÓ-PORO 1873 // megalO-SPLEN-IA 1873 // megalO-S-SAURO / <i>megalosauro</i> 1873 // megâMETRO 1858 // megaSCÓPIO 1858 // megaTÉR-IO / - <i>therio</i> 1873 / Do lat. cient. <i>megathērīum</i> // megaTON XX. Do fr. <i>mégatonne</i> . (CUNHA, 2010, p. 418)
hiper-	<i>elem. comp.</i> , do gr. <i>hyper-</i> , de <i>hypér</i> ‘em cima de em posição superior’, que se documenta em compostos formados no próprio grego, como <i>hipérbato</i> , por exemplo, e em muitíssimos outros formados nas línguas modernas; tal como <i>hip(o)¹-</i> , de sentido oposto, o pref. <i>hiper-</i> foi e continua sendo de grande vitalidade na formação de compostos eruditos, particularmente nas linguagens da medicina, da química e da matemática → hiper ACIDEZ XX // hiper ÁCIDO XX // hiper ALG-IA XX // hipér BATO / <i>hy-</i> 1813 / Do lat. <i>hyperbaton</i> , deriv. do gr. <i>hypérbaton</i> // hipér BOLE / <i>hy-</i> 1813 / Do lat. cient. <i>hyperbola</i> , deriv. do gr. <i>hyperbolē</i> // hiper BÓL-ICO / <i>hy-</i> XV / Do gr. <i>hyperbolikós</i> // hipér BOL-OIDE / <i>hy-</i> 1873 // hiper BÓREO / <i>hy-</i> 1500 / Do lat. <i>hyperboreus</i> , deriv. do gr. <i>hyperbóreos</i> // hiper CATALÉCTICO / <i>hy-</i> 1899 / Do lat. <i>hypercatalēcticus</i> // hiper CATALECTO // <i>hypercatalécto</i> 1813 // hiper CERAT-OSE / <i>hy-</i> 1881 // hiper CINES-IA XX // hiper CROM-IA XX // hiper EM-IA / <i>hy-</i> 1899 // hiper GLICEM-IA / <i>hyperglycemia</i> 1899 // hiper inose / <i>hy-</i> 1881 / Do fr. <i>hyperinose</i> // hiper METR-IA / <i>hy-</i> 1813 // hiper METR-OP-IA / <i>hy-</i> 1899 // hiper PLAS-IA XX // hiper SENS-IBIL-IDADE XX // hiper SEN-SÍVEL XX // hiper STÊN-IO XX // hiper TENSÃO XX // hiper TENSO XX // hiper TERM-IA XX // hipér TESE XX // hiper TON-IA / <i>hy-</i> 1858 // hiper TROF-IA / <i>hypertrophia</i> 1858. (CUNHA, 2010, p. 338)
ultra-	<i>elem. comp.</i> , do lat. <i>ūltra</i> ‘para além de, em excesso’, que se documenta em alguns derivados e compostos introduzidos, sobre tudo a partir do séc. XIX, na linguagem erudita → ultra JANTE XIX. Adapt. do fr. <i>outrageant</i> // ultra JAR <i>vb.</i> ‘ofender, injuriar’ XVII. Adapt. do fr. <i>outrager</i> // ultra je <i>sm.</i> ‘ato ou efeito

	de ultrajar' 1813. Adapt. do fr. <i>outrage</i> , de <i>outré</i> , deriv. do lat. <i>ŭltra</i> // ultra MAR XIII // ultra MAR-INO XVII // ultra PASS-ADO 1874 // ultra PASS-AGEM XX // ultra PASS-AR 1874 // ultra -ROMÂNTICO XX // ultra SENSÍVEL XX. Adapt. do fr. <i>ultra-sensible</i> // ultra SSOM XX. Do fr. <i>ultra-son</i> // ultra VIOLETA / -te 1874 / Do fr. <i>ultra-violet</i> . (CUNHA, 2010, p. 660)
--	---

Conforme observamos no Quadro 4, a descrição de “muito” de Cunha (2010) está de acordo com a categorização por nós adotada neste trabalho: ora “muito” atua como quantificador (“grande número ou em abundância ou em grande quantidade”), ora como intensificador (“com excesso, abundantemente”). Mais uma vez, se confirma a projeção metafórica proposta por Silva (2008b, 2014) *Intensidade é quantidade*. Para o autor, este seria o mapeamento cognitivo primeiro e mais produtivo para a instanciamento da intensificação – construções que designavam quantidade passaram a designar intensidade.

No que diz respeito às construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, cada uma delas, antes de exprimir intensidade, desempenhava uma função específica. “Super” (utilizado em compostos populares, semieruditos e eruditos/introduzido no português, sobretudo a partir do Renascimento), “hiper” (utilizado em compostos eruditos, particularmente, no âmbito da medicina, da química e da matemática; divulgado na língua em casos esporádicos a partir do século XVII, mas ampliado no século XIX) e “ultra” (utilizado em compostos eruditos; cunhado, sobretudo, a partir do século XIX), conforme verificamos, inicialmente, designavam posição, enquanto “mega” (utilizado em compostos eruditos, especialmente, no âmbito da linguagem científica; usado no português a partir do século XIX) expressava tamanho. Nesses casos, observamos duas outras projeções metafóricas para a instanciamento da intensificação: *Intensidade é localização* e *Intensidade é tamanho*. De acordo com Silva (2008b, 2014), “super” e “hiper”, que designavam posição vertical, e “ultra”, que designava posição horizontal, a partir de um processamento cognitivo, teriam passado a indexar intensidade na língua portuguesa. Da mesma maneira, “mega”, que designava tamanho, também é conceptualizado metaforicamente como intensivo.

Uma vez que, conforme esclarece Silva (2008b, 2014), tanto a localização quanto o tamanho estabelecem, em princípio, uma relação metonímica com a quantidade para, somente depois, estabelecerem uma relação metafórica com a

intensidade, entendemos, assim como o autor, que o domínio mais concreto que é mapeado como intensidade é o da quantidade. Isso posto, construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se tornam mais intensas e, conseqüentemente, mais expressivas do que construções com o advérbio canônico “muito” devido à própria natureza das projeções metafóricas daquelas serem mais abstratas do que a projeção metafórica destas – localização e tamanho são domínios conceptuais mais abstratos do que o domínio da quantidade.

É nesse contexto que consideramos que, a partir das construções com o advérbio de intensidade canônico “muito” – exemplar e prototípico –, construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se desenvolveram na língua. Em outras palavras, entendemos que as propriedades avaliativa (de julgamento de valor), intensiva e focalizadora do advérbio de intensidade “muito” tenham servido de base para a instanciação, via analogização – atração a partir de formas já existentes e padronizadas na língua –, de novas construções, de modo que a diferença entre construções com “muito” e construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” está no nível de intensidade entre elas e, conseqüentemente, em seu nível de expressividade e de focalização. Ou seja, a fim de ser mais expressivo no momento da interação comunicativa, o locutor recorre a expressões de maior intensidade do que o advérbio “muito”, as quais têm se especializado também em sua propriedade focalizadora – nesse caso, nos referimos às construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

A convencionalização, principalmente, de “super” em função de advérbio de intensidade permitiu o surgimento de outras microconstruções e, conseqüentemente, de novos subesquemas de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” mais complexas na língua portuguesa. Há uma expansão semântica de intensificação para qualificação e modalização, cujos sentidos de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” são mais complexos, mais pesados e indiretos em termos de processamento cognitivo, uma vez que os novos pareamentos forma-função se afastam do centro prototípico que é o esquema [advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio] – que tem como principal representante o advérbio de intensidade “muito” anteposto a adjetivo ou a advérbio.

Desse modo, entendemos que “muito”, advérbio de intensidade prototípico na língua portuguesa, serviu (e serve) como exemplar para a instanciação de novas

construções na língua, como estas que estão sendo analisadas. Essa noção de prototipicidade nos indica que existem elementos prototípicos exemplares na língua, que funcionam como ponto de referência, exercendo uma força de atração de natureza formal e funcional sobre outros, e elementos não prototípicos, que vão perdendo suas características formais e funcionais, se distanciando cada vez mais do centro prototípico. Esse esquema implica uma interpretação de que as categorias linguísticas não devem ser compreendidas como absolutas, mas como um conjunto de elementos que gravitam em torno de um – ou mais de um – elemento que funciona como exemplar de uma categoria (CUNHA *et al.*, 2013).

Observamos, assim, que a intensidade, por contiguidade, se expande metonimicamente para contextos de qualificação e de modalização, quando “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” passam a focalizar substantivos e verbos.

Desse modo, nesta tese, assumimos, na hierarquização da construção {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc}, que esta constitui, a partir do recorte de nossos objetos de investigação, o nível esquemático mais abstrato da rede, acionado pelos usuários da língua no momento da interação comunicativa. No esquema, encontram-se todos os padrões construcionais formados por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” com função expressiva da linguagem – nos termos de Basílio (2007, 2013). Sendo assim, o primeiro *slot* da construção representa o recrutamento de “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” para cumprir uma função intensivo-focalizadora, e o segundo *slot* é preenchido por variáveis que atuam como o escopo da intensificação e da focalização – adjetivo, advérbio, substantivo ou verbo.

Abaixo do esquema, identificamos três construções de nível intermediário, denominadas subesquemas, as quais se diferenciam pela função desempenhada por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na primeira contraparte da construção. O primeiro subesquema agrupa construções em que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam como advérbios de intensidade, diante de adjetivos ou de advérbios. O segundo subesquema abarca construções em que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam como adjetivos qualificativos, diante de substantivos. E o terceiro subesquema agrupa construções em que “super” e “mega” funcionam como advérbios modalizadores epistêmicos, diante de verbos.

Cada um dos três subesquemas identificados agrupa, por semelhança de família, construções que se atraem formal e funcionalmente. Neste trabalho, foram

levantadas treze microconstruções individuais também virtuais, licenciadas pelos usos concretos da língua, as quais apresentam idiossincrasias que serão discutidas nas seções deste Capítulo IV.

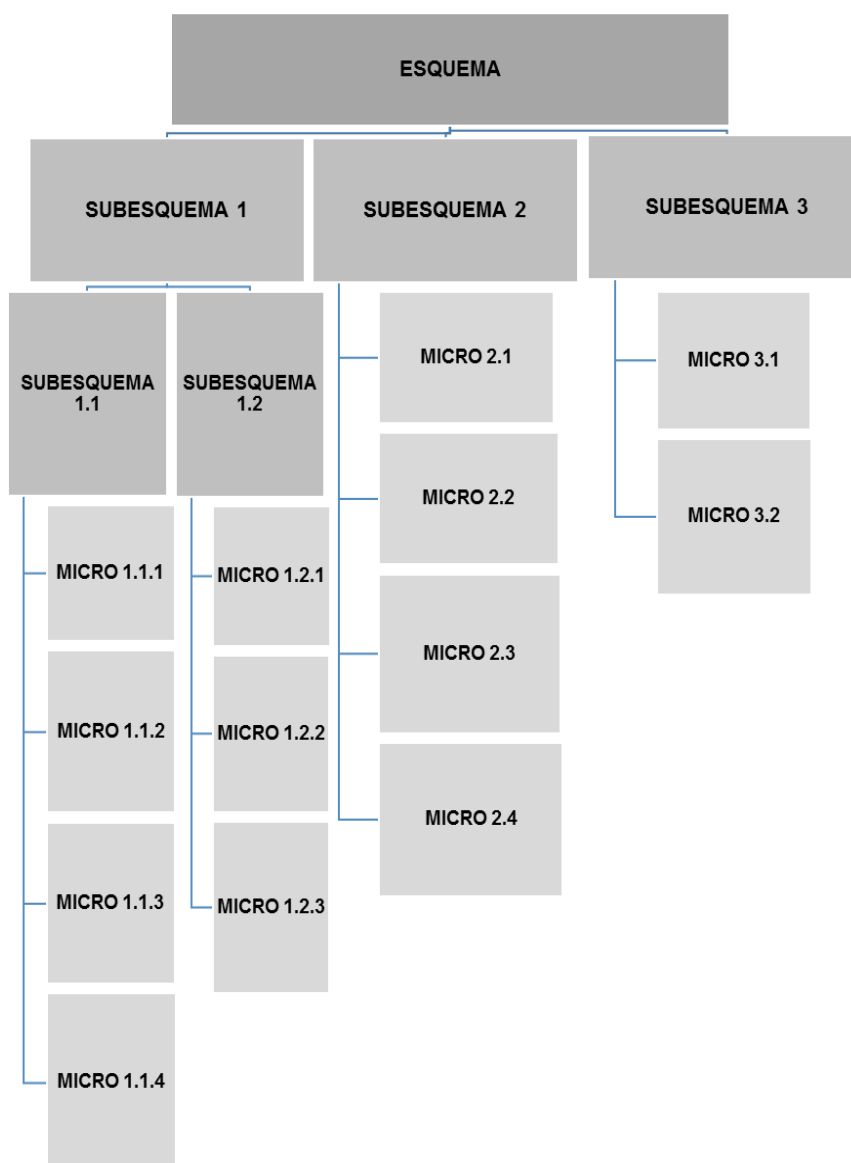
A fim de descrever os padrões construcionais do esquema, dos subesquemas e das microconstruções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, a partir da LFCU, o presente capítulo está organizado em três seções, a saber, 4.1, 4.2 e 4.3.

Na seção 4.1, descrevemos o pareamento forma-função que configura o esquema mais genérico e mais abstrato, tomando como base fundamentos de diferentes teorias linguísticas que tratam do *posicionamento avaliativo do locutor*, da intensificação e da focalização. É nesse contexto que discutimos a respeito da conceptualização da avaliação, da intensificação e da focalização em construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” – características estas advindas do uso de “muito” como advérbio intensificador, a partir do mecanismo da analogização –, propriedades que constituiriam a parte funcional do pareamento que configura o esquema, bem como conduziriam à instanciação de uma nova estrutura formal.

Posteriormente, na seção 4.2, realizamos a descrição dos padrões construcionais que compõem os subesquemas e as microconstruções. Utilizamos, para tanto, o equacionamento entre o cálculo da frequência de uso e a análise qualitativa dos dados. Nesse momento, demonstramos *in loco* a intersubjetivização que envolveria as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, as quais, a partir da repetição, foram (e têm sido) incorporadas à gramática da língua.

Vejamos, a seguir, uma ilustração da proposta de organização da rede construcional:

Figura 6 – Organização da hierarquização das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”



E, por fim, na seção 4.3, discutimos os resultados por nós encontrados, bem como apresentamos nossa proposta de rede construcional para as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa. Desse modo, demonstramos como a LFCU nos permite pensar no alinhamento e na generalização de pareamentos forma-função dentro de um esquema maior, na extensão de padrões a partir de construções exemplares e nas especificidades que configuram as microconstruções gramaticalmente identificáveis, que refletem esquemas mais abstratos, ao mesmo tempo em que são por eles afetados.

4.1. O esquema

Conforme já discutido no Capítulo I desta tese, no âmbito da LFCU, defende-se que a emergência de construções individuais está pautada em esquemas mais gerais e mais abstratos, os quais, além de atuarem como representações exemplares para a instanciação de novos usos a partir da analogização, são também (re)organizados a partir da convencionalização de novas microconstruções. Em outras palavras, para essa abordagem, o surgimento e a convencionalização de construções específicas na língua (re)organizariam extensas redes construcionais, bem como por elas seriam afetados (TRAUGOTT, 2011c; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Nesse contexto, Traugott (2008a, 2008b) sugere que a relação entre microconstruções individuais e esquemas mais abstratos seja pensada à luz dos diferentes níveis de esquematicidade – esquema, subesquema e microconstrução.

No que tange à rede das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, demonstramos, nesta seção 4.1, como se configura o esquema mais genérico e mais abstrato, que atua, juntamente com os subesquemas, para a negociação de sentido na interação comunicativa e para o novo alinhamento e a generalização de um novo pareamento forma-função dentro de um esquema maior.

É nesse contexto que passamos, a seguir, à discussão a respeito da conceptualização da expressividade, da intensificação e da focalização em construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” – características estas advindas do uso de “muito” como advérbio intensificador, a partir do mecanismo da analogização –, propriedades que constituiriam a parte funcional do padrão construcional que configura o esquema, bem como conduziriam à instanciação de uma nova estrutura formal. Em outros termos, passamos, agora, à compreensão de como o *posicionamento avaliativo do locutor* seria estabelecido através da *intensificação*, que, por sua vez, seria uma estratégia de *focalização* em construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

A partir dos estudos de Basílio (2007, 2003), de Basílio e Bezerra (2014) e de Silva (2000, 2006, 2014) – já referenciados no Capítulo II deste trabalho –, assumimos que o domínio mais abstrato que envolve a instanciação das construções investigadas é representado pela função, por nós denominada,

*posicionamento avaliativo do locutor*⁹⁷. Embora nem todos os autores trabalhem com a abordagem da LFCU e, ainda, entendam “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” como sendo construções essencialmente prefixais, destacamos sua fundamental contribuição no que concerne à identificação da função expressiva ou avaliativa de tais elementos no português.

Basílio (2007, 2013) e Basílio e Bezerra (2014) observam que a função expressiva é intrínseca à indexação do grau. Para as autoras, as construções de grau são, sobretudo, construções subjetivas, ou seja, constituem uma marca linguística que exprime um julgamento avaliativo do locutor. Também, Silva (2000, 2006, 2014), embora considere a avaliação como um tipo de grau dentre tantos outros – quantitativo, dimensivo, intensivo, hierárquico e afetivo –, pondera que, mesmo na expressão da intensidade, o locutor revela sua atitude subjetiva, expondo seus sentimentos, bem como efetuando um julgamento avaliativo através da linguagem.

Além de Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014) e Silva (2000, 2006, 2014), outros autores defendem a indexação do *posicionamento avaliativo do locutor*, ainda que sob diferentes nomenclaturas, para construções de grau. Melo (2003), por exemplo, em seu trabalho intitulado “A intensificação como mecanismo de avaliação implícita em narrativas orais”, aponta que, através de elementos intensificadores, o locutor pode expressar sua posição diante de um fato, além de comunicar suas emoções. Ainda, Gonçalves (2002, 2003), em seus estudos sobre os sufixos “-íssimo”, “-ésimo” e “-érrimo”, entende a intensificação como um recurso usado para efeito de focalização e, ainda, como uma categoria semântica que se presta à manifestação de atitudes subjetivas do locutor em relação à proposição ou a alguma de suas partes. Assim sendo, para estes autores, a codificação da intensificação, mais do que uma indexação de grau, está diretamente relacionada às intenções comunicativas do locutor no que diz respeito à exposição de juízos de valor.

Observemos, a seguir, os exemplos extraídos do *corpus* por nós investigado, nos quais podemos verificar o que Basílio (2007, 2013) e Basílio e Bezerra (2014)

⁹⁷ Utilizamos, aqui, o termo “locutor”, e não “falante”, devido ao fato de estarmos trabalhando com dados extraídos de um *corpus* escrito. Além disso, entendemos que o termo “locutor” seja mais abrangente para nos referirmos à função *posicionamento*, uma vez que compreende tanto a produção na modalidade escrita quanto na modalidade oral da língua.

denominam *função expressiva*, Silva (2000, 2006, 2014) e Melo (2003) denominam *avaliação* e Gonçalves (2002, 2003) denomina *atitude subjetiva do locutor*, na indexação do grau intensivo:

(64) Nós amamos a Amy. De verdade. E adorariamos entrevistá-la. Seria a realização de um sonho. Mas é justamente por acharmos que a moça é **megatalentosa** (e por nos restar ainda algum senso de noção) que repudiamos as notícias publicadas mundo afora relatando todos os piripaquês da cantora. (*Corpus 2008 – Nível de formalidade 2*)⁹⁸

(65) As sombras *pure shine*, da Vult são, assim como os pigmentos da MAC, **super** brilhantes, e também vêm em pó solto, além de não terem sido testadas em animais assim como os produtos da coleguinha canadense. Claaaaaro que não são tão pigmentadas e rendem um pouco menos, mas cá pra nós, o potinho transparente redondo de 2g dura milênios, porque você não vai usar maquiagem **ultra** brilhante nos olhos todo santo dia, neam? (*Corpus 2008 – Nível de formalidade 1*)⁹⁹

Nos exemplos (64) e (65), “mega”, “super” e “ultra”, juntamente com os adjetivos “talentosa”, “brilhantes” e “brilhante”, respectivamente, formam uma construção de grau intensivo – em que “mega”, “super” e “ultra” atuam como advérbios de intensidade, aparentemente intercambiáveis por “muito”. Todavia, além da expressão de grau, é possível verificarmos, nestas ocorrências, que, através da codificação linguística, o locutor manifesta seu mundo interior, seu estado de consciência, seu juízo de valor. Por exemplo, em (64), o locutor expressa seu juízo de valor sobre a Amy, que, segundo ele, é uma moça “**megatalentosa**”. O locutor, ainda, no contexto, julga negativamente as atitudes da cantora, as quais estavam sendo noticiadas mundo afora. Em (65), o locutor julga como sendo positivo o fato de as sombras *pure shine*, da Vult, serem “**superbrilhantes**”. Logo em seguida, com uma construção linguística de contraexpectativa, o locutor diz que, embora as sombras da Vult não sejam tão pigmentadas e durem menos do que as sombras da MAC, aquelas ainda valem a pena, uma vez que “o potinho transparente redondo de 2g dura milênios” e que “você não vai usar maquiagem **ultra** brilhante todo santo dia”. Neste exemplo (65), além de verificarmos o caráter subjetivo das declarações do locutor, percebemos, ainda, como ele conceptualiza “ultra” como sendo mais

⁹⁸ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/as-idas-de-amy-winehouse-para-o-hospital>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

⁹⁹ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br/2008/11/quase-um-pigmento.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

intensivo do que “super”, quando diz que as sombras são “**super**brilhantes” e que “você não vai usar maquiagem **ultra** brilhante”. Desse modo, tanto em (64) quanto em (65), os locutores se posicionam avaliativamente, através da linguagem, em relação ao mundo externo, ou seja, codificam sua avaliação acerca da realidade¹⁰⁰.

Embora Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014), Silva (2000, 2006, 2014), Melo (2003) e Gonçalves (2002, 2003) tratem da função expressiva em relação à indexação do grau, principalmente, intensivo, o caráter subjetivo da proposição pode ser observado em construções que agregam diferentes funções além da intensificação. Vejamos os exemplos a seguir:

(66) Oi meninas!!! Nos meus tutoriais de maquiagem, teve bastante dúvidas quanto a como maquiar olhos com a pálpebra mais gordinha, ou olho sem o côncavo definido...A Paola é uma **super** maquiadora, e entende muito desses truques...Aí fui perguntar para ela, aí vai a dica (...) (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁰¹

(67) Pois criei coragem e saí outro dia de sombra azul, como falei que faria. E de dia. Escolhi uma da Contém 1g nova, a Fascination na cor Olivina opaco. Ela é meio turquesa mas não é tão vibrante, uma cor bem legal, e o aplicador dispensa pincel. Passei como se fosse um delineador, só que mais grosso um pouco (tentando imitar o da Kate Bosworth no Met). Aí olhei no espelho, achei que tava too much e esfumei um pouquinho, passei rímel e pronto. Eu adorei o efeito, mas a reação das pessoas foi nula!!! Hahaha ou seja, ou ninguém reparou (da próxima vez vou deixar sem esfumar) ou todo mundo **super** aceitou o estilo azul, o que é um bom sinal. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁰²

No exemplo (66), a construção “**super** maquiadora” foi utilizada pelo locutor, no contexto, a fim de qualificar positivamente a maquiadora, como sendo, por exemplo, excelente. Dessa maneira, embora possamos inferir uma função intensiva implícita na construção – maquiadora muito boa, muito competente –, o papel principal do adjetivo “super”, em uma relação sintagmática com o substantivo “maquiadora”, é atribuir característica a uma pessoa. Sendo assim, temos aqui uma outra construção avaliativa com “super”, através da qual o locutor comunica seu juízo de valor e cuja função primeira não é mais a intensificação – embora esta

¹⁰⁰ Não utilizamos, aqui, o termo “realidade” como sendo sinônimo de “verdade”, mas, sim, como sinônimo de “mundo externo”. Em outras palavras, quando dizemos que o locutor avalia a realidade, estamos dizendo que ele faz um julgamento avaliativo acerca de outro indivíduo ou do mundo a sua volta.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://maisquebonitas.com/2008/10/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹⁰² Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/06/04/azul-uma-experiencia/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

ainda se faça presente¹⁰³. Já no exemplo (67), com a construção “**super** aceitou o estilo azul”, em que “super” atua como um advérbio de modalização asseverativa, o locutor, além de se comprometer com a veracidade da proposição, julga como sendo positivo o fato de as pessoas aceitarem o estilo ou a sombra azul.

A partir dos exemplos explicitados, ressaltamos, mais uma vez, que, não obstante Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014), Silva (2000, 2006, 2014), Melo (2003) e Gonçalves (2002, 2003) se refiram, em um nível mais abstrato, à indexação do grau, e, em um nível mais específico, mais frequentemente à manifestação da intensidade, eles já nos fornecem pistas sobre a generalização de uma função ainda mais esquemática, na qual estaria pautada a instanciação de diferentes usos, entre os quais estaria incluso o uso do grau intensivo – função que denominamos nesta pesquisa *posicionamento avaliativo do locutor*. Em vista disso, a fim de prosseguirmos no trabalho com as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, faz-se necessária uma melhor compreensão da codificação dessa atitude subjetiva mais esquemática do locutor mediante diferentes abordagens linguísticas.

Um dos estudos pioneiros acerca do *posicionamento avaliativo do locutor*, sob a nomenclatura *avaliação*, remonta a Labov (1972). Em sua investigação a respeito da fala de afro-americanos em um bairro de New York, o autor identificou, no discurso dos informantes, o que ele denominou “avaliação da narrativa”. Nesse contexto, Labov (1972) verificou que a avaliação constituiria a razão de ser da narrativa, ou seja, informaria ao ouvinte o porquê de a história ser contada (VIEIRA, 2007).

Como nos apresenta o autor, existiriam dois tipos de avaliação: a externa e a encaixada. Na avaliação externa, o narrador interrompe a narrativa para veicular o seu ponto de vista sobre um fato narrado. Já na avaliação encaixada, o narrador preserva a continuidade dramática, (i) fazendo sua própria observação sobre um acontecimento, (ii) citando o que ele falou para uma segunda pessoa ou (iii) introduzindo uma terceira pessoa que avalia os eventos para ele (LABOV, 1972; VIEIRA, 2007).

¹⁰³ Conforme demonstramos na seção 4.2 deste capítulo, quando há uma expansão semântico-pragmática, vestígios da construção de origem podem ser alcançados no novo pareamento forma-função.

De acordo com Labov (1972), são dois os recursos avaliativos que podem ser usados pelo narrador na avaliação encaixada: (1) o narrador pode utilizar uma ação avaliativa, descrevendo o que as pessoas fizeram, e não o que elas disseram; (2) o narrador pode utilizar elementos avaliativos, tais como elementos intensificadores, comparativos, correlativos e explicativos (VIEIRA, 2007).

Embora não estejamos realizando um estudo específico sobre sequências narrativas assim como Labov (1972), em nossos dados, identificamos construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” codificando a avaliação em narrativas, como podemos observar nas ocorrências a seguir:

(68) Esses dias assistindo os tutoriais do youtube (gente eu tô realmente empenhada em aprender novos makes) eu percebi que as meninas americanas usam móóóóinto os produtos da Nyx e **super** recomendam. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁰⁴

(69) Dois crimes envolvendo aborto ganharam ampla cobertura na mídia. As mortes de Elisângela Barbosa e Jandira Magdalena dos Santos Cruz foram **hipernoticiadas**, o que é raro quando se trata de ocorrências assim. Elisângela se enquadrava no perfil encontrado pela PNA. Dona de casa, 32 anos, morava em São Gonçalo (RJ) com o marido e três filhos. Estava grávida de quatro meses e apavorada por não poder arcar com mais uma criança. (...) (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 2)¹⁰⁵

Nas sequências narrativas em (68) e (69), verificamos a presença da avaliação encaixada nos termos de Labov (1972). Tanto em (68) quanto em (69), os locutores fazem sua própria observação acerca de um acontecimento. Em (68), a avaliação do locutor é a de que os produtos da Nyx são de boa qualidade. O interlocutor é conduzido à interpretação de que a avaliação do locutor é positiva através, dentre outras estruturas, da construção “**super** recomendam”. Ou seja, o locutor utiliza um elemento avaliativo, nos termos de Labov (1972) – que, neste caso, é o modalizador “super”, juntamente com o verbo “recomendam” –, de maneira a descrever a atitude de outras pessoas. Já em (69), o locutor também faz uso do elemento avaliativo “**hipernoticiadas**” – composto por um intensificador mais um participio com valor adjetival –, a fim de demonstrar seu sentimento de surpresa

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://www.garotasesupidas.com/linda-por-menos/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/precisamos-falar-sobre-aborto>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

diante do fato de as mortes de duas mulheres que realizaram aborto terem sido bastante noticiadas na mídia.

A partir de Labov (1972), surgiram diversas pesquisas acerca da *avaliação* mediante diferentes perspectivas, tais como os estudos de Schiffrin (1987, 1990), Shi-Xu (2000), Vieira (2007), Martin (2003), White (2003) e Page (2003).

Schiffrin (1987, 1990), diferentemente de Labov (1972), aborda a avaliação a partir da argumentação. Schiffrin (1987) associa a argumentação à avaliação, quando define a *posição* – uma das partes que compõem o discurso argumentativo – como sendo o ponto de vista defendido pelo falante. A *posição* seria, desse modo, constituída pela “ideia” – conteúdo proposicional – e pelo “compromisso” – alinhamento. Para Vieira (2007), o alinhamento ou *footing* pode ser entendido, a partir de Goffman (1981), como o comprometimento assumido pelo falante ao apresentar sua opinião em relação ao conteúdo proposicional e, também, às relações interpessoais no momento da interação¹⁰⁶ (VIEIRA, 2007; MARTINS, 2013).

De acordo com Vieira (2007, p. 107),

[...] podemos compreender que o *alinhamento* (GOFFMAN, 1981) adotado pelo falante está relacionado ao *compromisso* (SCHIFFRIN, 1987), pois o papel que se assume é uma forma de comprometimento, já que os locutores podem distanciar-se do que é dito, apenas animando a fala de outrem, ou alinhar-se à própria fala, assumindo autoria e/ou responsabilidade sobre suas elocuições. Em outros termos, através da maneira como o locutor escolhe opinar podemos perceber um maior ou menor grau de compromisso com relação à opinião. (VIEIRA, 2007, p. 107)¹⁰⁷

No *corpus* de análise, podemos observar ocorrências em que a construção com “super”, “hiper”, “mega” ou “ultra” codifica uma realização micro de uma atividade avaliativa mais abstrata, em uma sequência argumentativa. Observemos a ocorrência exposta a seguir:

¹⁰⁶ O *footing* constitui uma maneira de expressar a relação entre a linguagem em uso e o processo através do qual relacionamos os enunciados a momentos, lugares, sujeitos sociais particulares, incluindo nosso próprio “eu” e suas múltiplas formas de expressão em interação (GOFFMAN, 1981).

¹⁰⁷ Mais adiante, tratamos da estrutura de produção proposta por Goffman (2002 [1979]), que compreende os papéis assumidos pelo falante durante a interação comunicativa: animador, figura, autor e responsável.

(70) “A cantora está vestida com glamour e com um detalhe **ultramoderno** no colo, que eu aprovo. E, como está com as pernas à mostra, achei legal ela deixar o cabelo solto para não expor outras partes do corpo.” (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 2)¹⁰⁸

No exemplo (70), a construção “**ultramoderno**” exprime uma avaliação positiva do locutor acerca do mundo externo – que, neste caso, é um detalhe na roupa da cantora. Em um contexto argumentativo, o locutor maximiza sua posição de que a cantora se veste muito bem quando utiliza o advérbio de intensidade “ultra”, juntamente com o adjetivo qualificativo “moderno”, para se referir ao “detalhe [...] no colo”. Percebe-se, ainda, nesta ocorrência, o comprometimento ou alinhamento do locutor com a proposição quando ele profere sua opinião através da expressão “eu aprovo”.

É nesse contexto que Schiffrin (1987) sugere que o falante pode modificar a força das proposições, por exemplo, através de pistas de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2002), que podem ser linguísticas (alternância de código, de dialeto ou de estilo), paralinguísticas (pausas, hesitações, alongamentos etc.), prosódicas (entoação, acento, tom) e/ou não verbais (olhar, gestos etc.). Tais pistas podem ser utilizadas para a maximização ou a minimização da avaliação proferida em uma interação (VIEIRA, 2007).

No exemplo (70), que acabamos de analisar, verificamos que a própria utilização do advérbio de intensidade, junto ao adjetivo, maximiza a avaliação positiva do locutor, uma vez que dizer que o detalhe no colo é “**ultramoderno**” é mais expressivo do que dizer que o detalhe no colo é só “moderno” ou “muito moderno”. Contudo, na amostra analisada, o locutor, além de usar um advérbio de intensidade, recorre, diversas vezes a recursos ortográficos, como o alongamento de sílaba e a fala silabada, a fim de conferir maior tonicidade à construção avaliativa – conforme observado por Silva (2014). Observemos o exemplo a seguir:

(71) Jeans é sempre a minha primeira escolha quando quero um look confortável e bacana. Com um único jeans podemos criar tantas opções de looks e estilos diferentes, certo? Informal, casual chique, para o dia, para a noite, mais caretinha, para trabalhar... Hoje o meu é bem relax mesmo, perfeito para os meus

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT2255-15565,00.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

compromissos em Araçatuba! Ps: Usaria fácil este look para uma viagem! Amo este jeans, ele é **meeeeega** confortável! (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹⁰⁹

Em (71), o locutor, ao argumentar sobre o fato de o *jeans* ser sempre a sua primeira opção, maximiza sua avaliação positiva quando sustenta seu ponto de vista dizendo que ele “é **meeeeega** confortável”. Tal maximização se dá a partir de uma pista de contextualização linguística que é o recurso ortográfico do alongamento silábico, também denominado por Silva (2014) repetição de fonema – “**meeeeega**”.

Vieira (2007) acrescenta que o conceito de avaliação também está presente na definição de *ponto de vista* de Schiffrin (1990) – para a autora, o *ponto de vista* consiste na expressão da opinião¹¹⁰ (MARTINS, 2013).

Nesse contexto, Vieira (2007, p. 10) afirma o seguinte:

Ora, se a opinião tem sido tradicionalmente entendida como um mecanismo interno e subjetivo [...], então, o ponto de vista que está sendo defendido encontra-se de alguma forma relacionado à subjetividade daquele que está argumentando. (VIEIRA, 2007, p. 10)

Em seu estudo sobre a fala argumentativa da classe média judia dos EUA, Schiffrin (1990) mostra que a fala opinativa tem uma característica dúbia, pois nela convivem, ao mesmo tempo, a verdade sobre os fatos, que pode ser contestada, e a sinceridade ou subjetividade do falante. Em outras palavras, a autora discorre sobre a dualidade objetivo/subjetivo presente no discurso opinativo, estabelecendo uma distinção entre opinião (ou posição avaliativa) – que está relacionada a crenças e valores e se refere à incerteza acerca de determinadas circunstâncias – e posição – de caráter mais objetivo, passível de verificação (VIEIRA, 2007).

Observemos o exemplo seguinte, extraído do *corpus* por nós analisado, em que podemos verificar a avaliação, codificada através de uma construção com “mega”, imbricada na posição, em cuja sequência argumentativa também se faz presente a opinião:

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.blogdamariah.com.br/index.php/category/look-do-dia/page/116/>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

¹¹⁰ Schiffrin (1990) revê sua definição anterior (SCHIFFRIN, 1987) para a argumentação, que pressupunha a existência de três partes: *posição*, *disputa* e *sustentação*. Schiffrin (1990) propõe que a atividade argumentativa pode ser motivada por outros fatores que não se refiram à resolução de desacordos ou à negociação.

(72) Escolhi a cor 94, um bege meio cor de burro quando foge. Não havia provadores, e me decepcionei quando testei em casa: **MEGA** brilhoso, e eu querendo alguma coisa sem brilho. Quando passei na boca, não espalhou direito, bem esquisito. Só me entendi com ele quando espalhei o batom com o dedo, só ficou a corzinha e o brilho foi embora. Fiquei com ele a tarde toda, comi e bebi, e até que durou. Tem cheiro leve de chocolate, não me incomodou em nada, eu, a pessoa com problema com cheiros. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹¹¹

No exemplo (72), o locutor avalia negativamente um determinado batom, através da opinião expressa em “me decepcionei quando testei em casa” e da posição proferida a partir da afirmação de que o batom é “**MEGA** brilhoso”. Para Schiffrin (1990), a opinião “me decepcionei quando testei em casa” corresponderia à porção subjetiva da argumentação, que diz respeito ao valor atribuído ao produto pelo locutor – valor este que está relacionado a sua sinceridade. Por outro lado, a posição “**MEGA** brilhoso” corresponderia à porção objetiva da sequência argumentativa, sendo, portanto, passível de verificação na realidade.

A esse respeito, Shi-Xu (2000), em um estudo sócio-construcionista que investiga a natureza paradoxal do texto e do discurso opinativo, sugere que uma opinião subjetiva pode ser oferecida como um fato objetivo, de modo que significados objetivos e subjetivos se tornem fundidos. Em outras palavras, conforme aponta o autor, a avaliação pode ser alcançada, também, via processo inferencial, a partir da realidade social que é trazida ao discurso. Para Shi-Xu (2000), na argumentação, os fatos descritos ou narrados atuam como um *frame*, para que se possam evocar opiniões amparadas na coletividade, como uma base da realidade. Assim sendo, o autor destaca que o discurso de opinião projeta valores da sociedade que estão sendo avaliados pelo falante, bem como revela o *self* daquele que opina (VIEIRA, 2007).

Schiffrin (1990) discorre, ainda, a partir de Goffman (2002 [1979]), sobre a estrutura de participação, ou seja, sobre um conjunto de posições que os indivíduos podem tomar em relação ao que é dito. Para Goffman (2002 [1979]), os falantes formatam a trajetória da interação ao assumirem vários *footings* em relação a suas observações. O conceito de *footing* foi introduzido pelo autor para explicar, além da natureza do envolvimento do falante com a proposição, a sua participação na interação social. Desse modo, tal conceito inclui as complexas relações discursivas

¹¹¹ Disponível em: <<http://www.vendanafarmacia.com.br/2008/08/batom-marcelo-beauty-linha-essencial.html>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

presentes nos formatos de produção (falante) e de participação (ouvinte) na interação comunicativa. Schiffrin (1990) se apropria, portanto, da seguinte estrutura de produção proposta por Goffman (2002 [1979]): (i) animador, quem se mostra como mero produtor de sequências de palavras; (ii) figura, quem participa do discurso como personagem; (iii) autor, quem seleciona palavras e sentimentos para a expressão de fatos, opiniões ou crenças; (iv) responsável, quem está comprometido com o que as palavras dizem, cuja posição ou ponto de vista está sendo expresso na proposição (VIEIRA, 2007).

Vejam, na ocorrência seguinte, com a construção avaliativa com “super”, como o locutor se alinha em relação à proposição:

(73) Os ternos claros estão com tudo, eu adoro o cinza clarinho que combina com quase todas as cores, inclusive dá pra usar somente o blazer com um jeans e tênis, que fica **super super** lindo. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹¹²

Na sequência argumentativa retratada em (73), o locutor avalia positivamente, através da construção linguística “**super super** lindo”, o uso de *blazer* cinza claro com *jeans* e tênis. Nesta ocorrência, o locutor se posiciona como autor e responsável, ao mesmo tempo, em relação ao que é dito. Uma vez que o locutor seleciona o advérbio “**super super**” duplicado – cuja repetição intenta o reforço da intensidade – e o adjetivo “lindo”, para expressar sua opinião acerca da combinação de peças do vestuário, ele se posiciona como autor na estrutura de produção da proposição. Concomitantemente, o locutor da construção “**super super** lindo” se posiciona como responsável, haja vista que ele se compromete com a opinião que está sendo expressa na proposição, consigo mesmo e com seu interlocutor.

É nesse contexto, portanto, que Schiffrin (1990) defende que as opiniões libertam o falante-autor de uma alegação de verdade, enfatizando a alegação do falante-responsável para a sinceridade – processo denominado mudança de *footing*.

Ainda na perspectiva da argumentação, Vieira (2007) investiga como a avaliação se manifesta na fala opinativa. A autora identificou, em seus dados, que a

¹¹² Disponível em: <<https://www.robetacarlucchi.com.br/um-post-para-os-nossos-queridos-homens/>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

avaliação pode ocorrer como uma coda¹¹³, sinalizada seja por pistas linguísticas seja através de um processo inferencial, bem como pode emergir encaixada na opinião e na sustentação, sinalizada por pistas linguísticas explícitas de subjetividade (MARTINS, 2013).

Conforme destaca a autora, nas opiniões simples, a avaliação é, tipicamente, codificada por marcas linguísticas ou paralinguísticas, pela expressão “eu acho X” (em que X pode ser uma oração introduzida pelo conectivo “que”, que contém um predicativo avaliativo), por meio de “pequena cláusula” avaliativa¹¹⁴ ou por traços inferenciais de subjetividade. No que diz respeito às opiniões complexas, nestas a avaliação pode se manifestar pela alternância de papéis de autor e animador (GOFFMAN, 1981, 2002 [1979])¹¹⁵ ou pela modificação da força de proposição através da modalização do que é dito (GUMPERZ, 2002 [1982])¹¹⁶ (MARTINS, 2013).

Embora não estejamos realizando um trabalho específico sobre sequências argumentativas, em nossos dados, podemos identificar construções com “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” compondo a avaliação encaixada em opiniões simples, nos termos de Vieira (2007), como observamos na ocorrência a seguir:

(74) Uma coisa boa do formato desse batom da Océane é que é muito fácil de aplicar – não precisa de pincel nem nada, mesmo ele sendo mais gordinho, é **super** prático de fazer a linha dos lábios com precisão (quando a ponta for ficando mais grossinha aí tem que apontar um pouco mesmo, porque fica mais difícil). Fora isso, achei ele **MEGA** pigmentado – sempre que vejo esses batons em lápis, já espero um acabamento meio Chubby Stick, da Clinique, mas não, esse é um batom de fato, só que em formato lápis (lembra bastante aqueles da Nars, inclusive). (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹¹⁷

¹¹³ A coda realiza-se, no *corpus* de Vieira (2007), não apenas no fechamento de sequências argumentativas (estrutura maior), como também como uma conclusão da sequência precedente e como uma opinião que abre a sequência posterior (fechando cada parte dessa estrutura).

¹¹⁴ Segundo Dias (2006), as “pequenas cláusulas” são construções apositivas que, normalmente, se realizam através de verbo de ligação mais adjetivo avaliativo ou, apenas, através de substantivo ou de adjetivo avaliativo.

¹¹⁵ Segundo Vieira (2007, p. 146), “a avaliação encontra-se intrínseca à opinião, não havendo necessidade de expressões avaliativas pelo fato de a própria mudança em *footing* (GOFFMAN, 1981) efetuada no interior da opinião ser avaliativa”.

¹¹⁶ Vieira (2007, p. 146-147) destaca que “a avaliação não é sinalizada pelo jogo dos papéis, mas pela modificação de força manifesta através de *pistas de contextualização* (GUMPERZ, 2002 [1982]) que direcionam a opinião”.

¹¹⁷ Disponível em: <<https://www.coisasdediva.com.br/tag/batom-lapis/>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

Em (74), verificamos que tanto “super” quanto “mega” atuam na codificação da avaliação do locutor encaixada na opinião simples. Com a construção “é **super** prático de fazer a linha dos lábios com precisão”, observamos a avaliação positiva do locutor a respeito do batom, a qual é sinalizada por pequena cláusula ou construção apositiva – verbo de ligação “é” mais adjetivo apreciativo “prático”. Já a construção “achei ele **MEGA** pigmentado” contribui para a avaliação também positiva do locutor acerca do batom, todavia, através de uma construção com “eu acho X”, nos termos de Vieira (2007).

A respeito da avaliação encaixada na sustentação, a autora demonstra que esta pode ser sinalizada por pistas linguísticas de subjetividade ou por meio de um processo inferencial, mediante justificação ou “evidências”. A justificação, utilizada pelo falante que deseja suavizar sua opinião, constitui um movimento argumentativo através do qual os fatos são apresentados ao interlocutor, normalmente, introduzidos pelos conectivos “porque” ou “que” de maneira implícita ou explícita no texto (VIEIRA, 2007). As “evidências”¹¹⁸, por sua vez, sustentam a opinião do falante, através dos recursos da *evidência formal*, do *fato* ou da *narrativa*. A *evidência formal* é codificada linguisticamente pelo silogismo clássico de premissa e conclusão “se *F*, então *P*” (TOULMIN, 1958). O *fato* constitui um exemplo representativo de uma determinada situação. Por fim, a *narrativa* é um exemplo com riqueza de descrições e detalhes acerca de um evento. Vieira (2007), pautada em Oliveira *et al.* (2007), distingue *narrativa factiva*, *narrativa fictiva* e *narrativa hipotética*. A *narrativa factiva*, segundo a autora, trata de fatos localizados em um tempo determinado. A *narrativa fictiva*, por outro lado, trata de fatos que não podem ser localizados em um tempo determinado, mas que se repetem ao longo do tempo. A *narrativa hipotética* consiste em uma realidade criada para sustentar uma opinião (MARTINS, 2013).

A partir das considerações de Vieira (2007), também encontramos, no *corpus* de pesquisa, ocorrências em que construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” constituem uma avaliação do locutor encaixada na sustentação. Vejamos os dois exemplos seguintes:

¹¹⁸ Assim como Vieira (2007), utilizamos a expressão “evidências” entre aspas devido ao fato de muitas dessas evidências não poderem ser comprovadas empiricamente.

- (75) Reparem que nesse segundo vídeo usei um lápis da categoria “seco” para fazer o borrado – porque **SUPER** dá para ser com ele, é só que os mais cremosos que mostrei acima deslizam melhor! (*Corpus 2011 – Nível de formalidade 1*)¹¹⁹
- (76) Outra coisa bacana do primer é que existem alguns específicos para necessidades diferentes. Por exemplo, o Pore Minimizer, da Clinique (R\$ 64), funciona **super** bem em quem tem pele oleosa porque diminui temporariamente os poros. (*Corpus 2008 – Nível de formalidade 1*)¹²⁰

No exemplo (75), verificamos que a construção “porque **SUPER** dá pra ser com ele” sustenta a opinião do locutor, alcançada via processo inferencial, de que o lápis da categoria “seco” é bom, e, ainda, avalia como sendo positiva a possibilidade de se fazer um borrado com tal lápis, embora os mais cremosos deslizem melhor. Nesse caso, de acordo com Vieira (2007), a avaliação sinalizada por uma construção linguística se encontraria encaixada na sustentação por justificção, que é introduzida pelo conectivo “porque”. Já em (76), através da construção “funciona **super** bem”, o locutor sustenta sua opinião expressa linguisticamente de que é bacana existirem *primers* específicos para necessidades diferentes e, também, avalia positivamente o funcionamento do *primer* “Pore Minimizer, da Clinique” em quem tem pele oleosa. De acordo com Vieira (2007), esta avaliação se encontraria encaixada na sustentação por fato, uma vez que consiste em uma exemplificação representativa de uma situação determinada.

Vieira (2007) defende, portanto, que a dimensão avaliativa é intrínseca à argumentação em discurso opinativo, seja na posição, seja na sustentação, marcada por expressões de subjetividade ou formada através de um processo inferencial que emerge da apresentação de fatos (MARTINS, 2013).

Independentemente de um tipo específico de sequência textual – como vimos, na narração, com Labov (1972), e a na argumentação, com Schiffrin (1987, 1990) e Vieira (2007) –, muito tem se falado sobre o *posicionamento avaliativo do locutor* também no âmbito da teoria *Appraisal*. Conforme destacam Martin (2003), White (2003) e Page (2003), a teoria *Appraisal* tem como objeto de estudo o posicionamento ou a expressão de emoções, atitudes e julgamentos de valor, configurando, desse modo, uma nova perspectiva para a análise da avaliação e de

¹¹⁹ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2011/12/27/lapis-pretos-comparando/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

¹²⁰ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/06/10/o-que-raios-e-primer/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

seus subsistemas. Dito de outra maneira, esta teoria tem como objetivos analisar, descrever e explicar a forma linguística usada para avaliar, para adotar posturas, para construir personalidades e para administrar posicionamentos e relações interpessoais. Sendo assim, para os autores, a avaliação está relacionada aos significados que mostram o compromisso do falante com as proposições. A teoria *Appraisal* compreende três propriedades: (i) o engajamento; (ii) a gradação; e (iii) a atitude.

O engajamento diz respeito ao alinhamento de vozes textuais e de posições alternativas no curso da interação – já denominado *footing* por Goffman (1981) e compromisso por Schiffrin (1987). O engajamento, para a teoria *Appraisal*, é alcançado através da modalização ou de sistemas relacionados. White (2003, p. 2-3) propõe quatro recursos de engajamento: (a) rejeição (*disclaim*), em que uma posição entra em conflito com alguma posição contrária; (b) exclusão (*proclaim*), em que a proposição é apresentada como altamente autorizável; (c) *entertain*, em que se invocam alternativas de diálogo, através de expressões como “parece”, “talvez”, “provavelmente” etc.; (d) atributo (*attribute*), em que a proposição é representada como fundamentada na subjetividade de uma voz externa, através de expressões como “X disse”, “na visão de X”, “há rumores de que” (VIEIRA, 2007).

Quanto à gradação, esta diz respeito à amplificação da força da avaliação ou do foco da avaliação, através da intensificação ou da minimização. Em outras palavras, a avaliação pode ser apresentada com menor ou maior intensidade. De acordo com Martin (2003) – e, também, Schiffrin (1987) e Vieira (2007) –, é possível modificar a força de uma proposição pela adição de elementos avaliativos ou pela intensificação ou minimização da avaliação. Vieira (2007) sugere que se relacione a amplificação de que nos fala Martin (2003) às pistas de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2002), já que estas sinalizam os recursos de modalização de uma avaliação. A gradação, dessa maneira, tem a ver com o ajuste do grau da avaliação – quão fortes ou quão fracos são a crença e o sentimento. Esse tipo de gradação é chamado força, de modo que, em contextos de recursos não-graduáveis, a gradação tem o efeito de ajustar a força do limite entre as categorias, construindo tipos nucleares e periféricos de coisas. Esse tipo de gradação, na teoria *Appraisal*, é denominado foco, demonstrando a existência de um *continuum* dentro da gradação.

Ainda que este trabalho não seja destinado, especificamente, ao estudo das construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” a partir da teoria *Appraisal*, entendemos que nossos objetos de estudo podem ser pensados, também, à luz de conceitos como engajamento e gradação. Vejamos os exemplos a seguir:

(77) Hoje eu vim trazer uma **mega** novidade para as blogueiras/leitoras de plantão, vocês lembram que no final do ano passado fizemos um concurso cultural junto com a Petite Jolie e elegemos o blog mais bacana? A vencedora desse primeiro concurso foi a Ste Costa, do blog Conteúdo Fútil... (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹²¹

(78) E olha que bapho, mal virou celeb e já tá pegando namoro! Diz que ela **super** nega que tá pegando o Jack Osbourne...tipo...eu acho que também negaria! Kkkkkkkkk (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹²²

No exemplo (77), o locutor avalia como sendo incrível a novidade de que a vencedora do primeiro concurso de melhor *blog* foi a “Ste Costa, do blog Conteúdo Fútil”, como observamos no trecho “Hoje eu vim trazer uma **mega** novidade para as blogueiras/leitoras de plantão...”. No âmbito da teoria *Appraisal*, com a construção “**mega** novidade”, o locutor estaria intensificando a força de sua avaliação através do adjetivo “mega”, posto ao lado do substantivo “novidade”, haja vista que, além da atribuição de característica, “mega” mantém vestígios de sua acepção original de indexação de grau – quando “**mega** novidade” significa novidade muito interessante, incrível. Já com o exemplo (78), podemos observar o engajamento do locutor ao proferir o seguinte trecho: “Diz que ela **super** nega que tá pegando o Jack Osbourne”. Embora a construção “Diz que ela **super** nega” pareça contraditória em termos de engajamento do locutor com a proposição, temos, aqui, duas codificações linguísticas com propósitos distintos, mas não opostos, relativos ao comprometimento com aquilo que é dito. A primeira codificação é sinalizada por “Diz que”. De acordo com os recursos de engajamento apontados por White (2003), com a construção “Diz que”, o locutor se descomprometeria com a veracidade da proposição, ao representá-la como sendo fundamentada na subjetividade de outro indivíduo. Já a segunda codificação do engajamento estaria na própria construção

¹²¹ Disponível em: <<http://camilacoelho.com/2014/07/29/segunda-edicao-do-concurso-cultural-we-love-fashion-blogs/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

¹²² Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/lucky-girl/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

“**super** nega”, em que o locutor apontaria para o maior comprometimento dessa voz externa, que realmente nega estar “pegando o Jack Osbourne”, com a proposição.

No que tange à atitude, Martin (2003) distingue três categorias de avaliação: (i) o afeto, (ii) a apreciação e (iii) o julgamento. A avaliação por afeto refere-se à manifestação das emoções e dos sentimentos do falante; a avaliação por apreciação diz respeito a atributos de entidades ou processos; a avaliação por julgamento refere-se à manifestação de atitudes sobre a moral, projetando a aprovação ou não do comportamento do indivíduo (VIEIRA, 2007).

Martin (2003) sugere que cada tipo de atitude envolve um sentimento positivo ou negativo e que o julgamento e a apreciação podem ser interpretados como institucionalizações do afeto ou da emoção: (i) o julgamento seria uma recontextualização da emoção, a fim de controlar o comportamento; (ii) a apreciação seria uma recontextualização da emoção, a fim de manifestar um gosto. Observemos os exemplos seguintes, retirados do *corpus* investigado:

(79) Num certo sentido, estava errada. Temos a imagem de Tóquio como um lugar internacional, **ultramoderno** e globalizado. Mas essa não é a única face. É, com certeza, uma cidade segura e com alta qualidade de vida, mas é também mais conservadora e fechada do que nós, ocidentais, acreditamos. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 2)¹²³

(80) Ao lado dele, o **super** rímel da Givenchy!!!! Siiiiim, aquele que tem a escovinha que parece um ouriço! Ai to tão feliz com ele vocês nem sabem. É **super super** legal de passar, tipo assim uma diversão mesmo. E o resultado é ótmo. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹²⁴

No exemplo (79), o locutor avalia positivamente a cidade de Tóquio, se referindo a ela como sendo um lugar “**ultramoderno**”. Neste caso, de acordo com a teoria *Appraisal*, a avaliação codificada na construção seria realizada a partir da apreciação pelo locutor dos atributos da cidade. Já no exemplo (80), enquanto a construção “**super rímel**” codificaria linguisticamente uma avaliação apreciativa, assim como no exemplo anterior, a construção “**super super legal**” codificaria uma avaliação afetiva, uma vez que o locutor manifesta sua emoção ao utilizar o rímel referido.

¹²³ Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,ERT259507-17597,00.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

¹²⁴ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/09/26/eeee-maquagens-novas/>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

A partir das considerações realizadas até aqui, mediante diferentes abordagens, e dos exemplos explicitados, entendemos que o esquema mais abstrato que envolveria a instanciação das construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” investigadas teria como função maior a expressão do *posicionamento avaliativo do locutor*. Conforme demonstramos com os estudos ou apontamentos de Basílio (2007, 2013), Basílio e Bezerra (2014), Silva (2000, 2006, 2014), Melo (2003), Gonçalves (2002, 2003), Labov (1987), Schiffrin (1987, 1990), Shi-Xu (2000), Vieira (2007), Martin (2003), White (2003) e Page (2003), seja em relação à narração, seja em relação à argumentação, seja em relação a qualquer outra sequência tipológica, o *posicionamento avaliativo do locutor* – sob as nomenclaturas ou os conceitos *função expressiva*, *atitude subjetiva do locutor*, *juízo avaliativo*, *expressão da posição*, *juízo de valor* ou *avaliação* – se estabelece como uma atividade mais esquemática, que se manifesta em microconstruções ou pareamentos forma-função mais específicos na língua.

No âmbito dos estudos em LFCU, o *posicionamento avaliativo do locutor* tem sido referenciado a partir da perspectiva da (inter)subjetivização – que estuda a expansão semântico-pragmática de um novo pareamento forma-função em direção a funções mais abstratas e interpessoais. Conforme verificamos no Capítulo I desta tese, com base nos postulados de Traugott (1995a, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), a subjetivização diz respeito à codificação linguística das atitudes, das crenças, dos valores e das avaliações do locutor, enquanto a intersubjetivização remete à codificação da preocupação do locutor com o *self* de seu interlocutor. Isso posto, no que concerne à pesquisa por nós empreendida, assumimos que a instanciação e a convencionalização das construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” envolveriam – como demonstramos nas próximas subseções deste capítulo – um processo crescente de intersubjetivização, visto que a indexação do *posicionamento avaliativo do locutor* na/diante da proposição ocorreria em direção a sentidos cada vez mais orientados para o interlocutor.

Além do *posicionamento avaliativo do locutor*, identificamos, em todas as construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” que ocorrem no *corpus* de análise, a indexação da função intensiva. Conforme vimos no Capítulo II deste trabalho, a partir de Silva (2014), a intensificação constitui uma das categorias que compõem o

grau – além da dimensão, da quantidade, da hierarquia, da avaliação e da afetividade. Desse modo, a atribuição de intensidade, para mais ou para menos, a um determinado conceito seria um processo semântico-discursivo mais específico do que a atribuição de grau, que seria um processo mais genérico.

O autor acrescenta, ainda, que a intensificação constitui uma estratégia discursiva de acréscimo semântico a uma noção conceptual para além de sua concepção normal ou já graduada, como podemos verificar nos exemplos seguintes (SILVA, 2014):

(81) “Estou **super**feliz com o convite, mas ainda não tenho muitos detalhes sobre a personagem”, disse Grazi, que, em 2006, viveu a Telminha de Páginas da Vida e, em 2007, a Flor de Desejo Proibido. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 2)¹²⁵

(82) A quinta-feira em si não foi **super** incrível por conta da entrega do sofá. A incompetência tomou conta, a fábrica fez errado e a entregadora não conferiu. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹²⁶

(83) Aproveitando o momento vídeos, esqueci de postar aqui o How 2 da 284 do qual participei, junto com a Lu Tranchesi. Fiz um make para festas de fim de ano que é superfácil de copiar, com sombra roxa e preta. A Lu fez dois, um à la Victoria’s Secret, iluminado, e um com batom laranja. Eu me achei com o rosto **meeega** inchado (gravamos depois de um fechamento muito punk e eu estava exausta!) mas ignorem esse fato! (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹²⁷

(84) Essa dica é mais difícil de colocar em prática mas se você tem acesso a tambores e galões de metal eles ficam **SUPER** bacanas se usados como apoio lateral da cama! E você ainda pode customizá-los com pinturas especiais. Apaixonei nessa idéia! (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹²⁸

A partir dos exemplos explicitados acima, verificamos que, nos dados analisados, a intensificação pode ocorrer diante de uma noção não graduada, como observamos em (81), em “**super**feliz”, ou diante de uma noção que já se encontra na porção superior de uma determinada escala – como, por exemplo, “incrível” –, como vemos em (82), em “**super** incrível”. Ressaltamos, também, que, em nossa amostra, a intensificação pode se realizar mediante um reforço escalar de direção para mais,

¹²⁵ Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

¹²⁶ Disponível em: <<https://www.justlia.com.br/2008/06/dia-dos-namorados-sofa-spore/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

¹²⁷ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2011/12/28/dica-de-site-because/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

¹²⁸ Disponível em: <<http://www.bramare.com.br/2014/12/29/trofeu-clap-clap-clap-2014-os-posts-mais-acessados-ano/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

como observamos em (83), em “**meeega** inchado”, através do um recurso fonológico do alongamento de sílaba, ou, ainda, através do uso ortográfico das letras garrafais, como vemos em (84), em “**SUPER** bacanas”.

A intensificação também ocorre em nosso *corpus* de maneira explícita, como observamos nos exemplos (81)-(84), ou implícita, conforme podemos verificar a seguir:

(85) De verdade, esse é o melhor lápis delineador que já usei, e olha que eu já usei vários: natura, avon, boticário, lancôme e outros que nem lembro. (...) Mas não é que o produto é bom mesmo: é muito macio por isso desliza muito fácil, com uma passada já fica pretinho, é à prova d'água, aliás, é bem difícil de tirar pois tem **ultra** fixação. E o preço, bom nem precisa falar, né? (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹²⁹

(86) Um dos lounges mais concorridos era o da **mega** patrocinadora Natura! Lá, tinha um monte de maquiadores a disposição pra levantar a carinha cansada dos fashionistas com makes incríveis usando os produtos da marca (craru). Nem posso dizer que achei algum produto bom porque nem tive tempo de fazer mêiki nem me liberaram o brinde que era um kit de “glosssses”... pirangueiros hein! (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹³⁰

Nos exemplos (85) e (86), em que “ultra” e “mega” atuam como adjetivos qualificativos em sintagmas nominais – “**ultra** fixação” e “**mega** patrocinadora” –, verificamos que, embora a intensificação não seja a função dominante nas construções, ela ainda se faz presente de maneira implícita. Desse modo, em (85), “**ultra** fixação” não significa somente que o lápis delineador referido tem uma boa qualidade de fixação, mas, sim, que tem uma qualidade muito boa, excelente, de fixação. Da mesma maneira, em (86), dizer que a Natura foi uma “**mega** patrocinadora” de um determinado evento não significa somente que a marca é uma patrocinadora grande e importante, mas, sim, que é uma patrocinadora muito importante, de notável reconhecimento. Todavia, nestas duas ocorrências, a leitura intensiva das construções não se encontra na superfície do discurso, ficando, assim, a serviço da interpretação do interlocutor. À particularidade de o conteúdo graduado estar direta ou indiretamente exposto no texto Silva (2008b, 2014) denomina explicitude ou estratégia de significação direta ou indireta.

¹²⁹ Disponível em: <<http://www.vendenaofarmacia.com.br/2011/05/resenha-da-leitora-nadia-lapis-de-olhos.html>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

¹³⁰ Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/passeio-pela-bienal-parte-3/>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

Por fim, nossos achados também corroboram a ideia de Silva (2008b, 2014) de que a atribuição de intensidade não se aplica a uma categoria linguística pré-determinada, mas ao conceito que subjaz a essa categoria – embora o próprio autor pondere que pode haver, sim, coincidência recorrente entre um conteúdo intensificado e a classe lexical que convencionalmente o codifica. Observemos os exemplos seguintes:

(87) Lógico que a cada temporada os acessórios também aparecem nas suas versões must have, mas acho que o mais legal é saber fazer um mix dos clássicos bacanas com as novidades **super** tendência. (*Corpus 2008 – Nível de formalidade 1*)¹³¹

(88) **Super** vida real a maquiagem da Patrícia Viera, criada pelo Ricardo dos Anjos. Acompanhem comigo: muito muito rímel em cima e embaixo, depois um toque sutil de sombra marrom Brown Down, da M.A.C, rente aos cílios inferiores e superiores, só pra dar uma dimensão. Gente, é a coisa mais fácil do mundo e já dá um super efeito. Não precisa ficar hoooras esfumando e etc, dá até pra passar a sombra com cotonete na pressa. (*Corpus 2008 – Nível de formalidade 1*)¹³²

Nos exemplos (87) e (88), não obstante “super” ocorra diante de substantivo – “tendência” – e de sintagma nominal – “vida real” –, respectivamente, ele atua como advérbio intensificador. Nesses casos, tanto “tendência” quanto “vida real” têm função predicativa, ou seja, funcionam como adjetivo ou locução adjetiva para a atribuição de características a seus referentes – “novidades” e “a maquiagem da Patrícia Vieira”. Logo, conforme aponta Silva (2008b, 2014), não se pode assegurar que a intensificação incida tão somente sobre classes lexicais como adjetivos, advérbios e verbos, ou que haja correspondência obrigatória entre o que é intensificado e a categoria verbal que o codifica. As ocorrências de construções com “super”, em (87) e em (88), e, até mesmo, as construções com “ultra”, em (85), e com “mega”, em (86), atestam justamente que a intensificação é atribuída a um conceito, e não a uma classe lexical, e que ela pode realizar-se explícita ou implicitamente no discurso.

¹³¹ Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/porta-joia/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹³² Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/06/17/primeiro-alou/>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

Além do domínio funcional mais abstrato do *posicionamento avaliativo do locutor* e da estratégia semântico-discursiva da intensificação, identificamos, nas construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, a propriedade da focalização.

Diferentes autores mencionam a relação existente entre a intensificação e a focalização – também denominada relevo ou proeminência. Para Gonçalves (1998), por exemplo, os conteúdos semânticos predominantes na focalização são o contraste e a intensidade. Para Travaglia (1999), a proeminência, ou relevo positivo, tem por objetivo enfatizar, intensificar, marcar um valor especial, estabelecer contraste, reforçar argumento, marcar importância, marcar foco informacional etc. Já Gonçalves (2002) considera que a intensificação é usada para efeitos de focalização ou de ênfase, para demonstrar as impressões do falante e levar o ouvinte a também focalizar, colocando em primeiro plano o que passou pelo crivo do locutor. Por fim, Silva (2008b, 2014), ao propor uma análise da perspectivação do grau ou da intensificação, leva em conta a focalização quando se refere ao aspecto, à escalaridade, ao escopo, à explicitude e à ancoragem. Contudo, para o autor, a focalização é entendida apenas como um enquadre em que se dá a conceptualização do grau ou da intensificação. Sendo assim, em seus trabalhos, o encaminhamento dado à focalização, ou perspectivização, difere do tratamento que damos à tal estratégia discursiva no que tange às construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

Gonçalves (1998) define a focalização como sendo uma espécie de refletor direcional, de modo que um constituinte do discurso vai sendo, por vez, colocado em foco. Em vista disso, a focalização seria uma estratégia discursivo-pragmática através da qual o falante chama a atenção do ouvinte para (ou coloca em primeiro plano) uma porção da proposição, que é entendida como mais informativa ou mais relevante. Gonçalves (1998, p. 34) nos apresenta as seguintes estratégias de focalização:

- Textual: que faz uso de mecanismos linguísticos, como a topicalização, a clivagem, a marcação do grau, o emprego de advérbios focais etc.
- Prosódica: que envolve recursos de natureza suprasegmental (saliência prosódica).

No que diz respeito às construções analisadas nesta tese, estamos lidando com uma estratégia de focalização do tipo textual, uma vez que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam como elementos linguísticos responsáveis por focalizar determinado constituinte do discurso, como observamos no exemplo a seguir:

(89) Essa é outra boca que amei, a do André Lima. O problema é que a foto não capta tão bem a cor verdadeira, um laranja-pink **hiper** vibrante. Alguém andou perguntando aqui qual era o batom, eu falei um monte desse make aqui, durante o SPFW. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹³³

(90) Mas enquanto você não assiste o filme e vê se ele consegue separar a Juliette antes de seu grande dia, a Imovision lançou uma promoção incrível em perfis nas redes sociais valendo uma **mega** viagem para Mônaco, um dos destinos mais incríveis e lindos do mundo. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹³⁴

Em (89) e em (90), verificamos que “hiper” e “mega” assumem, respectivamente, o papel de advérbio de intensidade e de adjetivo qualificativo e, ainda, chamam a atenção do interlocutor para um constituinte do discurso que é colocado em proeminência em relação a outros elementos – o adjetivo “vibrante” em (89) e o substantivo “viagem” em (90). Enquanto, em (89), o locutor quer colocar em evidência a cor “**hiper** vibrante” de um batom, em (90), o locutor dá ênfase para a “**mega** viagem” para Mônaco.

Travaglia (1999) esclarece que o relevo pode ser local, aplicando-se a elementos pontuais do texto, ou mais abrangente. Sobre a natureza do relevo, Travaglia (2006) ressalta que esta pode ser por (i) contraste entre figura e fundo, que diz respeito à relevância temática, (ii) apresentação de informações como principais e secundárias, (iii) indicação de relevância pragmática de determinada situação para o momento presente ou para um ponto de referência e (iv) focalização de um dado tipo de elemento do conteúdo do texto. Para o autor, o foco pode estar, (a) na narrativa, em acontecimentos, em um personagem ou no narrador; (b) na descrição, em características psicológicas, físicas, transitórias ou permanentes; (c) na argumentação, em conceitos, relações ou argumentos; (d) na injunção, em ações a se executar, no ato de determinar ou na justificativa.

¹³³ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/07/01/hits-do-spfw-boca-e-cabelo/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

¹³⁴ Disponível em: <<http://borboletando.com.br/2011/04/como-arrasar-um-coracao-e-abalar-monaco/>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

Segundo Travaglia (1999), o relevo constitui uma estratégia utilizada pelo falante por motivações ideacionais/cognitivas, argumentativas e emocionais. O relevo ideacional ou cognitivo é indexado pelo falante para apontar a importância de determinados elementos para as ideias que são colocadas no texto. Já o relevo argumentativo é instanciado pelo falante para destacar uma informação ou um argumento que ele julga ser fundamental para se chegar a determinada conclusão. Por fim, o relevo emocional é produzido pelo falante que quer dar destaque a certos elementos do texto em consequência de seu envolvimento emocional com o que diz. Travaglia (1999) elucida que os três tipos de relevo citados por ele não são excludentes entre si e, acrescenta, ainda, que o relevo se realiza através de recursos fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e relacionados à estrutura do texto, de modo que o locutor avalia conteúdos do texto ou elementos da interação.

Na amostra por nós analisada, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” são utilizados para dar relevo por todas as motivações citadas pelo autor, ocorrendo, muitas vezes, uma sobreposição de motivações. Nossos dados corroboram também a ideia de Travaglia (1999), para quem o locutor, através de recursos de relevo, faz uma avaliação do conteúdo de determinado texto, e a posição de Travaglia (2006), para quem o relevo se realiza como focalização de um elemento do texto, em diferentes sequências tipológicas. Vejamos os exemplos seguintes:

(91) E um dia, estava dando uma “fuçadinha” no site da Victorias Secret’s e achei isso...Prometendo cílios **ultra** volumosos e sexy em questão de segundos...Ah tá!!! rrsr...Vou testar!! Paguei \$28, é uma facada, mas se fizer o q promete tá bom... (Corpus 2008 – Nível de formalidade 1)¹³⁵

(92) Claro que minha professora de inglês **super** entendeu a causa e lá fui eu sentar na primeira fila, ho ho ho. Eu nem vou comentar sobre a angustia de "o que vestir num desfile?" ou "o que fazer no cabelo num desfile de cabelo do Soho?" porque acabei não fazendo nada, por sorte, pois a chuva deixou meu cabelo com aparência de gato morto na enchente /piadainterna>. (Corpus 2008 – Nível de formalidade 1)¹³⁶

Em (91), o advérbio “ultra” é utilizado pelo locutor, principalmente, para destacar o argumento usado pelo site da marca Victorias Secret’s para convencer o

¹³⁵ Disponível em: <<http://maisquebonitas.com/categoria/produtos/cilios/page/22/>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

¹³⁶ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br/2008/10/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

público a comprar um produto – o rímel deixa os cílios “**ultra** volumosos”. Além disso, o locutor acaba por demonstrar seu envolvimento emocional com o argumento utilizado na propaganda, quando decide colocar em relevo a informação que ele julga conduzir à conclusão da situação – o porquê de ele ter comprado o produto. Dessa maneira, em (91), percebemos diferentes motivações para que o locutor queira focalizar um constituinte do discurso, a sua avaliação positiva acerca do resultado da utilização do produto – “cílios **ultra** volumosos” –, bem como a sua avaliação implícita sobre sua própria postura diante dos interlocutores – ele entende sua atitude como sendo justificável pelo argumento usado na propaganda. No exemplo (92), o advérbio “super” é utilizado pelo locutor a fim de apontar que a informação de que a professora “**super** entendeu” deve ser colocada em relevo diante de outras informações, como o fato de ele ter sentado na primeira fila no local do desfile. Percebemos, também, uma motivação emocional e uma motivação argumentativa que justificam seu comportamento final. Sendo assim, neste exemplo, temos uma avaliação positiva implícita do locutor com relação à atitude da professora.

A focalização realizada em nossos dados é denominada por Quarezemin (2009) foco estreito. O foco estreito é aquele que desencadeia uma relação operador-variável por meio de uma configuração de escopo, de modo que a estrutura resultante tem uma posição destinada para o constituinte focalizado. Nas construções por nós analisadas, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam como o operador, cuja função é focalizar, enquanto adjetivos, advérbios, substantivos e verbos, dispostos à direita do operador, funcionam como variável ou constituinte focalizado. Vejamos os exemplos seguintes:

(93) Esses pontos de contato são ajustados para enganar os sentidos, de forma que qualquer objeto escondido se torne imperceptível não apenas às mãos humanas, mas também a instrumentos de medição de força. Entre as possíveis aplicações estão a fabricação de tapetes para ocultar cabos elétricos no chão ou a criação de colchões de acampamento **ultra**finos, mas supereficientes (leia quadro). (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 3)¹³⁷

(94) Pedi uma folga no trabalho, comprei passagens para shows da turnê de março, em Porto Alegre e no Rio. Saí **super**cedo de São Paulo, peguei o primeiro voo para

¹³⁷ Disponível em: <https://istoe.com.br/372371_A+CIENCIA+DE+ESCONDER+AS+COISAS/>. Acesso em: 12 jun. 2015.

Porto Alegre, cheguei à fila dos ingressos com a minha mala de viagem. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 2)¹³⁸

(95) Seus cílios vão ficar finos e compridos e as chances de seu chefe achar que você é uma boneca inflável indo shake your rebotator na balada são mínimas. É o tipo do detalhe simples que faz você ficar mais bonita e arrumada sem que precise de uma **hiper**produção. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹³⁹

(96) E: Não rolam comparações entre vocês e até mesmo com artistas como Fafá de Belém e banda Calypso?

I: Não. Eu **mega**respeito artistas como a Fafá, que é maravilhosa. Acho a banda Calypso incrível. Não tenho esse pensamento de que vou tomar o lugar delas. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 2)¹⁴⁰

Conforme observamos nos exemplos (93)-(96), o operador ocorre sempre à esquerda, na sentença, enquanto a variável ocorre imediatamente à direita de seu operador. Em (93), “ultra” atua como operador do adjetivo “finos”; em (94), “super” é o operador que focaliza a variável adverbial “cedo”; em (95), “hiper” é o focalizador do substantivo “produção”; por fim, em (96), “mega” é o operador do verbo focalizado “respeito”. Embora os operadores “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuem como advérbio ou adjetivo em nossos dados, tais elementos funcionam como elementos focalizadores, assim como os advérbios focalizadores já descritos no âmbito dos estudos linguísticos.

Castilho (2010, p. 572) esclarece que os advérbios focalizadores atuam como expressões que, quando aplicadas a um segmento da sentença, fornecem informações mais exatas que a média do texto, em decorrência de uma operação de verificação. Entre elas, o autor cita “até”, “justamente”, “exatamente”, “mesmo”, “mais ou menos” e “realmente”. Souza (2004) acrescenta que advérbios focalizadores, pelo fato de aplicarem a algum constituinte um carimbo de conferido, sugerem que o locutor está de posse dos resultados de alguma verificação. Martelotta (2012) aponta, por fim, que os advérbios focalizadores refletem a relação intersubjetiva dos participantes, indicando uma avaliação do falante em relação ao que fala, quando focaliza aquilo que deseja.

¹³⁸ Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2017/10/eu-leitora-vivi-um-romance-com-um-roqueiro-famoso.html>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

¹³⁹ Disponível em: <<http://www.vendenaofarmacia.com.br/2008/11/joo-experimenta-e-conta-mscara-para.html?m=0>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

¹⁴⁰ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gaby-amarantos>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

Embora, de acordo com Castilho (2010) e Martelotta (2012), advérbios focalizadores sejam elementos de verificação, não transmitindo traços semânticos a seus escopos, entendemos que, em nossa análise, os elementos focalizadores que indexam *posicionamento avaliativo do locutor e intensidade*, devido à analogização de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” com o advérbio intensificador “muito”, atuam no nível da pragmática, chamando a atenção do interlocutor para aquilo que o locutor deseja dar proeminência em seu discurso.

É nesse contexto que defendemos que as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” herdaram, via analogização, as funções intensiva e focalizadora do advérbio de intensidade “muito”.

A respeito da ordem de colocação dos advérbios focalizadores, Castilho (2010) e Martelotta (2012) concordam que estes tendem a se colocar em posição adjacente ao escopo. A ordem de colocação dos advérbios focalizadores na sentença tem a ver, segundo Martelotta (2012), com o princípio da iconicidade, segundo o qual (a) serão codificadas, próximas umas das outras, entidades que estão próximas funcional, conceptual ou cognitivamente, bem como (b) serão codificados, próximos, operadores funcionais e unidades conceptuais em relação às quais eles são mais relevantes. Mais especificamente, a posição dos advérbios focalizadores está pautada no princípio da proximidade, segundo o qual elementos de foco devem ser colocados “próximos aos elementos sobre os quais operam” (MARTELOTTA, 2012, p. 90).

Vejamos como se estruturam as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no *corpus* de investigação:

(97) Sou o tipo de pessoa que imagina um look com peças aleatórias do armário, crente que elas vão combinar 100%, mas é só a teoria virar prática para ver que eu me enganei redondamente. Esse foi um dos raros casos que a prática fica exatamente igual à teoria, mas nem encaixo como mérito da minha imaginação, já que é uma produção **super** simples com peças que eu sabia anteriormente que ficavam bem em mim (esses looks imaginários que eu invento costumam ser um pouco doidos, do tipo: saia com vestido, bata com colete, enfim). (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹⁴¹

(98) A cantora inglesa chegou com tudo, e como se não bastasse a voz poderosa ainda tem aquele look retrô lindo! E foi inspiradíssimo nela que nós aqui do GE montamos

¹⁴¹ Disponível em: <<http://f-utilidades.com/2014/12/25/look-da-ca-vermelho-para-o-natal/>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

uma **super** produção com um passo-a-passo bem legal para vocês! Para isso, trocamos a modelo por uma menina linda e mais *real life*: Juja Medeiros! Valeu Juja! (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁴²

(99) Adoro misturar camisetas "podrinhas" com uma peça de couro, por exemplo. Podem fazer esse teste em casa, **super** funciona e fica um charme! Gostaram desse look tranqüilex? Rs (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁴³

(100) A máscara não empelota mesmo com as quatro camadas, o que eu acho ótimo, já que preciso de pelo menos umas três pra ficar com as pestanas do jeito que eu gosto. Ela também funciona **super** bem em conjunto com outros tipos de rímel. (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹⁴⁴

No exemplo (97), o locutor, através do advérbio “super”, chama a atenção do interlocutor para a simplicidade da produção de seu *look*. Nesse caso, “super” é um advérbio de intensidade e focalizador, que realça o adjetivo “simples”, que, por sua vez, tem como referente a “produção”. Já em (98), “super” atua como um adjetivo qualificativo, que indexa uma intensidade implícita, além de focalizar o substantivo “produção”. O que podemos observar como estes dois exemplos é que, embora se fale de produção de *look* nos dois contextos, a posição de “super” determina, e distingue, o escopo da focalização – em (97), em “produção **super** simples”, o constituinte focalizado é o adjetivo “simples”; já em (98), em “uma **super** produção”, o constituinte focalizado é o substantivo “produção”. No que se refere aos exemplos (99) e (100) embora o advérbio “super” ocorra em ambos os contextos em proximidade com o verbo “funciona”, em (99), o locutor focaliza o verbo “funciona”, por estar à sua direita, enquanto, em (100), o foco está no advérbio de modo “bem”, também à direita do operador. Assim, endentemos que, além de a anteposição a adjetivos, a advérbios, a substantivos e a verbos representar um vestígio dos usos de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” como prefixos, sua função pragmática-discursiva focalizadora determina que esta seja a sua posição preferencial na sentença.

É nesse contexto que apresentamos, no quadro seguinte, a configuração funcional e formal do esquema que envolve a instanciação das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”:

¹⁴² Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/transformacao-adele-2/>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

¹⁴³ Disponível em: <<http://www.blogdamariah.com.br/index.php/2011/11/look-do-dia-huck/>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://www.2beauty.com.br/blog/2014/03/18/resenha-cy-volumania-curve-mascara-volume-e-curvas-definidas-para-cilios/>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

Quadro 5 – Configuração funcional e formal do esquema

ESQUEMA	
Função	<i>Posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora</i>
Forma	$\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$

Conforme observamos no Quadro 5, o esquema mais hierárquico da rede construcional que envolve as construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atua no domínio funcional mais abstrato do *posicionamento avaliativo do locutor*, com atitudes semântico-pragmáticas *intensiva* e *focalizadora*. A estrutura formal do esquema é constituída por um elemento intensivo/focalizador – representado pela letra “X” –, que pode ser “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra”, anteposto a um elemento intensificado e focalizado – representado pela letra “Y” –, que pode ser um adjetivo, um advérbio, um substantivo ou um verbo.

Na seção seguinte, observamos como os subesquemas e as microconstruções identificados se configuram formal e funcionalmente em torno do esquema construcional mais genérico descrito. Desse modo, analisamos qualitativamente como construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, identificadas no *corpus* investigado, se realizam como microconstruções dentro dos subesquemas a que estão vinculadas.

4.2. Os subesquemas e as microconstruções

De acordo com a discussão estabelecida no Capítulo I desta tese, subesquemas representam conjuntos virtuais de microconstruções que apresentam semelhanças entre si, seja no nível sintático, seja no nível semântico, seja no nível pragmático. Já as microconstruções são construções individuais convencionalizadas na língua a partir da frequência de uso, que, não obstante sejam agrupadas devido a similaridades no nível intermediário (dos subesquemas), mantêm especificidades relativas ao pareamento forma-função (TRAUGOTT, 2008a, 2008b).

Para Traugott (2008a), os subesquemas seriam, de fato, os responsáveis pela atração semântico-pragmática – através do mecanismo da analogização –, pela nova interpretação de formas e/ou funções dentro de um novo contexto – através do

mecanismo da neoanálise – e pelo surgimento de novos construtos, promovendo, desse modo, o estabelecimento de extensas redes construcionais na língua. Conforme destaca a autora, o esquema não exerceria tal papel, uma vez que seria altamente abstrato. Traugott e Trousdale (2013) acrescentam, ainda, que a esquematicidade de determinadas construções pode ser aferida em diferentes graus de especificidade e de generalidade. Assim sendo, a partir das considerações dos autores, entendemos que esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, em um nível hierárquico mais baixo, por microconstruções – que também são esquemáticas e virtuais.

Na seção 4.1, assumimos que o esquema que envolve as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” tem por domínio funcional mais abstrato o *posicionamento avaliativo do locutor*, com atitudes semântico-pragmáticas *intensiva* e *focalizadora*, e por estrutura formal a anteposição de “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” a um adjetivo, um advérbio, um substantivo ou um verbo – e respectivas locuções. Nesta seção, discutimos as particularidades dos subesquemas, que agregam característica funcional às já apresentadas no esquema, na medida em que se tornam cada vez mais intersubjetivos, bem como demonstramos como a conceptualização da expressividade se dá de maneira diferente nas microconstruções identificadas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

Em vista disso, com base em uma análise qualitativa de cada ocorrência encontrada no *corpus* investigado, demonstramos, a seguir, os três subesquemas por nós identificados, os quais guiariam, cognitivamente, os locutores na instanciação de novos construtos durante o processo de interação comunicativa:

Quadro 6 – Configuração funcional e formal dos subesquemas

SUBESQUEMAS		
<i>Subesquema 1</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva]
	Forma	{[X] _{op} + [adj/adv] _{var} } ^{int/foc}
<i>Subesquema 2</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] do que no <i>subesquema 1</i> Qualificação
	Forma	{[X] _{op} + [subs] _{var} } ^{int/foc}
<i>Subesquema 3</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] do que nos <i>subesquemas 1 e 2</i> Modalização
	Forma	{[X] _{op} + [verb] _{var} } ^{int/foc}

Conforme observamos no Quadro 6, os três subesquemas identificados no *corpus* de análise articulam focalização e intensificação, características já apontadas na descrição do esquema. O *subesquema 1*, como observamos adiante, é o mais frequente e o mais prototípico. Entendemos, assim, que, a partir deste, outros subesquemas tenham surgido, agregando traços semânticos bastante específicos. O *subesquema 2*, por exemplo, tem como particularidade a propriedade da qualificação; já o *subesquema 3* tem como característica específica a modalização. Formalmente, em todos os três subesquemas, o elemento focalizador¹⁴⁵ é representado por “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra”, anteposto ao elemento focalizado, que, no *subesquema 1*, pode ser um adjetivo ou um advérbio; no *subesquema 2*, é um substantivo; e, no *subesquema 3*, é um verbo.

A fim de demonstrarmos como cada subesquema sugere um alinhamento em padrões de uso que cumprem funções específicas, apresentamos cada um deles na sequência. E, uma vez que microconstruções com “super” – entendidas, nesta pesquisa, como sendo as mais produtivas se comparadas às demais, conforme verificamos nas subseções seguintes – se distribuem com ampla representatividade nos três subesquemas, sendo, desse modo, as mais prototípicas na língua, estas serão utilizadas para exemplificarmos os padrões dos *subesquemas 1, 2 e 3*.

¹⁴⁵ Embora na representação formal estejamos chamando “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” de elemento focalizador, não estamos desconsiderando outras propriedades funcionais que envolvem esses elementos, como intensificação, qualificação e modalização. Portanto, tal nomenclatura foi adotada somente a fim de simplificar a representação.

O *subesquema 1* agrupa microconstruções que atuam no *posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva explícita e focalizadora*. Em outras palavras, nas microconstruções que compõem este subesquema, “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” exercem papel de advérbio de intensidade, ao mesmo tempo em que assumem função de elemento focalizador, de maneira a apontar para o elemento que o locutor pretende dar maior destaque no discurso – um adjetivo ou um advérbio. O padrão formal do *subesquema 1* se constitui por elemento focalizador anteposto a um adjetivo ou a um advérbio – ou a respectivas locuções. Vejamos os exemplos a seguir:

(101) No espaço montado pela loja, as meninas eram clicadas e depois podiam pegar a foto de lembrança em um mural **super** lindo. Mas o mais show vem agora: eu escolhi 10 looks bacanas pra concorrer em uma votação no Blog de Ju Santos e o melhor ganha o que? (*Corpus 2011 – Nível de formalidade 1*)¹⁴⁶

(102) Eu já havia escutado falar **superbem** do Ballet Fitness, criado por Betina Dantas. Quando surgiu a oportunidade de testar o Jazz Fitness, também desenvolvido por ela, fiquei ainda mais empolgada porque gosto de aulas agitadas. (*Corpus 2014 – Nível de formalidade 2*)¹⁴⁷

Nos exemplos (101) e (102), as construções com “super” se estabelecem, respectivamente, em um sintagma adjetival e em um sintagma adverbial, como verificamos em “**super** lindo” e “**superbem**”. Em ambas as ocorrências, “super” atua como advérbio de intensidade e como elemento de focalização. Em (101), anteposto ao adjetivo “lindo”, “super”, além de intensificar, focaliza o elemento subsequente, de maneira a indicar ao interlocutor que esta é a informação que merece destaque no discurso. Logo, além de focalizar, o locutor, em (101), em uma analogia com o advérbio de intensidade “muito”, utiliza uma construção com “super” para dar ênfase à qualidade do mural em que as fotos das meninas eram pregadas: não era um mural qualquer, mas, sim, um mural lindo, muito lindo, “**super** lindo”. Já em (102), o locutor utiliza “super”, anteposto ao advérbio “bem”, para focalizar e intensificar o modo como se falava do Ballet Fitness, criado por Betina Dantas: não se falava somente bem do Ballet Fitness, mas se falava muito bem, “**superbem**”.

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/concurso-dsh-ge/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

¹⁴⁷ Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Beleza/noticia/2014/10/nos-testamos-saiba-queis-sao-principais-novidades-nas-academias-e-seus-beneficios-para-o-corpo.html>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

Neste trabalho, defendemos que o *subesquema 1* caracteriza-se como sendo [+ intersubjetivo], uma vez que indexa, além da focalização, a intensificação explícita do escopo do advérbio e o *posicionamento avaliativo do locutor* diante de um referente no mundo – isto é, neste subesquema, o locutor realiza uma avaliação acerca de si mesmo, acerca do outro ou acerca de uma realidade, a fim de convencer o interlocutor de sua posição. Ainda, assumimos que este seja o subesquema mais prototípico dentre os demais, visto que, além de ser altamente frequente – conforme verificamos a seguir –, o padrão de ordenação de “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” na sentença segue, por analogia, o modelo de colocação do advérbio de intensidade “muito” na língua portuguesa – anteposto a adjetivos e a advérbios¹⁴⁸.

No que tange ao *subesquema 2*, neste estão reunidas microconstruções que, além de atuarem no *posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora*, indexam qualificação. Nesse caso, “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” apontam para o elemento que o locutor pretende dar maior destaque no discurso – um substantivo –, expressam intensidade, ainda que de maneira mais implícita, e, simultaneamente, assumem função de adjetivo qualificativo. O padrão formal do *subesquema 2* se constitui por elemento focalizador anteposto a um substantivo. Observemos o exemplo a seguir:

(103) Então assim, ontem, antes de dormir, eu separei os dois e coloquei o despertador pra 7h da matina, porque eu estava num clima de levantar cedinho pra fazer um **super** babyliiss de cachos largos e um olho todo trabalhado no delineador. (*Corpus 2011 – Nível de formalidade 1*)¹⁴⁹

No exemplo (103), a construção avaliativa com “super” realiza-se no interior de um sintagma nominal, conforme evidenciamos em “um **super** babyliiss”. Nesta ocorrência, o locutor, ao mencionar que “estava num clima de levantar cedinho pra fazer um **super** babyliiss de cachos largos”, utiliza “super” para focalizar o substantivo “babyliiss”, ao qual pretende dar relevo, e, também, para qualificá-lo: não

¹⁴⁸ Embora consideremos que a anteposição a adjetivos e a advérbios representa um vestígio dos usos de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” como prefixos, acreditamos que a função focalizadora e a analogização com o intensificador “muito” também influenciem em sua posição preferencial na sentença.

¹⁴⁹ Disponível em: <<https://www.2beauty.com.br/blog/tag/resenha/page/19/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

se trata de um *babyliss* qualquer, mas de um *babyliss* maravilhoso, poderoso, muito lindo. Desse modo, a intensificação, no *subesquema 2*, pode ser recuperada nas entrelinhas do texto, ou seja, de maneira implícita.

Logo, defendemos que o *subesquema 2* se caracteriza como sendo [+intersubjetivo] do que o *subesquema 1*, haja vista que indexa, além da focalização, a intensificação implícita – que fica a cargo da interpretação do interlocutor –, a qualificação e o posicionamento do locutor diante de um referente no mundo, que pode ser algo ou alguém. Embora, neste subesquema, “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” ocorram antepostos a substantivo, não temos, aqui, um uso quantificador como ocorre com “muito(s)/muita(s)” diante de nome. Nesse caso, “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” colocam o escopo na porção superior de uma escala de qualificação – no exemplo (103), o locutor não se refere a qualquer *babyliss*, mas a um *babyliss* maravilhoso. Sendo assim, não evidenciamos uma analogia do *subesquema 2* com o quantificador “muito”, mas, sim, uma interpretação nova em relação ao próprio *subesquema 1* – se o locutor pode focalizar adjetivo e advérbio, ele também pode focalizar substantivo. Nesse caso, ocorre, via mecanismo da neanálise, uma expansão semântico-pragmática de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” por continguidade – “extensão metonímica” – para novos contextos de uso. Todavia, a intensificação que era explícita no *subesquema 1* torna-se implícita no *subesquema 2*, que agrega, agora, uma noção qualificadora. Portanto, assumimos que este subesquema está se afastando do centro prototípico – esquema já fixado na língua {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]} – e *subesquema 1*, de forma que um atributo vai se tornando menos saliente, que é a intensificação, enquanto outro vai ganhando mais relevo, como é o caso da qualificação.

O *subesquema 3* reúne microconstruções que atuam no *posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora* e que, ainda, exprimem modalização. Nesse contexto, além de apontarem para um elemento em destaque no discurso – nesse caso, um verbo –, “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” expressam intensidade, ao mesmo tempo em que funcionam como advérbio modalizador. O padrão formal do *subesquema 3* se constitui por elemento focalizador anteposto a um verbo. Vejamos o exemplo a seguir:

(104) Durante a nossa estadia em Miami, nós tivemos uma parceira que nos ajudou em TUDO o que precisávamos nesses dias, a Chris Brooks e sua equipe do Club Concierge, pra quem não conhece, é uma empresa que presta serviço ao cliente e não importa o que você deseja. Eu amei conhecer o trabalho deles e **super** indico pra quem for curtir uns dias na cidade. Foram eles que organizaram praticamente tudo para nós [...] (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹⁵⁰

No exemplo (104), “super”, advérbio modalizador, além de focalizar o verbo “indico”, sinaliza para o interlocutor que o locutor está se comprometendo com a veracidade da proposição. Dessa maneira, com o uso de “super” diante do verbo performativo, o locutor, mais do que indicar o trabalho de Chris Brooks e de sua equipe do Club Concierge, assevera a verdade proferida: ele realmente indica o trabalho, ele o indica com toda certeza, ele o indica mesmo. Ainda, percebemos, nessa ocorrência, que a intensidade com que o locutor indica certo trabalho se transforma em uma força asseverativa. Sendo assim, a leitura intensiva, no *subesquema* 3 é, também, alcançada nas entrelinhas do texto.

Portanto, neste trabalho, defendemos que o *subesquema* 3 se caracteriza como sendo [+ intersubjetivo] do que os *subesquemas* 1 e 2, visto que exprime, além da focalização, a intensificação implícita – que também fica a cargo da interpretação do interlocutor – e o posicionamento do locutor diante da proposição mediante o recurso da modalização. Assumimos, ainda, que este subesquema, se comparado aos outros dois, é o que está mais afastado do centro prototípico – {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]} – e do *subesquema* 1. No *subesquema* 3, a intensificação do verbo se transforma em força asseverativa, de maneira a indicar o comprometimento do locutor com relação à veracidade da proposição. Novamente, via mecanismo da neoanálise, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” sofre uma expansão semântico-pragmática por continguidade – ou “extensão metonímica” – para novos contextos de uso.

De acordo com as considerações realizadas acerca dos três subesquemas apresentados, observamos que se faz presente em todos eles o domínio funcional do *posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora*. Entendemos também que haveria um caminho crescente de intersubjetivização

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://camilacoelho.com/2014/07/31/nossa-estadia-em-miami-com-o-club-concierge/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

entre os subesquemas propostos ao passo que a intensificação vai se tornando mais implícita.

Observemos, na Tabela 3 a seguir, a distribuição quantitativa dos subesquemas identificados nos *corpora* sincrônicos analisados:

Tabela 3 – Distribuição dos subesquemas por *corpus* sincrônico

Corpora	Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	
Nível de formalidade 1	1769	79,4	300	13,5	159	7,1	2228
Nível de formalidade 2	219	83,6	41	15,6	2	0,8	262
Nível de formalidade 3	19	39,6	29	60,4	-	-	48
Total	2007	79,1	370	14,6	161	6,3	2538

Na Tabela 3, verificamos que o *subesquema 1* – cujas funções são a focalização e a intensificação explícita e cuja forma é a anteposição de um elemento focalizador a um adjetivo ou a um advérbio – é significativamente mais frequente no *corpus* investigado, o que conseqüentemente nos leva a pensar que este seja também o subesquema mais frequente na língua, se comparado aos *subesquemas 2* e *3*. Assim, o *subesquema 1* compreende 79,1% dos dados encontrados (2.007 ocorrências), enquanto o *subesquema 2* é composto de 14,6% dos dados (370 ocorrências) e o *subesquema 3*, de 6,3% (161 ocorrências). Tal fato indica que, prototipicamente e preferencialmente, os locutores expressam seu posicionamento com atitudes intensiva e focalizadora em sintagma adjetival e adverbial, isto é, com o elemento focalizador anteposto a um adjetivo ou a um advérbio. Nesse sentido, entendemos que o *subesquema 1* seja o mais prototípico, haja vista que, por analogização, segue o mesmo padrão formal de construções com o advérbio de intensidade “muito” – também anteposto a adjetivos e a advérbios. No que se refere aos *subesquemas 2* e *3*, significativamente menos frequentes neste trabalho, conforme discutimos mais adiante, acreditamos que estes tenham surgido a partir, principalmente, da função focalizadora do *subesquema 1*, se especializando nas propriedades de qualificação e de modalização respectivamente (com elemento focalizador anteposto a substantivo no *subesquema 2* e com elemento focalizador anteposto a verbo no *subesquema 3*).

Quanto aos níveis de formalidade, a Tabela 3 demonstra que os três subesquemas ocorrem com maior frequência em *blogs* (nível de formalidade 1) – 2.228 ocorrências –, posteriormente, em revistas informais (nível de formalidade 2) – 262 ocorrências –, e, por fim, em revistas formais (nível de formalidade 3) – 48 ocorrências. A distribuição por níveis de formalidade nos traz a informação de que construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” ocorrem mais frequentemente em contextos menos monitorados pelo locutor.

É a partir das considerações até aqui realizadas que, a seguir, tratamos pontualmente de cada subesquema proposto nesta pesquisa. Descrevemos, na subseção 4.2.1, o *subesquema 1*, na subseção 4.2.2, o *subesquema 2* e, na subseção 4.2.3, o *subesquema 3*. Além de detalharmos o pareamento forma-função para os três subesquemas propostos nesta tese, discorreremos acerca de cada microconstrução a eles vinculada. Nesse contexto, demonstramos que os diferentes padrões construcionais individuais com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” também podem ser pensados de maneira mais esquemática.

4.2.1. Subesquema 1

O *subesquema 1* é composto por microconstruções com “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” que, além de atuarem no *posicionamento avaliativo do locutor com atitude focalizadora*, indexam, de maneira explícita, a intensificação, com uma ancoragem mais intersubjetiva. Em outras palavras, no *subesquema 1*, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam, especificamente, como advérbios, que têm como escopo da focalização e da intensificação um adjetivo ou outro advérbio, que atribuem a intensificação a seu escopo de modo explícito e que indexam o posicionamento do locutor acerca de si mesmo, do outro, de um objeto ou de uma realidade.

Conforme já discutido no Capítulo II, Silva (2008b, 2014) aponta que a intensificação pode ocorrer de maneira explícita ou implícita no texto. A esse fator de perspectivização do grau, ou mais especificamente, de perspectivização da intensificação o autor denomina explicitude ou estratégia de significação. A

explicitude é direta quando o conteúdo graduado se encontra na superfície do discurso e indireta quando a leitura intensiva do conteúdo graduado fica a cargo da interpretação do interlocutor (SILVA, 2008b, 2014). Assim sendo, no *subesquema 1*, entendemos ocorrer a explicitude direta, ou seja, o adjetivo ou o advérbio são explicitamente intensificados por “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” na superfície textual.

A explicitude direta da intensificação no *subesquema 1* é um importante indício de que este seja o subesquema mais prototípico da rede construcional proposta nesta pesquisa. Além de o *subesquema 1* ser o mais frequente entre os demais e indexar intensidade de maneira explícita, o padrão de colocação de “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” anteposto a escopo na sentença segue, via mecanismo da analogização, o modelo de ordenação do advérbio de intensidade “muito” na língua portuguesa – anteposto a adjetivos e a advérbios. Em outras palavras, o padrão formal deste subesquema – {[X]_{op} + [adj/adv]_{var}}^{int/foc} – é o que mais se aproxima da forma de realização do advérbio de intensidade exemplar e prototípico “muito”.

Neste trabalho, defendemos, ainda, que o *subesquema 1* possui uma ancoragem intersubjetiva, nos termos de Silva (2008b, 2014), ou [+ intersubjetiva], de acordo com Traugott (1995a, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), uma vez que esta exprime o *posicionamento avaliativo do locutor*, diante de um referente no mundo – que pode ser o próprio eu, o outro, um objeto ou uma determinada realidade –, o qual é codificado na língua mediante um processo de focalização e de intensificação explícita.

Para Silva (2008b, 2014), ocorre a ancoragem intersubjetiva – ou intersubjetivização nos termos de Traugott (1995a, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010) – quando há, no discurso, além da exposição de um ponto de vista particular e idiossincrático do locutor acerca de um estado de coisas, a preocupação do locutor com a interação, com o *self* de seu interlocutor. E, no caso do *subesquema 1*, o locutor se posiciona como responsável – nos termos de Goffman (2002 [1979]) – ao se comprometer, diante do interlocutor, com a avaliação que está sendo expressa.

Haja vista que o *subesquema 1* tem como escopo da focalização e da intensificação um adjetivo ou um advérbio – formas, portanto, diferentes –, este é

subdividido, neste trabalho, em dois subníveis de subesquema. Assim sendo, temos um *subesquema 1.1*, cujo escopo é um adjetivo, e um *subesquema 1.2*, cujo escopo é um advérbio. Vejamos a representação formal e funcional dos subesquemas de segundo nível dentro do *subesquema 1* no quadro a seguir:

Quadro 7 – Configuração funcional e formal dos subesquemas de segundo nível dentro do *subesquema 1*

SUBESQUEMAS DE SEGUNDO NÍVEL DENTRO DO SUBESQUEMA 1		
<i>Subesquema 1.1.</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente substancial
	Forma	{[X] _{op} + [adj] _{var} } ^{int/foc}
<i>Subesquema 1.2.</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente relativo a estado de coisas
	Forma	{[X] _{op} + [adv] _{var} } ^{int/foc}

Observamos, no Quadro 7, que, no *subesquema 1.1*, o escopo da focalização e da intensificação é um adjetivo; já no *subesquema 1.2*, o escopo é um advérbio. Nos dados levantados neste trabalho, embora adjetivos e advérbios funcionem como atribuidores de características, seja de substantivos, no primeiro caso, seja de verbos, no segundo caso, adjetivos têm como referentes substâncias, concretas ou abstratas, enquanto advérbios têm como referentes ações, estados ou eventos. É nesse sentido que entendemos que o *subesquema 1.1* e o *subesquema 1.2* podem ser entendidos como partes de um subesquema maior – bem como ocorre com o esquema já fixado da língua {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]}. Nos termos de Goldberg (1995), assumimos nesta tese que os *subesquemas 1* e *2* estariam associados por um *link* por subparte, uma vez que um padrão construcional – do *subesquema 2* – é uma subparte própria de outro padrão construcional – do *subesquema 1* – que existe independentemente.

Vejamos a frequência de uso dos *subesquemas 1.1* e *1.2* no *corpus* de análise:

Tabela 4 – Distribuição dos *subesquemas 1.1 e 1.2* por *corpus* sincrônico

Corpora	SUBESQUEMA 1.1		SUBESQUEMA 1.2		Total
	n. ^o	%	n. ^o	%	
Nível de formalidade 1	1626	91,9	143	8,1	1769
Nível de formalidade 2	208	95	11	5	219
Nível de formalidade 3	18	94,7	1	5,3	19
Total	1852	92,3	155	7,7	2007

Conforme verificamos na Tabela 4, nos *corpora* analisados, em um total de 2.007 ocorrências do *subesquema 1*, 1.852 dados (92,3%) são de escopo adjetival – *subesquema 1.1* –, enquanto somente 155 (7,7%) são de escopo adverbial – *subesquema 1.2*. A partir da frequência de uso, entendemos que o uso de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” com escopo adjetival esteja mais ritualizado na língua do que com escopo adverbial.

Quanto à natureza do *corpus*, a maior frequência dos *subesquemas 1.1 e 1.2* em *blogs* (1769 ocorrências), posteriormente, em revistas informais (219 ocorrências) e, por fim, em revistas formais (19 ocorrências), nos indica que o contexto preferencial para o uso de construções avaliativas é, sim, o menos monitorado pelo locutor.

Passemos, agora, à análise de cada microconstrução vinculada ao *subesquema 1.1* (subseção 4.2.1.1) e ao *subesquema 1.2* (subseção 4.2.1.2).

4.2.1.1. Microconstruções do *subesquema 1.1*

Mediante uma análise qualitativa dos dados, bem como a partir do levantamento da frequência de uso dos padrões construcionais individuais, identificamos quatro microconstruções que se vinculam ao *subesquema 1.1*. Embora um conjunto de microconstruções com forma e função semelhantes seja agrupado em um mesmo *subesquema*, tais micros constituem representações individuais devido às suas especificidades. Observemos o quadro a seguir acerca da configuração funcional e formal de cada microconstrução do *subesquema 1.1*:

Quadro 8 – Configuração funcional e formal das microconstruções do *subesquema 1.1*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 1.1	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL	
<i>Microconstrução 1.1.1 com “super”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente substancial [+ escalar] Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[super] _{op} + [adj] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 1.1.2 com “mega”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente substancial [+ escalar] do que a <i>micro 1.1.1</i> Vinculada à acepção de tamanho
	Forma	Forma: {[mega] _{op} + [adj] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 1.1.3 com “hiper”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente substancial [+ escalar] do que a <i>micro 1.1.1</i> Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[hiper] _{op} + [adj] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 1.1.4 com “ultra”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente substancial [+ escalar] do que a <i>micro 1.1.1</i> Vinculada à acepção de posição horizontal
	Forma	Forma: {[ultra] _{op} + [adj] _{var} } ^{int/foc}

No Quadro 8, podemos observar que os quatro padrões construcionais identificados se associam formal e funcionalmente ao *subesquema 1.1* – indexam focalização, intensificação explícita, ancoragem [+ intersubjetiva] e referente substancial. Todavia, verificamos, ainda, que as microconstruções que compõem este subesquema exprimem individualidades, já que cada uma se realiza através de um advérbio diferente (“super”, “mega”, “hiper” e “ultra”), que mantém, nas construções investigadas, vestígios de suas acepções de origem, além de apresentarem diferentes graus de expressividade.

Observemos, na Tabela 5 a seguir, a distribuição das ocorrências de cada microconstrução:

Tabela 5 – Distribuição das microconstruções do *subesquema 1.1*

MICROCONSTRUÇÕES D SUBESQUEMA 1.1	Total	
	n.º	%
<i>Microconstrução 1.1.1 com “super”</i>	1612	87
<i>Microconstrução 1.1.2 com “mega”</i>	148	8
<i>Microconstrução 1.1.3 com “hiper”</i>	37	2
<i>Microconstrução 1.1.4 com “ultra”</i>	55	3
Total	1852	

A Tabela 5 evidencia que 1.852 ocorrências representativas das microconstruções vinculadas ao *subesquema 1.1* foram encontradas no *corpus* de análise. Desse universo, 1.612 ocorrências (87%) correspondem à *microconstrução 1.1.1*. A *microconstrução 1.1.1* é significativamente a mais frequente no *corpus* sincrônico investigado. Tal fato nos leva à conclusão de que esta micro se estabelece como sendo a mais ritualizada na língua. Isso reforça a ideia de que o advérbio “super” marcaria mais prototipicamente a avaliação, a focalização e a intensificação, servindo de modelo, na rede construcional, para o desenvolvimento dos demais nós via mecanismo da analogização. Silva (2001) ressalta, ainda, a respeito especificamente de “super”, que seu uso como advérbio de intensidade se justifica devido ao fato de que já era utilizado em sua forma prefixal para exprimir excesso. A *microconstrução 1.1.2* é a segunda micro mais frequente no *subesquema 1.1*, com 148 ocorrências (8%). Em seguida, encontramos 37 ocorrências (2%) referentes à *microconstrução 1.1.3* e 55 (3%), à *microconstrução 4*.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos das *microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3* e *1.1.4* do *subesquema 1.1*, nos quais verificamos as características funcionais e formais de cada uma delas:

- (105) Às vezes eu vejo que ela errou e pintou demais o olho, mas eu até gosto de ver que ela está ousando. Mesmo assim, eu digo: “Ah, presidenta. Comigo eu passo um pouquinho só de preto e a senhora fica reclamando. Aí, quando está sozinha, a senhora passa um pretão”. No dia do sorteio da Copa do Mundo, ela estava no calor do Rio de Janeiro e apareceu **supersuada**. Eu liguei para perguntar o que tinha acontecido e quando a encontrei falei sem meias palavras: “Presidenta do céu! E a cara toda oleosa?” Ela respondeu: “Nossa, Kamura! Esqueci de passar o pó”. (*Corpus 2014 – Nível de formalidade 3*)¹⁵¹

¹⁵¹ Disponível em: <https://istoe.com.br/345875_EU+ACALMO+A+PRESIDENTA/>. Acesso em: 19 jun. 2015.

- (106) Como é super natural e leve é necessário a ajudinha do corretivo básico para esconder manchinhas de sol, espinhas, olheiras, pois a sua cobertura é bem mas bem leve. E como é indicado para todos os tipos de pele, é oil free, porém eu tenho uma pele **mega** oleosa, apesar de passar um produtinho da nivea (q tb é bom e barato) dá uma segurada mass com o passar das horas dá uma derretidinha, pois não controla a oleosidade (já até comprei a base nova da avon, a personal q controla a oleosidade e se adapta a cor, parece q mudaram a fórmula pq não tem mais aquele cheirinho básico de avon, mas testei só uma vez ainda não dá pra ter uma opinião de verdade sobre o produto). (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁵²
- (107) Já o Eyeko Cream com extra glow acho mais limitado. Ele não chega a ser **hiper** cintilante, mas é bem mais brilhoso do que a versão original, ao aplicar na pele e antes de espalhar a gente até percebe que ele puxa pro prata. Bati o martelo: pra mim, é iluminador em creme. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁵³
- (108) Oi meninas!! Como disse para vcs no meu primeiro post, sou completamente louca para experimentar produtos que prometem cílios longos e volumosos...E um dia, estava dando uma “fuçadinha” no site da Victorias Secret’s e achei isso...Prometendo cílios **ultra** volumosos e sexy em questao de segundos...Ah tá!!! rrs...Vou testar!! Paguei \$28,é uma facada, mas se fizer o q promete tá bom... (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁵⁴

Nas quatro microconstruções exemplificadas, temos os advérbios “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” indexando o *posicionamento avaliativo do locutor* acerca de algo ou alguém através da focalização e da intensificação explícita de um atributo, que tem como referente uma substância que se estabelece no *continuum* [+concreta] > [+abstrata].

Em (105) o locutor, o maquiador Celso Kamura, fala a respeito de um episódio que viveu com a presidenta Dilma Rousseff. Segundo o maquiador, no dia do sorteio da Copa do Mundo, a presidenta apareceu com o rosto muito oleoso na televisão. O locutor faz uma avaliação negativa da situação quando diz que Dilma apareceu “**supersuada**”. De acordo com os postulados de Labov (1972), esta avaliação ocorreria em uma sequência narrativa, encaixada em uma observação que o locutor faz sobre determinado acontecimento. O posicionamento avaliativo de Kamura é realizado através de um elemento avaliativo, que é composto por um intensificador/focalizador “super”, mais um adjetivo, “suada”. A avaliação do locutor,

¹⁵² Disponível em: <<https://www.2beauty.com.br/blog/2008/09/16/resenha-by-amanda-hidratante-tonalizante-com-filtro-solar-fps-23-peel-line/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹⁵³ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br/2011/06/eyeko-cream-com-e-sem-extra-glow.html>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

¹⁵⁴ Disponível em: <<http://maisquebonitas.com/categoria/produtos/cilios/page/22/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

nesse contexto, é do tipo apreciativa, de acordo com os preceitos da teoria *Appraisal*, haja vista que diz respeito a uma atribuição de característica a uma pessoa, com base em sua experiência sensorial. Além do posicionamento, verificamos nesse exemplo a indexação da focalização e da intensificação. Logo, o *posicionamento avaliativo do locutor* acerca da aparência da presidenta Dilma é alcançado através da focalização e da intensificação explícita do adjetivo “suada” pelo advérbio “super”. Portanto, através de “super”, o locutor tanto intensifica quanto coloca em relevo o atributo que ele considera conter a informação mais importante: para o maquiador, a presidenta não estava somente suada, mas muito suada, super suada. Ainda, a construção avaliativa “**supersuada**” tem como referente um ser [+ concreto] e [+ animado] no mundo, que é a presidenta Dilma.

No exemplo (106), o locutor tece uma argumentação em relação a um hidratante tonalizante com filtro solar. Em sua opinião mais geral, o produto é bom. Todavia, para quem tem a pele oleosa, a eficácia do hidratante deixa um pouco a desejar. Para sustentar sua posição sobre o produto, o locutor se utiliza de uma sustentação por evidência, em que um fato que ocorreu consigo serve como exemplo representativo de uma determinada situação: em sua pele “**mega** oleosa”, o hidratante derrete com o passar das horas. Desse modo, através do advérbio “mega” anteposto ao adjetivo “oleosa”, o locutor realiza uma avaliação apreciativa negativa sobre si mesmo. Tal posicionamento avaliativo é codificado na língua através da focalização e da intensificação explícita do adjetivo “oleosa”. Em outras palavras, o locutor, além de colocar em relevo a informação que ele julga ser a mais importante, mediante o recurso discursivo da focalização, atribui grau intensivo à palavra “oleosa” a fim de deixar claro para o interlocutor que sua pele – referente substancial [+ concreto] no mundo – não é somente oleosa, mas, sim, muito oleosa, “**mega** oleosa”.

No exemplo (107), o locutor, em uma sequência argumentativa, apresenta sua posição sobre o “Eyeko Cream”: para ele, é um produto limitado. A fim de defender sua posição, ele apresenta uma sustentação por justificação, através de fatos que neutralizam a subjetividade de sua opinião: “não chega a ser **hiper** cintilante, mas é bem mais brilhoso do que a versão original...”. O locutor utiliza o advérbio “hiper” para intensificar explicitamente bem como focalizar o adjetivo

“cintilante”. O referente da construção avaliativa, nesse caso, é uma substância [+concreta], o produto “Eyeko Cream”.

Por fim, em (108), em uma sequência predominantemente narrativa, a avaliação realiza-se encaixada no posicionamento de uma terceira pessoa: a própria marca Victorias Secret’s divulga um produto, prometendo cílios “**ultra** volumosos” e sexys. Nesse caso, a própria marca, a partir de uma motivação argumentativa, focaliza o adjetivo “volumosos”, através do advérbio “ultra”, a fim de destacar um argumento que ela considera essencial para persuadir o público-alvo. O advérbio “ultra” funciona, ainda, como um intensificador, haja vista que o produto não somente deixa os cílios – referente substancial [+concreto] – volumosos, mas, sim, muito volumosos, “**ultra** volumosos”.

Nos quatro exemplos explicitados, que representam as quatro microconstruções identificadas no *subesquema 1.1*, evidencia-se uma ancoragem intersubjetiva ou, nos termos de Traugott (1995a, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), uma codificação [+intersubjetiva] da preocupação do locutor em convencer seu interlocutor, uma vez que há o seu posicionamento avaliativo na interação comunicativa a respeito de algo (ocorrências 106-108) ou de alguém (ocorrência 105). Ainda, tal posicionamento, além de se realizar através do recurso da focalização textual e estreita – desencadeando uma relação operador-variável por meio de uma configuração de escopo –, se estabelece mediante uma atribuição de intensificação explícita ao adjetivo a que se vincula.

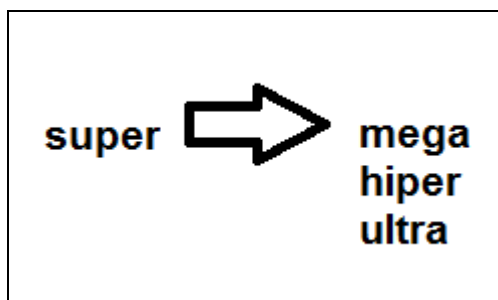
Conforme verificamos nos exemplos apresentados, as microconstruções do *subesquema 1.1* se estabelecem em sintagma adjetival (SAdj). De acordo com Castilho (2010, p. 511), o sintagma adjetival é representado da seguinte forma: SAdj → (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores). Nas ocorrências encontradas para o *subesquema 1.1*, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” são especificadores do núcleo adjetival, ou seja, atuam como advérbios intensificadores e elementos focalizadores antepostos a um adjetivo – “suada” em (105), “oleosa” em (106), “cintilante” em (107) e “volumosos” em (108). Ainda é válido de ressalva ratificarmos que a ordenação elemento intensificador/focalizador ocorrendo antes de adjetivo configura um dos vestígios da forma prefixal de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” e da analogização com o advérbio intensificador canônico “muito” na língua portuguesa, o qual também se posiciona antes de adjetivo.

Diante destas considerações, tratamos, na sequência, da função específica de cada microconstrução que compõe o *subesquema 1.1*. De acordo com o Princípio da Não-Sinonímia de Goldberg (1995), duas ou mais construções distintas em sua estrutura formal são semântica ou pragmaticamente diferentes. Não obstante os exemplos explicitados anteriormente apresentem construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” que se assemelham por indexarem *posicionamento avaliativo do locutor*, com atitudes focalizadora e intensificadora, há diferenças funcionais a serem consideradas.

Observando os exemplos (105)-(108), percebemos que entre “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” haveria uma diferença funcional, que estaria relacionada às suas acepções originais. Por exemplo, “super” manifesta o sentido de posição vertical, “mega”, de tamanho, “hiper”, de posição vertical, e “ultra”, de posição horizontal. Nesta tese, defendemos que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” teriam se expandido semântica e pragmaticamente, desenvolvendo o uso avaliativo, mas mantendo vestígios de seus sentidos anteriores. Dessa maneira, no exemplo (105), a focalização e a intensificação do adjetivo “suada” por “super” tem como base a projeção metafórica da localização – posição vertical –; em (106), na microconstrução “**mega** oleosa”, a leitura focalizadora e intensiva de “mega” tem como base a projeção metafórica do tamanho; em (107), o advérbio intensificador e focalizador “hiper”, em “**hiper** cintilante”, tem como base a projeção metafórica da localização – posição vertical –; e, por fim, no exemplo (108), em “**ultra** volumosos”, faz-se presente a projeção metafórica da localização – posição horizontal.

Embora não estejamos, aqui, tratando da trajetória individual de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, entendemos que seu desenvolvimento ao longo do tempo influencia a conceptualização do *posicionamento avaliativo do locutor*, com atitudes focalizadora e intensificadora, em um *continuum* escalar, representado, neste trabalho, da seguinte forma:

Figura 7 – Proposta de *continuum* escalar



Assumimos nesta tese, com base na frequência de uso dos padrões construcionais individuais, que a *microconstrução 1.1.1*, com “super”, é a exemplar da rede construcional proposta, de modo que as demais, com os advérbios “mega”, “hiper” e “ultra”, menos frequentes no *corpus* investigado, a seguiriam como modelo. Além de ser o mais antigo e o mais rotinizado na língua, “super” ocorre em quase todas as construções justapostas identificadas no *corpus* e sempre antes de “mega”, “hiper” e “ultra”. Em um universo de 39 ocorrências de construções justapostas¹⁵⁵, em 34, há a ocorrência de “super” sempre em posição inicial, como observamos nos exemplos a seguir:

- (109) Escolhi duas peças da linha Loungewear para usar no evento. Este short é **super hiper mega** fofo e fica lindo com flat ou com salto, depende da ocasião. Eu até usaria este look com aquele sapato Valentino de tachas, sabe? (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹⁵⁶
- (110) É um intensificador de perfume pras roupas no formato de pérolas, que a g¹⁵⁷ente coloca na máquina de lavar (antes do sabão e amaciante) e deixa a roupa com um perfume **suuuper mega hiper** cheirosos! (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)

As ocorrências em (109) e em (110) exemplificam as 34 microconstruções justapostas, em que “super” ocorre sempre em posição inicial perante as outras formas linguísticas – anteposto a “hiper mega” em (109) e a “mega hiper” em (110).

¹⁵⁵ As construções justapostas são utilizadas aqui como evidência da rotinização e do desgaste semântico de “super” na língua portuguesa. No entanto, não nos dedicamos a um estudo mais profundo de tais construções, não tendo sido, portanto, contabilizadas em nossa análise quantitativa.

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://www.blogdamariah.com.br/index.php/2014/10/inauguracao-hering-for-you/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

¹⁵⁷ Disponível em: <<http://www.blogdamariah.com.br/index.php/2014/09/downy/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

A ocorrência de “super” sempre em posição inicial sugere que os locutores pretendem um crescente de expressividade através da justaposição.

É nesse contexto que entendemos que as construções com “super” sejam as mais desgastadas na língua – se comparadas às demais – e, por isso, as menos expressivas da escala. Consequentemente, a fim de ser cada vez mais expressivo, o locutor recorre a outras formas linguísticas, como “mega”, “hiper” e “ultra”, acessando a novas projeções metafóricas para a indexação da focalização e da intensificação explícita.

Devido ao fato de tratar de uma construção recente na língua, reconhecemos que, no momento, não é possível aferir a escalaridade existente entre “mega”, “hiper” e “ultra”. O próprio locutor ainda demonstra-se indeciso quanto à escalaridade entre “mega”, “hiper” e “ultra”, que alterna por suas posições nas construções justapostas – ora “mega” se coloca à frente ou depois de “hiper” – conforme evidenciamos nos exemplos (109) e (110) – ou de “ultra”, ora “hiper” se coloca à frente ou depois de “ultra”. Vejamos os exemplos seguintes:

(111) (...) na verdade ele é um perfume em bastão, não uma maquiagem, mas por possuir um efeito brilhoso, ele serve para passar nos ombros, nos braços, no colo... sendo assim e **mega, ultra** fofo, ele já merece esse espaço (...) (*Corpus 2008 – Nível de formalidade 1*)¹⁵⁸

(112) Escolhi a segunda cor menos clara e deu certinho na minha pele. Aplicado com o pincel **ultra-hiper-mega**-maravilhoso da Natura (que é assunto para outro post) é garantia de pele uniforme e sequinha por pelo menos 8 horas. (*Corpus 2011 – Nível de formalidade 1*)¹⁵⁹

(113) Veio dos desfiles de Dolce & Gabbana, ainda no final dos anos 80, quando Stefano e Domenico (os primeiros nomes que antecedem Dolce e Gabbana!) misturaram a alfaiataria reta e angular dos executivos de Wall Street com corsets **super hiper ultra** justos, sutiãs estruturados – alô figurino de show da Madonna, lembram? – cintas-liga que apareciam por baixo de transparências e mais. (*Corpus 2011 – Nível de formalidade 1*)¹⁶⁰

Observando os exemplos (111)-(113), compreendemos que, embora os locutores pretendam um crescente de expressividade ao utilizar a coordenação, eles ainda não concordam quanto à ordem de “mega”, “hiper” e “ultra”. Ora “mega”

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.annemakeup.com.br/2008/06/glittery-shimmer-stick.html?m=1>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

¹⁵⁹ Disponível em: <<http://www.vendenaofarmacia.com.br/2011/04/>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://oficinadeestilo.com.br>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

aparece antes de “ultra”, como em (111); ora “mega” aparece depois de “ultra”, como em (112). Do mesmo modo, ora “hiper” ocorre antes de “ultra”, como em (113); ora “hiper” ocorre depois de “ultra”, como em (112). Sendo assim, acreditamos que “mega”, “hiper” e “ultra” estariam em competição pelo grau de escalaridade.

O que percebemos, mediante uma análise quantitativa dos dados, é uma preferência do locutor por “mega”, depois de “super”. Em outras palavras, a fim de ser mais expressivo, o locutor tem recrutado, preferencialmente, “mega”, para a indexação da focalização e da intensificação, a partir de uma projeção metafórica de tamanho. No que diz respeito a “hiper” e a “ultra”, acreditamos que estes tenham sido convencionalizados mais recentemente na língua com uso avaliativo, uma vez que ainda são muito mais utilizados como prefixos do que como construções avaliativas. Ressaltamos, também, que o fato de a acepção de “hiper” esbarrar na acepção de “super” – posição vertical – faz com que aquele seja menos recrutado pelo locutor. Por fim, destacamos que, não obstante “ultra” ainda seja muito mais utilizado como prefixo, ele tende a se especializar com mais expressividade do que “super”, “mega” e “hiper”, uma vez que a projeção metafórica que envolve a conceptualização da focalização e da intensificação por “ultra” é a mais abstrata dentre as demais – posição horizontal.

Realizadas as considerações acima, cabe-nos ressaltar que, neste trabalho, assumimos que “mega”, “hiper” e “ultra” podem estar em competição pelo uso.

Oliveira e Arena (2016) também concordam que é, sim, possível pensarmos em uma correlação entre a LFCU e a Sociolinguística Variacionista. De acordo com as autoras, Hopper (1991), ainda no âmbito do funcionalismo em sua versão clássica, aponta para o subprincípio da estratificação ou *layering* quando trata da mudança linguística. Segundo Hopper (1991), as etapas iniciais da mudança linguística podem ser pensadas a partir de cinco subprincípios, a saber, da divergência, da persistência, da especialização, da decategorização e *layering*. É justamente o subprincípio *layering* que nos permite a ponte entre as abordagens variacionista e funcionalista (OLIVEIRA & ARENA, 2016).

Hopper (1991), com o subprincípio da estratificação ou *layering*, propõe que novas construções, mais pesadas e mais icônicas, emergem na língua e competem e convivem com outras construções mais leves, já convencionalizadas (OLIVEIRA & ARENA, 2016). Pensando nas construções investigadas nesta pesquisa, “hiper” e

“ultra” ainda seriam construções mais pesadas ou plenas em forma e função, as quais competiriam com “mega”, que configura uma construção mais leve, já convencionalizada. De acordo com Oliveira e Arena (2016), os locutores tendem a utilizar construções mais pesadas a fim de agir sobre os interlocutores e de atingir seus propósitos comunicativos intersubjetivamente.

Assim sendo, para Oliveira e Arena (2016), a competição pelo uso, que é entendida como consequência da emergência de formas que partilham sentido parcial, pode ser passageira, se uma das formas for descartada pela comunidade linguística ou se especializar com uma nova função, ou pode ser permanente, se a variabilidade se estabilizar na língua.

Uma vez que a abordagem funcionalista é regida pelo Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995), entendemos que não há correspondência total entre as variantes. De acordo com Oliveira e Arena (2016), se funções semânticas, pragmáticas e discursivas motivam a forma linguística, logo, formas distintas correspondem a sentidos distintos, ainda que sejam conceitualmente próximas. Sendo assim, embora “mega”, “hiper” e “ultra” estejam ocorrendo em mesmo contexto formal e funcional – fato corroborado por seus usos conjuntos em coordenação, como observamos nos exemplos (109)-(113) –, acreditamos na especialização das funções destas construções. Em outros termos, construtos ou microconstruções formalmente diferentes competem na indexação de funções correlatas, de modo que, com o passar do tempo, locutores e interlocutores determinarão em que posição da escala de expressividade, depois de “super”, estarão “mega”, “hiper” e “ultra”.

É nesse contexto que Oliveira e Arena (2016) acrescentam que a competição pode ser pensada tanto no nível do construto quanto nos níveis mais esquemáticos. Para as autoras, devido à necessidade do locutor de ser cada vez mais expressivo, a competição iniciada no nível do construto pode chegar à convencionalização e à generalização, fixando novos pareamentos que podem derivar em um novo nó na rede. Nesta tese, assumimos que microconstruções competem dentro de um mesmo subesquema, conforme observamos estar acontecendo com as *micros 1.1.2, 1.1.3 e 1.1.4 no subesquema 1.1.*

4.2.1.2. Microconstruções do *subesquema 1.2*

Conforme vimos na subseção 4.2.1, o *subesquema 1* se subdivide, em nossa proposta de rede, em outros dois subesquemas de nível menos hierárquico, a saber, *subesquema 1.1* e *subesquema 1.2*, os quais apresentam particularidades relativas ao escopo e ao referente da focalização e da intensificação. Para o *subesquema 1.2*, foram encontradas no *corpus* de pesquisa três microconstruções, cujas especificidades podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 9 – Configuração funcional e formal das microconstruções do *subesquema 1.2*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 1.2	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL	
<i>Microconstrução 1.2.1 com “super”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente relativo a ações, estados ou eventos [+ escalar] Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[super] _{op} + [adv] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 1.2.2 com “mega”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente relativo a ações, estados ou eventos [+ escalar] do que a <i>micro 1.2.1</i> Vinculada à acepção de tamanho
	Forma	Forma: {[mega] _{op} + [adv] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 1.2.3 com “hiper”</i>	Função	Focalização Intensificação explícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Referente relativo a ações, estados ou eventos [+ escalar] do que a <i>micro 1.2.1</i> Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[hiper] _{op} + [adv] _{var} } ^{int/foc}

No Quadro 9, observamos que apenas três microconstruções foram identificadas no *corpus* de análise – com “super”, “mega” e “hiper”. Todavia, tal fato não significa que ocorrências com “ultra” não existam na língua¹⁶¹. As ressalvas que

¹⁶¹ Realizando uma rápida e simples busca no “Twitter” do advérbio “ultra”, juntamente com exemplos de advérbios que encontramos na amostra analisada, nos deparamos com construções como “Todo

fazemos são que o *subesquema 1.2* constitui, ainda, um pareamento menos frequente na língua – conforme verificamos na Tabela 6 a seguir – e que construções com “ultra” estão em um processo menos avançado na convencionalização de seu uso avaliativo, sendo, por isso, menos frequentes nas interações comunicativas, bem como ausentes no *corpus* com que trabalhamos. Percebemos, também, que a diferença entre as microconstruções do *subesquema 1.2* e as do *subesquema 1.1* reside no escopo e no referente da focalização e da intensificação. Nas microconstruções do *subesquema 1.2*, o elemento focalizador tem como escopo um advérbio e como referente a ações, estados ou eventos.

Observemos, na Tabela 6 a seguir, a distribuição das ocorrências de cada microconstrução do *subesquema 1.2*:

Tabela 6 – Distribuição das microconstruções do *subesquema 1.2*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 1.2	Total	
	nº	%
<i>Microconstrução 1.2.1 com “super”</i>	151	97,4
<i>Microconstrução 1.2.2 com “mega”</i>	2	1,3
<i>Microconstrução 1.2.3 com “hiper”</i>	2	1,3
Total	155	

Na Tabela 6, verificamos, a partir do levantamento da frequência de uso das microconstruções do *subesquema 1.2*, que, em um total de 155 ocorrências, 151 dados (97,4%) equivalem à *microconstrução 1.2.1*, enquanto apenas 2 (1,3%) dados foram encontrados para cada uma das outras duas microconstruções – *microconstruções 1.2.2* e *1.2.3*.

Mais uma vez, destacamos que a maior representatividade da *microconstrução 1.2.1* nos leva a acreditar que “super” esteja mais convencionalizado na língua, servindo de exemplar para a instanciação dos demais advérbios – “mega” e “hiper”.

Vejamos, a seguir, exemplos das *micros 1.2.1*, *1.2.2* e *1.2.3* do *subesquema 1.2*, nos quais verificamos o pareamento forma-função de cada uma delas:

dia eu durmo **ultra** tarde”. Tal exemplo serve para demonstrar que o fato de não termos encontrado ocorrências dessa microconstrução se deve a uma limitação do *corpus* investigado.

(114) Arrematei algumas blusas estilo ciganinha, várias blusas branquinhas de renda, guipir, e semelhantes... Um shorts jeans, com uma lavagem incrível, que vestiu **super** bem! E só não levei a calça jeans flare, porque ficou um pouco grande... Mas era linda!! (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)¹⁶²

(115) Começando pelo brunch maravilhoso no Garcia & Rodrigues! Por lá, as sessões de boulangerie e rotisserie dividem as atenções com o restaurante e são uma ótima pedida pra aqueles sábados pós-balada forte, em que você vai dormir de manhã com uma fatia de pizza da Guanabara no bucho e acorda **mega** tarde, doida pra devorar o que ver pela frente! hehehe (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁶³

(116) Só digo que eu adorei a ocasião como um todo, ver o povo arrumado, animado... Mas também fiquei muito feliz que o Chic ganhou melhor site e a Vogue melhor revista. Tá, dispersei, não deu pra segurar. Voltando, eu devo dizer que cheguei **hiper** tarde do trabalho e dizia no convite que a porta fecharia pontualmente e o centro de sp da minha casa não é exatamente logo ali. Me arrumei voando e a maquiagem, claro, foi um pouco express – nessas horas, nada como a prática... Por isso que eu digo, tem que fazer todo dia, assim quando precisa mesmo o negócio sai quase que sozinho. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁶⁴

No exemplo (114), em uma sequência narrativa, o locutor faz uma avaliação positiva acerca do fato de ter arrematado boas peças de roupa em uma loja virtual. E, através da expressão “vestiu **super** bem”, ele se posiciona de maneira otimista sobre um *short jeans* que comprou. A avaliação apreciativa que o locutor faz do *short* se estabelece, no discurso, encaixada em sua própria observação, através da intensificação explícita e da focalização do modo como o *short* vestiu: o *short* não vestiu somente bem, vestiu muito bem, “vestiu **super** bem”. Nesse caso, o referente da focalização e da intensificação é a ação expressa pelo verbo “vestir”.

Já em (115), o locutor, em uma sequência argumentativa, expõe sua avaliação sobre o *brunch* no restaurante Garcia & Rodrigues: “maravilhoso”, “ótima pedida” para quem “vai dormir de manhã” e “acorda **mega** tarde” e com fome. A avaliação apreciativa do locutor sobre o *brunch*, sustentada por meio de evidência por narrativa hipotética, é realizada, através, também, do advérbio “mega”, que intensifica e focaliza o advérbio de tempo “tarde”. O referente da focalização e da intensificação explícita é o verbo “acorda”. O locutor, colocando em relevo o

¹⁶² Disponível em: <<http://www.blogdapaulinha.com.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹⁶³ Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/dicas-gastronomicas-no-rj/>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

¹⁶⁴ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/10/30/make-do-premio/>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

advérbio “tarde”, sinaliza para seu interlocutor que esta é uma informação importante para a compreensão do texto.

Finalmente, no exemplo (116), o locutor, antes de descrever os produtos que utilizou para fazer uma maquiagem para participar do Prêmio Moda Brasil que aconteceu em São Paulo na ocasião, narra como se deram os momentos antes de sua preparação. Nesse contexto, o locutor justifica o fato de ter feito uma maquiagem rápida para o evento através da construção “cheguei **hiper** tarde”. Tal construção é avaliativa porque o locutor, mediante os recursos discursivo e sintático, respectivamente, da focalização e da intensificação explícita, avalia o tempo em que chegou do trabalho como sendo muito tarde, “**hiper** tarde”. O foco estreito no constituinte “tarde” tem motivação tanto ideacional quanto emocional, ou seja, ao mesmo tempo em que o locutor quer apontar a importância do advérbio de tempo para as ideias que são colocadas posteriormente no texto – se arrumou e fez a maquiagem rapidamente devido ao fato de ter chegado muito tarde, “**hiper** tarde” –, ele demonstra um envolvimento emocional em relação ao que diz, corroborado pela necessidade de justificar o fato de ter feito uma maquiagem rápida.

A partir dos exemplos expostos, portanto, demonstramos que as microconstruções que compõem o *subesquema 1.2* se estabelecem em sintagma adverbial (SAdv), representado por Castilho (2010, p. 541) através do esquema SAdv → (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores). Em (114), (115) e (116), as crenças e atitudes codificadas pelos locutores mediante construções com “super”, “mega” e “hiper” dizem respeito a referentes [+ abstratos], que são, respectivamente, as ações de “vestir”, “acordar” e “chegar”.

Cabe destacar, também, que, apesar de o pareamento formal do *subesquema 1.2*, com elemento focalizador ocorrendo antes de advérbio, seguir o modelo do advérbio de intensidade canônico “muito”, tal padrão construcional é, ainda, o menos frequente no *corpus* de pesquisa devido ao fato de se afastar da configuração da forma prefixal.

Quanto à função das microconstruções identificadas para o *subesquema 1.2*, estas se diferenciam, como vimos na subseção 4.2.1.1, com base em suas acepções de origem, que são conceptualizadas como sendo mais ou menos expressivas. Observando os exemplos (114), (115) e (116), percebemos que, no exemplo (114), a focalização e a intensificação do advérbio “bem” por “super” tem

como base a projeção metafórica da localização – posição vertical –; em (115), na microconstrução “**mega** tarde”, a leitura focalizadora e intensiva de “mega” tem como base a projeção metafórica do tamanho; por último, em (116), o advérbio intensificador e focalizador “hiper”, em “**hiper** tarde”, tem como base a projeção metafórica da localização – posição vertical.

Embora não possamos, neste momento, dizer qual advérbio seria mais expressivo, se “mega”, se “hiper”, entendemos que estes estejam sendo recrutados pelo locutor, com base no modelo fornecido por “super” a partir do mecanismo da analogização, para a composição de construções mais pesadas, visando a atingir propósitos comunicativos cada vez mais intersubjetivos.

4.2.2. Subesquema 2

O *subesquema 2*, assim como o *subesquema 1*, agrupa, em sua representação funcional, microconstruções que atuam no *posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora*, acerca de algo, de alguém ou de determinada realidade. Todavia, o *subesquema 2* tem como particularidades (i) a propriedade da qualificação, (ii) a atribuição da intensificação de maneira implícita, demonstrando envolver uma maior participação do interlocutor para a sua interpretação, e (iii) o uso [+ intersubjetivo] do que o *subesquema 1*. Desse modo, neste subesquema, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” exercem papel de adjetivo, uma vez que se posicionam de forma anteposta a um substantivo – elemento que ganha maior destaque na sentença por parte do locutor.

No que tange à qualificação, no *subesquema 2*, “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se estabelecem em sintagma nominal (SN). De acordo com o esquema proposto por Castilho (2010, p. 452) para a representação do sintagma nominal – SN → (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores), “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” são entendidos como especificadores do núcleo substantivo. No *corpus* investigado, tais especificadores atuam como adjetivos qualificadores – nos termos de Neves (2000) e Castilho (2010).

Adjetivos qualificadores, segundo Castilho (2010), são aqueles que alteram as propriedades intensionais dos substantivos, de maneira a agregar traços. Neves (2000), também, caracteriza os adjetivos qualificadores ou qualificativos como aqueles que indicam para os substantivos uma propriedade que não necessariamente os define. A autora acrescenta, ainda, que tais adjetivos, ao qualificarem substantivos, podem indexar uma característica mais ou menos subjetiva, mas sempre revestida de certa vaguidade. Sendo assim, os adjetivos qualificadores podem ser intensificados ou graduados. Neves (2000) classifica os adjetivos qualificadores em “eufóricos”, quando apontam para o positivo, para o bom, “disfóricos”, quando apontam para o negativo, para o mau, ou neutros. Como observamos mais adiante, nas ocorrências encontradas no *corpus* de análise, a graduação por intensificação se dá, de maneira implícita, devido à própria natureza de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”.

Em conformidade com o que propõe Silva (2008b, 2014) a respeito da explicitude da intensificação, assumimos que, neste subesquema, a leitura intensiva do pareamento forma-função em determinado contexto não é aferida na superfície textual. Logo, temos, aqui, o que o autor denomina explicitude indireta, já que o conceito intensificado por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” só pode ser alcançado nas entrelinhas do texto. Se a explicitude direta da intensificação é um importante indício de que o *subesquema 1* é o mais prototípico dentre os demais, conforme vimos na subseção 4.2.1. deste capítulo, a explicitude indireta no *subesquema 2* demonstra que este subesquema está mais afastado do centro prototípico.

É nesse contexto que defendemos, neste trabalho, que o *subesquema 2* possui uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que o *subesquema 1*, haja vista que (a) ele indexa o *posicionamento avaliativo do locutor* diante de um referente no mundo – que pode ser algo ou alguém – (b) que o escopo da intensificação implícita fica a serviço da interpretação do interlocutor. Portanto, entendemos que o *subesquema 2* se encontra mais afastado do centro prototípico – {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]} –, de modo que um atributo se torna menos saliente, como é o caso da intensificação, enquanto outro ganha mais relevo, como é o caso da qualificação.

Em seguida, analisamos os padrões construcionais individuais vinculados ao *subesquema 2* identificados no *corpus* de pesquisa.

4.2.2.1. Microconstruções do *subesquema 2*

Para o *subesquema 2*, que tem como especificidade atribuição de intensificação implícita, indexação de qualificação e ancoragem [+ intersubjetiva], a partir da análise qualitativa dos dados, identificamos quatro padrões microconstrucionais.

As microconstruções, que também são representações virtuais, são configuradas formal e funcionalmente, neste trabalho, da seguinte maneira:

Quadro 10 – Configuração funcional e formal das microconstruções do *subesquema 2*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 2	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL	
<i>Microconstrução 2.1 com “super”</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Qualificação [+ escalar] Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[super] _{op} + [subs] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 2.2 com “mega”</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Qualificação [+ escalar] do que a <i>micro 2.1</i> Vinculada à acepção de tamanho
	Forma	Forma: {[mega] _{op} + [subs] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 2.3 com “hiper”</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Qualificação [+ escalar] do que a <i>micro 2.1</i> Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[hiper] _{op} + [subs] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 2.4 com “ultra”</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Qualificação [+ escalar] do que a <i>micro 2.1</i> Vinculada à acepção de posição horizontal
	Forma	Forma: {[ultra] _{op} + [subs] _{var} } ^{int/foc}

No Quadro 10, percebemos que as microconstruções que integram o *subesquema 2*, além de indexarem focalização e intensificação implícita, exprimem especificidades formais e funcionais, já que cada uma se realiza através de um

adjetivo qualificador diferente – “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”. No que diz respeito à função, tais microconstruções são pensadas em uma espécie de escala de expressividade e de competição entre elas, bem como em relação às suas acepções de origem.

Observemos a distribuição das quatro microconstruções identificadas no *corpus* analisado:

Tabela 7 – Distribuição das microconstruções do *subesquema 2*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 2	Total	
	nº	%
<i>Microconstrução 2.1 com “super”</i>	244	65,9
<i>Microconstrução 2.2 com “mega”</i>	124	33,5
<i>Microconstrução 2.3 com “hiper”</i>	1	0,3
<i>Microconstrução 2.4 com “ultra”</i>	1	0,3
Total	370	

O *subesquema 2* foi o segundo subesquema mais frequente no *corpus* analisado – conforme vimos na subseção 4.2, encontramos, em um universo de 2.538 ocorrências, 370 dados (14,6%) pertencentes ao *subesquema 2*. Verificamos, na Tabela 7, que, em um total de 370 ocorrências do *subesquema 2*, a *microconstrução 2.1* soma 244 (65,9%) ocorrências e a *microconstrução 2.2*, 124 (33,5%). As outras microconstruções possuem uma frequência de uso bem menor: a *microconstrução 2.3* tem 1 ocorrência (0,3%) e a *microconstrução 2.4* tem 1 ocorrência (0,3%).

Novamente, observamos a maior representatividade da *microconstrução 2.1*, quando comparada às demais. Tal fato nos leva a inferir que “super” está mais convencionalizado na língua, servindo de modelo para a instanciação dos demais adjetivos – “mega”, “hiper” e “ultra”.

Os exemplos (117), (118), (119) e (120), a seguir, demonstram como as *microconstruções 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4* se diferenciam entre si formal e funcionalmente:

(117) *Carolina*: A gente já mudou muito, mas ainda tem muito o que mudar. Porque se você passeia pelos canais o que vê é mulher com a bunda pra cima e o peito aparecendo. A bunda em primeiro plano, claro!

Juliana: O pior: ninguém reclama. Será preciso um **super**trabalho para que essa mudança chegue no conteúdo de fato. Aquele vídeo do Porta dos Fundos do xaveco na rua [em que os papéis se invertem e a moça dispara a falar baixarias para

o homem] está entre os dez vídeos mais vistos do canal. E os homens riem deles mesmo. Fora que eles estão cada vez mais pensando em cuidar do cabelo, não ter barriga... Isso é fato. (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 2)¹⁶⁵

(118) Doll lashes: Os cílios de boneca também fazem parte dessa lista! Eu acho fofo, mas dou muito trabalho pro maquiador na hora de aplicá-los. Vamos combinar que dá um **mega** efeito e finaliza a maquiagem, né bloguetes? Gostei muito da maquiagem chique e clean da Luis Vuitton, com os cílios super power. (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁶⁶

(119) É isso aí, creuza: pode mandar ver nessa máscara mesmo pra ir trabalhar. Seus cílios vão ficar finos e compridos e as chances de seu chefe achar que você é uma boneca inflável indo shake your rebolator na balada são mínimas. É o tipo do detalhe simples que faz você ficar mais bonita e arrumada sem que precise de uma **hiper**produção.

Então, vejamos: não é baratíssima mas não custa milhões; não empelota; proporciona acabamento natural; pode ser usada sem medo no dia-a-dia e sai fácil com demaquilante (no blog que eu linkei acima também diz que sai fácil com água e sabão, mas não me meti a testar porque se tem algo que eu odeio é esfregar meus olhos): APROVADA! (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)¹⁶⁷

(120) De verdade, esse é o melhor lápis delineador que já usei, e olha que eu já usei vários: natura, avon, boticário, lancôme e outros que nem lembro. (...) Mas não é que o produto é bom mesmo: é muito macio por isso desliza muito fácil, com uma passada já fica pretinho, é à prova d'água, aliás, é bem difícil de tirar pois tem **ultra** fixação. E o preço, bom nem precisa falar, né? (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁶⁸

Nas quatro microconstruções exemplificadas, os adjetivos “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” exprimem o *posicionamento avaliativo do locutor* acerca de algo através tanto da focalização e da qualificação de um substantivo quanto da intensificação implícita.

No exemplo (117), duas executivas que trabalham com televisão, cinema e internet, Carolina e Juliana, discutem sobre a representação feminina na TV brasileira. No trecho selecionado, as executivas concordam que a televisão brasileira tem representado diversos tipos de mulheres em suas tramas, publicidades e programas variados; no entanto, elas acreditam que ainda há muito a evoluir. Juliana

¹⁶⁵ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/descontrole-de-qualidade>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

¹⁶⁶ Disponível em: <<http://www.blogdamariah.com.br/index.php/2011/11/dicas-de-make-da-harpers-bazaar/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹⁶⁷ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br/2008/11/joo-experimenta-e-conta-mscara-para.html?m=0>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

¹⁶⁸ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br/2011/05/resenha-da-leitora-nadia-lapis-de-olhos.html>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

acredita que será preciso realizar “um **super**trabalho” para que a mudança aconteça de fato. Nesse caso, a avaliação do locutor, através da construção “**super**trabalho”, está encaixada na coda, isto é, na conclusão de uma sequência anterior – que corresponde à posição de Carolina de que “ainda tem muito o que mudar”. Através do adjetivo qualificador “**super**”, o locutor coloca em relevo a informação que julga ser mais importante – “trabalho” –, ao mesmo tempo em que qualifica o trabalho e intensifica tal qualificação de maneira implícita. Em outras palavras, para Juliana, “um **super**trabalho” significa um trabalho muito bom, um trabalho muito eficiente, um trabalho de bastante qualidade. A motivação para a realização do foco estreito no substantivo se deve a uma mescla de motivações: ideacional e argumentativa. O locutor tanto deseja apontar para a importância do substantivo “trabalho” para as ideias que são colocadas no texto quanto deseja destacar uma informação que ele julga ser fundamental para chegar à certa conclusão.

No exemplo (118), o locutor realiza uma avaliação apreciativa a respeito dos “cílios de boneca”. Segundo ele, os cílios postiços dão um “**mega** efeito e finaliza a maquiagem”. Nesse contexto, “mega” atua como adjetivo qualificador do substantivo “efeito”, informando aquilo que o locutor pretende dar destaque no discurso. Nesse caso, o locutor se refere, de maneira expressiva, não a um efeito qualquer, mas a um efeito incrível, a um efeito muito bonito, a “um **mega** efeito”. Ressaltamos, mais uma vez, que, nesta construção, a leitura intensiva de “mega” fica a cargo da interpretação do interlocutor, embora seja guiada pela forma. Percebemos, ainda, nesta ocorrência, que a acepção original de tamanho de “mega” deixa vestígios na construção. Quando se fala em “**mega** efeito”, pensa-se em um efeito de grande notoriedade e, também, de ótima qualidade.

No exemplo (119), a blogueira Joo tece suas impressões sobre a máscara de cílios *Non-Stop*, da Maybelline. A posição de Joo é a de que a máscara de cílios é um produto de boa qualidade, pois deixa a pessoa bonita, de uma maneira simples, sem que precise de uma “**hiper**produção”. Assim sendo, a avaliação apreciativa positiva do locutor encontra-se encaixada na posição em uma sequência argumentativa. Na construção “**hiper**produção”, “hiper”, adjetivo qualificativo do tipo eufórico – que aponta para uma avaliação positiva –, focaliza o substantivo “produção”, bem como o qualifica. Portanto, quando o locutor fala em “**hiper**produção”, não se trata de uma produção qualquer, mas de uma produção

que se encontra na porção superior de uma escala, uma produção grandiosa, uma produção muito elaborada, uma “**hiper**produção”. Além da qualificação, observamos, neste exemplo, a intensificação se estabelecendo de maneira implícita no discurso.

O exemplo (120) trata de uma resenha de uma leitora do *blog* sobre o lápis de olhos da marca “Toque de Natureza”. A posição de Nádia é a de que o lápis é, realmente, bom. Como argumentos, Nádia menciona os seguintes pontos: o objeto é macio, desliza com facilidade, tem a cor bem preta, é à prova d’água e tem “**ultra** fixação”, além de o preço ser bom. Através da construção “**ultra** fixação”, o locutor encaixa sua avaliação apreciativa positiva na sustentação por evidências, de modo que, com o uso de “ultra”, Nádia chama a atenção do interlocutor para o substantivo que deseja destacar para o convencimento do interlocutor – “fixação” –, além de qualificar a fixação da máscara de olhos como sendo muito boa, de ótima qualidade. Verificamos, ainda, neste exemplo, que, embora a intensificação não seja a função dominante em “ultra”, ela faz-se presente de maneira implícita.

Com os exemplos apresentados, demonstramos que as microconstruções do *subesquema 2* codificam de maneira mais intersubjetiva, além de crenças, valores, julgamentos e atitudes do locutor, a preocupação do locutor em convencer seu interlocutor acerca de algo a partir do recurso discursivo da focalização do substantivo – “trabalho” em (117), “efeito” em (118), “produção” em (119) e “fixação” em (120). Verificamos, também, que, além da qualificação, os padrões construcionais individuais exprimem a intensidade de maneira implícita – trabalho muito eficiente em (117), efeito muito bom em (119), produção muito bem elaborada (119) e fixação muito boa em (120). No que se refere especificamente a “super”, Silva (2001) considera que seu uso como adjetivo qualificador, que designa algo que é muito bom ou superior, desenvolveu-se a partir da abstratização da noção de superioridade expressa pela forma prefixal junto a substantivos – como “supermercado” e “super-homem”.

Formalmente, as *microconstruções 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4* constituem sintagmas nominais, em que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” exercem papel de adjetivo qualificador e de focalizador, antepostos a escopo substantival. Este subesquema tem como exemplar, além da construção adjetivo mais substantivo em língua portuguesa, o *subesquema 1*, em que o elemento focalizador é um operador que aponta para uma determinada variável subsequente.

É nesse contexto que assumimos que o *subesquema 2* encontra-se mais afastado do centro prototípico, de forma que um atributo vai se tornando menos saliente, que é a intensificação, enquanto outro vai ganhando mais relevo, como é o caso da qualificação.

No que tange à funcionalidade dos padrões microconstrucionais exemplificados em (117)-(120), defendemos que as formas diferentes dos advérbios conjecturam semânticas também diferentes. Conforme discutido na subseção 4.2.1.1, o modo como o locutor conceptualiza a expressividade instanciada por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” está diretamente relacionado a suas acepções de origem. Em (117), na construção “**super**trabalho”, há uma projeção metafórica de localização para cima. Em (118), a projeção metafórica, em “**mega** efeito”, é de tamanho. No exemplo (119), na construção “**hiper**produção”, faz-se presente a projeção metafórica da localização para cima. Em (120), a projeção metafórica de localização para frente é representada pela construção “**ultra** fixação”. Entretanto, entendemos que “mega”, “hiper” e “ultra”, guiados pelo modelo de “super”, convivem, ainda, em competição pelo uso, pela posição na escala de expressividade, uma vez que estamos tratando de um fenômeno em curso na língua.

Passemos, em seguida, à discussão a respeito do último subesquema proposto nesta pesquisa – *subesquema 3*.

4.2.3. Subesquema 3

O *subesquema 3*, proposto nesta tese, além de agrupar em sua representação funcional microconstruções que atuam no *posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora*, acerca de uma proposição, tem como características específicas, (i) a propriedade da modalização, (ii) a atribuição da intensificação de maneira implícita e (iii) o uso [+ intersubjetivo] do que os *subesquemas 1 e 2*. Assim sendo, formalmente, neste subesquema, o elemento intensificador/focalizador se posiciona anteposto a um verbo, exercendo, também, o papel de advérbio modalizador.

O *subesquema 3* se configura em sintagma verbal (SV). Castilho (2010, p. 392) propõe a seguinte representação para o sintagma verbal: SV → (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores). No *corpus* investigado, os especificadores são os elementos que funcionam como advérbios modalizadores.

De acordo com Neves (2000) e Castilho (2010), os advérbios modalizadores são utilizados pelo locutor para indexar seu posicionamento avaliativo no que tange à proposição. Segundo Neves (2000), advérbios modalizadores têm como característica codificar a atitude do locutor em relação ao valor de verdade da proposição, sendo seu papel “modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística” (NEVES, 2000, p. 244).

No *corpus* analisado, os advérbios modalizadores encontrados são do tipo epistêmico asseverativo. Para Neves (2000), advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos exprimem uma avaliação que passa pelo conhecimento do locutor, que avalia o valor de verdade do que é dito na proposição. Sendo assim, através de tais advérbios, o locutor demarca uma adesão mediada pelo seu conhecimento sobre o mundo. Castilho (2010) também define os advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos como avaliações sobre o valor de verdade de uma sentença. Segundo o autor, através destes advérbios, o locutor manifesta um alto grau de adesão do conteúdo sentencial. Logo, advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos “podem ser representados pelo predicador ‘eu sei com certeza que *p*’, em que *p* corresponde ao conteúdo sentencial” (CASTILHO, 2010, p. 555).

Neves (2000) pondera que o uso de advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos não garante que o conteúdo do que se diz seja, realmente, verdadeiro. Por outro lado, esses advérbios indicam que o locutor pretende marcar sua proposição como digna de credibilidade. Por isso mesmo, há muito de individual no modo de emprego desses elementos, havendo pessoas que, antecipando-se a uma possível desconfiança por parte de seu interlocutor, modalizam sua proposição com elementos asseverativos. É nesse contexto que, neste trabalho, assumimos que o *subesquema 3* seja [+ intersubjetivo] do que os *subesquemas 1* e *2*, porque, além de envolver o *posicionamento avaliativo do locutor* em relação à proposição, o locutor assevera seu discurso em uma estratégia de convencimento de seu interlocutor.

A essa codificação linguística da preocupação do locutor com a interação, com o *self* de seu interlocutor, Silva (2014) denomina ancoragem intersubjetiva, enquanto Traugott (1995a, 2010b), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010) denominam intersubjetivização.

O *subesquema 3* tem, ainda, como particularidade a modificação de força intensiva em força com que o locutor acredita na veracidade da proposição. Dessa maneira, temos, aqui, a explicitude indireta da intensificação – nos termos de Silva (2008b, 2014). Uma vez que a intensidade é transformada em força asseverativa, assumimos que tal subesquema está mais afastado do centro prototípico – {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]} –, por representar uma expansão semântica mais distante do uso do advérbio de intensidade canônico “muito”. Logo, no *subesquema 3*, pode-se dizer que a atribuição de intensidade se torna menos saliente, enquanto a modalização ganha relevo.

Em vista disso, defendemos, neste trabalho, que o *subesquema 3* possui uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que os *subesquemas 1* e *2*, haja vista que ele indexa o *posicionamento avaliativo do locutor* em relação à veracidade da proposição, mediante um processo de focalização e de intensificação implícita – intensificação esta que fica a serviço da interpretação do interlocutor.

Abordamos, na próxima subseção, as especificidades de cada padrão microconstrucional identificado para o *subesquema 3*, de maneira reforçar as características desse subesquema.

4.2.3.1. Microconstruções do *subesquema 3*

Na presente subseção, descrevemos o pareamento forma-função referente às duas únicas microconstruções encontradas no *corpus* analisado, as quais, conforme assumimos, estão vinculadas ao padrão construcional que configura o *subesquema 3*.

Observemos, no quadro a seguir, as características dos dois padrões individuais identificados:

Quadro 11 – Configuração funcional e formal das microconstruções do *subesquema 3*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 3	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL	
<i>Microconstrução 3.1 com “super”</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Modalização [+ escalar] Vinculada à acepção de posição vertical
	Forma	Forma: {[super] _{op} + [verb] _{var} } ^{int/foc}
<i>Microconstrução 3.2 com “mega”</i>	Função	Focalização Intensificação implícita Ancoragem [+ intersubjetiva] Modalização [+ escalar] do que a <i>microconstrução 3.1</i> Vinculada à acepção de tamanho
	Forma	Forma: {[mega] _{op} + [verb] _{var} } ^{int/foc}

Conforme verificamos no Quadro 11, apenas construções com “super” e “mega” foram encontradas no *corpus* de análise. Contudo, isto não significa que ocorrências com “hiper” e “ultra” não existam na língua¹⁶⁹. O que podemos sugerir é que tais micros não detectadas se encontram em um processo menos avançado de desenvolvimento de seu uso avaliativo e, conseqüentemente, de seu uso modalizador.

No *subesquema 3*, o advérbio modalizador aparece em posição anteposta a verbos ou locuções verbais. Assim sendo, além de focalizar o elemento subsequente, o advérbio também modaliza a proposição, podendo ser substituído, sem perda de sentido, por “com certeza”, “mesmo”, “de fato”, “realmente”, entre outros. Nesse caso, o *posicionamento avaliativo do locutor* diz respeito à proposição, veiculando um uso [+ intersubjetivo] da construção.

O *subesquema 3*, portanto, encontra-se mais afastado do centro prototípico, de modo que a intensificação se torna menos saliente, enquanto a modalização ganha relevo.

Vejamos a distribuição das duas microconstruções identificadas na sincronia investigada:

¹⁶⁹ Também, no “Twitter”, fizemos uma busca dos advérbios modalizadores “hiper” e “ultra”, juntamente com exemplos de verbos que encontramos na amostra analisada, e nos deparamos com construções como “E ñ te julgo qrida! **Hiper** entendo! Nem eu sei se vou acompanhar sá festa! Confesso q ñ tenho tido estrutura!” e “Esses funks antigos **ultra** combina com nossas festinhas em Guapi, ahahaha”. Estes exemplos demonstram que o fato de não termos encontrado tais microconstruções se deve a uma limitação do *corpus* investigado.

Tabela 8 – Distribuição das microconstruções do *subesquema 3*

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 3	Total	
	nº	%
<i>Microconstrução 3.1 com “super”</i>	159	98,8%
<i>Microconstrução 3.2 com “mega”</i>	2	1,2%
Total	161	

Observamos, na Tabela 8, que a *microconstrução 3.1* é a mais frequente no *corpus* de pesquisa. Em um total de 161 ocorrências do *subesquema 3*, 159 (98,8%) são da *microconstrução 3.1*, enquanto somente 2 ocorrências (1,2%) são da *microconstrução 3.2*.

A nula frequência no *corpus* sincrônico dos advérbios modalizadores “hiper” e “ultra” indica uma menor rotinização desses padrões na língua. Por outro lado, a alta frequência de uso com o advérbio “super” nos leva a inferir que este funciona como modelo para a instanciação das demais construções.

Nos exemplos a seguir, verificamos os padrões formais e funcionais que configuram as microconstruções do *subesquema 3*:

(121) Eu trabalho há 20 anos na Conspiração, que é uma empresa formada por homens. E eu vi mulheres muito fortes passarem lá e não aguentaram a barra. Porque é difícil lidar com tanto homem. Eu **super** me dou com eles, mas tem que ter jogo de cintura o tempo inteiro. Por outro lado, a estrutura de produção hoje no mercado audiovisual é feminina. As mulheres estão em todos os cargos. Às vezes você está numa mesa com 15 mulheres. (*Corpus 2014 – Nível de formalidade 2*)¹⁷⁰

(122) *TPM*: Não rolam comparações entre vocês e até mesmo com artistas como Fafá de Belém e banda Calypso?
Gaby Amarantos: Não. Eu **megar**respeito artistas como a Fafá, que é maravilhosa. Acho a banda Calypso incrível. Não tenho esse pensamento de que vou tomar o lugar delas. Vou conquistar o meu espaço, e quero interagir com todo mundo, agregar. (*Corpus 2011 – Nível de formalidade 2*)¹⁷¹

No exemplo (121) Carolina, executiva que trabalha com cinema, televisão e internet, responde à pergunta do entrevistador da revista “TPM”, a respeito de como é trabalhar em uma empresa essencialmente masculina. A posição de Carolina é a de que não é fácil lidar com tantos homens e que é preciso “ter jogo de cintura”. A quebra da expectativa da avaliação negativa acerca do trabalho feminino em uma

¹⁷⁰ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/descontrole-de-qualidade>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

¹⁷¹ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gaby-amarantos>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

empresa masculina é realizada pelo locutor através do enunciado “Eu **super** me dou com eles, mas tem que ter jogo de cintura o tempo inteiro”. Carolina utiliza o advérbio “super” a fim de focalizar o verbo reflexivo “me dou”, bem como asseverar sua afirmação de que se dá, realmente, bem com os homens da empresa, já antecipando uma possível desconfiança do interlocutor em relação a seu discurso.

O exemplo (122) é um trecho de uma entrevista da cantora Gaby Amarantos para a revista “TPM”. Quando interrogada se fazem comparações entre os cantores do Pará e Fafá de Belém e a Banda Calypso, Gaby responde que não, e se posiciona de maneira expressiva ao dizer que “mega respeita” artistas como a Fafá. Através do advérbio “mega”, o locutor focaliza a informação que pretende dar destaque – o verbo “respeito” –, ao mesmo tempo em que assevera sua informação de que respeita a Fafá. Nesse caso, a intensificação se transforma em força asseverativa: Gaby não somente respeita Fafá, como respeita, de fato, Fafá; respeita, mesmo, Fafá; mega respeita Fafá. O uso do advérbio modalizador epistêmico asseverativo “mega” codifica a intenção do locutor de, além de asseverar a proposição, proteger sua face positiva diante da possibilidade de o interlocutor desconfiar de seu enunciado.

Com os exemplos expostos, evidenciamos que, nas microconstruções do *subesquema* 3, o locutor codifica linguisticamente seu posicionamento avaliativo em relação à veracidade da proposição, mediante os recursos da focalização e da modalização. Em (121), o locutor focaliza e modaliza a expressão verbal “me dou”; em (122), o verbo “respeito”. Observamos, ainda, nestas ocorrências, que a leitura intensiva autorizada pelas formas “super” e “mega” se transforma em força asseverativa. Com construções como “**super** me dou com eles” e “**megarrespeito** artistas como a Fafá”, os locutores se comprometem com o conteúdo que está sendo veiculado pelas proposições, de modo que “super” e “mega” são substituíveis por “com certeza”, “mesmo”, “de fato”, “realmente”, entre outros.

No que concerne à forma, as *microconstruções* 3.1 e 3.2 se estabelecem em sintagmas verbais, em que “super” e “mega” atuam como advérbios modalizadores e focalizadores, antepostos a escopo verbal. Este subesquema também tem como exemplar, além da estrutura advérbio modalizador mais verbo em língua portuguesa, o *subesquema* 1, em que o elemento focalizador é um operador que aponta para uma determinada variável subsequente.

Quanto à funcionalidade dos padrões microconstrucionais apresentados em (121) e (122), defendemos que o locutor conceptualiza a expressividade instanciada por “super” e “mega” de maneiras distintas, com graus distintos. A conceptualização feita pelo locutor está diretamente relacionada com as acepções de origem de “super” e “mega”. Logo, em (121), na construção “**super** me dou”, há uma projeção metafórica de localização para cima; enquanto, em (122), a projeção metafórica, em “**megarrespeito**”, é de tamanho. Considerando que construções com “super” estão muito mais rotinizadas na língua, defendemos, neste trabalho, que os locutores, a fim de serem mais expressivos, recorrem a novas formas linguísticas – neste caso, “mega”.

Verificamos, também, com base na análise qualitativa dos dados, que, nas *microconstruções* 3.1 e 3.2, fica mais evidente o papel do locutor como autor e responsável – posições que os indivíduos podem tomar com relação ao que é dito propostas por Goffman (2002 [1979]) na estrutura de participação. Em (121) e (122), ao mesmo tempo em que os locutores selecionam palavras e sentimentos para exporem os fatos – advérbios “super” e “mega” e verbos “me dou” e “respeito” –, posicionando-se como autores, comprometem-se com as palavras que proferem, posicionando-se como responsáveis. É nesse sentido que Schiffrin (1990) defende que, ao se posicionar, o locutor se liberta de uma alegação de verdade, embora enfatize uma alegação de sinceridade – processo denominado mudança de *footing*.

4.3. Uma proposta de rede construcional

Neste capítulo de análise de dados, assumimos, a partir da análise qualitativa e do cálculo da frequência de uso de ocorrências empiricamente atestadas, que as construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa seriam organizadas em um *continuum* de escalaridade, em que graus diferentes de expressividade determinariam o posicionamento do locutor.

No que diz respeito aos padrões microconstrucionais com “super”, que poderiam ser pensados como estando em um processo de crescente

intersubjetivização¹⁷², constatamos que estes exerceriam três diferentes funções morfossintáticas na indexação do *posicionamento avaliativo do locutor* – a de advérbio de intensidade, a de adjetivo qualificativo e a de advérbio modalizador. Vejamos, no quadro a seguir, como tais funções morfossintáticas das microconstruções com “super” se materializam em nossa proposta de rede construcional:

Quadro 12 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “super”

SUPER ADVÉRBIO DE INTENSIDADE	SUPER ADJETIVO QUALIFICATIVO	SUPER ADVÉRBIO MODALIZADOR
Função: intensificação, [+ intersubjetiva]	Função: qualificação, [+ intersubjetiva] do que as <i>microconstruções 1.1.1</i> e <i>1.2.1</i> com “super”	Função: modalização, [+ intersubjetiva] do que as <i>microconstruções 1.1.1</i> e <i>1.2.1</i> e <i>2.1</i> com “super”
Forma: {[super] _{op} + [adj/adv] _{var} } ^{int/foc}	Forma: {[super] _{op} + [subs] _{var} } ^{int}	Forma: {[super] _{op} + [verb] _{var} } ^{int}

A partir da observação do Quadro 12, verificamos que as três funções morfossintáticas desempenhas por “super” se estabelecem uma em relação à outra. Assim sendo, na medida em que a intensificação vai se tornando o traço funcional menos saliente no pareamento forma-função, outros traços funcionais começam a se destacar – tais como a qualificação, no *subesquema 2*, e a modalização, no *subesquema 3* –, indexando, cada vez mais, crenças e atitudes do locutor e a preocupação do locutor com o *self* de seu interlocutor. As transformações no polo da função, conforme demonstramos ao longo do capítulo, são acompanhadas de transformações também do polo da forma.

Uma vez que padrões gramaticalmente identificáveis com “super”, mais frequentes e mais produtivos em nossa amostra, serviriam de modelo para a instanciação e para a convencionalização de novos pareamentos na língua, via mecanismo da analogização, as funções morfossintáticas correlatas podem ser propostas para as construções com “mega”, “hiper” e “ultra”. Vejamos os Quadros 13, 14 e 15 seguintes:

¹⁷² “Super” ocorre ainda em construções em que funciona como operador e variável na focalização.

Quadro 13 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “mega”

MEGA ADVÉRBIO DE INTENSIDADE	MEGA ADJETIVO QUALIFICATIVO	MEGA ADVÉRBIO MODALIZADOR
Função: intensificação, [+ intersubjetiva]	Função: qualificação, [+ intersubjetiva] do que as <i>microconstruções 1.1.2 e 1.2.2</i> com “mega”	Função: modalização, [+ intersubjetiva] do que as <i>microconstruções 1.1.2, 1.2.2 e 2.2</i> com “mega”
Forma: {[mega] _{op} + [adj/adv] _{var} } ^{int}	Forma: {[mega] _{op} + [subs] _{var} } ^{int}	Forma: {[mega] _{op} + [verb] _{var} } ^{int}

Quadro 14 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “hiper”

HIPER ADVÉRBIO DE INTENSIDADE	HIPER ADJETIVO QUALIFICATIVO
Função: intensificação, [+ intersubjetiva]	Função: qualificação, [+ intersubjetiva] do que as <i>microconstruções 1.1.3 e 1.2.3</i> com “hiper”
Forma: {[hiper] _{op} + [adj/adv] _{var} } ^{int}	Forma: {[hiper] _{op} + [subs] _{var} } ^{int}

Quadro 15 – Papéis morfossintáticos desempenhados pelas microconstruções com “ultra”

ULTRA ADVÉRBIO DE INTENSIDADE	ULTRA ADJETIVO QUALIFICATIVO
Função: intensificação, [+ intersubjetiva]	Função: qualificação, [+ intersubjetiva] do que a <i>microconstrução 1.1.4</i> com “ultra”
Forma: {[ultra] _{op} + [adj] _{var} } ^{int}	Forma: {[ultra] _{op} + [subs] _{var} } ^{int}

A partir da interpretação dos Quadros 13, 14 e 15, percebemos, além do crescente processo de intersubjetivização que envolve os padrões microconstrucionais individuais com “mega”, “hiper” e “ultra”, que estes se diferenciam por apresentarem graus distintos de expressividade ainda em processo de convencionalização. A escolha por “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” se deve, desse modo, à conceptualização que o locutor faz de cada um deles no que tange ao grau de expressividade, percebido com base em seus significados anteriores.

Ressaltamos, dessa maneira, que, partindo de construções mais prototípicas com “super”, o locutor aciona construções mais expressivas com “mega”, “hiper” e “ultra”, cujos usos refletem suas acepções de origem, respectivamente, tamanho, posição vertical e posição horizontal.

Outra conclusão a que chegamos é a de que a distinção entre as microconstruções, relacionada ao fato de cada padrão microconstrucional revelar um maior grau de intersubjetividade, está vinculada à distinção existente entre os subesquemas. Observemos, a seguir, como se configuram formal e funcionalmente os três subesquemas identificados e explicitados neste capítulo:

Quadro 16 – Proposta acerca do desenvolvimento dos subesquemas

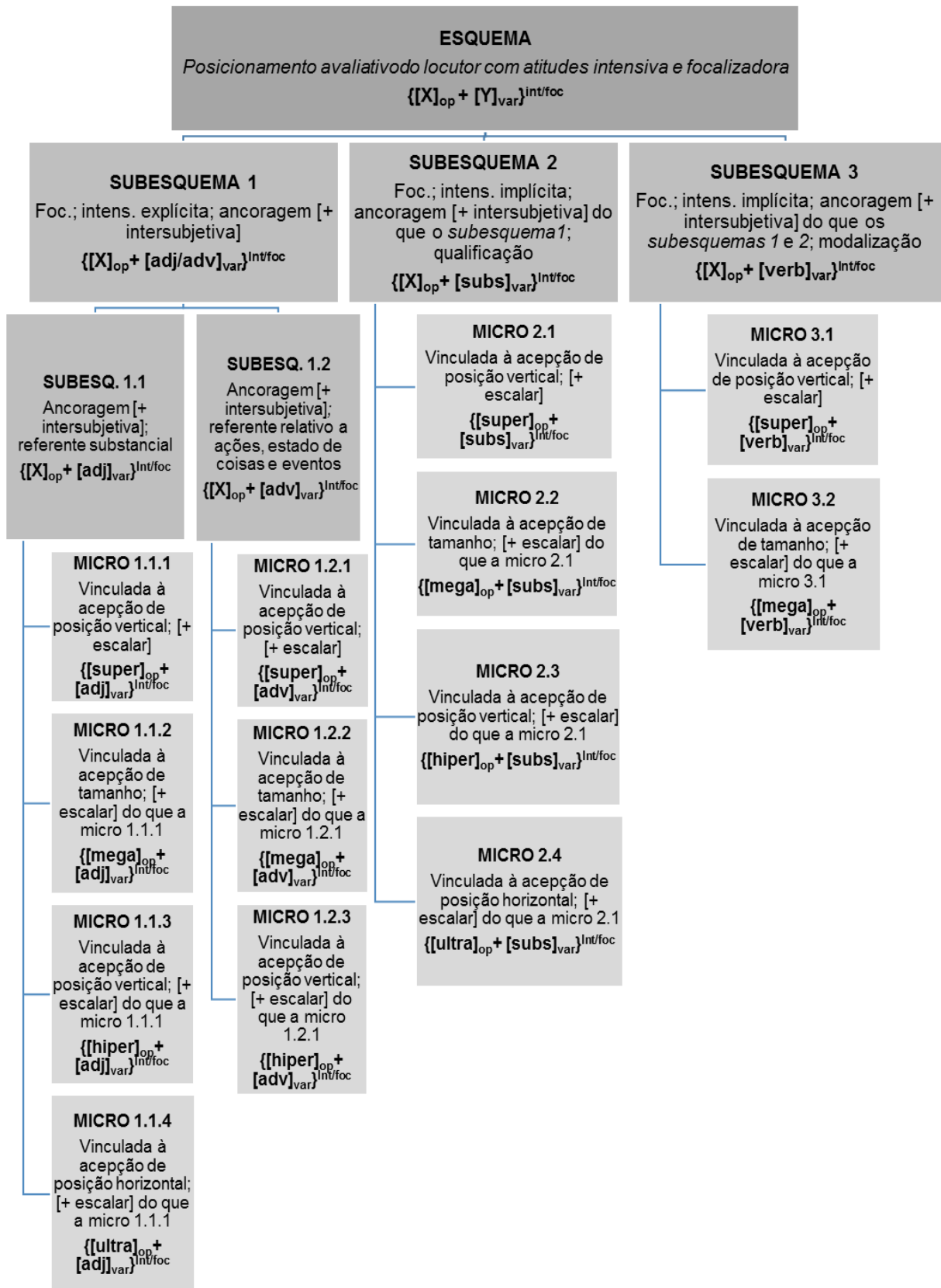
SUBESQUEMA 1	SUBESQUEMA 2	SUBESQUEMA 3
Função: intensificação, [+ intersubjetivo]	Função: qualificação, [+ intersubjetivo] do que o <i>subesquema 1</i>	Função: modalização, [+ intersubjetivo] do que os <i>subesquemas 1 e 2</i>
Forma: $\{[X]_{op} + [adj/adv]_{var}\}^{int/foc}$	Forma: $\{[X]_{op} + [subs]_{var}\}^{int/foc}$	Forma: $\{[X]_{op} + [verb]_{var}\}^{int/foc}$

No Quadro 16, constatamos que os *subesquemas 1, 2 e 3* possuem como padrão formal um elemento focalizador anteposto a um elemento focalizado, codificando o *posicionamento avaliativo do locutor*. Tais similaridades dos subesquemas identificados revelam aspectos gerais que estariam na base do desenvolvimento das construções avaliativas investigadas. Entretanto, não podemos deixar de ressaltar, mais uma vez, que mesmo os subesquemas manifestam especificidades que os identificam.

Portanto, é a partir das considerações realizadas nesta seção que assumimos, nesta tese, que a instanciação de novas construções envolve tanto um processo mais local, que compreende uma nova interpretação dada a uma nova construção quando da negociação de sentido entre os participantes da interação comunicativa – via mecanismo da neoanálise –, quanto um processo mais geral, que compreende a atração de novas formas e novas funções a partir de um esquema abstrato existente – via mecanismo da analogização.

É nesse contexto que, neste trabalho, apresentamos uma proposta de rede taxonômica para as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, mediante a abordagem da LFCU, que articula acréscimo de abstratização sintática e semântica, aumento do grau de extensibilidade de padrões existentes para novas construções e relativo decréscimo no grau de transparência em que forma e função são acessíveis.

Figura 8 – Rede construcional das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa



A figura 8 apresenta a rede construcional das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa mediante o pareamento entre função e forma do esquema, dos subesquemas e das microconstruções.

Através da proposta de hierarquização apresentada, verificamos, além dos aspectos formais e funcionais que envolvem a instanciação da construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, como também as intenções dos locutores por meio desse objeto de investigação. Segundo Traugott (2008b), a intenção real dos locutores é negociar sentido, alcançar determinados fins. Dessa maneira, observamos que: (i) as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa são selecionadas para a codificação do *posicionamento avaliativo do locutor* com atitudes intensiva e focalizadora; (ii) há usos mais prototípicos que servem de modelo para a instanciação de novas construções na língua, evidenciando, portanto, relevante atuação do mecanismo da analogização. Tais observações sinalizam, portanto, que cada microconstrução apresentada e discutida neste trabalho está diretamente relacionada aos objetivos comunicativos dos falantes.

Portanto, com a identificação e a descrição dos diferentes níveis de esquematicidade que envolvem as construções investigadas e com a proposta de rede construcional, confirmamos nossa hipótese de que as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” constituem um novo pareamento forma-função mais esquemático na língua portuguesa – $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$. De acordo com Croft (2001) e com Traugott e Trousdale (2013), tal construção mais esquemática poderia ser sistematizada da seguinte maneira:

Quadro 17 – Sistematização da construção mais esquemática {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc} com base em Croft (2001) e em Traugott e Trousdale (2013)

Croft (2001)	Traugott e Trousdale (2013)
<p><u>Fonológica</u>: não encadeamento fônico entre X e Y.</p> <p><u>Morfológica</u>: perda do status de prefixo de X; ganho de autonomia.</p> <p><u>Sintática</u>: X é modificador na relação sintagmática; X é operador da variável Y.</p> <p><u>Semântica</u>: intensificação.</p> <p><u>Pragmática</u>: focalização.</p> <p><u>Discursiva</u>: posicionamento avaliativo do locutor.</p>	<p><u>Tamanho</u>: intermediário; as unidades são parcialmente analisáveis.</p> <p><u>Especificidade fonológica</u>: intermediária; não são especificadas fonologicamente.</p> <p><u>Conceito</u>: procedural.</p>

Além de defendermos a existência dessa construção mais esquemática na língua portuguesa, demonstramos, nesta tese, que os padrões construcionais que envolvem as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” (i) articulariam sentidos cada vez mais intersubjetivos, indexando as crenças e as atitudes do locutor, bem como a preocupação do locutor com o *self* de seu interlocutor, (ii) codificariam cada vez mais um tipo de referência diferente daquela obtida tão somente pela soma das partes, (iii) poderiam ser pensados em termos de generalizações de propriedades formais e funcionais, abstratizações estas que, conseqüentemente, (iv) sancionariam um número considerável de microconstruções gramaticalmente identificáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mais geral a investigação da instanciação e da convencionalização de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” – as quais são altamente produtivas na língua na atualidade – a partir da abordagem da LFCU. Buscamos, desse modo, de maneira mais específica, descrever os pareamentos forma-função das construções, de maneira a identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e a propor a organização das construções em uma rede construcional.

Para tanto, partimos das seguintes hipóteses de pesquisa: (a) “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seus usos como prefixos; (b) os usos das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” constituem um pareamento forma-função na língua portuguesa. Tais hipóteses, conforme demonstramos neste estudo, foram confirmadas.

A partir do levantamento das ocorrências das construções avaliativas investigadas em uma amostra sincrônica escrita, as quais foram submetidas ao cálculo da frequência de uso e à análise qualitativa, assumimos que as inovações com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” teriam surgido no curso da interação comunicativa, com base em um esquema construcional já existente e frequente na língua, seguindo, posteriormente, sua direção própria.

É nesse sentido que procuramos demonstrar (i) que o esquema mais abstrato, representado pela representação simbólica $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, indexa o *posicionamento avaliativo do locutor* com atitudes intensiva e focalizadora, (ii) que são três os subesquemas a serem seguidos pelos falantes na instanciação de novos construtos, os quais se estabelecem mediante um padrão construcional específico e, ainda, (iii) que as treze microconstruções identificadas são agrupadas, a partir de similaridades, em seus respectivos subesquemas.

Dessa maneira, defendemos, na presente tese, que o esquema, que manifesta, funcionalmente, o *posicionamento avaliativo do locutor* com atitudes

intensiva e focalizadora e é representado, em sua dimensão formal, pela representação simbólica $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, seria responsável, juntamente com os subesquemas e as microconstruções, pela emergência de novas construções na língua bem como pelo estabelecimento de uma rede construcional disponível para os usuários da língua para a produção de um discurso coerente.

Neste trabalho, os três subesquemas identificados, que abarcariam microconstruções agrupadas por suas similaridades, são organizados em torno de um esquema construcional mais abstrato, sugerindo um possível *continuum* de crescente intersubjetivização. Desse modo, o *subesquema 1*, mais prototípico da rede, cujo padrão formal é representado pela formalização simbólica $\{[X_{op}] + [adj/adv_{var}]\}^{int/foc}$, articula, além de focalização e intensificação explícita, uma ancoragem [+ intersubjetiva]. Nessa construção, o locutor manifesta sua avaliação explícita sobre si mesmo, sobre o outro ou sobre determinada realidade. Já o *subesquema 2*, cuja forma é representada pela formalização $\{[X_{op}] + [subs_{var}]\}^{int/foc}$, tem por característica funcional a focalização, a intensificação implícita, a qualificação e a ancoragem [+ intersubjetiva] do que o *subesquema 1*. Neste subesquema, estão agrupadas microconstruções que indexam o posicionamento do locutor acerca do outro ou de uma realidade. Por fim, o *subesquema 3*, representado pela formalização $\{[X_{op}] + [verb_{var}]\}^{int/foc}$, exprime focalização, intensificação implícita, modalização e ancoragem [+ intersubjetiva] do que os *subesquemas 1* e *2*. Tal ancoragem ainda mais intersubjetiva se deve ao fato de as microconstruções agrupadas neste subesquema indexarem o posicionamento do locutor acerca da própria proposição.

Cada um dos subesquemas evidenciados compreende microconstruções que, além se associarem em virtude de suas similaridades, possuem particularidades que as identificam. Tais microconstruções, desse modo, se diferenciam, formalmente, pela escolha que o locutor faz entre “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, tendo em vista, além dos vestígios das acepções de origem de cada uma das formas, a intenção escalar determinada pelo usuário da língua. É nesse contexto que, a partir do cálculo da frequência de uso das ocorrências empiricamente atestadas, assumimos que microconstruções com “super”, altamente representativas no *corpus* sincrônico analisado, são as menos escalares do *continuum*. Por sua vez, as microconstruções

com “mega”, “hiper” e “ultra” ainda estariam em competição na língua por sua posição no *continuum*.

Outras conclusões a que chegamos são as de que, (a) as microconstruções com “super” estariam mais avançadas no processo de construcionalidade, se comparadas às demais micros, e atuariam como exemplares na rede construcional para a instanciação e a convencionalização de novos pareamentos forma-função; (b) o *subesquema 1*, o mais frequente da rede, encontra-se mais próximo do centro prototípico, ou esquema já fixado {[advérbio de intensidade] + [adjetivo/advérbio]}, atuando como subesquema exemplar na rede, ao qual estariam vinculados outros pareamento forma-função nos níveis intermediários e microconstrucionais.

É nesse contexto que defendemos, neste trabalho, que a instanciação das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” em língua portuguesa teria ocorrido a partir da negociação de sentido entre interlocutores na interação, mediante as necessidades comunicativas dos usuários da língua. Posteriormente, a repetição dos padrões construcionais teria promovido a convencionalização das construções, que passaram a integrar a gramática da língua.

Entendemos, dessa maneira, que a pesquisa realizada será relevante para os estudos que têm como princípio a língua em uso e, mais especificamente, àqueles que se dedicam à investigação de construções instanciadas recentemente na língua via mecanismo da analogização. Este trabalho contribui, ainda, para a inclusão das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” no escopo de análise da construcionalização, uma vez que tais elementos articulam aumento em esquematicidade (ou abstratização formal e funcional), aumento em produtividade (expansão de padrões existentes para novas construções) e decréscimo em composicionalidade (diminuição do grau em que a forma e o significado das partes são acessíveis), características elementares a esse processo de mudança.

Contudo, reconhecendo as limitações deste estudo, acreditamos que há muito a ser investigar ainda no que se refere às construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa, principalmente em relação à trajetória individual de “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, à posposição de tais elementos a verbos, à atuação de tais elementos como predicativo do sujeito, à coordenação de diferentes elementos em determinadas construções e à ortografia, abrindo, assim, uma agenda de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

_____.; BEZERRA, M. A. A noção do grau na plenitude de sua natureza semântica, expressiva e funcional. In: SILVA, J. R. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed., ver. ampl. e atual conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTAGNOLI, D. L. *Estudo enunciativo sobre o funcionamento de “super” como forma livre e sua relação com o dizer feminino*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2014.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: *XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BOOIJ, G. Morphology and construction grammar. In: BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 1-24.

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. (Eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.

BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

_____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, p. 711-733, 2006.

_____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. C. (Eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*, New York and London: Routledge, 2008, p. 216-236.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

_____. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMAN, T; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013.

CÂMARA Jr., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTILHO, A. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.17-42.

CAVALCANTI, R. F. *Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 1980.

CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Apresentação. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 7-11.

CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (Eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005.

_____.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.

_____.; OLIVEIRA, N. F. de. Abordagem construcionista da gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 51-62.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. Introduction. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 1-26.

DIAS, N. B. As “pequenas cláusulas”. Comunicação Pessoal. In: XXI ANPOLL, São Paulo: PUC-SP, 2006.

DIEHL, A. A. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DIK, S. *Gramática funcional*. Trad. de Leocadio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madrid: Soc. Gen. Española de Librería, 1978.

_____. *The theory of functional grammar: the structure of the clause*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

FILLMORE, C. J. Topics in lexical semantics. In: COLE, R. W. (Ed.). *Current Issues in Linguistic Theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977, p. 76-138.

_____. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea. (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982, p. 111-137.

_____.; LEE-GOLDMAN, R. R.; RHODES, R. The FrameNet Construction. In: BOAS, H. C.; SAG, I. A. (Eds.). *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 31- 42.

FREITAS, R. A. Variações linguísticas e estigmatização da fala: algumas considerações para o professor de língua materna. *ECCOM*, v. 3, n. 6, jul./dez. 2012, p. 71-80.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

_____.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA*. vol. 15, n. 1, 1999.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

_____.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67.

_____.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZÁRIO, M. M. (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, p. 17-45.

GISBORNE, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 92-104.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York and San Francisco: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. New York: Academic Press, 1984, v. I.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York: Pantheon Books, 1967, p. 5-46.

_____. Footing. (Trad. Beatriz Fontana). In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Eds.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1979], p. 107-148.

_____. *Forms of Talk*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. A constructionist approach to language. In: *Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, 2016.

GONÇALVES, C. A. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. In: *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.1, jan./jun., 1998, p.31-50.

_____. Morfopragmática da intensificação sufixal em português. In: *Rev. de Letras*, n. 24, vol. 1/2, jan./dez. 2002, p. 43-50.

_____. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. *Veredas*, Juiz de Fora, n. 9, jul./dez., 2003, p. 47-59.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEBGALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GOULART, P. V. S. O movimento de gramaticalização do “super” em *blogs* de revistas para adolescentes. In: *Cadernos do CNLF*, vol. XV, n. 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 2507-2525.

GUIMARÃES, M. R. Quantificadores de julgamento de valor: para uma análise unificada. In: *Anais do CELSUL*, 2008, p. 1-9.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1982], p. 149-182.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, Nikolaus P. *Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal?* In: BISANG; HIMMELMANN; Wiemer. (Eds.), 2004, p. 19–40.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-35.

_____.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language* 56: 251–99, 1980.

_____. THOMPSON, S. A. *The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar*. *Language* 60: 703–52, 1984.

_____.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. rev. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M; CASTILHO, A. T. (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Cap. 3, p. 163-365. Vol. 2: Classes de palavras e processos de construção.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a definition of mixed methods research. In: *Journal of mixed methods research*, v. 1, n. 2, 2007, p. 112-133.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].

LI, C. N. *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

LOPES, C. A. G. *Processos de intensificação prefixais na norma urbana culta de Salvador*, 2000. Disponível em: <http://anais_con2int_mr.pdf>. Acesso em: abr. 2014.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Advérbios: conceito e tendências de ordenação. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Ed. da UFF, 2012, p.13-96.

_____.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. (Orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 237-250, 1996.

_____.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.87-106.

MARTIN, J. R. Introduction. *Text*, 23 (2), 2003, p. 171-181.

MARTINS, L. F. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2013.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

MELO, I. F. de. A intensificação como mecanismo de avaliação implícita em narrativas orais. *Ao Pé da Letra*, revista dos alunos de Graduação em Letras. Recife, UFPE, Centro de Artes e Comunicação/Departamento de Letras, v. 5, n. ½, p. 37-43, dez. 2003.

MENDES, Ronald Beline. A terceira onda da Sociolinguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. São Paulo, Contexto, 2017.

MOURA, M. Z. de. *Complexo oracional subjetivo sob a abordagem construcional da mudança*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2017.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011 [2006].

NORDE, M. Degrammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 475-487.

OLIVEIRA, M. do C. L.; BASTOS, L. C.; PEREIRA, M. das G. Narrativas fictivas: experiência, comunidade e argumentação na fala de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Comunicação Pessoal. In: *V Congresso Internacional da ABRALIN*, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. *Arquitetura construcional e competição pelo uso*. In: *XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo “esperar”*: uma abordagem funcionalista. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.

_____. *O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa*: uma abordagem construcional. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2016.

PAGE, R. An analysis of appraisal in childbirth narratives with special consideration of gender and stotyelling style. *Text*, 23 (2), 2003, p. 211-237.

QUAREZEMIN, S. *Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2009.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. New York: Cambridge University Press, 1997.

RHODES, R. A. *What is a Morpheme? A view from Construction Grammar*. Proceedings of the Eighteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Place of Morphology in a Grammar, p. 409-423, 1992.

RIBEIRO, T. da S. *A internet e as novas construções com o prefixo super- Palimpsesto* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 5, ano 5, 2006, p. 136-152.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989.

RODRIGUES, A. C. F. C. *A construção prefixal de modificação de grau: uma abordagem construcionista da morfologia derivaiconal*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2015.

ROSÁRIO, I. da C. do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.) *Linguística Centrada no Uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 36-50.

_____. OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

_____.; LOPES, M. G. *Construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica*. In: Apresentação em XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Niterói: UFF, 2017.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos de linguagem. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 61-79, 1999.

SAMBRANA, V. R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais “olhar” e “ver”*: uma abordagem construcional. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói: RJ, 2017.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. The management of cooperative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (Ed.). *Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241-259.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

SHI-XU. Opinion discourse: Investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinions. *Research on Language and Social Interaction*, 33(3), 2000, p. 263-289.

SILVA, J. R. *Estratégias discursivas de superlativação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2000.

_____. Variações de “super” no português do Brasil. In: PASSEGGI, L. S.; OLIVEIRA, M. Do S. (Orgs.). *Linguística e educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001, p. 111-127.

_____. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. *Gragoatá* (UFF), v. 17, 2006, p. 201-218.

_____. A intensificação numa perspectiva funcional. *Revista Odisséia*, v. 1, 2008a, p. 1-18.

_____. Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2008b.

_____. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. (De)gramaticalização e unidirecionalidade. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.) *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015, p. 74-85.

SOUSA, A. M. de. Retomando a discussão: grau – flexão x grau – derivação. *Soletras*, Rio de Janeiro, UERJ, p. 143-157, 2008.

SOUZA, E. R. F. de. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, IBILCE/UNESP, São Paulo, SP, 2004.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2015.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995a, p. 31-54.

_____. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, 1995b, p. 1-29.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (Eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b, p.1-31.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. de. (Ed.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. et al. (Eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon* Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a, p. 11-27.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010b, p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. M. (Eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011b, p. 549-565.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.

_____.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português Falado Vol.VII: Novos estudos*. São Paulo: Humanitas / FFLCHUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1999, p. 77-130.

_____. Relevância e desenvolvimento de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 48, n. 1, 2006, p. 53-70.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006, p. 149-177.

WHITE, P. *An introductory tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em: <[http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal Guide](http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal%20Guide)>. Acesso em: 10 set. 2004.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013 [2008], p. 71-85.